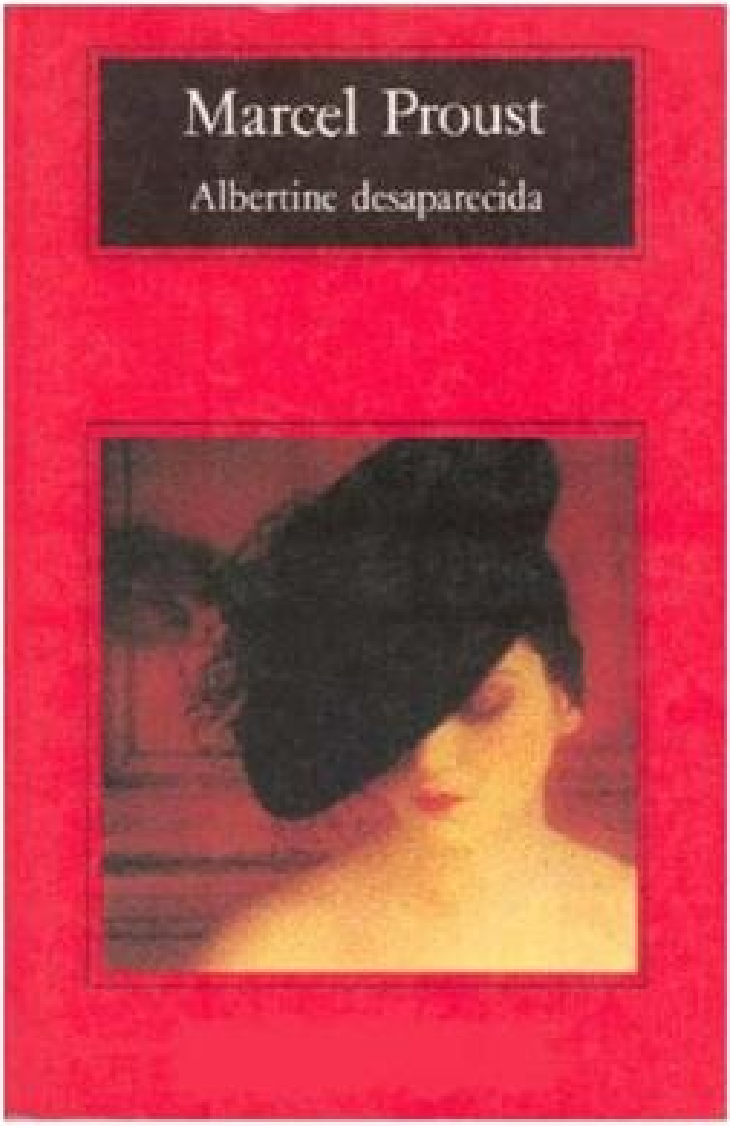
MARCEL PROUST
EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO
A FUGITIVA
volume 6



Assunto: LITERATURA ESTRANGEIRA-ROMANCES
FICHA TÉCNICA
ISBN 9721007269
Livro em português
1ª Edição 1925

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Marcel Proust

Albertine desaparecida



MARCEL PROUST

EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO

A FUGITIVA

volume 6

Assunto: LITERATURA ESTRANGEIRA-ROMANCES

FICHA TÉCNICA

ISBN 9721007269

Livro em português

1ª Edição 1925

Observações introdutórias do revisor:

1- Outro título adotado foi "Albertina Desaparecida".

2- As notas que o tradutor faz neste livro citam páginas dos livros anteriores originais que não coincidem com a revisão final que foi feita; em virtude da digitalização antiga, de terem muitos erros e ausência de páginas em português, que foram introduzidas por tradução do espanhol. Sendo assim, algumas notas foram simplesmente excluídas; outras incluídas no contexto arbitrariamente; o que não impede o entendimento do texto, e compreensão geral.

Este livro foi digitalizado por Raimundo do Vale Lucas, com a intenção de dar aos deficientes

visuais a oportunidade de apreciarem mais uma manifestação do pensamento humano..

http://groups.google.com.br/group/digitalsource

A FUGITIVA

PREFÁCIO por Fernando Py

Sexto romance da série ***Em Busca Do Tempo Perdido***, este ***A Fugitiva*** completa o

chamado "ciclo de Albertine", iniciado em *A Prisioneira*. Contrapõe-se, aqui, à Albertine presente

do volume anterior, a Albertine ausente, primeiro pela fuga e depois pela morte. No primeiro dos

quatro capítulos do livro, vemos o Narrador sofrer, a princípio, pelo abandono, tentando de todas

as maneiras obter o regresso de Albertine. Mas ao sofrimento pelo abandono somam-se a mágoa

e o desespero pela morte dela. Sofrimento intenso, mas que o tempo afinal acaba curando. E o

tempo não cura apenas a mágoa pela morte de Albertine, através do esquecimento. É também

responsável pela devastação de todos os amores, amizades, recordações.

A Fugitiva, assim, descreve uma espécie de "fuga" geral de todos os sentimentos, bons

ou maus, que a passagem do Tempo se encarrega de destruir, de fazer esquecer.

Extingue-se a beleza da cidade-museu italiana, e a antiga Combray, revisitada, já não

interessa mais ao Narrador. Aliás, a visita à Combray é importante para a estrutura de ***A Fugitiva***,

pois forma o eixo em que se articulam as noções do “tempo perdido" e do "tempo recuperado".

A estada do Narrador em Tansonvil e é uma fronteira: não só nele se encerra ***A Fugitiva***,

no estado em que Proust nos legou seu texto, mas nela igualmente se abre *O Tempo*

Recuperado.

Assim ***A Fugitiva***, com sua ausência de jantares e festas, seu ambiente opressivo e

tenebroso-onde apenas o episódio de Veneza lança alguma claridade-, sua atmosfera obsessiva

de suspeitas, vazios e ausências, forma um romance de composição simples e vigorosa,

descrevendo o mergulho progressivo do Narrador nos abismos da mágoa, de onde se recupera

pelo também progressivo esquecimento.

CAPÍTULO PRIMEIRO

Mágoa e Esquecimento

"A Senhorita Albertine foi-se embora!" Como, em psicologia, o sofrimento vai mais longe

que a psicologia! Um momento antes, analisando-me, eu imaginara que tal separação sem que

nos víssemos de novo era justamente o que havia desejado, e, comparando a mediocridade dos

prazeres que me dava Albertine à riqueza daqueles de cuja realização ela me privava, julgara-me

sutil, concluíra que não queria mais vê-la, que já não a amava. Mas estas palavras: "A Senhorita

Albertine foi-se embora" acabavam de provocar no meu peito uma dor tal que eu sentia não poder

suportá-la por muito tempo. Assim, o que pensara não ser nada para mim era simplesmente toda

a minha vida. Como a gente se desconhece! Era necessário fazer cessar de imediato o meu

sofrimento; carinhoso comigo mesmo, como a minha mãe para com minha avó agonizante, eu me

dizia, com aquela mesma boa vontade que se tem de não deixar sofrer a pessoa amada: "Tem um

pouquinho de paciência, vamos achar um remédio para ti, fica tranqüilo, não vamos te deixar

sofrer desse jeito." Foi nessa ordem de idéias que meu instinto de conservação procurou os

primeiros calmantes para pôr sobre a ferida aberta: "Tudo isso não tem importância nenhuma

porque vou mandar trazê-la de volta imediatamente. Vou examinar os meios, mas de qualquer

forma ela estará aqui esta noite. Portanto, é inútil atormentar-me."

"Tudo isso não tem importância nenhuma" não me contentava em dizê-lo, procurava dar

essa impressão à Françoise sem deixar que um sofrimento transparecesse, porque, no próprio

momento em que o sentia com tamanha violência, meu amor não se esquecia que era importante

aparentar-lhe um amor feliz, um amor compartilhado, sobretudo aos olhos de Françoise que, não

gostando de Albertine, sempre duvidara de sua sinceridade. Sim, ainda há pouco, antes da

chegada de Françoise; pensara que já não amava Albertine e que não teria de renunciar a nada;

como analista rigoroso, imaginara conhecer muito bem o fundo do meu coração.

Mas nossa inteligência, por maior que seja, não pode perceber os elementos de que ele se

compõe e que permanecem insuspeitados, enquanto, do estado volátil em que subsistem a maior

parte do tempo, um fenômeno capaz de isolá-los não os faça sofrer um princípio de solidificação.

Eu me enganara julgando ver claramente no meu coração. Mas esse conhecimento, que as mais

finas percepções do espírito não me haviam conferido, acabava de me ser proporcionado, duro,

brilhante, estragado, como um sal cristalizado, pela brusca reação da dor. Tanto me habituara a

ter Albertine junto a mim, e de súbito via um novo rosto do Hábito. Até aqui, considerava-o

principalmente um poder aniquilador que suprime a originalidade e a consciência das percepções;

agora, via-o como uma divindade tem presa a nós, seu rosto insignificante tão incrustado em

nosso coração, que, afastar ou se desviar de nós, esse deus que quase não distinguimos nos

tormentos mais terríveis que quaisquer outros, mostrando-se tão cruel e mortal.

O mais urgente era ler a carta de Albertine, visto que pretendia fazê-la voltar. Sentia-os em

meu poder, pois, como o futuro ainda só e nosso pensamento, parece-nos então modificável pela

intervenção de nossa vontade. Mas ao mesmo tempo lembrava-me que vira agir outras forças

além das minhas, e contra as quais, ainda quando tivesse mais tempo, eu nada teria podido.

De que adianta não ter soado ainda a hora se nada podemos diante do que vai acontecer?

Quando Albertine estava em casa, eu me decidira a manter a iniciativa de nossa separação. E

depois que ela foi embora. Abri a carta de Albertine. Estava concebida nestes termos:

Meu amigo, perdoe-me por não ter lhe dito de viva voz as poucas palavras que se seguem,

mas estou de tal modo cansada, sempre tive tanto medo diante de você, que, mesmo me

esforçando, não me animei a fazê-lo. Eis o que lhe teria dito: "Entre nós a vida se tornou

impossível; aliás você viu, pelo seu destempero na noite passada, que alguma coisa havia

mudado no nosso relacionamento. O que se podia ajeitar nessa noite iria tornar-se irreparável

dentro de poucos dias. Assim, visto termos tido a oportunidade da reconciliação, separarmo-nos

como bons amigos", é por isso, meu querido, que lhe deixo este bilhete, e peço-

lhe que seja

bastante bom para me perdoar se lhe causo algum desgosto, e que será enorme o desgosto que

sentirei. Meu amor, não quero me tornar sua inimiga; será bem duro para mim tornar-me aos

poucos, e bem depressa, indiferente à você. Por isso, sendo irrevogável a minha decisão, antes

de lhe mandar esta carta por intermédio de Françoise, já lhe terei pedido as minhas malas. Adeus,

deixo-lhe o melhor de mim mesma.

Albertine.

Tudo isto não significa nada, disse comigo; é até melhor do que eu imaginava, pois, como

ela não pensa nada de tudo isto, evidentemente o escreveu para causar um grande impacto, a fim

de que eu me apavore e não me sinta insuportável com ela. É necessário cuidar do mais urgente;

fazer com que esteja de volta ainda esta noite. É triste pensar que os Bontemps sejam indignos

que se aproveitam da sobrinha para me extorquir dinheiro. Mas, que importa? Ainda que tivesse

de dar metade da minha fortuna à Sra. Bontemps, o importante é que Albertine esteja aqui esta

noite, mesmo assim sobraria bastante para que vivêssemos agradavelmente. E ao mesmo tempo

calculava se teria tempo àquela manhã, para encomendar o iate e o *Rol s-Royce*

que ela deseja,

nem mais pensando, visto haver dissipado toda hesitação, que me parecera muito pouco avisado

dá-los de presente à ela. Mesmo que o apoio da Sra. Bontemps não seja suficiente, se Albertine

não quiser obedecer à tia e imponha como condição de seu regresso o fato de ter plena

independência de agora em diante, pois bem! Mesmo que isso me cause desgosto, eu a deixarei

sair; ela sairá sozinha, como quiser; é preciso saber consentir sacrifícios, por mais dolorosos que

sejam, para se ter aquilo que mais se deseja e que, apesar do que eu julgava esta manhã

conforme meus raciocínios exatos e absurdos, é que Albertine viva aqui. Aliás, posso dizer que

deixar essa liberdade me seria bem doloroso? Estaria mentindo. Já muitas vezes havia sentido

que a dor de a deixar livre para praticar o mal longe das minhas vistas era talvez menor que esse

tipo de tristeza que me acontecia experimentar ao senti-la entediar-se na minha companhia, na

minha casa. Sem dúvida, no momento mesmo em que me tivesse pedido para ir a algum lugar,

deixar que o fizesse, com a idéia de que em algum local haveria orgias programadas, teria sido

horrível para mim. Porém dizer-lhe: "Tome o nosso barco, ou o trem, e fique por um mês em um

país que eu não conheça, onde nada saberei do que você fizer", me agradaria muitas vezes pela

idéia de que, por comparação, longe de mim, ela haveria de preferir-me e se sentiria feliz ao

regressar. Além disso, ela certamente assim o deseja; de modo algum exige essa liberdade para a

qual, aliás, oferecendo-lhe todos os dias prazeres novos, chegaria facilmente a obter, dia após

dia, algumas limitações. Não, o que Albertine desejou é que não fosse mais insuportável com ela,

e sobretudo-como outrora Odette em relação à Swann; que me decidisse a desposá-la. Uma vez

casada, não faria mais questão de independência; ambos ficaríamos aqui, e seriamos tão felizes!

Claro, isto significava renunciar à Veneza. Mas como as cidades mais desejadas, feito Veneza e

com maior razão as donas de casa, como a duquesa de Guermantes, ou as distrações, como o

teatro -, tornam-se pálidas, indiferentes, mortas, quando estamos unidos a outro coração por um

laço tão doloroso que impede que nos afastemos! De resto, Albertine tem toda razão nesse caso

de matrimônio. Até mamãe achava ridículas essa delongas. Desposá-la, eis o que deveria ter feito

há muito tempo, é o que será preciso que faça, foi isto que a levou a escrever a carta, onde não

existe uma só palavra verdadeira; foi para conseguir isso que ela renunciou por

algumas horas ao

que deve desejar tanto quanto eu: voltar para cá. Sim, foi isto que ela quis, essa é a intenção do

seu ato, dizia-me a fio, compadecida; mas eu sentia que, dizendo-me aquilo, a razão se colocava

sempre na mesma hipótese que havia adotado desde começo. Ora, eu percebia perfeitamente

que a outra hipótese é que jamais deixara de verificar-se. É claro, que a segunda hipótese nunca

teria sido bastante ousada para admitir expressamente, que Albertine pudesse ter tido relações

íntimas com a Srta. Vinteuil e com a sua amiga.

E, no entanto, quando eu fora submerso na torrente dessa terrível notícia, no momento em

que entrávamos na estação de Incarvil e, era a segunda que se verificara. Esta, a seguir, nunca

imaginara que Albertine pudesse por sua própria vontade, desse modo, sem me prevenir nem me

deixar impedi-la. Mas ainda assim, se, após o salto imenso e novo que a vida me fizesse dar, a

realidade que se me impunha era tão nova como aquela que defrontamos ante a descoberta de

um físico, os inquéritos de um juiz; ou objetos de um historiador sobre os segredos de um crime;

ou de uma nova realidade, ultrapassava as acanhadas previsões de minha segunda hipótese; no

entanto, as cumpria. Esta segunda hipótese não provinha da inteligência, pânico que eu tivera na

noite em que Albertine não me beijara; ou quando ouvira o ruído da janela, esse medo não era

racional. Mas, e a continuação mostrará melhor, como diversos episódios já puderam indicá-lo o

fator, essa inteligência não é o instrumento mais sutil, mais poderoso, mais apropriado para se

obter a verdade; é motivo a mais para começar por ela, e não intuição do inconsciente, por uma fé

alicerçada nos pressentimentos que, aos poucos, caso a caso, nos permite assinalar que o mais

importante ao nosso coração, ou para o nosso espírito, não nos é ensinado através do raciocínio,

mas por outras forças. E então é a própria inteligência que, percebendo superioridade, abdica

pelo raciocínio diante deles, aceitando tornar-se sua colaboradora e severa. É a fé experimental. A

desgraça imprevista que me abatera, tinha experiência por já tê-la conhecido igualmente (como a

amizade de Albertine por duas lésbicas) visto a ter lido em tantos sinais onde, apesar das

afirmativas contrárias de minha razão; que se apoiava nos ditos da própria Albertine-discernira o

horror que ela sentia em viver desse modo como escrava. Quantas vezes esses sinais traçados,

que a uma tinta invisível, bem no fundo das pupilas tristes e submissas em suas

faces, de súbito

inflamadas por um rubor inexplicável, no ruído de uma janela bruscamente aberta! Sem dúvida eu

não havia ousado interpretá-los até formar expressamente a idéia de sua partida repentina. Só

pensara, como equilibrada pela presença de Albertine, numa partida organizada por mera data

incerta, quer dizer, situada num tempo inexistente; em resultado, tivera a ilusão de pensar numa

partida, como essas pessoas que, estando enfermas, pensam na morte e imaginam não temê-la,

na verdade nada mais faz introduzir uma idéia puramente negativa no íntimo de uma boa saúde

que mente a aproximação da morte viria alterar. Além disso, a idéia da partida de como desejada

por ela própria teria podido vir mil vezes ao meu espírito; clara e nitidamente possível, que nem

por isso, eu teria imaginado o que seria essa partida, ou seja, na realidade: que coisa original,

atroz, desconhecido o mal inteiramente novo. Se a tivesse previsto, poderia ter pensado nesta se

durante anos, sem que, reunidos, todos esses pensamentos tivessem tido relação, não só de

intensidade mas de semelhança, com o inimaginável inferno, cujo véu Françoise me havia erguido

ao dizer: "A Srta. Albertine foi-se embora." Para representar uma situação desconhecida, a

imaginação toma emprestados elementos conhecidos e, por causa disso, não consegue

representá-la. Porém a sensibilidade, até a mais física, recebe como vestígio do raio a assinatura

original e por muito tempo indelével do novo acontecimento. E eu mal ousava dizer a mim mesmo

que, se houvesse previsto aquela partida, talvez fosse incapaz de representá-la em seu horror, e

até mesmo de impedi-la entre súplicas e ameaças, caso Albertine me anunciasse! Como estava

longe de mim, agora, o desejo de ir à Veneza! Como antigamente, em Combray, o desejo de

conhecer a Sra. de Guermantes, ao chegar a hora em que eu só pensava numa coisa: ter mamãe

no meu quarto. E, de fato, eram todas as inquietações experimentadas desde a infância que, ao

apelo da angústia nova, tinham ocorrido para reforçá-la, amalgamar-se a ela numa massa

homogênea que me sufocava.

Certo, esse golpe físico no coração, que uma tal separação produz, e que, por esse terrível

poder registrador que o corpo tem, transforma a dor em algo contemporâneo a todas as épocas

da nossa vida em que temos sofrido certo, esse golpe no coração sobre o qual se especula talvez

um tanto (de tal maneira que pouco nos preocupamos com a dor alheia) -a mulher que deseja dar

à saudade um máximo de intensidade, seja porque, esboçando apenas uma falsa partida, deseja

unicamente pedir melhores condições; seja porque, partindo para sempre, deseja ferir; quer para

vingar-se ou para continuar a ser amada, ou no interesse da qualidade da lembrança que deixará,

ao quebrar violentamente essa rede de aborrecimentos e indiferenças que sentira tecer-se certo,

esse golpe no coração, tínhamos nos prometido evitá-lo, resolvendo que nos separaríamos bem.

Mas, afinal, é na verdade muito raro que a gente se separe bem, pois, se estivéssemos bem, não

nos separaríamos. E depois, a mulher com quem nos mostramos mais indiferentes, apesar de

tudo percebe obscuramente que, cansando-nos dela, nós nos ligamos cada vez mais a ela em

virtude de um mesmo hábito, e ela pensa que um dos elementos essenciais para se separar bem

é partir prevenindo o outro. Ora, ela teme que, prevenindo-o, seja impedida de partir. Toda mulher

sente que, se for grande o seu poder sobre um homem, o único meio de ir embora é fugir. Fugitiva

é rainha, aí está. Certo, existe um intervalo incrível entre esse aborrecimento que ela inspirava há

um momento e, porque ela partiu, essa necessidade furiosa de recuperá-la. Mas para isso, além

dos oferecidos no decurso desta obra, e de outros que o serão mais adiante, há

uns quantos

motivos. Primeiro, a partida ocorre muitas vezes no momento em que a indiferença real, ou

imaginada -é a maior, no ato extremo da oscilação do pêndulo. A mulher pensa: "Não, isto não

pode mais continuar assim", justamente porque o homem passa o tempo todo falando em lembrá-

la, ou pensa nisso; e é ela quem o deixa. Então, voltando o pêndulo ao seu modo oposto, há um

intervalo máximo. Num segundo ele retorna a esse ponto; mais uma vez, apesar de todas as

razões dadas, é tão natural! O coração palpita, de resto a mulher que se foi embora já não é a

mesma que aqui estava. Se ao nosso lado, por demais conhecida, se vê subitamente

acrescentada das quais ela irá inevitavelmente unir-se, e foi talvez para unir-se à elas que a

mulher nos deixou. De forma que essa nova riqueza da vida, da mulher que se vai, sobre a mulher

que estava ao nosso lado e que talvez premeditasse ir-se; à série de fatos psicológicos que

podemos deduzir e que fazem parte conosco, de nosso tédio excessivamente acentuado para

com ela, do no também (e que faz com que os homens que foram abandonados por várias

mulheres, o tenham sido quase sempre do mesmo modo, por causa de seu caráter, e por causa

de suas reações sempre idênticas, que se podem calcular: cada um tem sua maneira de ser

traído, como tem sua própria maneira de gripar-se), a esta série demasiadamente misteriosa para

nós, correspondia sem dúvida uma série de fatos que ignorava. Ela devia, desde algum tempo,

manter relações escritas, ou verbais, através de mensageiros, com tal homem ou tal mulher,

esperando certo sinal que talvez mesmo tenhamos dado sem saber, ao lhe dizermos: "O Sr. X

veio me ver" se ela houvesse combinado com o Sr. X que, na véspera do dia em que juntar-se a

ela, o Sr. X viesse nos ver. Quantas hipóteses possíveis! Possíveis somente! Eu construía tão

bem a verdade, mas somente dentro do possível, que; um dia aberto por engano uma carta para

uma de minhas amantes, carta estilo combinado e que dizia: Espero sempre sinal para ir à casa

do marquês de Saint-Loup; avise amanhã por telefone. Reconstituí uma espécie de fuga pro nome

do marquês de Saint-Loup só estava ali para significar outra coisa. Minha amante não conhecia

Saint-Loup, mas me ouvira falar dele. Até a assinatura era uma espécie de pseudônimo sem

qualquer sentido compreensível. Ora, a carta não estava endereçada à minha amante, mas a uma

pessoa da qual usava nome diverso e que fora mal lido. Não era escrita em sinais

combinados;

porém, num mau francês, porque era de uma norte-americana, efetivamente de Saint-Loup, como

este me declarou. E o modo estranho com que essa americana formava certas letras dera o

aspecto de pseudônimo a um nome totalmente real, mas estrangeiro. Portanto, naquele dia eu me

enganara totalmente em minhas suspeitas. Mas a urdidura intelectual que dentro de mim ligara os

fatos, todos falsos, ela própria assumia a forma tão justa e tão inflexível da que, quando, três

meses depois, a minha amante (que então imaginava sua vida comigo) me deixou, foi de um

modo absolutamente idêntico ao que havia imaginado da primeira vez. Chegou uma carta, com as

mesmas particularidades que eu falsamente atribuíra à anterior, mas desta vez tendo de fato o

signo de um sinal; assim, Albertine havia muito tempo premeditara a sua fuga; para maior

infelicidade da minha vida.

Apesar de tudo, o sofrimento que talvez ainda fosse ultrapassado pela curiosidade de

conhecer os motivos da infelicidade, saber quem Albertine desejara e com quem se reencontrara.

Mas as origens desses grandes acontecimentos são como as dos rios, por mais que percorramos

a superfície da terra não as encontramos. Eu não disse (porque então aquilo me parecera apenas

afetação, mau humor, o que Françoise denominava "cara amarrada") que, no dia em que ela

deixara de me beijar, tinha o ar carrancudo, estava dura, fria, com uma voz triste nas coisas mais

simples, vagarosa em seus movimentos, e não sorriu nunca mais. Não posso afirmar que algum

fato provasse alguma conivência com o exterior. Françoise me contou bem depois que, tendo

entrado no quarto dela na antevéspera da partida, não achara ninguém ali; as cortinas estavam

fechadas, mas, pelo cheiro do ar e pelo rumor, sentiu que a janela estava aberta. E, de fato,

encontrara Albertine na varanda. Mas não se percebe com quem ela poderia ter se comunicado

dali, e além disso as cortinas fechadas sobre a janela aberta se explicavam, sem dúvida, porque

ela sabia que eu receava as correntes de ar e que, mesmo que as cortinas pouco me servissem

de proteção, teriam impedido Françoise de ver do corredor que os postigos estavam abertos tão

cedo. Não, não vejo mais que um pequeno fato que prova apenas que na véspera ela sabia que ia

partir. Com efeito, na véspera ela havia pegado em meu quarto, sem que eu o percebesse, uma

grande quantidade de papel e de pano de embalagem, que ali se achava, e com os

quais

embrulhou seus inumeráveis *peignoirs* e roupões a noite inteira, a fim de partir pela manhã. É o

único fato, e foi tudo. Não posso dar importância ao fato de que ela me devolveu naquela noite,

quase à força, os mil francos que me devia. O que nada tem de especial, pois ela era

extremamente escrupulosa em matéria de dinheiro.

Sim, ela pegou o papel de embalagem na véspera, mas não era só na véspera que ela

sabia que haveria de partir! Pois não foi o desgosto que a fez ir embora, mas a resolução tomada

de partir, de renunciar à vida com que sonhara, é que lhe deu aquele ar de mágoa. Mágoa quase

solenemente fria em relação a mim, exceto na última noite, quando, depois de ter ficado em meu

quarto mais tempo do que desejara, ela me disse da porta o que me espantou, vindo de quem

sempre queria demorar mais:

- Adeus, meu bem, adeus.

Mas, naquele momento, não prestei atenção nisso. Françoise me disse que na manhã

seguinte, quando Albertine lhe dissera que ia embora (aliás, isto se explica igualmente pelo

cansaço, pois ela não se despira e havia passado a noite inteira a fazer embrulhos, salvo as

coisas que teria de pedir a Françoise e que não se encontravam no seu quarto nem no de

toalete), ela ainda estava de tal modo triste, e se mostrava tão mais dura e gelada que nos dias

anteriores, que Françoise acreditou que ia cair quando ela disse:

- Adeus, Françoise.

Quando ficamos sabendo dessas coisas, compreendemos - a mulher que nos agradava-

bem menos do que todas as outras encontradas tão recentemente nos mais simples passeios, e

de quem tínhamos raiva por sermos obrigados a sacrificá-las por ela, seja, pelo contrário, aquela a

quem agora preferiríamos mil vezes mais. Pois a questão já não se coloca entre um certo prazer

quase nulo pelo uso; talvez pela mediocridade do objeto - e outros prazeres tentadores,

deslumbrantes; mas entre estes é algo bem mais intenso que piedade pela mágoa que nos

provoca.

Prometendo a mim mesmo que Albertine estaria de volta naquela mesma noite; eu

recorrera ao mais urgente e pusera o curativo de uma crença nova daquela com que vivera até

então. Mas, por mais rápido que tivesse agido o instinto de conservação, fiquei por um instante

sem socorro, quando Françoise falou; e, conquanto soubesse agora que Albertine

estaria de volta

à noite, eu sentira durante o momento em que ainda não me informara a mim sobre sua volta (o

momento que se seguira às palavras: "A Senhorita Albertine pediu suas malas, a Senhorita

Albertine foi-se embora"; renascia por si dentro de mim, semelhante ao que havia sido, ou seja,

como se eu ignorasse o próximo regresso de Albertine. Além do mais, era necessário que ela

voltasse, mas por vontade própria. Em qualquer hipótese, parecer que lhe sugeria e de, pedir que

regressasse, iria ao encontro do objetivo. Certamente eu já não tinha forças para renunciar a ela

como tivera no caso de Gilberte. Mais até do que Albertine, o que eu desejava era pôr fim à

angústia física que meu coração fraco do que outrora, já não podia tolerar. Depois, à força de me

acostumar querer, seja tratando-se do trabalho ou de outra coisa, eu me tornava mais covarde.

Mas sobretudo essa angústia era incomparavelmente mais intensa por vários motivos, o principal

deles não sendo talvez o fato de que eu jamais desfrutei o prazer sensual com a Sra. de

Guermantes ou com Gilberte, mas sim que a vendo todos os dias, a toda hora, não tendo a

possibilidade e, por conseqüência, necessidade disso, faltaria, no meu amor por elas, a força

imensa do Hábito. Agora que meu coração, incapaz de querer e de suportar de bom grado o

sofrimento, só achava uma solução possível, o regresso de Albertine custasse o que custasse;

talvez a solução contrária (a renúncia voluntária, a resignação progressiva houvesse parecido

uma solução para romance, inverossímil na vida, se eu antigamente não tivesse optado por ela

quando se tratara de Gilberte. Porque sabia que esta outra solução também podia ser aceita, e

pelo mesmo homem, eu continuava a ser mais ou menos o mesmo. Unicamente, o tempo

representara o seu papel, o tempo que me envelhecera, o tempo que também pusera Albertine,

permanentemente, a meu lado quando levávamos a nossa vida em comum. Pelo menos, sem

renunciar à ela, o que me restava daquilo que sentira por Gilberte, era o orgulho de não mais

querer ser para Albertine um brinquedo enfadonho ao pedir que voltasse; queria que ela voltasse

sem que eu parecesse fazer questão. Levantei-me para não perder tempo, mas o sofrimento me

fez parar: era a primeira vez que me levantava da cama desde que Albertine se fora. Todavia, era

para vestir-me rápido para tomar informações com o seu porteiro.

O sofrimento, evolução de um abalo moral imposto, aspira a mudar de forma; esperamos

que se desvaneça, fazendo projetos, pedindo informações; desejamos que passe por suas

inumeráveis metamorfoses; isso exige menos coragem do que suportar sem disfarce o sofrimento;

parece tão fria, tão dura e tão estreita essa cama, onde nos deitamos com a nossa dor! Ergui-me

novamente; andei pelo quarto com infinita prudência, coloquei-me de modo a não avistar a

cadeira de Albertine, a pianola sobre cujos pedais ela apoiava seus chinelos dourados, um único

dos objetos que ela havia usado e que, todos, na linguagem particular que lhes tinham ensinado

as minhas recordações, pareciam querer dar-me uma tradução, uma versão diferente, anunciar-

me uma segunda vez a notícia de sua partida. Mas sem olhá-los, eu os via; as forças me

abandonaram, caí sentado numa dessas poltronas de cetim azul cujo verniz, uma hora antes, no

claro-escuro do quarto anestesiado por um raio de luz, havia-me inspirado sonhos

apaixonadamente acariciados então, tão distantes agora! Ai de mim! Só me sentara ali, antes

daquele minuto, quando Albertine ainda se achava presente. Assim, não pude permanecer,

levantei-me; e assim, a cada instante, algum dos inúmeros e humildes "eus" que nos compõem,

ignorava ainda a partida de Albertine e era preciso notificá-lo; era preciso - o que

se fazia mais

cruel ainda do que se eles fossem estranhos e não se utilizassem da minha sensibilidade para

sofrer – anunciar a desgraça que acabava de ocorrer a todas essas criaturas, a todos esses "eus"

que ainda a ignoravam; era preciso que cada qual por seu turno ouvisse pela primeira vez aquelas

palavras: "Albertine pediu suas malas" aquelas malas em forma de caixão fúnebre que eu vira

serem carregadas em Balbec ao lado das de minha mãe - "Albertine foi-se embora." Precisava

informar a cada um a minha mágoa, a mágoa que de modo algum é conclusão pessimista

livremente extraída de um conjunto de circunstâncias funestas, mas a revivescência intermitente e

involuntária de uma impressão específica, vindo do exterior, e que não escolhemos. Alguns

desses "eus", já não os revia desde muito. Por exemplo (não me lembrara que era o dia do

barbeiro), aquele que eu era quando cortava o cabelo. Havia esquecido aquele "eu", a sua

chegada me fez rebentar em soluços como, num enterro, a de um velho servidor aposentado que

conheceu a falecida. Depois, lembrei-me subitamente que já fazia oito dias que eu era tomado por

momentos de temores pânicos que nem a mim confessava. Nesses momentos, contudo, discutia

comigo mesmo, dizendo: "Não acha que é inútil admitir a hipótese de que ela partiria

bruscamente? É absurdo. Se eu submetesse tal hipótese a um homem sensato e inteligente (e

assim procederia, para me tranqüilizar, se o ciúme não me impedisse de fazer confidências), com

certeza ele lhe responderia: 'Mas você está louco. É impossível.' E com efeito nesses últimos dias

não tínhamos tido uma só discussão. Nós todos vamos embora por algum motivo. Dizemos qual

é. Damos direito de resposta. Ninguém vai embora desse modo - ' Não, é uma infantilidade. É a

única hipótese absurda." E, no entanto, todos os dias, encontrando-a ali de manhã, quando tocava

a campainha, soltava um suspiro de alívio. E, quando Françoise me entregara a carta de

Albertine, completamente tivera certeza de que se tratava da coisa que não podia ser, daquele

que de certo modo adivinhara com vários dias de antecedência, apesar das lógicas para estar

sossegado. Quase o confessara a mim mesmo, como se pela perspicácia, em meu desespero,

como um assassino que sabe não descoberto, mas que teme e, de súbito, vê o nome de sua

vítima escrito num processo diante do juiz de instrução que mandou chamá-lo.

Toda esperança era que Albertine tivesse partido para a Touraine, para a casa da tia;

afinal seria bem vigiada e não poderia fazer muita coisa até que eu a trouxesse de volta. Meu

maior temor era que ela permanecesse em Paris, partisse para Amsterdã, ou para Montjouvain,

isto é, que ela fugisse para se dedicar à algumas intrigas preliminares que me escapassem. Mas

na realidade, dizendo para mim mesmo: Paris, Amsterdã, Montjouvain, ou seja, vários lugares,

pensava naqueles mais possíveis. Assim, quando o porteiro de Albertine me informou que ela

partira para Touraine, essa residência que eu supunha desejar me pareceu a pior de todas, por

ser real; e porque, pela primeira vez, torturado pela certeza presente e pela incerteza do futuro, eu

imaginava Albertine começando uma vida nova; que ela quisera separada de mim, talvez por

muito tempo, talvez para sem a qual realizaria esse desconhecido que outrora tantas vezes me

perturbara, justo quando eu tinha a ventura de possuir e de acariciar aquilo que era o exterior, o

suave rosto cativo e impenetrável. Era esse desconhecido que profundo do meu amor.

Diante da porta de Albertine, encontrei uma menina pobre que me olhava com olhos bem

abertos e com ar tão doce que lhe perguntei se não queria vir no colo, como o teria feito a um cão

de olhar fiel. Ela pareceu contente. Eu embalei-a por algum tempo sobre meus

joelhos, mas em

breve a sua presença, fazendo-me sentir demais a ausência de Albertine, me foi insuportável. Eu

queria que ela fosse embora, depois de lhe ter dado uma nota de quinhentos francos. Todavia,

logo depois, a idéia de ter uma outra menina a meu lado, e de jamais ficar sozinho, sem o apoio

de uma presença inocente, foi a única fantasia que me permitiu suportar a idéia de que Albertine

talvez demorasse algum tempo a regressar. Quanto à própria Albertine, ela existia em mim quase

que sob a forma de seu nome o qual, a não ser alguma breve trégua ao despertar, vinha se

inscrever em meu cérebro e não deixava mais de ocupá-lo. Se pensasse alto, repetiria esse nome

sem cessar e meu palavreado seria tão monótono e tão limitado como se eu tivesse transformado-

me em pássaro, num pássaro semelhante ao da fábula, cujo canto repetia interminavelmente o

nome daquela a quem havia amado, quando homem. Repetimos a nós próprios esse nome, e,

quando o calamos, parece que o escrevemos em nós mesmos, que ele deixa o seu traço em

nosso cérebro e que este deve estar lá como um ser; como uma parede que alguém se diverte a

rabiscar, inteiramente recoberto pelo nome, mil vezes reescrito, daquela a quem amamos.

Repetimo-lo o tempo todo em pensamento, quando estamos felizes, e muito mais ainda quando

nos sentimos infelizes E de tanto repetir esse nome que não nos diz mais do que já sabemos,

sentimos o desejo, sempre renovado, mas, com o tempo, algum cansaço. Naquele momento, eu

nem pensava no prazer carnal; nem mesmo via, no meu pensamento, a imagem daquela

Albertine, todavia causa de um tal transtorno em meu ser, não me apercebia de seu corpo, e, se

quisesse isolar a idéia que estava ligada ao meu sofrimento pois sempre existe alguma -, seria

sucessivamente, por um lado, a dúvida acerca das disposições em que ela havia partido, com ou

sem espírito de regresso; por outro lado, os meios de trazê-la de volta. Talvez haja um símbolo e

uma verdade no espaço ínfimo ocupado em nossa ansiedade por aquela a quem a atribuímos. É

que, de fato, a própria pessoa tem pouco a ver com quase todo o processo de emoções e

angústias que certos acasos nos fizeram sentir outrora a seu respeito e que o hábito ligou à sua

pessoa. Isto é bem provado (mais ainda que o tédio que sentimos na felicidade) pelo quanto nos é

indiferente ver ou não ver essa mesma pessoa, ser ou não estimado por ela, tê-la ou não ao

nosso dispor, quando só tivermos de nos propor o problema (tão ocioso que nem

sequer o

proporemos) relativamente à própria pessoa já estando esquecido o processo de emoções e

angústias, ao menos no que se refira a ela, pois conseguiu desenvolver-se de novo, porém

transferido a outra. Antes disso, quando tal processo ainda estava ligado a ela, achávamos que

nossa felicidade dependia de sua pessoa: dependia exclusivamente do fim da nossa ansiedade.

Portanto, o nosso inconsciente era mais perspicaz que nós mesmos naquela ocasião, fazendo tão

insignificante o rosto da mulher amada, rosto que talvez tivéssemos olvidado, que podíamos

conhecer imperfeitamente e julgar medíocre, no terrível drama de onde encontrá-la para não

esperá-la mais, de que poderia depender até a nossa própria vida. Proporções minúsculas do

rosto da mulher, efeito lógico e necessário do modo pelo qual o amor se desenvolve, nítida

alegoria da natureza subjetiva desse amor.

Sem dúvida, o estado de espírito com que Albertine partira era semelhante ao dos povos

que mandam preparar com uma demonstração de seus exércitos os caminhos de sua diplomacia.

Ela só deve ter partido para obter de mim melhores condições, mais liberdade, mais luxo. Nesse

caso, de nós dois quem sairia vencedor era eu, se tivesse força de esperar-esperar o momento

em que, vendo que não alcançava nada, ela voltasse por si mesma. Mas, se, no baralho ou na

guerra, onde só e importante vencer, pode-se resistir ao blefe, as condições já não são as

mesmas quando se trata do amor e do ciúme, sem falar no sofrimento. Se, para esperar, para

"durar", eu deixava Albertine ficar longe de mim por vários dias, talvez várias manias, arruinaria o

que tinha sido o meu objetivo por mais de um ano, não deixá-la em liberdade por uma hora

sequer. Todas as minhas precauções se tornariam inúteis se lhe desse tempo e facilidades para

me enganar tanto quanto quisesse se afinal ela se rendesse, eu já não poderia esquecer o tempo

em que ela teria sozinha; e mesmo que no fim a vencesse, apesar de tudo, no passado,

irreparavelmente, seria eu o vencido.

Quanto aos meios de trazer Albertine de volta, havia tanto maior probabilidade de êxito

quanto a hipótese de que ela só fora embora na esperança de ser chamada sob melhores

condições parecia mais plausível. E, sem dúvida, as pessoas que não acreditavam na sinceridade

de Albertine, certamente para Françoise, por exemplo, tal hipótese o era. Mas para a minha razão,

a quem a única explicação de certos movimentos de mau humor, de certas atitudes, havia

parecido, antes que eu soubesse de alguma coisa, o projeto que ela formara de partir para

sempre; é difícil acreditar que, agora que essa partida ocorrera, não se tratasse de uma

simulação. Digo-o para a minha razão, não para mim. A hipótese da simulação tornava tanto mais

necessária quanto era mais improvável e ganhava no que perdia em verossimilhança. Quando

nos vemos à beira do abismo e parece que Deus nos abandonou, não vacilamos mais em esperar

um milagre Dele.

Eu reconhecia que em tudo aquilo fui o mais apático, embora o mais doloroso dos mortais.

Mas sua fuga não me devolvera as qualidades que o hábito de mandá-la por outras pessoas me

havia roubado. Eu só pensava numa coisa: encarregar outro dessa busca. Esse outro foi Saint-

Loup, que concordou. A ansiedade de tantos dias, aplicada a outro, deu-me alegria e, certo do

êxito, esfreguei as mãos subitamente tornadas secas como outrora, e sem mais aquele suor que

as umedeciam quando Françoise me dissera: "A Senhorita Albertine foi-se embora.” Estão

lembrados que, quando decidi viver com Albertine e até casar-me com ela para guardá-la, saber o

que ela fazia; impedi-la de retomar seus hábitos com a Sra. Vinteuil. Foi por ocasião do atroz

dilaceramento de sua revelação em Balbec, do que ela me havia dito, como coisa muito natural, e

que, embora fosse o desgosto da minha vida, consegui fingir que era mesmo natural, aquilo que

minhas piores suposições eu jamais teria sido tão audacioso para imaginar (É espantoso como o

ciúme, que passa o tempo inteiro a fazer pequeninas soluções sobre o falso, tem tão pouca

imaginação quando se trata de descobrir a verdade.) Ora, esse amor, nascido principalmente de

uma necessidade de impedir que Albertine praticasse o mal, esse amor conservara a seguir o

sinal de sua dor. Estar com Albertine importava-me pouco, desde que pudesse impedir "a sua

fuga" de ir para cá ou para lá. Para impedi-lo, eu recorria aos olhos e à compara dos que saíam

com ela, e era bastante que estes me fizessem à noite um pequeno relatório confortável para que

minhas inquietudes se dissipassem em bom humor.

Tendo afirmado a mim mesmo que, fossem quais fossem meus esforços Albertine voltaria

para casa naquela mesma noite, suspendi a dor que Françoise causara ao me dizer que Albertine

havia partido (porque então o meu ser, pego de surpresa, imaginara por um instante que a partida

era definitiva). Mas após uma interrupção, quando, por um impulso de sua vida independente, o

sofrimento inicial me voltava por si mesmo, era sempre e da mesma forma atroz, porque anterior à

promessa consoladora que eu me fizera de trazer Albertine de volta naquela mesma noite. Esta

frase, que teria acalmado, meu sofrimento a ignorava. A fim de preparar os meios de obter essa

volta, mais uma vez; não que tal atitude desse algum dia bons resultados, mas porque sempre a

tomara desde que amava Albertine, estava eu condenado a proceder como se não a amasse,

como se não sofresse com a sua partida, estava condenado a continuar a lhe mentir. Poderia ser

tanto mais enérgico nos meios de fazê-la voltar quanto, pessoalmente, parecesse ter renunciado a

ela. Propunha-me escrever a Albertine uma carta de despedida, onde consideraria sua partida

como definitiva, ao passo que enviaria Saint-Loup para exercer sobre a Sra. Bontemps, e como

que contra minha vontade, a mais brutal pressão para que Albertine voltasse o mais rápido

possível. Sem dúvida, eu havia experimentado com Gilberte o perigo das cartas de uma

indiferença que, fingida a princípio, acaba por tornar-se verdadeira. E essa experiência deveria ter

me impedido de escrever a Albertine cartas do mesmo gênero das escritas antes

a Gilberte. Mas

aquilo a que se chama experiência não passa da revelação, a nossos próprios olhos, de um traço

do nosso caráter, que reaparece naturalmente, e reaparece com tanto mais força quanto o

havíamos revelado a nós mesmos uma vez, de modo que o movimento espontâneo que nos

guiara da primeira vez se encontra reforçado por todas as sugestões da lembrança. O plágio

humano a que os indivíduos mais dificilmente escapam (e mesmo aos povos que persistem em

seus erros e os vão agravando) é o plágio de si mesmos.

Saint-Loup, que eu sabia estar em Paris, fora chamado por mim no mesmo instante;

atendeu rápido e eficaz como o era antigamente em Doncieres, e concordou em partir logo para a

Touraine. Submeti-lhe a seguinte combinação: ele desceria em Châtel erault, pediria que lhe

indicassem a casa da Sra. Bontemps, esperaria que Albertine saísse, pois ela poderia reconhecê-

lo.

- Mas então a moça de quem falas me conhece? - perguntou-me ele. Disse-lhe que achava

que não. O projeto me encheu de alegria infinda. Todavia, estava em absoluta contradição com

aquilo que eu me prometera no começo: cuidar de não parecer que mandara

procurar Albertine; e

isto, inevitavelmente, acabava por ter esse ar; mas tinha também, sobre o que convinha fazer, a

vantagem inestimável de que me permitia dizer a mim mesmo que alguém, enviado por mim, ia

ver Albertine e, sem dúvida, trazê-la de volta. E se no começo eu soubesse ter visto claro em meu

coração, teria podido prever que tal solução, escondida na sombra, e que eu achava deplorável, é

que levaria de vencida as soluções de paciência, e era ela que eu decidira querer por falta de

vontade mesmo. Saint-Loup já se mostrasse surpreso de que uma moça tivesse morado comigo

um inverno sem que eu lhe houvesse dito nada, como, por outro lado, ele me voltasse a falar

muitas vezes da moça de Balbec sem que eu jamais lhe dissesse:

- Mas ela mora aqui-, ele poderia ter-se melindrado com minha falta de coerência.

É verdade que a Sra. Bontemps talvez lhe falasse de Balbec. Mas eu me sentia por demais

impaciente quanto à sua partida, à sua chegada, para querer ou para pensar nas possíveis

conseqüências dessa viagem. Quanto a reconhecer (que aliás ele havia sistematicamente evitado

olhar quando a encontrou em Doncieres), ela havia, conforme a opinião de todos, mudado e

engordado isso era pouco provável. Ele me perguntou se eu não tinha um retrato de Albertine.

Primeiro respondi que não, para que ele não pudesse, através da fotografia mais ou menos na

época de Balbec, reconhecer Albertine, a quem no entanto, entrevira no vagão. Mas refleti que, no

último retrato, ela já estaria tão diferente da Albertine de Balbec quanto o estava hoje a Albertine

viva, que ele não a reconheceria no retrato nem na realidade. Enquanto eu procurava a foto, ele

me passava levemente a mão pela testa, como para me consolar. Eu me sentia emocionado, pela

mágoa que lhe causava a dor que adivinhava em mim. Em primeiro lugar se tivesse separado de

Rachel, o que ele então sentira ainda não estava tão diferente do que ele não nutrisse uma

simpatia, uma piedade especial por esse tipo de sofrimento, como nos sentimos mais próximos de

alguém que sofre da mesma doença que nós. Depois, era tão afetuoso comigo que não suportava

a simples idéia de sofrimento. Desse modo, concebia por aquele que os causava um misto de

alegria e admiração. Achava que eu era um ser tão superior que imaginava ser preciso que eu me

submetesse a outra criatura, que esta fosse simplesmente extraordinária. Eu pensava que ele

acharia bonita a foto de Albertine, mas, como ainda considerasse que ela não lhe

produziria a

mesma impressão que Helena nos velhos troianos, disse-lhe modestamente, sempre em busca do

retrato:

- Oh, não fiques esperando grande coisa: primeiro a foto é ruim, e depois ela não é

extraordinária, não é uma beleza; sobretudo é muito gentil.

- Oh, sim, ela é maravilhosa - respondeu ele com um entusiasmo ingênuo e sincero, de

imaginar a criatura que podia lançar-me em semelhante desespero e agitação. - Tenho raiva dela,

porque te fez tanto mal; mas também, era de se supor que é artista até a ponta dos dedos, como

tu, que amas em tudo a beleza com tanto amor, estaria predestinado a sofrer mais que qualquer

outro quando a encontrar em alguma mulher. -

Por fim, encontrei a fotografia.

- Com certeza ela é maravilhosa - continuou a dizer Robert, que não tinha visto que eu lhe

estendia a fotografia. De repente a viu, segurou-a nas mãos por um momento. Seu rosto exprimiu

um tom que chegou às raias da estupidez.

- É esta a moça a quem amas? - acabou por dizer com um tom em que a estupefação era

matizada pelo receio de me aborrecer. Não fez nenhuma observação, assumira o ar sensato,

cauteloso, forçosamente um tanto altivo, que temos diante de um enfermo ainda que tenha sido

um homem notável e nosso amigo -, mas que não é mais nada disso, pois, acometido brancura

furiosa, fala-nos de uma criatura celeste que lhe surgiu e continua a vê-la no local em que nós,

pessoas saudáveis, só avistamos um *edredom*. Compreendi imediatamente o espanto de Robert,

e que era o mesmo em que me lançara à vista de sua amante, com a única diferença de que eu

encontrara nela uma mulher que já conhecia, ao passo que ele julgava nunca ter visto Albertine.

Mas é claro que a diferença entre o que nós dois víamos acerca de uma mesma pessoa era bem

grande. Ia longe o tempo em que eu, bem parcamente, começara em Balbec a acrescentar às

sensações visuais, quando contemplava Albertine, sensações de gosto, de cheiro e de tato.

Desde então se haviam acrescentado sensações mais profundas, mais doces, mais indefiníveis,

e, depois, sensações dolorosas. Numa palavra, Albertine era apenas, como uma pedra a cujo

redor nevou, o centro gerador de uma construção enorme que passava pelo plano do meu

coração. Robert, para quem toda essa estratificação de sensações era invisível, só apanhava um

resíduo que ela, ao contrário, impedia-me de perceber. O que havia perturbado

Robert, ao ver a

fotografia de Albertine, não fora a comoção dos velhos troianos vendo passar Helena e dizendo:

Notre mal ne vaut pas un seul de ses regards,[Consald, Sonetos para Helena. Livro II, LXVII,

verso 4: "Nosso mal não vale um só de seus olhares."(N. do T)]; mas exatamente a oposta e que

faz dizer: "Como, foi por causa disso que ele se incomodou tanto, teve tantos aborrecimentos,

praticou tantas loucuras!" É preciso confessar que esse tipo de reação à vista da pessoa que

causou os sofrimentos, transtornou a vida, às vezes acarretando a morte de alguém que nós

amamos, é infinitamente mais comum do que o dos velhos troianos e, para dizer tudo, habitual. O

motivo não é apenas porque o amor é individual, nem porque, quando já não o sentimos, torna-se

natural que o achemos evitável e nos ponhamos a filosofar sobre a loucura dos outros. Não, é

porque, quando ele atinge o grau em que nos causa tais males, a construção das sensações

interpostas entre o rosto da mulher e os olhos do amante - esse enorme ovo doloroso que o

envolve e dissimula, tanto quanto uma camada de neve a uma fonte - já se estendeu para bem

longe para que o ponto onde se fixa o olhar do amante, o ponto em que ele encontra o seu prazer

e suas dores, esteja igualmente longe do ponto em que as outras pessoas o vêem, como o sol

verdadeiro está longe do ponto em que a sua luz condensada nos deixa percebê-lo no céu. E

além do mais, durante esse tempo, sob a crisálida de dores e carinhos que torna invisível ao

amante as piores metamorfoses da criatura amada, o rosto teve tempo de envelhecer e mudar. De

forma que, se o rosto que o amante viu da primeira vez está bem distante do outro que ele vê

desde que ama e sofre, está, em sentido inverso, igualmente distante daquele que o espectador

indiferente pode ver agora. (Que teria acontecido se, em vez da fotografia desta que era uma

moça, Robert tivesse visto o retrato de uma velha amante?) E temos necessidade de ver pela

primeira vez aquela que causou tantos sofrimentos para sentirmos esse espanto.

Muitas vezes a conhecíamos, como o meu tio-avó conhecia Odette. Então a diferença de

ótica se estende não só ao aspecto físico, ao caráter, à importância individual. Há muitas

probabilidades de que a mulher que fez sofrer aquele que a ama tenha sido sempre boa moça

para com alguém que preocupava com ela, como Odette, tão cruel com Swann, fora a delicada

"dama de rosa" de meu tio-avô; ou então a criatura de quem toda decisão é uma mente calculada,

com tanto medo quanto a de uma divindade, por aquele que ama, surge como uma pessoa

inconseqüente, muito feliz por fazer sempre a de alheia, aos olhos de quem não a ama, como a

amante de Saint-Loup em mim, que nela só enxergava a "Rachel-quando-do-Senhor" que tantas

vezes me haviam oferecido. Lembrava-me, na primeira vez em que a tinha visto com Loup, de

minha estupefação diante da idéia de que alguém pudesse torturar, não saber o que uma tal

mulher faria em tal noite, o que ela poderia ter dito a alguém, e por quem desejaria romper. Ora,

eu sentia que todo esse passado de Albertine, para o qual toda fibra de meu coração, de minha

vida, dirigia-se um sofrimento vibrátil e desajeitado, devia parecer tão insignificante a Saint como

talvez a mim mesmo, um dia; que aos poucos eu passaria talvez, no tempo à gravidade ou à

insignificância do passado de Albertine, do estado de espírito que me encontrava naquele

momento ao de Saint-Loup, pois não me iludia o que Saint-Loup pudesse pensar, sobre o que

pensaria todo aquele que não o conhece. E não sofria muito com isso. Deixemos as belas

mulheres aos homens sem imaginação. Lembrava-me dessa trágica explicação de tantas vidas

que é um retrato genial, e nada parecido, como o de Odette por Elstir, e que é

menos o retrato de

amante que do amor que forma. Nele só faltava-o que tantos retratos possam ser a um tempo de

um grande pintor e de um amante (e ainda assim, diziam Elstir o fora de Odette). Essa

dissemelhança, prova-a a vida inteira de um amante a quem ninguém compreende as loucuras, a

vida inteira de um Swann. Mas que um amante se desdobra num pintor e então é proferida a

palavra que restitui o enigma; temos enfim diante dos olhos esses lábios que o vulgo jamais

percebe nessa mulher, esse nariz que ninguém lhe concedeu, esse porte insuspeito no retrato diz:

"O que amei, o que me fez sofrer, o que vi sem cessar, é isto." Por ginástica oposta, eu que havia

tentado, pelo pensamento, acrescentar à Raquel tudo o que Saint-Loup lhe acrescentara por

conta própria, procurava retirar uma contribuição cardíaca e mental à composição de Albertine, e

representá-la para tal e qual deveria aparecer a Saint-Loup, como Rachel a mim. Essas diferenças

mesmo que as percebêssemos, que importância lhes daríamos? E, quando antigamente, em

Balbec, Albertine me esperava sob as arcadas de Incarvil e, saltava para o meu carro, não

somente ela ainda não "engordara", como, em conseqüência de excessos de exercício,

emagrecera demais; seca, mais desfigurada ainda por causa de um chapéu horrível que só

deixava aparecer a pontinha do nariz feio e duas faces brancas feito neve, era bem pouco o que

eu enxergava nela, mas o bastante para que, pelo salto que ela dava para dentro do carro, eu

soubesse que era ela, que ela comparecera pontualmente ao encontro e não fora a outro lugar; e

isso basta; o que amamos está por demais no passado, consiste por demais no tempo que

perdemos juntos para que tenhamos necessidade da mulher toda; desejamos apenas ter certeza

de que se trata dela, de que não nos enganamos quanto à identidade, mais importante que a

beleza para aqueles que amam; as faces podem ficar encovadas, o corpo emagrecer, mesmo

para aqueles que, a princípio, mais se orgulhavam diante do próximo de seu domínio sobre uma

beldade: esse palminho de cara, esse sinal em que se resume a personalidade permanente de

uma mulher, essa fórmula algébrica, essa constante, basta isso para que um homem solicitado na

mais alta sociedade, e que a estima, não possa dispor de uma só de suas noites porque passa o

tempo a pentear e despentear a mulher amada, até a hora de dormir, ou simplesmente ficar junto

dela, para estar com ela, ou para que ela esteja em sua companhia, ou apenas

para que ela não

esteja na companhia de outros.

-Tens certeza? - perguntou Robert - de que posso oferecer uns trinta mil francos a essa

mulher para o comitê eleitoral do marido? Ela é desonesta a esse ponto? Se não te enganas, três

mil francos bastarão.

- Não, peço-te, não economizes numa coisa que tanto me fala ao coração. Deves dizer

isto, no que aliás há um fundo de verdade: "Meu amigo tinha pedido estes trinta mil francos a um

parente para o comitê do tio de sua noiva. Foi por causa desse noivado que obteve o dinheiro. E

me pediu que o entregasse à senhora para que Albertine não soubesse de nada. Aí então,

Albertine o abandona. Ele já não sabe o que fazer. Tem obrigação de devolver os trinta mil

francos se não casar com Albertine. E, se casar, seria preciso, ao menos para manter as

aparências, que ela voltasse logo, pois se a fuga se prolongasse daria muito má impressão."

Achas que parece inventado?

- Absolutamente. - respondeu Saint-Loup por bondade, por discrição e, além disso, porque

sabia que as circunstâncias são freqüentemente mais estranhas do que julgamos. Afinal de

contas, havia alguma possibilidade de que, nessa história de trinta mil francos, houvesse,

conforme eu lhe dizia, uma boa dose de verdade. Era possível, mas não era verdadeiro, e essa

parte de verdade era precisamente uma mentira. Porém nós nos mentíamos, Robert e eu, como

em todas as conversas em que um amigo deseja sinceramente auxiliar o outro, que se acha

entregue a um desespero amoroso. O amigo conselheiro, apoio, consolo, pode lastimar a aflição

do outro, mas não experimentá-la, e, quanto melhor for para o outro, mais lhe mentirá. E o outro

lhe confessa o que for necessário para ser ajudado; mas, talvez justamente para ser ajudado,

oculta muitas coisas. E o feliz, afinal, é aquele que faz o trabalho, que realiza uma viagem, cumpre

uma missão, mas que não sofre interiormente. Eu era naquele momento o que havia sido Robert,

em Doncieres, quando era abandonado por Rachel.

- Enfim, seja como quiseres; se receber um insulto, de antemão por ti. E depois, não

interessa que isto me pareça um tanto divertido, esse comércio tão pouco disfarçado, sei

perfeitamente que no nosso mundo tem duquesas, e até das mais beatas, que, por trinta mil

francos, fariam coisas complicadas do que dizer às sobrinhas que não fiquem na Touraine. Enfim,

duplamente satisfeito por te prestar um serviço, já que é necessário isto para que consintas em

me ver. Se eu me casar - acrescentou -, será que não nos veremos mais, será que não farás da

minha casa um pouco a tua?... -

Interrompeu de súbito, tendo pensado, conforme supus então, que, seu eu também me

casasse com Albertine não poderia ser, para a sua mulher, uma relação muito chegada. Ele me

lembrou o que os Cambremer me haviam falado sobre o seu provável casamento com a filha do

príncipe de Guermantes.

Tendo consultado o indicador, vi que Robert só poderia partir à noite. Françoise me

perguntou:

- É preciso tirar a cama da Srta. Albertine do gabinete de trabalho?

- Pelo contrário - retorqui -, é preciso fazê-la. -

Eu esperava que Albertine voltasse a qualquer momento e, além disso, não desejava que

Françoise pensasse haver alguma dúvida a respeito. Era preciso que a partida de Albertine

parecesse uma coisa combinada entre nós dois, coisa que de modo algum significasse que ela

me amava menos. Mas Françoise me olhou com um ar, se não de incredulidade pelo menos de

dúvida. Ela também tinha suas duas hipóteses. Suas narinas dilatavam, ela

farejava a briga, devia

senti-la há muito tempo. E, se não estava absolutamente segura disso, era talvez só porque, como

eu, evitava crer inteiramente naquilo que lhe teria dado imenso prazer. Agora, o peso do assunto

já não remoía no meu espírito esgotado, mas em Saint-Loup. Uma alegria me penetrava porque

tomara uma decisão, porque dizia comigo: "respondi taco a taco, fui enérgico."

Saint-Loup mal teria entrado no trem quando cruzei na minha antecâmara com Bloch, a

quem não ouvira tocar a campainha, de modo que fui obrigado à recebê-lo por um instante.

Ultimamente, ele me havia encontrado com Albertine (já a conhecia de Balbec), num dia em que

ela estava de mau humor.

- Jantei com o Sr. Bontemps - falou-me e, como exerço uma certa influência sobre ele, de ti

demonstrei-lhe minha tristeza pelo fato de sua sobrinha não ser mais amável contigo; e disse que

era necessário que ele intercedesse nesse sentido. -

Eu sufocava de cólera: tais pedidos e queixas destruíam todo o efeito das diligências de

Saint-Loup e punham-me diretamente em contato com Albertine, a quem eu pareceria estar

implorando. Para cúmulo da infelicidade, Françoise, que ficara na antecâmara, ouvia tudo aquilo.

Fiz todas as censuras possíveis à Bloch, dizendo-lhe que de maneira alguma o havia encarregado

de semelhante missão, e que aliás o caso era falso. A partir daquele momento, Bloch não mais

deixou de sorrir, menos, creio, de alegria que de constrangimento por me haver contrariado.

Rindo, ele se surpreendia de causar semelhante raiva. Talvez dissesse isso para diminuir a meus

olhos a importância de sua ação indiscreta, talvez porque era de natureza covarde, e vivia alegre

e perigosamente nas mentiras, como as medusas à flor das águas, talvez porque, mesmo

pertencendo a outra raça de homens, os outros, não podendo jamais colocar-se no mesmo ponto

de vista que nós, não compreendem a importância do mal que suas palavras ditas ao acaso

podem nos fazer. Acabava de acompanhá-lo até a porta, não encontrando nada que pudesse

remediar o que ele fizera, quando tocaram de novo e Françoise me entregou uma intimação para

comparecer à presença do chefe de polícia. Os pais da menina que eu trouxera para casa tinham

apresentado uma queixa contra mim por corrupção de menor. Há momentos na vida em que uma

espécie de beleza nasce da multiplicidade de aborrecimentos que nos assaltam, entrecruzados

como motivos wagnerianos, e também da noção, que aí aparece, de que os

acontecimentos não

se situam no conjunto dos reflexos representados no pobre espelhinho que a inteligência leva à

sua frente e a que denomina futuro, mas estão fora deles e surgem tão bruscamente como

alguém que vai testemunhar o flagrante de um crime. Entregue a si mesmo, um acontecimento já

se modifica, seja porque o fracasso o aumente a nossos olhos, seja porque a satisfação o reduza.

Mas raramente ele está sozinho. Os sentimentos excitados por cada um deles se contradizem, e,

em certa medida, como pude comprová-lo indo à delegacia de polícia, isso constitui, ao menos

momentaneamente, um revulsivo tão eficaz contra as tristezas sentimentais quanto o medo. Na

Polícia, encontrei os pais da menina, que me insultaram, e dizendo:

- Não comemos desse pão -; devolveram-me os quinhentos francos (que eu não queria

aceitar); o delegado, adotando como exemplo inimitável a facilidade de réplica dos juízes

criminais, pegava uma palavra de cada frase que eu dizia e com ela formava uma resposta

espirituosa e acabrunhadora. Nem sequer se cuidou de minha inocência no caso, pois foi a única

hipótese que ninguém quis admitir um só momento. Não obstante, as dificuldades de incriminação

fizeram com que me livrasse à custa de um sabão violentíssimo, na presença dos pais. Porém,

logo que estes se retiraram, o delegado, que gostava de meninas, mudou de tom e me censurou

como a um camarada:

- De outra vez, precisa ser mais hábil. Droga, não se faz uma abordagem tão súbita, que

estraga o negócio. Além do mais, o senhor pode encontrar em toda parte meninas melhores que

esta, e bem mais baratas. O preço era loucamente exagerado... -

Senti de maneira tão viva que ele não me entenderia, caso eu tentasse lhe explicar a

verdade, que, sem dizer palavra, aproveitei a licença que me deu para me retirar. Até chegar em

casa, todos os que passavam me pareceram inspetores encarregados de vigiar meus atos e meus

gestos. Mas todos esses motivos, bem como o contra Bloch, extinguiram-se para deixar espaço

unicamente ao de Albertine. Ora, este motivo retornara, mas de um modo quase alegre, partida de

Saint-Loup. Desde que ele se encarregara de ir ver a Sra. Bontemps os sofrimentos se haviam

dispersado. Eu achava que era pelo fato de ter agido de boa-fé, pois nunca sabemos o que se

oculta em nossa alma. No que me fazia feliz não era, como pensava, o ter descarregado as

minhas decisões sobre Saint-Loup; aliás, eu não me enganava absolutamente. O remédio para

curar um acontecimento infeliz (três quartas partes dos acontecimentos é uma decisão; pois ela

tem como efeito, devido a uma brusca reviravolta nossas idéias, interromper o fluxo das que

provêm do acontecimento que prolongam sua vibração, de quebrá-lo por um fluxo inverso de

idéias, vindo do futuro. Mas essas novas idéias são principalmente benéficas (e era o caso que

me assaltavam naquele momento) quando, do cerne desse futuro, o que trazem é uma

esperança. O que no fundo me tornava tão feliz era a certeza de que, não podendo fracassar a

missão de Saint-Loup, Albertine não podia deixar de voltar. Compreendi-o, pois, não tendo

recebido desde o primeiro dia nenhuma resposta de Saint-Loup, recomecei a sofrer. Minha

decisão e a transferência de meus plenos poderes não eram então a causa de minha alegria, que

assim mesmo, isso teria durado, mas "o êxito é garantido" que eu havia pensado quando:

"Aconteça o que acontecer." E a idéia, sugerida pela sua demora, de que podia ocorrer coisa

diversa do êxito, era-me tão odiosa que eu perdera a minha alegria. Na realidade, é a nossa

previsão, nossa esperança de acontecimentos felizes, que nos enche de uma

alegria que

atribuímos à outras causas, e que cessa por nos deixar recair no desgosto, se já não temos tanta

certeza de que se realize aquilo que desejamos. É sempre esta crença invisível que sustenta o

edifício do nosso mundo sensitivo e sem a qual ele oscilaria. Já vimos que ela constituía a nós o

valor ou a nulidade das criaturas, o entusiasmo ou o tédio de vê-las da mesma forma, dá-nos a

possibilidade de suportar um desgosto que nos parece medíocre, sobretudo porque estamos

convencidos de que vai findar; ou o brusco aumento, até que uma nova presença valha tanto

quanto a nossa vida, e às vezes mais do que ela. De resto, uma coisa acabou tornando a dor de

meu coração tão aguda como o fora no primeiro instante quando, é por força confessá-lo, já não o

sentia mais. Aconteceu ao reler uma frase da carta de Albertine. Debalde amamos criaturas;

quando, isolados, só nos defrontamos com o sofrimento de perdê-las; que o nosso espírito dá em

certa medida a forma por ele desejada, tal sofrimento suportável e diverso daquele outro, menos

humano, menos nosso, tão esquisito, inesperado como um acidente no mundo moral e na zona

do coração que tem como causa menos diretamente as próprias criaturas do que a maneira como

ficamos sabendo que não mais as veríamos. Albertine, eu podia pensar nela, chorando

suavemente, aceitando não vê-la esta noite, como já não a vira ontem; porém reler minha decisão

é irrevogável, era outra coisa. Era como tomar um remédio perigoso, que me provocaria uma crise

cardíaca à qual não se pode sobreviver. Existe nas coisas, nos fatos, nas cartas de rompimento,

um perigo particular que amplia e desnatura a própria dor que as pessoas podem nos causar. Mas

esse sofrimento dura pouco. Apesar de tudo, sentia-se tão seguro do sucesso da habilidade de

Saint-Loup, a volta de Albertine me parecia uma coisa tão certa, que me indaguei se tivera razão

para desejá-la. Todavia, rejubilava-me por isso.

Infelizmente para mim, que julgava terminado o incidente com a Polícia, Françoise me

informou que um inspetor viera saber se eu tinha o hábito de receber moças em casa, e que o

porteiro, pensando que ele se referia à Albertine, dissera que sim; e que, a partir desse momento,

a casa parecia estar sendo vigiada. Desde então, seria para sempre impossível mandar vir uma

menina para me consolar dos meus desgostos, sem me arriscar a sofrer o vexame, diante dela,

que um inspetor aparecesse, e ela me tomasse por um malfeitor. E ao mesmo tempo, compreendi

como vivemos mais em função de certos sonhos do que imaginamos, pois essa impossibilidade

de embalar jamais uma criança me pareceu tirar todo o valor da vida; mas percebi também o

quanto é compreensível que as pessoas facilmente recusem a fortuna e se arrisquem à morte,

ainda que imaginemos que o interesse e o medo de morrer dominem o mundo. Pois, se eu tivesse

imaginado que até uma menina desconhecida pudesse formar, por causa da chegada de um

policial, uma idéia vergonhosa de mim, como seria preferível que me matasse! Nem sequer havia

ponto de comparação possível entre os dois sofrimentos. Ora, na vida, as pessoas nunca refletem

que aqueles a quem dão dinheiro, ou ameaçam de morte, podem ter uma amante, ou até

simplesmente um companheiro, a cuja estima dão grande valor, mesmo quando não se estimam a

si próprios. Mas, de repente, devido a uma confusão de que não me dei conta (de fato, não pensei

que Albertine, sendo maior, poderia morar em minha casa e até ser minha amante), pareceu-me

que a corrupção de menores podia também se aplicar à Albertine. Então a vida se me afigurou

cerceada por todos os lados. E, pensando que não vivera castamente com ela, encontrei na

punição que me era infligida por ter acalentado uma menina ignorada, essa

relação que existe

quase sempre nos castigos humanos; e que faz com que não haja quase nunca, nem condenação

justa, nem erro judiciário, mas uma espécie de harmonia entre a idéia falsa que o juiz forma

acerca de um ato inocente e os fatos culposos que ignorou. Mas então, pensando que o regresso

de Albertine podia me acarretar uma condenação infame que me degradaria a seus olhos, e talvez

causasse a ela mesma um prejuízo de que jamais me perdoaria, deixei de desejar esse regresso,

que me apavorava. Gostaria de lhe telegrafar para que não voltasse. E imediatamente, sufocando

tudo o mais, invadiu-me o desejo apaixonado de que ela regressasse. Ao mesmo tempo que,

tendo considerado por um instante a possibilidade de lhe dizer que não voltasse e de viver sem

ela, vi-me de súbito, pelo contrário, prestes à todos os prazeres, todas as viagens, todos os

trabalhos, para que Albertine regressasse!

Ah, como o meu amor por Albertine, cujo destino eu achava quase prever conforme o amor

que tivera por Gilberte, desenvolvera-se em perfeito contraste com este último! A que ponto era-

me impossível ficar sem vê-la! E como um ato, por mínimo que fosse, porém antes envolto na feliz

atmosfera da presença de Albertine, era-me preciso, de cada vez, com novos esforços, com a

mesma, recomeçar a aprendizagem da separação. Depois, a concorrência das outras vidas

devolvia à sombra essa nova dor, e, durante esses dias, os primeiros da primavera, cheguei até,

enquanto esperava que Saint-Loup visse a Sra. Bontemps, ao imaginar Veneza e belas mulheres

desconhecidas, a passar alguns momentos de calma agradável. Logo que percebi isso, senti um

terror de pânico. Este que eu acabara de desfrutar era a primeira aparição daquela grande força

inteiramente, que ia lutar em mim contra a dor, contra o amor, e acabaria por triunfar sobre àquilo

de que eu acabava de ter o ante o gosto; e de conhecer o presságio era, por instante apenas, o

que mais tarde seria em mim um estado permanente, uma decisão em que eu não poderia mais

sofrer por Albertine, em que já não a amaria. É o amor, que acabava de reconhecer o único

inimigo pelo qual poderia ser derrotado. O esquecimento, pôs-se a tremer, como um leão que, na

jaula onde o trancaram a vista de súbito da serpente píton que há de devorá-lo.

Eu pensava o tempo todo em Albertine.

Ao entrar no meu quarto Françoise me dizia bastante depressa:

"Não há cartas", para abreviar a angústia.

Mas, de tempos em tempos, eu conseguia, fazendo passar esta ou aquela idéia, através

do meu desgosto, renovar, purificar um pouco a atmosfera do meu coração. Porém à noite, se

conseguia adormecer, então era como se a lembrança de Albertine fosse o medicamento que me

trouxesse o sono, e a influência, ao cessar, me despertaria. Pensava o tempo todo em Albertine.

Era um sono especial seu, que ela me dava e onde, aliás, eu não teria espaço mais livre para

pensar em outra coisa, como durante a vigília. O sono e sua lembrança eram essas duas

substâncias misturadas que nos dão a tomar ao mesmo tempo para dormir. De resto, acordado,

minha mágoa ia aumentando a cada dia em vez de diminuir. Não que o esquecimento não

cumprisse a sua tarefa, mas porque; isso mesmo, favorecia a idealização da imagem saudosa e,

desse modo, a assimilação de meu sofrimento inicial a outros sofrimentos análogos, que o

reforçava. Todavia, essa imagem era suportável. Mas se, de repente, eu pensava no quarto dela;

no quarto onde a cama permanecia desocupada; no seu piano, seu automóvel; perdia todas as

forças, fechava os olhos, inclinava a cabeça sobre o ombro esquerdo como as pessoas que vão

desmaiar. O ruído das portas me fazia tanto mal, porque não era Albertine quem

as abria.

Quando foi possível a chegada de um telegrama de Saint-Loup, não tive coragem de perguntar:

"Chegou um telegrama?" Por fim veio um, mas adiando tudo, pois dizia: SENHORAS PARTIRAM

POR TRÊS DIAS. Sem dúvida, se eu havia suportado os quatro dias já transcorridos desde que

Albertine se fora, era porque dizia comigo mesmo: "É só uma questão de tempo, antes do fim da

semana ela estará aqui." Mas essa razão não impedia que para o meu coração, para o meu

corpo, o ato a ser cumprido fosse o mesmo: viver sem ela, chegar em casa sem encontrá-la,

passar diante da porta do seu quarto - ainda não tinha coragem de abri-lo - sabendo que ela não

se achava ali, deitar-me sem lhe haver dito boa-noite, eis as coisas que meu coração devia

cumprir em sua terrível integralidade e como se eu não devesse voltar a ver Albertine. Ora, que

ele as tenha cumprido já quatro vezes provava que agora seria capaz de continuar a cumpri-las. E

dentro em breve, talvez, essa razão que me ajudava a continuar a viver assim o próximo regresso

de Albertine-, essa razão, eu deixaria de precisar dela e poderia dizer comigo mesmo: "Ela não

voltará nunca mais", e ainda assim viver como já o fizera durante quatro dias.-

Como um ferido que retomou o hábito de caminhar e pode andar sem muletas. Sem

dúvida, à noite, voltando para casa, eu ainda encontrava, tirando-me a respiração, sufocando-me

com o vazio da solitude; as lembranças, justapostas numa série interminável, de todas as noites

em que Albertine me esperava; mas já encontrava igualmente a lembrança da véspera, da

antevéspera e das duas noites precedentes, ou seja, a lembrança das quatro noites transcorridas

desde a fuga de Albertine, durante as quais eu ficara sem ela, sozinho, e onde contudo vivera,

quatro noites que já formavam uma faixa de lembranças, bem delgada ao lado da outra, mas que

a cada dia transcorrido ia talvez se encorpando. Não direi coisa alguma sobre a carta, recebida

por essa época, em que se declarava a mim uma sobrinha da Sra. de Guermantes que era tida

como a mais bonita moça de Paris, nem das diligências que junto a mim fez o duque de

Guermantes por parte dos pais, resignados, pela felicidade da filha, à desigualdade social do

partido e a uma aliança imprópria. Tais incidentes, que poderiam ser sensíveis ao amor-próprio,

são dolorosos demais quando amamos. Gostaríamos, mas não cometeríamos essa indelicadeza,

de os revelar àquela que tem a nosso respeito um juízo menos favorável, que

aliás não se

modificaria se soubesse que podemos ser objeto de outro juízo bem diverso. O que me escreveu

a sobrinha do duque só poderia impacientar Albertine.

Desde o momento em que despertava e que retomava a minha mágoa no ponto em que

me encontrava ao adormecer, como um livro por um instante fechado e que não me abandonaria

mais até a noite, eu nunca podia ter senão um pensamento relativo à Albertine, e a esse

pensamento é que podia ligar-se para mim - da sensação, viesse de fora ou de dentro. Tocavam a

campainha: é uma carta dela, talvez seja ela própria! Se me achava bem disposto, não infeliz

demais, não estava mais ciumento, não tinha mais queixas dela, gostaria de revê-la depressa,

beijá-la, morar alegremente o resto da vida em sua companhia. Telegrafar-lhe: VENHA

DEPRESSA - parecia-me tornar-se uma coisa muito simples, como se o meu novo ânimo tivesse

não apenas mudado as minhas disposições, mas tornados fáceis as coisas fora de mim. Se o meu

ânimo era sombrio, todas as minhas mágoas contra ela renasciam, já não tinha vontade de beijá-

la, sentia a impossibilidade a ser feliz por meio dela, só queria lhe fazer mal, impedi-la de

pertencer a outro desses dois estados de espírito opostos era idêntico o resultado: era preferível

que Albertine voltasse o mais cedo possível. E no entanto, apesar de uma certeza que pudesse

ter no momento mesmo desse regresso, sentia eu que em breve apresentariam as mesmas

dificuldades e que a busca da felicidade nascia do desejo moral que era algo tão ingênuo como a

tentativa de alcançar o horizonte alinhando para a frente. Quanto mais aumenta o desejo, mais se

afasta verdadeira realidade. De modo que, se a felicidade ou, pelo menos, a ausência de

sofrimento, pode ser encontrada; não é a satisfação, mas a redução progressiva e a extinção do

desejo o que se deve buscar. Procura-se ver a pessoa amada, deveria-se não vê-la, só o

esquecimento consegue nos dar a extinção do desejo. E que, se um escritor proferisse verdades

desse gênero, dedicaria o livro, que contivesse a uma mulher, da qual se comprazeria em

aproximar-se desse dizendo-lhe:

- Este é o teu livro. -

E assim, dizendo verdades em seu livro, na dedicatória, pois só lhe importa que o livro seja

dessa mulher como lhe importa uma pedra preciosa que dela recebeu e que só lhe será preciosa

enquanto amar tal mulher. Só em nosso pensamento é que existem os liames a unir uma criatura

à nós. A memória, enfraquecendo, afrouxa-os; apesar da ilusão com que gostamos de nos

enganar, e com a qual, por amor, por amizade, por delicadeza e respeito humano; por dever,

enganamos os outros, e existimos sozinhos. O pior é o ser que não pode sair de si mesmo, que só

conhece os outros dentro de nós afirmando o contrário, na mente. E eu teria tido tanto medo, se

houvesse ali algo capaz de fazê-lo, que me tirassem essa necessidade dela, esse amor por

Albertine que me persuadia ser ele precioso para a minha vida. Poder ouvir pronunciar o fascínio

e sem sofrimento os nomes das estações por onde o trem passava. Touraine me teria parecido

uma diminuição de mim mesmo (simplesmente no fundo, porque isso provaria que Albertine se

tornava indiferente para mim) estaria bem, dizia comigo, se, ao me perguntar incessantemente o

que ela estaria fazendo, pensando, desejando a cada instante, se ela esperava e se ia voltar;

mantivesse aberta essa porta de comunicação que o amor abrira em mim e se a vida de outra

pessoa inundar, pelas represas abertas, o reservatório que desejaria ficar de novo estagnado. Em

breve, prolongando-se o silêncio de Loup, uma ansiedade secundária - a espera

por um

telegrama ou um telefonema de Saint-Loup - mascarou a primeira, a inquietação quanto ao

resultado, que Albertine voltaria. Vigiar cada ruído, à espera do telegrama, tornou-se tão

intolerante que, segundo me parecia, a chegada do telegrama, fosse qual fosse, pois a única

coisa em que eu pensava agora, poria fim às minhas mágoas. Mas, que recebi finalmente um

telegrama de Robert, em que ele me dizia que estivera em tempo integral observando Bontemps;

mas, apesar de todas as precauções, fora visto por Albertine, e que estragara tudo, tive um

acesso de fúria e desespero, pois acima de tudo era aquilo o que eu desejara evitar. Conhecida

de Albertine, a viagem de Saint-Loup parecia mostrar-me submisso a ela, o que a levaria a não

voltar; aliás, o horror a essa submissão era tudo o que eu conservara da altivez do meu amor no

tempo de Gilberte, e que havia perdido. Amaldiçoei Robert, mas depois pensei que, se aquele

meio fracassara, arrumaria outro. Visto que o homem pode agir sobre o mundo exterior, como é

que, empregando a astúcia, a inteligência, o interesse, a afeição, não chegaria eu a suprimir essa

coisa atroz: a ausência de Albertine? Julgamos que, segundo o nosso desejo, podemos mudar as

coisas que nos rodeiam; julgamo-lo porque, fora daí, não vemos nenhuma solução favorável. Não

pensamos no que ocorre muitas vezes e que também é favorável: não chegamos a mudar as

coisas conforme o nosso desejo, mas aos poucos o nosso desejo muda. A situação que

esperávamos mudar por ser-nos insuportável, se nos torna indiferentes. Não pudemos superar o

obstáculo, como o queríamos de qualquer maneira, porém a vida nos fez contorná-lo e transpô-lo,

e então, se nos virarmos para o passado longínquo, mal podemos avistá-lo, de tal modo se tornou

imperceptível. No andar acima do nosso, ouvi árias da Manon, tocadas por uma vizinha. Apliquei

seus versos, que conhecia, a Albertine e a mim, e fui penetrado de uma sensação tão profunda

que me pus a chorar. Era:

Hé/as, poiseau qui fuit ce qu'il croit l'esclavage,

Le plus souvent, la nuit d'un vos désespéré revient battre au vitrage

[Ai de mim, o pássaro que foge ao que julga ser prisão, / Muitas vezes, à noite, em desespero,

volta a chocar-se - a vidraça." (*Manou*, ópera de Massenet, ato III, quadro II). (N. do T)]

e a morte de Manors:

Manon, réponds-moi donc/ - Seu/ amour de mon âme, Je n'ai su qu áujourd'hui la bonfé de ton

coeui

[Responde, pois, Manou! Único amor da minha alma, / Só hoje conheci a bondade do teu

coração." (*Manou*, final do ato V.) (N. do T)]

Já que *Manon* voltava a *Des Grieux*, parecia-me que eu era para Albertine o único amor de

sua vida. Ai de mim! É provável que, se ouvisse naquele momento a mesma ária, não fosse a mim

que ela teria agraciado sob o nome de *Des Grieux* e, ainda que pensasse nisso, a minha

lembrança a teria impedido de se enternecer ao escutar essa música, que todavia era exatamente

do gênero das que ela apreciava.

Quanto a mim, não tive coragem de me entregar à doçura de imaginar que Albertine me

chamasse "único amor da minha alma", reconhecendo que se equivocara sobre o que "julgara ser

prisão". Eu sabia ser possível ler um romance sem se dar à heroína as feições da mulher amada.

Mas, ao terminar o livro, é inútil que o desfecho seja feliz, pois o nosso amor não progrediu em

nada e, quando fechei o livro, aquela a quem amamos e que finalmente nos veio no romance,

nem por isso gosta mais de nós na vida.

Furioso, telegrafei a Saint-Loup que regressasse o mais rápido possível à Paris, para ao

menos evitar o aspecto de uma insistência agravante na missão que eu tanto quisera ocultar. Mas

antes mesmo que ele se conforme as minhas instruções, foi da própria Albertine que recebi este

telegrama: *MEU CARO, VOCÊ ENVIOU SEU AMIGO SAINT-LOUP À MINHA TIA, FOI*

INSENSATO. MEU CARO AMIGO, SE TEM NECESSIDADE DE MIM, POR QUE NÃO ME

ESCREVEU DIRETAMENTE? TERIA FICADO MUITO FELIZ POR VOLTAR; NÃO RECOMECE

OUTRA VEZ ESSAS MEDIDAS ABSURDAS.

"Teria muito feliz por voltar!" Se ela dizia isto, era portanto por lamentar o ter ido. É que só

procurava um pretexto para regressar. Assim, bastava-me fazer o que pedia, escrever-lhe que

tinha necessidade dela, e ela voltaria. Portanto, retornaria a Albertine de Balbec (pois desde a sua

partida, voltara a sê-lo para mim um caramujo do mar, ao qual não prestamos atenção quando o

temos sobre nossa cômoda, e no qual, uma vez que nos separamos dele porque o perdemos,

ficamos pensando, o que antes já não fazíamos, ela me recordava toda a jovial beleza das

montanhas azuis do mar). E não era apenas ela que se tornara um ser de imaginação, isto é,

desejável, mas a vida com ela é que passara a ser uma vida imaginária, ou seja, livre de todas as

dificuldades, de modo que dizia comigo:

"Como vamos ser felizes!"

Porém, no momento em que eu estava seguro desse regresso, não era preciso dar a

impressão de apressá-lo, mas, ao contrário, apagar o mau efeito causado pela missão de Saint-

Loup, que mais eu ainda poderia renegar, dizendo que ele agira por conta própria, pois sempre

mostrara favorável ao nosso casamento.

Entretanto, eu relia a sua carta e, apesar de tudo, sentia-me desapontado com o pouco

que, numa carta, existe de pessoal. Sem dúvida, os caracteres escritos exprimem o nosso

pensamento, o mesmo acontece com as nossas emoções; é sempre em presença de um

pensamento que nós nos encontramos ainda assim, na pessoa, o pensamento só nos aparece

após ter se difundido corola da fisionomia desabrochada como um nenúfar. Isso, afinal, o modifica

muito. E talvez uma das causas de nossas permanentes decepções no amor esses permanentes

desvios que fazem que, à espera da criatura ideal a quem amamos, todo encontro nos traga uma

pessoa de carne que já existe bem pouco em nosso sonho. E depois, quando reclamamos alguma

coisa dessa pessoa, recebemos uma carta em que da própria pessoa fica muito

pouco, como nas

da álgebra já não existe a determinação das cifras da aritmética, que, possua; não contêm as

qualidades dos frutos ou das flores adicionados. Todavia a criatura amada, suas cartas, são

talvez, enfim, traduções por menos satisfatório que seja, passar de uma a outra da mesma

realidade, visto que a carta só nos parece insuficiente quando a lemos, pois suamos frio enquanto

não chega, bastando para acalmar a nossa angústia quando não para encher, como seus

sinaizinhos negros, o nosso desejo, que sente que ali afinal só existe o equivalente de uma

palavra, de um sorriso, de um beijo, e não essas mesmas coisas.

Escrevi à Albertine:

Minha amiga, ia justamente lhe escrever e agradeço-lhe o ter dito que, se eu tivesse

necessidade de você, teria voltado logo; é bem do seu feitio compreender de forma tão elevada o

devotamento a um velho amigo e minha estima por você só pode ter aumentado. Mas não, eu não

o pedira e não o pedirei; voltar a ver-nos, ao menos daqui a muito tempo, talvez não lhe fosse

penoso, moça insensível. Para mim, que às vezes você julgara tão indiferente, seria muito. A vida

nos separou. Você tomou uma decisão que acho muito sensata e que ocorreu no

momento

adequado, com um pressentimento maravilhoso, pois você partiu no dia seguinte àquele em que

eu acabava de receber o consentimento de minha mãe para pedir a sua mão. Eu o teria dito

quando despertasse, quando recebi a carta dela (ao mesmo tempo que a sua!). Talvez você

tivesse receado me fazer sofrer, indo embora nessa ocasião. E talvez tivéssemos unido as nossas

vidas pelo que seria, quem sabe? uma desgraça para nós. Se isso era o que havia de acontecer,

bendita a sua sabedoria. Perderíamos todos os seus frutos se nos tornássemos a ver. Não que

isso não fosse tentador. Mas é pequeno o meu mérito em resistir. Você conhece a criatura

inconstante que sou, e como esqueço depressa. Assim, não tenho de que me queixar. Você me

disse isto várias vezes, sou principalmente um homem de hábitos. Os que começo a adquirir sem

você ainda não são muito arraigados. É claro que, neste momento, os que possuía com você e

que sua partida transtornou são ainda os mais fortes. Não o serão por muito tempo. Justo por

esse motivo, eu havia pensado em aproveitar esses últimos dias em que ver você ainda não seria

para mim o que será daqui a duas semanas, talvez menos (desculpe a franqueza): um incômodo

pensei em aproveitá-los, antes do esquecimento final, para que resolvêssemos juntos pequenas

questões materiais em que você poderia, boa e encantadora amiga, prestar um serviço àquele

que se julgou, por cinco minutos, o seu noivo. Como não duvidava da aprovação de minha mãe,

como, por outro lado, desejava que cada um de nós tivesse toda essa liberdade da qual você me

fez, muito gentil e abundantemente, um sacrifício que se podia admitir para uma vida em comum

de algumas semanas, mas que se tornaria tão odiosa para você quanto à mim, agora que

devíamos passar a vida inteira juntos (quase me magoa, ao lhe escrever neste momento, pensar

que isso esteve a ponto de ocorrer, esteve por um atriz); tinha pensado em organizar nossa

existência da maneira mais independente possível e, para começar, quisera que você possuísse

aquele iate, no qual poderia alar, enquanto eu, por demais enfermo, ficaria esperando no porto;

tinha escrito a Elstir para pedir conselho, já que você aprecia o seu gosto. Em terra, eu que você

tivesse um automóvel só para seu uso particular, no qual sairia; a seu bel-prazer.

O iate já estava quase pronto e se chama, conforme se, expressa em Balbec, o Cisne. E,

lembrando-me que você preferiria os carros Rol s-Royce a todos os demais, havia encomendado

um destes. Pois bem, agora que não nos veremos mais, e como não espero fazê-la aceitar o

barco nem o carro (para mim, eles não teriam utilidade nenhuma), tinha pensado que

encomendara a um intermediário; mas dando o seu nome você talvez cancelando a encomenda,

evitar-me esse iate e esse carro inúteis. Mas para muitas outras coisas, precisamos conversar.

Ora, parece-me que, se for suscetível de amá-la novamente (o que não deverá durar muito tempo)

é insensato, por causa de um barco a vela e de um Rol s-Royce, que nos viéssemos de novo,

arriscando a felicidade da sua vida, pois você julga que ela consista ser longe de mim. Não, prefiro

conservar o Rol s-Royce e até o iate. E, como não me utilizarei deles e ambos certamente ficarão,

sempre, um desarmado e o outro na garagem, mandarei gravar no... (meu Deus, não ouso

escrever um inexato de peça e cometer uma heresia que a deixaria chocada) no iate estes versos

de Mal armé de que você gosta:

Un cygne, d'autrefois se souvient que c'est lui Magnifique mais qui sans espoir se délivre Pour

n'avoir pas chanté Ia région oú vivre Quand du stérile hiver a resplendi I'ennui.

["Um cisne de outrora se recorda que é magnífico, mas sem esperanças se desprende, por não

ter região onde viveu quando resplandeceu o tédio do estéril inverno .″ (N. do T)]

Você se lembra, é a poesia que assim começa: *Le vierge, le vivace aujourd'hui.*

["O virgem, o vivaz, o belo dia de hoje."(N. do T)]

Infelizmente o dia de hoje já não é virgem nem belo. Porém que, como eu, sabem que irão

logo formar desse "hoje" um "amanhã" suportável, que também são quase insuportáveis. Quanto

ao Rol s-Royce, mereceria antes outros versos do mesmo poeta, que você dizia não poder

compreender:

Dis si je ne suis pas joyeux

Tonnerre et rubis aux moyeux De voir en I'air que ce teu troue

Avec des royaumes épars Comme mourir pourpre la roue Du seu I vésperal de mes chars.

["Diga se não sou feliz / Nos eixos corisco e rubis / Por ver no ar que este fogo fura/ E com os

reinos/ Como acabar púrpura a roda / De uma só vesperal de meus carros." (N. do T)]

Adeus para sempre, minha pequena Albertine, e obrigado ainda pelo bom passeio que

fizemos juntos na véspera de nossa separação. Guardo uma lembrança muito boa dele.

P.S.: Não respondo ao que você me diz das pretensas proposições que Saint-Loup (que de modo

algum creio que esteja na Touraine) teria feito à sua tia. Isso é coisa de Sherlock

Holmes. Que

idéia você faz de mim?

Sem dúvida, da mesma forma que antigamente eu dissera a Albertine: "Não amo você",

para que ela passasse a me amar; "esqueço as pessoas quando fico sem vê-las", a fim de que ela

me visse bem mais vezes; "decidi abandoná-la", para prevenir toda idéia de separação-agora,

porque desejava absolutamente que ela voltasse dali a uma semana, é que eu dizia: "Adeus para

sempre;" é porque desejava revê-la, que lhe dizia: "Acho perigoso que nos voltemos a ver";

porque viver separado dela me parecia pior que morrer, é que lhe escrevia: "Você tem razão,

seríamos infelizes juntos." Ai de mim, esta carta fingida, que escrevi para dar a impressão de não

me importar com ela (único orgulho que restou de meu antigo amor por Gilberte no meu amor por

Albertine) e também pela doçura de dizer certas coisas que só podiam emocionar a mim e não a

ela, deveria eu ter previsto logo ser possível que ela tivesse como resultado uma resposta

negativa, ou seja, que consagrasse o que eu dizia; que era até provável que tal ocorresse, pois,

ainda que Albertine fosse menos inteligente do que era, não teria duvidado um só instante do que

o que eu dizia era falso. Com efeito, sem deter-se nas intenções que eu enunciava nessa carta, só

o fato de escrevê-la, mesmo que não se seguisse à missão de Saint-Loup, já lhe bastava para

provar o meu desejo de que ela voltasse e para aconselhá-la a me deixar cada vez mais fisgado

no anzol. Depois, tendo previsto a possibilidade de uma resposta negativa, deveria prever

igualmente que essa resposta de súbito me restituiria, em sua mais extrema vivacidade, o meu

amor por Albertine. E deveria ter indagado a mim mesmo, antes de enviar a carta, se, no caso de

Albertine responder no mesmo tom e não querer voltar, eu seria suficientemente senhor de

minhas mágoas para me forçar a permanecer em silêncio, para não lhe telegrafar: VOLTE, ou não

lhe enviar outro emissário, o que, depois de lhe haver escrito que não mais nos veríamos, seria

mostrar-lhe, até a última evidência, que não podia passar sem ela, e teria como resultado que ela

recusasse ainda mais energicamente, e que, não podendo mais suportar a minha angústia,

partisse ao seu encontro, talvez para não ser recebido. E, sem dúvida, esta teria sido, após três

enormes atitudes desastradas, a pior de todas, depois do que só me restaria o suicídio diante da

sua casa. Mas a forma caótica com que se constrói o universo psicopatológico

obriga a que ato

desastrado, o ato que acima de tudo seria preciso evitar, seja justamente o ato calmante, o ato

que, abrindo-nos outras perspectivas de esperança até que lhe percebamos o resultado,

desembarace-nos momentaneamente da dor intolerável que a recusa faz nascer em nós. De

modo que, quando a dor é excessivamente forte, precipitamo-nos na falta de jeito que consiste em

escrever, em implorar a outrem, em ir ver, em provar que não podemos passar sem a mulher

amada. Mas não previ nada disso. Parecia-me, ao contrário, que o resultado da carta era o de

fazer Albertine voltar o mais rápido possível. Assim, pensando na conseqüência, sentira uma

grande doçura ao escrever a carta. Mas, ao mesmo tempo, não deixara de chorar enquanto

escrevia; primeiro, um pouco da forma como no dia em que havia representado a separação falsa,

porque as palavras, configurando-me à idéia que me expressavam, embora tendessem ao

objetivo oposto (pronunciadas mentirosamente para, por orgulho, não reconhecer que eu a

amava), traziam nelas a sua tristeza; mas também porque eu sentia que a idéia tinha o seu tanto

de verdade.

Parecendo-me seguro o resultado dessa carta, lamentei tê-la enviado, ao imaginar a volta

de Albertine, em suma tão fácil, bruscamente as tornavam o nosso casamento uma coisa má para

mim regressaram com todas as suas forças. Esperava que ela se recusasse a voltar. Estava me

preocupando de que minha liberdade, todo o futuro da minha vida achavam-se na dependência de

sua recusa; que fizera uma loucura ao escrever-lhe; que deveria ter pegado de volta a carta,

infelizmente já enviada, quando Françoise, ao entregar-me o jornal que acabava de chegar, a

trouxera de novo, pois não sabia quantos selos devia pôr no envelope. Porém logo mudei de

opinião; desejava que Albertine regressasse, mas queria que essa decisão partisse dela para

acabar com a ansiedade, e decidi restituir a carta à Françoise. Abri o jornal. Anunciava Berma.

Então lembrei-me das duas maneiras diferentes como tinha ouvido-a e foi agora de uma terceira

forma diversa que pensei na cena da declaração: tinha a impressão de que aquilo que recitara

tantas vezes para mim mesmo, o que escutara no teatro, era o enunciado de leis que deveria

experimentar na vida. Em nossa vida há coisas às quais não sabemos o quanto nos ligamos. Ou

então, se não as vemos, é porque vivemos adiando, com medo de fracassar ou de

sofrer, ou

mesmo tomar posse delas. Foi o que me acontecera no caso de Gilberte, quando julgara

renunciar a ela.

Se, antes do momento em que estamos totalmente ligados nessas coisas, momento bem

posterior àquele em que nos julgamos absolutamente desligados delas, a moça a quem amamos,

por exemplo, fica noiva; enlouquecemos; não mais podemos suportar a vida que nos parecia tão

momentaneamente sossegada. Ou então, se a coisa está em nossa posse, achamos o fardo, que

de bom grado cederíamos; é o que me havia acontecido com Albertine. Mas, se uma viagem nos

tira a criatura desprezada, já não podemos suportar. Pois bem, não é certo que o "argumento" da

Fedra reunia os dois casos? Hipótese a partir de *Fedra*, que até então cuidara de oferecer-se à

sua inimizade por escrever, diz ela, ou melhor, como a faz dizer o poeta; pois, não vê saída e

porque não amada, *Fedra* não se contém. Vai confessar-lhe o seu amor, e ocorre então que eu

tantas vezes recitara para mim mesmo: *On dit qu'un prompt départ vous éloigne de nous*.

["Dizem que breve ireis para longe de nós." (Racine, *Phédre*, ato II, cena V, verso 584). (N. do, T)]

Claro que esse motivo da partida de Hipólito é acessório. Podemos pensar, junto do outro,

a morte de Teseu. E da mesma forma, quando, alguns versos adiante, *Fedra*, por um momento,

faz cara de que foi mal compreendida: *"Aurais je perdu tout le soin de ma gloire*?" ["Teria eu

perdido todo o zelo pela minha honra?" (ibid. verso 666). (N. do T)]; pode-se pensar que é porque

Hipólito repeliu sua declaração: *Madame, oubliez-vous/ Que Thésée est mon pere, et qu'il est*

votre époux? ["Senhora, acaso esqueceis / Que Teseu é meu pai e que é vosso marido?" ibid,

versos 663-664) (N. do T)].

Todavia, mesmo que ele não manifestasse tal indignação, *Fedra* poderia sentir do mesmo

modo, diante da felicidade, que esta valia muito pouco. Vendo, porém, que não alcançava a

felicidade, e que Hipólito julga ter entendido mal e se desculpa, então - assim como eu, querendo

devolver a minha carta à Françoise - ela deseja que a recusa venha dele, deseja arriscar a sorte

até o fim: *"Ah! cruel, tu mas troe entendue.* " ["Ah, cruel, entendeste-me até demais." (ibid., verso

670) (N. do T)]

E até mesmo as grosserias, segundo me contaram de Swann para com Odette, ou as

minhas para com Albertine, grosserias que substituem o amor anterior por um novo, feito de

piedade, de enternecimento e de necessidade de efusão, e que apenas representam uma variante

do antigo, também se encontram nesta cena:

Tu me hai'ssais plus, je ne t'aima!s pas moins.

Tes malheurs te prêtaient encor de nouveaux charmes.

[“Pois que mais me odiavas, eu não te amava menos./ Tuas desgraças ainda te davam novos

encantos." (Id., ibid., 688-689). (N. do T)]

A prova que o zelo pela sua honra não é o que mais importa para *Fedra*, está em que ela

perdoaria Hipólito e recusaria os conselhos de Oenone, caso não soubesse, naquele instante, que

Hipólito gostava de Arícia. De tal forma o ciúme, que em amor equivale à perda completa da

felicidade, é mais sensível que a perda da reputação.

É então que ela deixa Oenone (que é somente o nome da pior parte dela mesma) caluniar

Hipólito sem se encarregar do cuidado de defendê-lo e, assim, envia este que não quer saber dela

a um destino cujas calamidades, aliás, não a consolam de maneira alguma, já que sua morte

voluntária segue-se logo à morte de Hipólito. Pelo menos, foi assim, reduzindo a parte de todos os

escrúpulos "jansenistas", como teria dito Bergotte, que Racine atribuiu à *Fedra*

para fazê-la

parecer menos culpada, que me surgia aquela cena, espécie de profecia dos episódios amorosos

da minha própria existência. Essas reflexões, aliás, nada mudado em minha determinação, e

estendi a carta para Françoise para que enfim a pusesse no correio, tencionando realizar junto à

Albertine aquela que me parecia indispensável desde que soubera não ter sido feita. Se erramos

ao pensarmos que a satisfação do nosso desejo tenha pouca importância, pois, desde que

supomos que ele não pode se realizar; novamente nos aferramos nele, e só admitimos que não

valia a pena persegui-lo quando estamos seguros de alcançá-lo. E, no entanto, temos razão. Pois,

se tal satisfação e tal felicidade só parecem mesquinhas devido à certeza, são, todavia, algo de

instável de onde podem sair desgostos. E estes serão tanto mais intensos quanto mais completa a

realização do desejo, e mais impossíveis de suportar se, contra a lei da natureza a felicidade tiver

sido prolongada por algum tempo, recebendo a consagração do hábito.

Também num outro sentido, as duas tendências - na espécie, a que meu empenho em que

a carta seguisse; e aquela de, ao julgá-la remetida, arrependo-me - contém ambas a sua verdade.

Quanto à primeira, é perfeitamente compreensível que corramos atrás da nossa felicidade ou da

nossa desgraça - e que ao mesmo tempo, aspiremos a pôr diante de nós, através desse ato novo

que começara a desenvolver suas conseqüências, uma espera que não nos deixa em desespero

absoluto numa palavra: que procuremos fazer passar por outras mas, que imaginamos nos devem

ser talvez menos cruéis, o mal de que sofremos. Mas a outra tendência não é menos importante,

pois, nascida da crença no êxito nossa tentativa, é pura e simplesmente o começo; o começo

antecipado da decisão que em breve sentiríamos em presença da satisfação do desejo; ou a pena

de termos fixado para nós, em detrimento das outras que se acham excluídas, em forma de

felicidade.

Eu dera a carta a Françoise dizendo-lhe que fosse pôr no correio. Logo que a carta partiu,

concebi de novo o regresso de Albertine como coisa iminente. Tal regresso não deixava de pôr

em meu pensamento graciosas imagens que neutralizavam bastante, um pouco por sua doçura,

os perigos que eu via nesse retorno. A doçura, perdida há tanto tempo, de tê-la junto a mim

abrigava-me.

Passa o tempo, e, aos poucos, tudo o que dizíamos mentirosamente transforma em

verdade; já o experimentara bastante com Gilberte. A indiferença que eu fingira, quando não

parava de soluçar, acabara por cumprir-se; pouco a pouco, como eu dizia a Gilberte numa fórmula

mentirosa e que, retrospectivamente, tornara-se verdadeira, a vida nos havia separado.

Lembrava-me disso e disse comigo: "Se Albertine deixa correr alguns meses, minhas mentiras se

transformarão em verdade. E agora que o mais duro já passou, não seria o caso de desejar que

ela deixasse correr este mês? Se ela voltar, renunciarei à vida verdadeira que realmente ainda

não estou em condições de desfrutar, mas que progressivamente poderá começar a me

apresentar encantos, ao passo que a lembrança de Albertine irá enfraquecendo." Não digo que o

esquecimento não começasse a cumprir sua tarefa. Mas um dos efeitos do esquecimento-fazendo

com que muitos dos aspectos desagradáveis de Albertine, das horas aborrecidas que eu passava

com ela, já não se reproduzissem na minha memória, e deixassem portanto de ser motivos para

desejar que ela não estivesse ali, como era o meu desejo quando ela ainda estava aqui era

precisamente o de me fornecer dela uma imagem sumária, embelezada de todo o

amor que eu

sentira por outras. Sob essa forma particular, o esquecimento, que no entanto trabalhava para me

habituar à separação, fazia-me, ao mostrar-me Albertine mais doce, mais bonita, desejar ainda

mais a sua volta. Desde que ela se fora, muitas vezes, quando me parecia que não podiam

perceber que eu estivera chorando, tocava a campainha chamando Françoise, e lhe dizia:

- Precisa ver se a Srta. Albertine esqueceu alguma coisa. Cuide para fazer a sua cama, de

modo que esteja pronta quando ela chegar. - Ou simplesmente: - Ainda outro dia, a Senhorita

Albertine me dizia... Olhe, justamente na véspera de sua partida...- Com isso, queria diminuir em

Françoise o detestável prazer que lhe causava a partida de Albertine, dando-lhe a entender que

sua ausência seria curta; e também queria mostrar a Françoise que não temia falar dessa partida,

mostrá-la como o fazem certos generais que chamam de recuos forçados a uma retirada

estratégica e realizada segundo um plano preestabelecido - como sendo intencional, como

constituindo um episódio cujo verdadeiro significado eu escondia momentaneamente, mas de

modo algum como o fim da minha amizade com Albertine. Nomeando Albertine sem cessar,

desejava por fim entrar de novo, como um pouco de ar, algo dela neste quarto onde a sua partida

deixara o vazio e onde eu já não respirava mais. E buscamos diminuir as proporções de nossa

dor, fazendo-a tomar parte da linguagem falada, entre a encomenda de um terno e as ordens para

o jantar.

Ao arrumar o quarto de Albertine, Françoise, curiosa, abriu a gaveta de uma mesinha de

madeira rosada, onde minha amiga punha os objetos íntimos que tirava ao deitar.

- Oh, Senhor, a Senhorita Albertine se esqueceu de pegar os anéis! Ficaram na gaveta. -

Meu primeiro impulso foi dizer:

- É necessário enviá-los. - Mas isso daria a impressão de ser incerta a sua volta.

- Bem - respondi após um instante de silêncio -, quase não vale a pena mandá-los, pelo

pouco tempo que ela deve ficar ausente. Dê-mos, vou cuidar disso. - Françoise os entregou com

uma certa desconfiança. Detestava Albertine mas, julgando-me por si mesma, pensava que não

me podiam confiar uma carta escrita por minha amiga sem receio de que eu a abrisse. Peguei os

anéis.

- Tenha cuidado para não perdê-los, senhor - disse Françoise -, são verdadeiramente

bonitos! Não sei quem os deu, se foi o senhor ou outra pessoa, mas sei

perfeitamente que é

alguém muito rico e de bom-gosto!

- Não fui eu - respondi a Françoise - e além disso não foram os dois presentes da mesma

pessoa; um lhe foi dado pela sua tia e o outro ela comprou.

- Não foram da mesma pessoa! - exclamou Françoise -; o senhor está brincando; são

iguaizinhos, menos o rubi, que foi acrescentado num deles. Em ambos existe a mesma figura de

mesmas iniciais no lado de dentro. -

Não sei se Françoise percebia o mal que estava me fazendo, mas começou a esboçar um

sorriso que não mais abandonou seus lábios.

- Como, a mesma águia? Você está louca. Neste que não tem rubi águia, mas no outro

está cinzelada uma espécie de cabeça de homem.

- Homem? Onde o senhor viu isso? Com o meu *lorgnon* eu vi logo que se trata de uma das

asas da águia; o senhor deve pegar sua lente; verá a outra asa do outro lado, a cabeça e o bico

no meio. Vêem-se até as penas, uma a uma. Ah, é que trabalho. -

A necessidade ansiosa de saber se Albertine me havia mentido; esquecer que eu deveria

manter alguma dignidade na presença de Françoise recusar-lhe o maldoso prazer que ela sentia,

se não em me torturar, ao me difamar a minha amiga. Eu arquejava, enquanto Françoise ia buscar

minha lente. Peguei-a, pedi a Françoise que me mostrasse a águia no anel com rubi, e teve

dificuldade em me fazer reconhecer as asas, estilizadas do mesmo modo no outro anel, o relevo

de cada pena, a cabeça. Assinalou-me também insígnias parecidas, às quais, é verdade,

acrescentavam-se outras no anel com rubi. E de dentro o monograma de Albertine.

- Mas espanta-me que o senhor tenha necessidade de tudo isto para ver que se tratava do

mesmo anel - disse Françoise - Mesmo sem os olharmos de perto, sente-se muito bem o mesmo

jeito, a mesma forma de preguear o ouro, a mesma maneira. Só com uma olhadela eu seria de

jurar que teriam vindo do mesmo local. Isto se reconhece como a cozinha de uma boa cozinheira.

- E, de fato, à sua curiosidade de doméstica atiçada e habituada a reparar em detalhes com

espantosa precisão, juntara-se, para ela nessa vistoria, o gosto que ela possuía, esse mesmo

gosto, efetivamente mostrava na cozinha e que, talvez, fora aguçado, como eu percebera ao

seguir à Balbec, em seu modo de vestir, sua faceirice de mulher que tinha sido bonita, havia

reparado nas jóias e vestidos das outras mulheres. Se me enganasse com a

caixinha de remédio

e, em vez de tomar alguns comprimidos de veronal, ou em que reparasse ter bebido taças de chá

em excesso, engolisse outros comprimidos de cafeína, meu coração não teria batido com mais

violência.

Pedi a Françoise que saísse do quarto.

Gostaria de ver Albertine imediatamente. Ao notar sua mentira, ao ciúme pelo

desconhecido, acrescentava-se a dor de que tivesse deixado se presentear daquela maneira.

Mais presentes lhe dava eu; mas uma mulher a quem sustentamos não nos parece uma mulher

sustentada enquanto não sabemos que o é pelos outros. E, todavia, já que gastara continuamente

tanto dinheiro com ela, eu a aceitara apesar dessa baixeza moral; baixeza eu mantivera nela, que

aumentara talvez, ou talvez criara. Depois, como tem dom de inventar histórias para embalar a

nossa dor, como chegamos, quase a morrer de fome, a nos convencer que um desconhecido vai

nos deixar uma fortuna de cem milhões. Imaginei Albertine em meus braços, explicando-me uma

palavra que era por causa da semelhança de fabricação que ela havia comprado o outro anel, e

que fora ela mesma quem mandara gravar seu monograma nele. Mas tal explicação ainda era

frágil, ainda não tivera tempo de penetrar profundamente em meu espírito suas raízes benfazejas;

minha dor, assim, não podia ser acalmada tão depressa. E imaginava que tantos homens, que

contam aos outros que sua amante é muito dedicada, sofrem de torturas semelhantes. É desse

modo que mentem aos outros e a si mesmos. Não mentem de todo, aliás; desfrutam com essas

mulheres de momentos verdadeiramente doces; mas pensemos em tudo o que essa gentileza que

elas têm para com eles diante dos amigos, e que os leva a se vangloriarem, e em tudo o que essa

gentileza que têm quando estão sozinhas com seus amantes desconhecidos, e que permite a

estes abençoá-las, recobre de horas ignoradas em que o amante sofreu, duvidou, fez em toda

parte buscas inúteis para conhecer a verdade! É a tais sofrimentos que se liga a doçura de amar,

de se encantar com as frases mais insignificantes de uma mulher, frases que sabemos ser

insignificantes, mas que perfumamos com o seu cheiro. Naquele momento, eu já não podia

deleitar-me em respirar, pela recordação, o de Albertine. Aterrado, com os dois anéis na mão,

olhava aquela águia impiedosa, cujo bico me atormentava o coração, cujas asas de plumas em

relevo tinham arrebatado a confiança que eu conservava em minha amiga, e sob

cujas garras o

meu espírito dilacerado não podia escapar um só instante às perguntas feitas sem cessar em

relação àquele desconhecido, de quem a águia sem dúvida simbolizava o nome, sem todavia

torná-lo legível, desconhecido que ela certamente amara outrora e que sem dúvida havia

reencontrado há pouco tempo; pois fora no dia tão suave, tão familiar, do passeio que fizemos

juntos no Bois, que eu tinha visto pela primeira vez o segundo anel, aquele em que a águia

parecia mergulhar o bico na toalha de sangue claro do rubi.

De resto se, da manhã à noite, eu não cessava de sofrer pela partida de Albertine, isto não

significava que só pensasse nela. Por um lado, como o seu encanto, tendo desde muito tempo

atingido aos poucos até os objetos mais afastados dela, e que não eram menos eletrizados pela

mesma emoção que ela me causava, se algo me fazia pensar em Incarvil e, ou nos Verdurin, ou

em um novo papel de Léa, um fluxo de sofrimento vinha me ferir. Por outro lado, o que eu mesmo

chamava pensar em Albertine era pensar nos meios de fazê-la voltar, de juntar-me a ela, de saber

o que andava fazendo. De modo que, se, durante essas horas de martírio incessante, um gráfico

pudesse representar as imagens que acompanhavam o meu sofrimento, nele se veriam a estação

de Orsay, as cédulas oferecidas à Sra. Bontemps, Saint-Loup debruçado à escrivaninha inclinada

de uma agência de telégrafo, onde preenchia um formulário de telegrama para mim, e nunca a

imagem de Albertine. Da mesma forma que, no decurso de toda a nossa vida, o nosso egoísmo

vê o tempo inteiro à sua frente os objetivos preciosos para o nosso eu; mas, jamais encara esse

mesmo eu que não deixa de considerá-los, assim também o desejo, que dirige nossos atos, desce

até eles; mas não remonta a si ou porque, excessivamente utilitário, se precipita na ação e

desdenha o momento, ou porque procuramos o futuro para corrigir as decepções do presente;

finalmente porque a preguiça do espírito o impele a deslizar pela vertente imaginação em vez de

fazê-lo subir a rampa abrupta da introspecção. Nessas horas de crise em que jogaríamos toda a

nossa vida, à medida que a de quem ela depende revela melhora imensidade do lugar que ocupa

para deixando nada no mundo que não seja transtornado por ela, proporcional imagem dessa

criatura diminui a ponto de se tornar imperceptível. Em todas as coisas encontramos o efeito de

sua presença devido à emoção que senti; a própria causa, não a encontramos em

parte alguma.

Durante aqueles dias incapaz de imaginar Albertine que quase poderia crer que a não amasse, e

como minha mãe, nos momentos de desespero em que nunca lhe foi imaginar minha avó (salvo

uma vez, no encontro fortuito de um sonho, cuja visão desprezou de tal modo, mesmo dormindo,

que se esforçou, com o que lhe desse ânimo no sono, para prolongá-lo), teria podido acusar-se, e

de fato se acusa de não sentir a perda de sua mãe, cuja morte no entanto a matava, mas cujas

imagens lhe fugiam da lembrança.

Por que teria eu de acreditar que Albertine não gostava das mulheres? Porque dissera não

gostar delas, principalmente nos últimos tempos; mas repousava a nossa vida numa perpétua

mentira? Ela nunca me indagara sequer: "Por que não posso sair livremente? Por que pergunta

aos outros o que ando fazendo?" Mas era de fato uma vida bastante singular para que ela me

perguntasse essas coisas, caso não lhes tivesse compreendido o motivo. Meu silêncio acerca dos

motivos de sua clausura, não era compreensível que correspondesse de sua parte um mesmo e

constante silêncio acerca de seus perpétuos desejos, suas numerosas recordações, seus

inumeráveis anseios e esperanças? Françoise dava a impressão de saber que eu mentia quando

me referi próximo o regresso de Albertine. E sua crença parecia basear-se sobre um mais do que

aquela verdade que de costume guiava a nossa criada: que os Patrões não gostam de ser

humilhados em face dos serviçais e só lhes dão a conhecer a realidade apenas o que não se

afaste muito de uma ficção lisonjeira, própria de manter o respeito. Desta vez, a crença de

Françoise se baseara em outra como se ela própria já houvesse despertado e mantido a

desconfiança no espírito de Albertine, sobreexcitado a sua cólera, em suma, a tivesse levado ao

ponto que poderia prever como inevitável a sua partida. Se isso fosse verdade, a minha versão de

uma partida temporária, conhecida e aprovada por mim, só poderia contrariar a incredulidade por

parte de Françoise. Mas a idéia que ela fazia do interesse de Albertine, o exagero com que, no

seu ódio, aumentava o "lucro"; Albertine presumivelmente tirava de mim, podiam em certa medida

falsear a certeza. Assim, quando diante dela eu aludia ao próximo regresso de Albertine como

sendo uma coisa muito natural; Françoise me encarava, para ver se não estava inventando, do

mesmo modo que, quando o mordomo, para aborrecê-la, trocando as palavras,

lia a respeito de

uma nova política em que ela custava a acreditar, como, por exemplo, o fechamento das igrejas e

a deportação dos padres, lá do fundo da cozinha e sem poder ler, Françoise fixava instintiva e

avidamente o jornal, como se pudesse ver se aquilo estava escrito de verdade.

Mas, quando ela viu que, após ter escrito uma longa carta, eu punha no envelope o

endereço da Sra. Bontemps, esse terror, até então bem vago, de que Albertine regressasse,

aumentou em Françoise. Expandiu-se em verdadeira consternação quando, certa manhã, teve de

me entregar, no meio da correspondência, uma carta em cujo envelope havia reconhecido a

caligrafia de Albertine. Indagava a si mesma se a partida de Albertine não fora uma simples

comédia, suposição que duplamente a consternava, por assegurar definitivamente para o futuro a

vida de Albertine em nossa casa, e por constituir para mim, isto é, para ela mesma, na medida em

que eu era o patrão de Françoise, a humilhação de ter sido enganado por Albertine. Apesar da

impaciência que eu tinha em ler a carta, não pude evitar contemplar por um instante o olhar de

Françoise, de onde todas as esperanças haviam fugido, deduzindo desse presságio a iminência

do retorno de Albertine, como um amador de esportes de inverno conclui alegremente que o

tempo frio está próximo ao observar a partida das andorinhas. Por fim Françoise saiu, e, quando

me assegurei de que ela havia fechado a porta, abri sem rumor, para não mostrar que estava

ansioso, a carta seguinte:

Meu amigo, obrigada por todas as boas coisas que me diz, estou às suas ordens para

cancelar a encomenda do Rol s-Royce, se acha que poderei lhe ser útil nisso, como creio. Basta

que você me escreva o nome de seu intermediário. Você se deixaria lograr por essa gente que só

procura uma coisa: vender, e que faria você com um carro, você que nunca sai? Estou muito

comovida pelo fato de você haver conservado uma boa recordação do nosso último passeio. Creia

que, de minha parte, não esquecerei esse passeio duas vezes crepuscular (pois a noite caía e

nós temos de nos abandonar) e que ele só se apagará do meu espírito com a noite fechada.

Senti perfeitamente que a última frase não passava de uma frase e que Albertine não

poderia conservar até a morte uma lembrança tão doce desse passeio em que certamente não

sentira nenhum prazer, visto que estava impaciente por me deixar. Mas admirei também como era

bem dotada a ciclista, a golfista de Balbec. Que antes de me conhecer só havia lido Esther, e

como tivera eu razão em achar que ela, na minha casa, enriquecera-se de qualidades novas que

a tornavam diferente e mais completa. E assim, a frase que lhe tinha dito em Balbec: "Creio que a

minha amizade lhe será preciosa, que sou justamente a pessoa que poderia dar aquilo que lhe

falta" – escrevera-a como dedicatória numa fotografia: Como a de ser providencial -, essa frase

que dizia sem nela acreditar e unicamente por fazer achar benéfico o estar comigo e reprimir o

tédio que pudesse achar em sua companhia, essa frase também poderia ser verdadeira; da

mesma forma, quando eu lhe dissera que não queria vê-la, de medo de amá-la. Havia dito porque,

ao contrário, sabia que no convívio constante o meu amor até a separação só faria exaltá-lo; mas,

na realidade, o convívio constante nascera de uma necessidade dela, infinitamente mais forte que

o amor dos primeiros tempos em Balbec.

Mas, afinal, a carta de Albertine não adiantava em nada as coisas, me falava para escrever

ao intermediário. Era preciso sair dessa situação. Tive a seguinte idéia: mandei levar

imediatamente uma carta na qual lhe dizia que Albertine estava na casa da tia, que me sentia

muito só; que ela me daria prazer imenso se viesse instalar-se em minha casa por algum tempo e

que, como eu não queria fazer segredinhos, pedia-lhe que desse conta de Albertine. E, ao mesmo

tempo, escrevi a Albertine como se ainda não tivesse recebido a sua carta:

Minha amiga, perdoe-me o que você compreende muito bem, de tanto os segredinhos que

desejei que você fosse avisada por ela e por mim. Por ter tido você tão docemente em minha

casa, adquiri o mau hábito de não ficar sozinho. Já que decidimos que você não voltaria, pensei

que a pessoa que melhor poderia substituir, por ser a que me mudaria menos, a que mais me

lembraria você, é Andrée, e lhe pedi que viesse. Para que tudo isto não pareça muito brusco, só

falei em alguns dias; mas, aqui entre nós, penso que desta vez será para sempre. Não acha que

tenho razão? Você sabe que o seu pequeno grupo de moças em Balbec sempre foi a célula social

que teve para mim o maior prestígio, e ao qual senti extremamente feliz de ser agregado um dia.

Sem dúvida, esse prestígio ainda hoje se faz sentir. Já que a fatalidade de nossos temperamentos

e a má vida não quiseram que a minha pequena Albertine fosse minha mulher, importa que ainda

assim terei uma mulher menos encantadora que ela, mas a quem maiores afinidades de

temperamento permitirão talvez ser mais feliz comigo - Andrée.

Mas, depois de ter mandado essa carta, veio-me de súbito a suspeita: que, quando

Albertine me escrevera: Eu teria ficado muito feliz por voltar se me tivesse escrito diretamente, só

o fizera porque eu não lhe escrevera diretamente e, mesmo que eu o tivesse feito, ainda assim ela

não teria voltado; que ficasse contente por saber que Andrée estava em minha casa, e depois

seria minha mulher.

Contanto que ela, Albertine, ficasse livre, pois agora podia, há oito dias já, eliminando as

precauções de cada dia que eu havia tomado durante mais de seis meses em Paris, entregar-se a

seus vícios e fazer aquilo que, minuto após minuto, eu tinha impedido. Eu dizia comigo que

provavelmente, lá longe, ela empregava mal sua liberdade, e é claro que essa idéia que eu

formava me parecia triste, mas continuava geral, nada me mostrando de particular e, pelo número

indefinido das amantes possíveis que ela me fazia supor, sem me deixar fixar-me em nenhuma,

arrastava o meu espírito numa espécie de movimento perpétuo não isento de dor, porém de uma

dor que, pela ausência da imagem concreta, tornava-se suportável. Mas deixou de sê-lo e se

tornou atroz à chegada de Saint-Loup. Antes de contar por que as suas palavras me fizeram tão

infeliz, devo narrar um incidente que se coloca imediatamente antes de sua visita e cuja

recordação a seguir me perturbou de tal modo que enfraqueceu, se não a impressão penosa que

me causou a conversa com Saint-Loup, ao menos o alcance prático dessa conversa. Tal incidente

consistiu no que se segue.

Ardendo de impaciência por ver Saint-Loup, eu o esperava na escada (o que não teria

podido fazer se minha mãe estivesse presente, pois isso era o que ela mais detestava no mundo

depois de "falar da janela"), quando ouvi as seguintes palavras:

- Como, não sabe despedir alguém que lhe desagrada? Não é difícil. Por exemplo, não tem

mais que esconder os objetos que ele deve levar; então, no momento em que seus patrões o

chamam, e estão com pressa, ele não acha nada e perde a cabeça; minha tia dirá a você, furiosa:

"Mas o que é que ele está fazendo?" Quando ele chegar atrasado, todos estarão enfurecidos, e

ele não trará o que é preciso. Depois de quatro ou cinco vezes, pode ficar certo de que ele será

despedido, principalmente se você tiver o cuidado de sujar às escondidas o que ele deve manter

limpo; e mil outros ardis desse tipo... - Eu permanecia mudo de espanto, pois essas palavras

maquiavélicas e cruéis eram pronunciadas pela voz de Saint-Loup. Ora, eu sempre o considerara

como um sujeito tão bom, tão piedoso para com os desgraçados, que aquilo me causava o efeito

de que ele estivesse representando o papel de Satanás; mas não podia estar falando no seu

próprio nome.

- Mas sempre é necessário que todos ganhem a sua vida - disse o seu interlocutor, que

então avistei e que era um dos lacaios da duquesa de Guermantes.

- Que lhe importa, desde que você se saia bem? - respondeu maldosamente Saint-Loup. -

Você, além disso, terá o prazer de arranjar um bode expiatório. Poderá muito bem derramar-lhe o

tinteiro na libré, quando ele estiver servindo um jantar de gala, enfim, não lhe dar um minuto de

trégua, de tal modo que ele acabará preferindo ir embora. De resto, vou lhe dar uma mãozinha:

direi a minha tia que admiro a paciência de você em servir com um moleirão daqueles e tão mal

vestido. -

Apresentei-me, Saint-Loup veio ao meu encontro, porém minha confiança nele estava

abalada do que acabara de ouvir, tão diferente daquele que eu conhecia. E me

perguntei se

alguém é capaz de agir tão cruelmente com um infeliz não havia representado o papel de traidor a

meu respeito, em sua missão junto à Sra. Bontemps. A reflexão serviu, sobretudo, para não me

fazer considerar o seu fracasso como o de que eu não podia ter êxito, se ele me deixasse. Mas,

enquanto ele estava a meu lado, era todavia no Saint-Loup de outrora e principalmente ao amigo

que de deixar a Sra. Bontemps, que eu pensava. Primeiro, ele me disse:

- Acho que deveria ter te telefonado mais vezes, mas diziam sempre que não estavas.

Mas onde meu sofrimento se tornou insuportável, foi quando ele me disse:

- Vou começar por onde o meu último despacho te deixou, depois de ter passado uma

espécie de galpão, entrei na casa e, no fim de um longo corredor, fizera entrar numa sala. -

A essas palavras de galpão, corredor e sala, e antes mesmo que acabassem de ser

pronunciadas, meu coração foi atravessado com mais rápido do que se estivesse em contato com

uma corrente elétrica, pois a força que às vezes dá volta à Terra em um segundo não é a

eletricidade, mas a dor. Repeti, renovando com prazer o choque, essas palavras de galpão,

corredor depois que Saint-Loup foi embora! Num galpão a gente pode se esconder. E, naquela

sala, quem sabe o que Albertine fazia quando a tia se ausentava. Mas como? Eu então me havia

representado a casa em que morava Albertine não podendo ter galpão nem sala? Não, eu

absolutamente não a representara a mim, a não ser como um lugar vago. Tinha sofrido uma

primeira vez quando individualizara geograficamente o lugar em que ela estava, quando soubera

em vez de estar em dois ou três locais possíveis, ela se achava na Touraine; palavras da porteira

de seu apartamento haviam marcado em meu coração, num mapa, o lugar onde enfim era preciso

sofrer. Mas uma vez habituado à idéia que ela se encontrava numa casa da Touraine, eu não

tinha visto essa casa; nunca me viera à imaginação esta horrível idéia de sala, de galpão e de

corredor; agora pareciam estar à minha frente, na retina de Saint-Loup que os vira; os cômodos

em que Albertine passava, andava, vivia, esses cômodos em particular não tinham uma infinidade

de cômodos possíveis que se haviam destruído uns aos outros. À essas palavras de galpão,

corredor e sala, pareceu-me loucura ter deixado Albertine, oito dias nesse lugar maldito cuja

existência (e não a simples possibilidade)estava prestes de me ser revelada. Ai de mim! Quando

Saint-Loup me disse, igualmente naquela sala, ouvira cantarem a meia voz num

aposento ao lado,

e que era Albertine quem cantava, compreendi desesperado que, livre de mim, afinal, ela era livre.

Havia reconquistado a sua liberdade. E eu, que pensava que ela viria tomar o lugar de Andrée!

Minha dor se transformou em cólera contra Saint-Loup.

- Foi tudo o que pedi que evitasses, que ela soubesse que ias!

- Se achas que era fácil! Tinha assegurado que ela não se achava lá. Oh, sei muito bem

que não estás contrariado comigo, senti-o perfeitamente nos teus telegramas. Porém és injusto;

fiz o que pude. -

Solta de novo, tendo deixado a jaula de onde, em minha casa, eu ficava dias inteiros sem

chamá-la ao meu quarto, ela retomara para mim todo o seu brio; tornara-se outra vez aquela que

todos seguiam, o pássaro maravilhoso dos primeiros dias.

- Enfim, resumamos. Quanto ao dinheiro, não sei o que te dizer. Falei a uma senhora que

me pareceu tão delicada que receei ofendê-la. Ora, ela não exclamou "Oh!" quando falei em

dinheiro. E até, um pouco depois, disse-me que estava comovida por ver que nos

compreendíamos tão bem. No entanto, tudo o que ela disse a seguir era tão delicado, tão sublime,

que me parecia impossível que ela tivesse dito, quanto ao dinheiro que lhe oferecia: "Nós nos

compreendemos tão bem", pois no fundo eu agia como um patife.

- Mas talvez ela não tenha te compreendido, talvez não haja escutado, deverias ter

repetido, pois certamente isto é que daria certo.

- Mas como queres que ela não tenha escutado? Falei-lhe como te falo agora, ela não era

surda nem louca.

- E ela não fez nenhuma observação?

- Nenhuma.

- Deverias ter-lhe dito mais uma vez.

- Como querias que eu lhe dissesse mais uma vez? Logo ao entrar, vendo a fisionomia

dela, disse comigo que te havias enganado, que me mandavas fazer uma tremenda gafe, e era

extremamente difícil oferecer-lhe dinheiro assim. Fi-lo todavia para te obedecer, convencido de

que me poria porta a fora.

- Mas ela não o fez. Portanto, ou não tinha ouvido e seria necessário recomeçar, ou

poderias continuar a esse respeito.

- Dizes: "Ela não tinha ouvido" porque estás aqui, mas, repito, se tivesses assistido à

nossa conversa... Não havia nenhum rumor. E eu falei brutalmente. Não é possível que ela não

tenha compreendido.

- Mas afinal, ela está bem persuadida de que sempre quis desposar a sua sobrinha?

- Não; quanto a isso, se queres a minha opinião, ela não acreditava que tivesses em

absoluto a intenção de casar. Disse-me que tu mesmo havias confessado à sobrinha que

desejavas abandoná-la. Não sei nem mesmo se agora ela esteja bem convencida de que desejas

casar.

Isto me tranqüilizava um pouco, mostrando que eu estava menos humilhado, logo, capaz

de ser amado ainda, mais livre para tentar um passo decisivo. Contudo, sentia-me atormentado.

- Estou aborrecido, pois vejo que não estás satisfeito.

- Sim, estou comovido, reconhecido pela tua gentileza, mas me parece que terias podido...

- Fiz o melhor que pude. Outro qualquer não poderia ter feito mais, nem mesmo o que fiz.

Experimenta outra pessoa.

- Não, de jeito nenhum. Mas, se soubesse, não teria te enviado, mas o fracasso de tua

providência não me impede de tentar outra.-

Fazia-lhe censuras: ele tentara prestar-me um serviço e não lograra êxito. Ao sair, Saint-

Loup tinha cruzado com algumas moças que entravam. Eu já havia suposto muitas vezes que

Albertine conhecia moças naquele lugar, mas era a primeira vez que isso me torturava. É preciso

crer de fato que a Natureza concede ao nosso espírito a secreção de um contra-veneno natural

que aniquila as suposições que fazemos a um tempo sem trégua e sem perigo; porém coisa

alguma me imunizava contra aquelas moças que Saint-Loup tinha encontrado.

Mas todos esses detalhes, não era justamente isso o que eu procurara obter de cada

pessoa a respeito de Albertine? Não fora eu quem, mesmo sem conhecê-los mais precisamente,

pedira a Saint-Loup, chamando-o de volta pelo seu coronel, que passasse de qualquer jeito em

minha casa? Então não fora o que desejara, eu, ou melhor, a minha dor ansiosa, ávida por

aumentar e alimentar deles? Por fim Saint-Loup me dissera ter tido a boa surpresa de encontrar

perto dali, uma única pessoa conhecida e que lhe recordara o passado, uma amiga de Rachel,

uma bela atriz que passava as férias nas redondezas. E dessa atriz bastou para que eu dissesse

para mim mesmo: "Talvez seja como se aquilo bastava para que eu visse, nos próprios braços de

uma mulher a que conhecia, Albertine risonha e rubra de prazer. E, no fundo, por que não assim?

Teria eu deixado de pensar em mulheres desde que conhecia Albertine. Na noite em que estivera

pela primeira vez na casa da princesa de Guermantes antes de regressar, não pensava eu muito

menos nesta última que na moça de quem Saint-Loup gostava e que freqüentava os bordéis, e na

camareira da Sra. Putbus? Por causa desta última é que eu tinha voltado à Balbec? Mais

recentemente, tive vontade de ir à Veneza; por que não poderia Albertine ter vontade de ir à

Touraine. Apenas, no fundo - percebia agora-, eu não a teria deixado, não iria à Veneza. No fundo

de mim mesmo, dizendo sempre: "Em breve a deixarei", sabia que; a deixaria mais, tão bem

quanto sabia que não principiaria mais a trabalhar viver uma vida higiênica, enfim, tudo aquilo que

diariamente me prometia para o dia seguinte. Apenas, no fundo, fosse o que fosse aquilo em que

eu acreditava, julgado mais hábil deixá-la viver sob a ameaça de uma perpétua separação.

E dúvida, graças à minha detestável habilidade, eu a convencera demais. Em todo caso,

aquilo agora não podia continuar desse jeito, eu não podia deixá-la na Touraine, com essas

moças, com semelhante atriz; não podia suportar a idéia de que a vida me fugia. Esperaria a sua

resposta à minha carta; se ela praticava o mal, de mim, um dia a mais ou a menos não fazia

diferença (e talvez eu me dissesse porque, não mais tendo o hábito de tomar

conta de cada um

de seus minutos; quais um só que ela tivesse passado em liberdade me transtornava, meu ciúme

não tinha a mesma divisão do tempo). Mas, logo que chegasse a sua resposta se ela não voltasse

eu iria buscá-la; por bem ou por mal, iria arrancá-la de suas amigas. Além disso, não era preferível

que eu mesmo fosse, agora que havia descoberto a maldade de Saint-Loup, até então

insuspeitada de mim? Quem sabe se ele havia organizado todo um complô para me separar de

Albertine? Seria porque tinha mudado, seria porque não pudera supor então que causas naturais

me ligaram um dia a esta situação excepcional; mas como teria mentido agora se escrevesse,

como lhe dizia em Paris que não desejava lhe acontecesse algum acidente! Ah, se acontecesse

algum, minha vida, em vez de ser envenenada para sempre por este ciúme incessante, teria logo

recuperado, se não a felicidade, menos a calma, pela supressão do sofrimento. A supressão do

sofrimento? Não pude jamais acreditar nisso, acreditar que a morte não faz mais que riscar o que

existe e deixar o resto intacto, que ela arrebata a dor ao coração daquele para quem a existência

do outro não é mais que fonte de mágoas; que ela arrebata a dor e não põe nada em seu lugar? A

supressão da dor! Percorrendo o noticiário dos jornais, eu lamentava não ter a coragem de

enunciar o mesmo desejo de Swann. Se Albertine pudesse ser vítima de um acidente; viva, eu

teria tido um pretexto para correr junto à ela; morta, teria recuperado, como dizia Swann, a

liberdade de viver. Acreditava eu nisso? Ele o acreditara, aquele homem tão fino e que julgava

conhecer-se bem. Como sabemos pouco do que nos vai pelo coração! Como, um pouco mais

tarde, se ele ainda fosse vivo, eu teria podido lhe dizer que seu desejo, além de criminoso, era

absurdo, que a morte daquela a quem amava não o teria livrado de coisa alguma!

Deixei de lado todo o orgulho diante de Albertine, e mandei-lhe um telegrama

desesperado, pedindo-lhe que voltasse sob quaisquer condições, que ela faria tudo o que

quisesse; pedia-lhe somente que me deixasse beijá-la por um minuto, três vezes por semana,

antes que se deitasse. E, mesmo que ela dissesse: "Uma vez apenas", eu teria aceitado. Ela não

voltou nunca mais. Meu telegrama acabava de ser expedido quando recebi outro. Era da Sra.

Bontemps. O mundo não é criado de uma vez por todas para cada um de nós. Ele vai se

acrescentando, no decurso da vida, de coisas de que nem suspeitávamos. Ah! Não foi a

supressão do sofrimento o que produziram em mim as duas primeiras linhas do telegrama:

MEU POBRE AMIGO, NOSSA PEQUENA ALBERTINE JÁ NÃO EXISTE, PERDOE-ME

POR DIZER ESTA COISA HORRÍVEL AO SENHOR QUE A AMAVA TANTO. ELA FOI LANÇADA

PELO SEU CAVALO CONTRA UMA ÁRVORE DURANTE UM PASSEIO. TODOS OS NOSSOS

ESFORÇOS NÃO PUDERAM REANIMÁ-LA. ANTES TIVESSE EU MORRIDO EM SEU LUGAR!

Não, não a supressão do sofrimento, mas um sofrimento desconhecido, o de saber que ela

não voltaria mais. Mas não me dissera eu diversas vezes que ela talvez não voltasse mais?

Dissera-o de fato a mim mesmo, mas agora percebia que não o acreditara por um instante sequer.

Visto necessitar de sua presença, de seus beijos, para suportar o mal que me causavam as

minhas suspeitas, adquirira, desde Balbec, o hábito de estar sempre com ela. Mesmo quando ela

havia saído, quando me encontrava sozinho, eu ainda a beijava. E continuara assim desde que

ela fora para a Touraine. Precisava menos da sua fidelidade que do seu regresso. E, se a minha

razão podia impunemente duvidar disso, a imaginação não cessava por um instante de figurá-lo.

Instintivamente, passei a mão pelo pescoço e pelos lábios, que se sentiam

beijados por ela desde

que partira, e que nunca mais o seriam; passei a mão por eles, como mamãe me havia acariciado

quando da morte de minha avó dizendo-me:

- Meu pobre pequeno, tua avó que te amava tanto não vai te beijar mais. - a esperança na

vida vindoura se acabava, arrancada de meu coração. Minha vida vindoura? Então não pensara

eu por vezes em acabar sem viver com Albertine? Não! Desde muito tempo então eu não lhe

havia dedicado todos os minutos de minha vida até a morte? Mas é claro! Esse futuro inseparável

dela, eu não soubera percebê-lo, mas agora que acabava de descerrar-se, bem sentia que ele

ocupava em meu coração aberto. Françoise, que ainda não sabia entrou em meu quarto;

furiosamente, gritei-lhe:

- O que é que há? -

Então às vezes palavras que põem uma realidade diferente no mesmo lugar da qual junto

a nós, e nos aturdem tanto quanto uma vertigem; ela me disse:

- O não precisa ficar zangado. Pelo contrário, vai ficar bem contente. São duas amigas da

senhorita Albertine. -

Percebi depois que deveria ter o olhar de alguém cujo ser perde o equilíbrio. Não fiquei

feliz nem incrédulo. Sentia-me como alguém que enxerga o mesmo lugar de seu quarto ocupado

por um canapé. Nada mais lhe parecendo real, ele cai por terra. As duas cartas de Albertine

teriam sido escritas pouco tempo antes do passeio em que ela morrera. A primeira:

Meu amigo, agradeço-lhe a prova de confiança que me dá ao me dizer sua intenção de

trazer Andrée para sua casa. Estou certa de que ela aceita com alegria e creio que isto será muito

feliz para ela. Bem dotada como é, saberá aproveitar a companhia de um homem como você e a

admirável influência que você exercer sobre uma pessoa. Acho que teve uma idéia da qual pode

nascer benefício tanto para você como para ela. Assim, se ela opuser alguma dificuldade (o que

não creio), passe-me um telegrama que me encarregarei de convencê-la.

A segunda estava datada de um dia depois. Na verdade, Albertine as havia escrito com

poucos instantes de intervalo, talvez ao mesmo tempo, e depois pré-datado a primeira. Pois o

tempo todo eu imaginara absurdamente as intenções, que só consistiam em voltar para junto de

mim e que alguém desavisado no assunto, um homem sem imaginação; o negociador de um

tratado; de um comerciante que examina uma transação, teria julgado melhor do que eu. Havia

apenas estas palavras:

Será tarde demais para que eu volte para sua casa? Se ainda não escolheu à Andrée,

consentiria em me aceitar de volta? Eu me inclinarei diante de sua decisão; peço-lhe que não

tarde a me comunicá-la; imagina com que impaciência espero. Se for para que eu volte, tomarei o

trem imediatamente. De todo o coração sua Albertine.

Para que a morte de Albertine pudesse suprimir meus sofrimentos, era necessário que o

choque a tivesse matado não apenas na Touraine mas dentro de mim. Ela nunca aí estivera mais

viva. Para entrar em nós, uma criatura foi obrigada a assumir a forma, a submeter-se ao quadro

do tempo; só nos aparecendo minutos sucessivos, ela nunca pôde nos entregar, de sua pessoa,

senão um aspecto de cada vez, fornecer de si mesma apenas uma única fotografia. Grande

fraqueza, sem dúvida, para uma criatura, o consistir numa simples coleção de momentos; grande

força também; depende da memória, e a memória de um momento não é informada acerca de

tudo o que se passou desde então. Esse momento que ela registrou dura ainda, vive ainda, e com

ele a criatura que aí se perfilava. E, além disso, esse esmigalhamento não faz apenas viver a

pessoa morta, multiplica a dor. Para me consolar, não era uma, eram inumeráveis Albertines que

eu deveria esquecer. Quando chegasse a suportar o desgosto de ter perdido esta, era o caso de

ter de recomeçar com uma outra, com cem outras.

Então a minha vida mudou completamente. Aquilo que, e não por causa de Albertine, mas

paralelamente a ela, quando eu estava sozinho, formara-lhe a doçura, era justamente, ao apelo

de momentos idênticos, o perpétuo renascer de momentos antigos. Pelo ruído da chuva era-me

restituído o cheiro dos lilases de Combray; pela passagem do sol sobre o balcão, os pombos dos

Champs-Élysées; pelo amortecimento dos ruídos no calor da manhã, a frescura das cerejas; o

desejo da Bretanha ou de Veneza pelo rumor do vento e pela volta da Páscoa. Aproximava-se o

verão, os dias se encompridavam, fazia calor. Era o tempo em que, de manhã bem cedo, alunos e

professores vão para os jardins públicos preparar os últimos concursos debaixo das árvores, a fim

de recolher a única gota de frescura deixada cair por um céu menos flamejante que no ardor do

dia, porém já também puramente estéril. Do meu quarto ensombrado, com um poder de evocação

igual ao de outrora, mas que só me dava sofrimento, eu sentia que lá fora, na lentidão do ar, o sol

poente punha na verticalidade das casas e das igrejas um fulvo tom de ocre. E se Françoise, ao

voltar, desarrumava sem querer as pregas das grandes cortinas, eu sufocava um grito diante do

rasgão que acabava de fazer dentro de mim esse raio de sol antigo que me fizera parecer bela a

fachada nova de Bricquevil e I'Orgueil euse, quando Albertine me dissera:

- Ela está restaurada. -

Não sabendo como explicar o meu suspiro a Françoise, dizia-lhe:

-Ah, tenho sede. -

Ela saía, voltava, mas eu me desviava com violência, sob o influxo doloroso de uma das

mil recordações invisíveis que a todo instante estalavam a meu redor na sombra: acabava de ver

que ela trouxera a cidra e as cerejas, as mesmas que um empregado da granja nos levara ao

carro, em Balbec, espécies sob as quais eu mais perfeitamente teria comungado, outrora, com o

arco-íris das salas de jantar escuras, nos dias escaldantes. Então pensei pela primeira vez na

granja dos Ecorres, e disse comigo que, em certos dias, quando Albertine me dizia, em Balbec,

não estar livre, ser obrigada a sair com a tia, talvez estivesse na companhia de uma de suas

amigas numa granja aonde ela sabia que eu não costumava ir e, enquanto eu casualmente me

demorava em Marie Antoinette, onde me haviam dito:

- Não a vimos hoje -, ela empregava com a amiga as mesmas palavras que usava para

comigo quando saíamos juntos:

- Ele não terá idéia de nos procurar aqui e assim não seremos incomodadas.

Eu dizia a Françoise que cerrasse as cortinas para não ver mais aquele raio de sol. Mas

ele continuava a filtrar-se igualmente corrosivo, na minha memória.

- Não gosto, foi restaurada, amanhã iremos a Saint-Martin-le-Vêtu, depois de amanhã a...

Amanhã, depois de amanhã, era um futuro de vida em comum, talvez para sempre, pedia

que meu coração se arremessava para ele, mas ele já não estava ali, Albertine havia morrido.

Perguntei as horas a Françoise: seis horas. Enfim, graças a Deus: parecer aquele calor

pesado de que antes eu me queixava à Albertine e que apreciávamos. O dia chegava ao fim. Mas

o que ganhava eu com isso? Era o frescor da noite, era o pôr-do-sol; em minha memória, ao fim

de uma caminhada tomávamos juntos para regressar, o trem; eu percebia, mais além da última

aldeia uma espécie de estação distante, inacessível àquela noite em que nos deteria em Balbec,

sempre juntos. Juntos então, era preciso agora parar de repetir desse mesmo abismo, ela havia

morrido.

Já não era bastante cerrar as cortinas; procurava tapar os olhos e os ouvidos de minha

memória, para não rever a faixa alaranjada do poente, para não ouvir aqueles pássaros invisíveis

que respondiam de uma árvore à outra, a cada lado de mim, enquanto eu beijava ternamente

aquela que agora estava morta. Tentava evitar as sensações davam a umidade das folhas à

tardinha, a subida e a descida das estradas no lombo de burro. Mas essas sensações já tinham se

apoderado outra vez; levando-me para bem longe do momento presente, para que a idéia de que

havia morrido adquirisse todo o recuo, todo o impulso necessário para me fazer novo. Ah, eu

nunca mais entraria numa floresta, não passearia mais. Mas seriam as grandes planícies menos

cruéis para mim? Quantas vezes ao ir buscar Albertine, havia eu atravessado a grande planície de

Cricquevil e; quantas vezes a recruzara de volta com ela, ora nos tempos brumosos, em que a

inundação do nevoeiro nos dava a ilusão de estarmos rodeados por um lago imenso; noites

límpidas em que o luar, desmaterializando a terra, fazendo-a parecer a dois passos de nós, como

só o é, durante o dia, nas lonjuras, encerrava os bosques, com o firmamento a que os assimilara,

na ágata arborizada único azul!

Françoise devia estar feliz com a morte de Albertine, e é preciso fazer justiça: por uma

espécie de decência e de tato, ela não simulava tristeza. Mas as palavras não escritas de seu

código antigo, e sua tradição de camponesa medieval que como nas canções de gesta, eram mais

velhas que seu ódio por Albertine e à Eulalie. Assim, num daqueles fins de tarde, como eu não

escondesse bem o sofrimento, ela percebeu minhas lágrimas, ajudada pelo instinto de antiga

camponesa, que naquela época a levava a capturar e fazer sofrer os animais, apenas alegria em

torcer o pescoço dos frangos e a cozinhar vivos com aspargos quando eu estava doente, a

observar o meu aspecto como se fossem feridas ela houvesse causado a uma coruja e, a seguir,

anunciá-lo em tom fúnebre um presságio de infelicidade. Mas o seu "costumário" de Combray não

lhe permitia tomar de modo leviano as lágrimas, o desgosto, coisas que ela julgava tão forte como

tirar a roupa de flanela ou comer contra a vontade.

- Oh, não! O senhor não deve chorar dessa maneira, isto vai lhe fazer mal! -

E, querendo estancar minhas lágrimas, mostrava-se tão inquieta como se se tratasse de

ondas de sangue. Infelizmente assumi um ar frio, que cortou de imediato as

efusões que ela

esperava e que, de resto, talvez teriam sido sinceras. Talvez Albertine lhe importasse tão pouco

quanto Eulalie e, agora que minha amiga não podia tirar mais nenhum proveito de mim, Françoise

deixara de odiá-la. Entretanto, fez questão de me mostrar que percebia perfeitamente que eu

estava chorando e que, seguindo apenas o funesto exemplo dos meus parentes, não queria

"mostrar".

- Não é preciso chorar, senhor - disse-me ela num tom desta vez calmo, e antes para me

mostrar a sua clarividência do que para testemunhar piedade. E acrescentou: - Isso deveria

acontecer; ela era feliz demais, a pobrezinha, e não soube reconhecer sua felicidade.

Como o dia custa a morrer nessas tardes desmesuradas de verão! Um pálido fantasma da

casa fronteira continuava indefinidamente a aquarelar sua brancura persistente no céu. Por fim se

fazia noite no apartamento, eu esbarrava nos móveis do vestíbulo, mas na porta da escada, em

meio ao negror que eu julgava totalmente a parte envidraçada estava translúcida e azul, de um

azul de flor, de asa de inseto, de um azul que teria me parecido belo se eu não tivesse percebido

que era um derradeiro reflexo, cortante como a lâmina do aço, um golpe supremo que o dia me

assestava ainda em sua crueldade infatigável.

No entanto, a escuridão completa acabava por chegar, mas então bastava uma estrela

vista ao lado da árvore do pátio para me recordar nossas partidas de carro, depois do jantar, em

direção aos bosques de Chantepie, alcatifados de luar. E, mesmo nas ruas, acontecia-me isolar

no encosto de um banco, recolher a pureza natural de um raio de lua em meio às luzes artificiais

de Paris - dessa Paris sobre a qual, fazendo regressar um momento, pela imaginação, a cidade à

natureza, ele obtinha que reinasse, com o silêncio infinito dos campos evocados, a lembrança

dolorosa dos passeios que eu ali fizera com Albertine. Ah, quando acabaria a noite? Mas, à

primeira brisa da aurora, eu estremecia, pois ela me trouxera de novo a doçura daquele verão no

qual, de Balbec a Incarvil e, de Incarvil e a Balbec, tantas vezes nos tínhamos acompanhado um

ao outro até o amanhecer. Só me restava uma esperança para o futuro; esperança bem mais

dilacerante que o temor-; era a de esquecer Albertine. Sabia que iria esquecê-la mais cedo ou

mais tarde, pois esquecera Gilberte e a Sra. de Guermantes, esquecera de todo a minha avó. E o

nosso mais justo e mais cruel castigo, diante do esquecimento completo, pacífico igual ao dos

cemitérios, pelo qual somos desligados daqueles que não mais amamos, é que vislumbramos

esse mesmo esquecimento como inevitável em relação àqueles a quem amamos ainda. Para falar

a verdade, sabemos que é um estado indolor, um estado de indiferença. Mas, não podendo

pensar ao mesmo tempo no que eu era e no que seria, pensava com desespero em todo esse

tegumento de beijos e de sons amigos, do qual era preciso em breve despojar-me nunca mais. O

impulso dessas lembranças tão ternas, vindo quebrar-se de encontro à idéia de que Albertine

havia morrido, oprimia-me pelo entre choque fluxos tão contrários que eu não podia permanecer

imóvel; erguia-me de súbito estacava, apavorado; a mesma madrugada que eu via no momento

em que acabava de deixar Albertine, ainda radioso e quente de seus beijos, vinha por sobre as

cortinas a sua lâmina, agora sinistra, cuja brancura fria, impelia compacta, entrava dando-me uma

espécie de punhalada.

Dali a pouco os ruídos da rua iam recomeçar, permitindo ler na qualitativa de suas

sonoridades o grau de calor, aumentado sem cessar, repercutiriam. Mas, nesse calor que horas

mais tarde haveria de embriagar com cheiro das cerejas, o que eu achava - como num remédio

em que a substituição de uma das partes componentes por outra basta para torná-lo, de eufórico

em um depressivo - não era mais o desejo das mulheres, mas a angústia da partida de Albertine.

Aliás, a lembrança de todos os meus desejos se impregnara tanto de sofrimento, quanto a

lembrança dos prazeres. Essa Veneza onde eu julgava que sua presença me seria importuna

(sem dúvida porque sentia confusamente me seria necessária ali), agora que Albertine já não

existia, preferia eu não ir com Albertine me parecera um obstáculo interposto entre mim e todas as

coisas que para mim era ela quem as continha todas, e era dela, como de um vaso, podia recebê-

las. Agora que esse vaso estava destruído, eu já não sentia como para agarrá-las; não havia mais

uma só de que eu não me afastasse, abatido, proibindo não desfrutá-la. De modo que minha

separação dela não me abria nenhum campo dos prazeres possíveis, que eu supusera fechado

pela sua presença. Além do mais, o obstáculo que sua presença talvez houvesse de fato para

mim, no que diz respeito a viajar e gozar a vida, somente disfarçara, sempre acontece, os outros

obstáculos, que reapareciam intactos agora que havia desaparecido. Desse modo

é que, antes,

quando alguma visita amável, impedia-me de trabalhar, se no dia seguinte eu ficava sozinho, nem

por isso trabalhava. Quando uma doença, um duelo, um cavalo arrebatado, nos fazem ver a morte

de perto, como teríamos gozado imensamente a vida, a volúpia e os países desconhecidos de

que iremos ser privados. E, uma vez que o perigo passa, o que vemos é a mesma vida morna

onde nada disso existia para nós.

É claro que essas noites tão curtas duram pouco. O inverno acabaria, e então eu não mais

precisaria temer a lembrança dos passeios que fiz com ela até a aurora bem cedinho. Mas as

primeiras geadas, não me dariam elas, conservado em seu gelo, o gérmen de meus primeiros

desejos, quando a meia-noite eu mandava buscá-la, e tão longo me parecia o tempo até o seu

toque da campainha, que agora eu poderia esperar eternamente em vão? Não me dariam o

gérmen de minhas primeiras inquietações, quando por duas vezes achei que ela não viria?

Naquele tempo eu só a via raramente; mas até esses intervalos existentes entre suas visitas, que

a faziam aparecer ao fim de várias semanas, o anseio de uma vida ignorada que eu não tentava

possuir, asseguravam-me a retirada, impedindo que se aglomerassem, e formassem um bloco em

meu coração, as veleidades constantemente interrompidas de meu ciúme. Esses intervalos, tão

calmantes, podiam ter sido naquele tempo, quanto, retrospectivamente, eram impregnados de

sofrimento desde que o que ela pudera fazer de desconhecido, durante eles, deixara de me ser

indiferente, sobretudo agora que nenhuma visita dela viria nunca mais; de modo que essas noites

de janeiro em que ela vinha e que por isso me foram tão suaves, insuflaram-me agora, em sua

noitada acerba, uma inquietude que à época eu não conhecia, e me devolveriam, porém tornado

pernicioso, o primeiro gérmen do meu amor. E pensando que veria recomeçar aquele tempo frio

que, desde Gilberte e meus jogos nos Champs-Élysées, havia-me parecido tão triste; e pensando

que voltariam nas noites de nevada iguais àquela, em que eu havia esperado Albertine em vão

durante muito tempo, então, como um enfermo que se coloca bem, no ponto de vista do corpo,

para os seus pulmões, eu, moralmente, naqueles instantes, o que temia acima de tudo, para o

meu sofrimento, para o meu coração, era a volta das grandes friagens, e dizia comigo que o mais

duro de passar seria talvez o inverno. Ligada como estava a todas as estações a

lembrança de

Albertine, para que eu a perdesse seria preciso esquecê-las todas, arriscando-me a recomeçar a

conhecê-las, como um velho hemiplégico precisa reaprender a ler; seria preciso que renunciasse

a todo o universo.

Apenas, dizia comigo, uma verdadeira morte de mim mesmo seria capaz (mas ela é

impossível) de me consolar da sua. Eu não pensava que a morte de nós mesmos não fosse

impossível nem extraordinária; ela se consuma à nossa revelia, se necessário contra a nossa

vontade, todos os dias, e eu sofreria com a repetição de toda espécie de dias que não só a

natureza, mas também circunstâncias fictícias ou uma ordem mais convencional, introduzem

numa estação. Em breve, retornaria a data em que eu fora a Balbec, no outro verão, e onde o

meu amor, que ainda não era inseparável do ciúme e que não se incomodava com o que Albertine

fazia o dia inteiro, deveria sofrer tantas mudanças antes de se tornar aquele amor tão diverso dos

últimos tempos, tão particular, que esse ano final, em que principiara a mudar e onde havia

terminado o destino de Albertine, me aparecia pleno, diferente, vasto como um século. Depois,

seria a lembrança dos dias mais tardios, mas nos anos anteriores; os domingos de mau tempo,

onde contudo o mundo inteiro saíra, no vazio da tarde, em que o ruído do vento e da chuva teria

me convidado antigamente a ficar como o "filósofo nas águas-furtadas"; com que ansiedade eu

veria aproximar-se a hora em que Albertine, tão pouco esperada, viera visitar-me, beijara-me pela

primeira vez, interrompendo-se por causa de Françoise que tinha vindo trazer a lâmpada, naquele

tempo duplamente morto em que Albertine é que estava curiosa de mim, em que a minha ternura

por ela podia legitimamente manter tantas esperanças! Mesmo numa estação mais avançada,

aquelas noites gloriosas em que as copas e os pensionatos, reabertos como capelas, banhados

numa poeira de ouro, deixam a rua coroar-se com essas semideusas que, conversando não longe

de nós com suas iguais, passam-nos a febre de penetrar em sua existência mitológica, só me

recordava a ternura de Albertine que, a meu lado, constituía um empecilho para me apagar delas.

Aliás, à recordação das horas, mesmo puramente naturais, ajuntam, forçosamente, a

paisagem moral que as transformava em algo único. Quando de tarde, eu ouvisse a corneta do

cabreiro, num começo de bom tempo, quase esse mesmo dia haveria de misturar

alternadamente

à sua luz a ansiedade de que Albertine estava no Trocadero, talvez com Léa e as duas moças,

depois a doméstica e familiar, quase comum, de uma esposa que então me parecia estorvo e que

Françoise me traria de volta. Eu julgara envaidecer-me com recado telefônico de Françoise, que

me transmitira a homenagem obediente de Albertine voltando com ela. Enganara-me. Se ele me

havia embriagado, fora me fizera sentir que aquela que eu amava me pertencia, só vivia para

mim, e à distância, sem que dela precisasse me ocupar, considerava-me o seu esposo

regressando a um sinal meu. E, assim, esse recado telefônico tinha sido parcela de doçura, vinda

de longe, emitida daquele quarteirão do Trocadero, acontecia haver para mim fontes de felicidade

que me dirigiam calmantes, bálsamos apaziguadores que me devolviam enfim uma tão doce

liberdade de espírito, que eu - entregando-me sem a restrição de um só cuidado à música de

Wagner não precisava mais que esperar a chegada certa de Albertine, sem com inteira falta de

impaciência, em que eu não soubera reconhecer a felicidade; essa felicidade de que ela voltaria,

de que me obedecia e me pertencia, era pelo amor e não pelo orgulho. Pois agora me seria

indiferente ter à minha direção cinqüenta mulheres que voltassem a um sinal meu, não do

Trocadero nas Índias. Porém, naquele dia, ao perceber Albertine que, enquanto eu estava só no

quarto tocando música, vinha docilmente para junto de mim, respirei um nada como poeira solar,

uma dessas substâncias que, assim como outras salutares ao corpo, fazem bem à alma. Depois,

meia hora mais tarde, a chegada de Albertine; depois, o passeio com Albertine, chegada e

passeio que julgara tediosos porque, para mim, estavam acompanhados de certeza, mas devido a

essa mesma certeza, a partir do momento em que Françoise me telegrafou dizendo que a traria,

tinham feito escorrer uma calma dourada sobre as seguintes, convertendo-se numa espécie de

segundo dia, bem diverso do primeiro porque tinha um fundo moral bem diferente, um fundo moral

que dele fazia original, que vinha acrescentar-se à variedade daqueles que eu conhecera até o dia

que eu jamais poderia imaginar - como não poderíamos imaginar o pôr de um dia de verão, se tais

dias não existissem na série daqueles que já vivemos de que eu não podia absolutamente dizer

que me recordava, pois àquela calma ajuntava agora um sofrimento que eu não havia sentido

naquela época. Bem tarde, porém, quando aos poucos atravessei, em sentido inverso, os tempos

pelos quais passara antes de amar tanto Albertine, quando meu coração cicatrizado pôde se

separar sem mágoa da Albertine morta, então, quando afinal pude me lembrar sem sofrer daquele

dia em que Albertine fora com Françoise fazer compras, em vez de ficar no Trocadero lembrei-me

com prazer daquele dia como pertencendo a uma estação moral que eu não havia conhecido até

então; lembrei-me dele, por fim, exatamente como nos lembramos de certos dias de verão que

achamos quentes demais quando os vivemos, e dos quais afinal de contas extraímos o valor sem

mistura de ouro fino e azul indestrutível.

De modo que esses poucos anos não impunham somente à lembrança de Albertine, que

os tornava tão dolorosos; as cores sucessivas, as modalidades diversas, a cinza de suas estações

ou de suas horas; dos fins de tarde de junho às noites de inverno; dos luares sobre o mar à aurora

ao voltar para casa; da neve de Paris às folhas secas de Saint-Cloud; mas, também a idéia

particular que eu me fazia sucessivamente de Albertine; do aspecto físico sob o qual a imaginara

em cada um desses momentos, da maior ou menor freqüência com que a vira naquela estação;

que assim se tornava mais dispersa ou mais compactada; das ansiedades que ela então pudera

causar-me devido à espera, do desejo que eu sentia em tal momento por ela, de esperanças

formuladas e depois perdidas; tudo isso modificava o caráter da minha tristeza retrospectiva, tanto

quanto as impressões de luz ou de perfumes que lhes estavam associadas; completava cada um

dos anos solares que eu tinha vivido; e que, só pelas suas primaveras, seus outonos, seus

invernos, eram já tão tristes por causa da recordação inseparável dela, duplicando-a com uma

espécie de ano sentimental em que as horas não eram definidas pela posição do sol, mas pela

espera de um encontro marcado; em que o comprimento dos dias ou os progressos da

temperatura eram medidos pelo vôo de minhas esperanças, pelo progresso de nossa intimidade,

pela transformação gradativa de seu rosto, pelas viagens que ela fizera, pela

freqüência e pelo

estilo das cartas que me escrevera durante certa ausência, sua maior ou menor precipitação em

me ver, ao voltar. E, por fim, essas mudanças de tempo, esses dias diferentes, se cada um deles

me trazia uma outra Albertine, não era apenas pela evocação de momentos semelhantes.

Lembrem-se que desde sempre, antes mesmo que eu a amasse, cada dia fizera de mim um

homem diferente, tendo outros desejos porque possuía outras percepções; e que, por ter sonhado

na véspera com rochedos e tempestades; se o dia indiscreto de primavera insinuara um odor de

rosas na clausura mal fechada de seu sono entreaberto, eu despertava de partida para a Itália. E

até no amor, o estado mutável de minha atmosfera moral, a pressão modificada de minhas

crenças não tinham, em outro dia, diminuído a visibilidade de meu próprio amor, aumentando-a

indefinidamente em outro, embelezando-a num dia até o sorriso, em outro contraindo-a até a

tempestade? Somos apenas aquilo que possuímos, não possuímos senão o que nos está de fato

presente, e tantas de nossas lembranças, de nossos humores, nossas idéias, partem para

viagens longe de nós mesmos, onde os perdemos de vista! Então não mais podemos levá-los em

consideração nesse local do ser. Mas eles têm caminhos secretos para voltar a entrar em nós. E

em certo momento, tendo eu adormecido sem quase mais lamentar Albertine só podemos ter

aquilo de que nos lembramos-, encontrava, ao acordar, toda uma frota de ações que tinham vindo

cruzar em mim, na minha mais clara consciência, e distinguia esplendidamente bem. Então, eu

lastimava aquilo que via tão bem na véspera não era coisa alguma para mim. O nome de Albertine

e sua imagem, haviam mudado de sentido; suas traições tinham readquirido subitamente sua

importância.

Como é que ela me pudera parecer morta, quando agora, para pensar eu só tinha à minha

disposição as mesmas imagens que, quando ela vivia, revia alternadamente?

Rápida e inclinada sobre as rodas mitológicas de sua capa apertada, nos dias de chuva,

na túnica guerreira de borracha que lhe ressaltavam os seios, a cabeça envolta num turbante e

coberta de serpentes, ela em terror nas ruas de Balbec; nas noites em que tínhamos levado

champanha aos bosques de Chantepie, com a voz provocante e mudada; no rosto aquele

atenuado, rubro apenas nas bochechas que, mal o distinguindo na escuridão do carro,

aproximava-me da faixa enluarada para a ver melhor; que agora tentava lembrar e rever numa

escuridão que jamais terminaria. Pequena está no passeio em direção à ilha, tranqüilo rosto

gordinho e granuloso junto à pia ela era assim, alternadamente pluviosa e rápida; provocante e

diáfana; risonha, anjo da música. Cada uma delas estava assim ligada a um momento, data a que

eu me sentia reposto ao tornar a vê-la. E esses momentos do tempo não são imóveis; conservam

em nossa memória o movimento que os arrasta, para o futuro; um futuro que também se tornou

passado-, arrastando-nos em mente a nós mesmos. Eu jamais havia acariciado Albertine

encapotada dos abrigos de chuva, queria lhe pedir que tirasse aquela armadura, o que seria

conhecer ela o amor dos campos, a fraternidade da viagem. Mas já não era possível, ela havia

morrido. Jamais, também, por medo de depravá-la, eu mostrara compreender, noites em que

parecera me oferecer prazeres que, não fosse isto, ela talvez houvesse pedido a outros e que

agora excitavam em mim um desejo furioso; os teria sentido iguais junto à outra, porém aquela

que amamos teria proporcionado, podia correr o mundo inteiro sem encontrá-la, pois Albertine

havia morrido. Por que eu devia escolher entre dois fatos, decidir qual era o

verdadeiro, tanto o da

morte de Albertine que me viera de uma realidade que eu não havia conhecido sua vida em

Touraine - estava em contradição com todas as minhas idéias relativas à ela, meus desejos,

minhas saudades, meu enternecimento, minha fúria, ciúme. Uma tal riqueza de lembranças

tomadas ao repertório de sua vida, uma profusão de sentimentos evocando, implicando sua vida,

pareciam tornar inacreditável que Albertine estivesse morta. Uma tal profusão de sentimentos,

pois ainda na memória, conservando-me a ternura, deixava-lhe toda a sua variedade. Não era

apenas Albertine que não passava de uma sucessão de momentos, era também eu próprio. Meu

amor por ela não fora simples: à curiosidade pelo desconhecido acrescentara-se um desejo

sensual, e, ao sentimento de uma doçura quase familiar, ora a indiferença, ora um ciúme furioso.

Eu não era somente um único homem nas ruas a desfilar, hora a hora, de um exército compósito

onde havia, conforme o instante, sujeitos apaixonados, indiferentes, ciumentos - ciumentos dos

quais nem um só o era da mesma mulher. E, sem dúvida, era dali que um dia viria a cura que eu

não desejava. Numa multidão, os elementos podem, um a um, ser substituídos por outros sem

que o percebamos, que outros mais, por seu turno, eliminam ou reforçam, de modo que por fim se

consumou uma mudança, inconcebível se se tratasse de uma só pessoa. A complexidade do meu

amor, de minha pessoa, multiplicava e diversificava meus sofrimentos. Entretanto, eles todos

podiam se classificar sempre nos dois grupos cuja alternância formara toda a vida de meu amor

por Albertine, sucessivamente entregue à confiança e à suspeição ciumenta.

Se eu tinha dificuldade em imaginar que Albertine, tão viva em mim (revestindo como eu o

duplo arnês do presente e do passado), estava morta, talvez também fosse contraditório que essa

suspeita de faltas que ela, hoje despojada da carne que com elas gozara, e da alma que pudera

desejá-las, não era mais capaz nem responsável, essa suspeita excitasse em mim tanto

sofrimento, que teria simplesmente bendito se pudesse ver nele a garantia da realidade moral de

uma pessoa materialmente inexistente, em lugar do reflexo, destinado a extinguir-se, das

impressões que ela me causara outrora. Uma mulher que já não podia experimentar prazeres com

outras não deveria mais excitar o meu ciúme, se ao menos a minha ternura pudesse atualizar-se.

Mas isso era impossível, pois ela não poderia encontrar o seu objeto, Albertine, senão nas

lembranças em que esta permanecia viva. Visto que somente por pensar nela eu a ressuscitava,

suas traições jamais poderiam ser as de uma morta, tornando-se atual o momento em que as

cometera, não só para Albertine, mas para aquele dos meus "eus", subitamente evocado, que as

contemplava. De forma que nenhum anacronismo podia separar jamais o par indissolúvel em que,

a cada nova culpada, de imediato se acasalava um ciumento lamentável e sempre

contemporâneo. Nos últimos meses, eu a mantivera trancada em minha casa. Mas agora, na

minha imaginação, Albertine estava livre; ela empregava mal essa liberdade, prostituía-se a umas

e outras. Outrora eu pensava sem cessar num futuro incerto que se desdobrava à nossa frente,

buscava decifrá-lo. E agora, o que estava diante de mim como um duplo do futuro tão

preocupante como o futuro, pois também era incerto, tão difícil de decifrar, tão misterioso, mais

cruel ainda, porque eu não tinha, como frente ao futuro, a possibilidade, ou a ilusão, de agir sobre

ele, e também porque se desenrolava tão longe que minha vida, sem que minha companheira lá

estivesse para acalmar os sofrimentos que me causava-, não era mais o futuro de Albertine, era o

seu passado. Seu passado, digo mal, pois para o ciúme não existe nem passado, nem futuro,

aquilo que se imagina sempre está no presente.

As mudanças da atmosfera causam outras tantas no homem interpenetram "eus"

esquecidos, contrariam o torpor do hábito, devolvem forças à lembranças e a certos sofrimentos.

Quantos mais ainda para mim, se o tempo fazia lembrava-me aquele em que Albertine, em

Balbec, sob a chuva ameaçada, por exemplo, fora dar sabe Deus por quê, longos passeios sob a

malha e de seu impermeável!

Se ela tivesse vivido, sem dúvida hoje, num tempo semelhante, sairia para fazer uma

excursão análoga na Touraine. Desde que já não o podia, não deveria sofrer ante essa idéia;

mas, como no caso das pessoas amputadas, a menor mudança de temperatura renovava minhas

dores no membro que existia.

De súbito, era uma lembrança que não me ocorria há muito tempo ficara dissolvida na

fluida e invisível extensão da memória, e que se cristalizava. Assim, havia já muitos anos, como

alguém falasse do seu *peignoir* de Albertine na ducha, enrubescera. Naquela época, não sentia

ciúmes dela. Mas desde que quisera lhe perguntar se podia recordar aquela conversa e me dizer

por que do enrubescido. Isto me preocupava tanto mais porque me haviam dito que as moças

amigas de Léa freqüentavam aquele estabelecimento balneário do hotel; dizia-se, não só para

tomar duchas.

Mas, com receio de aborrecer Albertine, esperando uma ocasião mais propícia, sempre

evitara falar naquilo, e depois de pensar no assunto. E, de repente, algum tempo após a morte de

Albertine, percebi essa lembrança, impregnada desse caráter a um tempo irritante e dos enigmas

que ficam insolúveis para sempre devido à morte da única pessoa que poderia esclarecê-los. Não

poderia eu pelo menos tentar saber se Albertine fez alguma coisa de mal ou que somente

parecesse suspeito naquela casa de banho? Enviando alguém à Balbec, talvez conseguisse

sabê-lo. Fosse ela viva, sem ou razão, eu não obteria nada. Porém as línguas estranhamente se

soltam, revelando facilmente, uma falta quando já não têm a temer o rancor da culpada. Como a

prezada imaginação, que permanece rudimentar e simplista (não tem passado passado

inumeráveis transformações que melhoram os modelos primitivos das invenções humanas, mal

reconhecíveis, quer se trate de um barômetro, do balão, do telefone, etc., nos seus

aperfeiçoamentos ulteriores), não nos permite ver senão muito das coisas ao mesmo tempo, essa

recordação do estabelecimento das duchas que ocupavam todo o espaço de minha visão interior.

Às vezes eu me esbarrava, nas ruas escuras do sono, com um desespero de maus sonhos que

não são muito graves por uma primeira razão: é que a tristeza que eles engendram não se

prolonga mais que uma hora após o despertar, análoga a esse mal-estar provocado por uma

forma artificial de dormir; e também por outra razão: é que só raramente os temos, com dois ou

três anos de intervalo. Ainda assim, duvidamos já os ter experimentado, e que não tenham antes

esse aspecto de coisas vistas pela primeira vez e que projeta sobre eles uma ilusão, uma

subdivisão (pois "desdobramento" não seria dizer o suficiente).

Decerto, pois eu tinha dúvidas sobre a vida e a morte de Albertine, desde há muito tempo

eu deveria entregar-me à indagações. Mas a própria fadiga, a própria covardia que me fizeram

submeter-me a Albertine quando ela estava em minha companhia, impediam-me de tomar

qualquer iniciativa desde o momento em que não a via mais. E, todavia, da fraqueza arrastada

durante anos, surge por vezes um lampejo de energia. Decidi-me a essa indagação, ao menos

“inteiramente parcial”. Dir-se-ia que não houvera nada de mais em toda a vida de Albertine. Eu me

perguntava sobre quem poderia enviar para tentar uma investigação *in loco* em Balbec. Aimé

pareceu-me bem escolhido. Além de conhecer admiravelmente bem o lugar, pertencia àquela

categoria de pessoas do povo; ciosas de seus interesses, fiéis a quem servem, indiferentes a

qualquer tipo de moral; e das quais dizemos - porque, se os pagamos bem, em sua obediência à

nossa vontade suprimem tudo o que a estorvasse, pois mostram-se tão incapazes de indiscrição,

de moleza ou de improbidade, como destituídos de escrúpulos: são excelentes pessoas. Neles

podemos ter confiança absoluta. Quando Aimé partiu, pensei como teria sido melhor que isso que

ele ia tentar descobrir lá longe, eu pudesse perguntar agora à própria Albertine. E logo senti a

impossibilidade dessa pergunta que eu teria desejado, que me parecia que já lhe fazer, tendo

trazido Albertine para junto de mim, não graças a um esforço de ressurreição, mas como pelo

acaso de um desses encontros que como ocorre nas fotografias sem pose, nos instantâneos

deixam sempre a pessoa mais viva, ao mesmo tempo que imaginava a nossa conversação;

acabava de abordar por uma faceta nova aquela idéia de que Albertine havia morrido. Albertine

que me inspirava essa ternura que sentimos pelos ausentes cuja vista não vem

retificar a imagem

embelezada, inspirando também a tristeza de que essa ausência fosse eterna e que a pobrezinha

estivesse privada para sempre da doçura de viver. E de imediato, por um deslocamento brusco,

passei da tortura do ciúme para o desespero da separação.

O que enchia agora o meu coração era, em vez de suspeitas odiosas, a lembrança

emocionada das horas de ternura confiante, passadas com a irmã que sua morte me fizera

realmente perder, visto que minha mágoa se relacionava, não ao que Albertine fora para mim,

mas ao que meu coração, desejoso de participar das emoções mais gerais do amor, convencera-

me pouco a pouco que ela era; então dava-me conta de que aquela vida que tanto me enfadara

pelo menos assim o julgava –tinha ao contrário sido deliciosa; nos menores instantes que passara

a conversar com ela sobre coisas até mesmo insignificantes, eu sentia agora, acrescentara,

amalgamara-se uma volúpia, que então, de fato, não fora por mim, mas que já era causa de que,

tais momentos, eu os havia para sempre com tanta perseverança e com exclusão de todo o resto;

os menores instantes de que me lembrava, um movimento que ela fizera no carro junto a mim

para se sentar à mesa à minha frente em seu quarto, propagavam em mim um

remoinho de

doçura e de tristeza que os poucos a conquistava totalmente.

Aquele quarto em que jantávamos jamais me parecera bonito; era à Albertine apenas para

que minha amiga ficasse contente por viver ali. As cortinas, as cadeiras e os livros tinham deixado

de me ser indiferentes somente a arte que dá encanto e mistério às coisas mais insignificantes:

mesmo o poder de relacioná-las intimamente conosco também é atribuído à própria ocasião, eu

não prestara atenção nenhuma naquele jantar que havíamos comido juntos de volta do Bois,

antes que eu fosse à casa dos Verdurin; e a beleza, na grave doçura para a qual eu agora voltava

os olhos cheios de lágrimas. Uma impressão de amor está desproporcionada em relação às

outras impressões da vida, mas não podemos percebê-la quando está perdida no meio delas. Não

por baixo, no tumulto da rua e na balbúrdia das casas circundantes, é quando afastamos, e das

encostas de um morro próximo, a uma distância em que a cidade desapareceu ou forma apenas

ao nível da terra um montão confusão; podemos, no recolhimento da solidão e da noite, avaliar, a

única, persistente à altura de uma catedral. Eu tentava abraçar a imagem de Albertine através das

minhas lágrimas, pensando em todas as coisas sérias e judiciosas que ela me havia dito àquela

noite.

Certa manhã, julguei ver a forma oblonga de uma colina no nevoeiro, sentir o calor de uma

taça de chocolate, enquanto me apertava no coração a lembrança da tarde em que Albertine viera

me visitar e a beijara pela primeira vez: é que eu acabava de ouvir o soluço do calorífero à águas

tinham acendido. E joguei fora, com raiva, um convite da Sra. Verdurin que Françoise trouxera. A

impressão que eu tivera, indo jantar pela primeira vez na Raspeliere; e que a morte não fere todas

as pessoas na mesma idade, como se impunha com mais força agora que Albertine estava morta,

tão jovem, e que Brichot continuava a jantar na casa da Sra. Verdurin, que recebia sempre e

receberia talvez durante muitos anos ainda! E logo esse nome de Brichot recordou-me o fim

daquele mesmo sarau, em que ele me levara em casa; em que eu vira, de baixo, a luz lâmpada de

Albertine. Já pensara nisso outras vezes, porém nunca abordara a lembrança sob o mesmo

ângulo. Pois, se nossas lembranças são bem nossas, à maneira dessas propriedades que

possuem pequenas portas ocultas que mesmos com freqüência desconhecemos, e que alguém

da vizinhança nos abre de modo que, ao menos por um lado, em que isso ainda não nos ocorrera,

sucede que nos achamos de volta em casa. Então, pensando no vazio que agora haveria de

encontrar voltando para casa, de onde a luz se extinguira para sempre; deixando Brichot, julgara

sentir tédio; supunha fazer amor por aí afora. Compreendi o que julgara totalmente segura a

posse daquela; até mesmo eu que havia negligenciado o calor obrigatoriamente inferior ao supor

o que eu avaliava. Compreendi o quanto continha para mim de plenitude de vida; e do que me

inebriara por um momento, na noite em que Albertine dormira sob o manto. Compreendi que essa

vida que eu levara em Paris, nunca trouxera a realização daquela paz profunda. A conversa que

havia tido no último sarau em casa da Sra. Verdurin. Tinha acontecido, aquela conversação que

para minha inteligência e, em certas parcelas, fizera à sua inteligência e sua amabilidade – um

enternecimento, não é que fossem demais o que acontecera; pois a Sra. de Cambremer não

demonstrou sorriso que poderia passar os dias com Elstir, que é sua prima?! - A inteligência de

Albertine ficava em mim o que eu denominava a sua experiência, fruto de uma certa sensação

que só existe com o tempo; pensava na inteligência de Albertine, saboreava uma

lembrança cuja

realidade consistia na superioridade objetiva de uma mulher; superior às pessoas de maior

inteligência. Porém que as criaturas a quem amamos sejam pra nós superior e se torne para nós

ao menos objetivamente, o sabor dos nossos desejos e dos nossos sentidos; apenas um lugar

imenso e vago onde conhece o nosso próprio corpo; aonde afluem prazeres, uma silhueta assim

tão nítida como de um transeunte. E meu erro talvez fora não ser sempre eu mesmo. Assim como,

do ponto de vista só havia considerado as posições diversas do meu rival. Ao longo dos anos

ficara surpreso de ver as modificações causadas somente pela convivência; bom seria ter

procurado compreender o ser e, talvez, explicando-me então por que ela se obstinava em me

ocultar o segredo, teria evitado prolongar, entre nós, com aquele encarniçamento estranho conflito

que provocara a morte de Albertine. E eu tinha então, como uma piedade por ela, a vergonha de

lhe sobreviver. E, de fato, parecia-me, nas horas em que menos sofria, que de alguma forma me

beneficiava pela sua morte, porque uma mulher é de maior utilidade em nossa vida se constitui,

em vez de um elemento de felicidade, um elemento de desgosto, e não existe uma só cuja posse

mostra-se preciosa como das verdades que ela nos descobre ao nos fazer sofrer nos momentos,

em que aproximando a morte de minha avó à de Albertine, tinha a impressão de que minha vida

estava manchada por um duplo assassinato que só a covardia da sociedade poderia me perdoar.

Sonhara eu ser compreendido Albertine, não ser mal conhecido por ela, acreditando que era uma

grandeza ser compreendido, não ser mal conhecido, quando tantos outros poderiam ser melhor.

Desejamos ser compreendidos porque desejamos ser amados, e só podemos ser amados porque

amamos. A compreensão dos outros é indiferente ao amor importuno. Minha alegria de ter

possuído um pouco da inteligência. O coração de Albertine não provinha de seu valor intrínseco,

mas de que essa era um grau a mais na posse total de Albertine, posse que fora o meu objetivo;

minha quimera desde o primeiro dia em que a tinha visto. Quando falamos da "amabilidade" de

uma mulher, talvez não façamos mais do que projetar para fora de nós o prazer que sentimos ao

vê-la, como as crianças quando dizem: "minha querida caminha, meu querido travesseirinho,

meus queridos espinheirinhos." - aliás, explica por que os homens nunca dizem a propósito de

uma mulher que os engana: "Ela é tão amável", dizendo-o com freqüência de

uma mulher por

quem são enganados. A Sra. de Cambremer achava, com razão, que o encanto de Elstir era

maior. Mas não podemos julgar do mesmo modo o de uma pessoa que é, como todas as outras,

exterior a nós, pintada no horizonte de nosso pensamento; e o de uma outra que, devido a um

erro de localização consecutiva à certos defeitos, porém tenaz, alojou-se em nosso próprio corpo,

a ponto de que nos perguntamos retrospectivamente se ela não olhou para uma mulher, em certo

dia no passeio de um trenzinho à beira-mar, faz-nos sentir os mesmos sofrimentos que um

cirurgião que procurasse uma bala em nosso peito. Um simples *croissant*, que comemos, faz-nos

sentir mais prazer que todos os verdelhões, coelhos e perdizes que foram servidos à Luís XV, e a

extremidade da grama fremindo a centímetros do nosso olho, enquanto estamos deitados na

montanha, ocultar a vertiginosa agulha de um cimo, caso este fique à várias léguas de distância.

Além disso, o nosso erro não está em valorizar a inteligência e a amabilidade de uma mulher a

quem amamos, por ínfimas que sejam. Nosso erro é o de sermos indiferentes à amabilidade e à

inteligência alheia. A mentira só pode nos causar indignação, e a bondade o reconhecimento, que

ambos deveríamos precisar excitar em nós, quando vêm da mulher amada, e o desejo físico tem

esse poder maravilhoso de atribuir valor à inteligência e bases sólidas à vida moral.

Jamais voltaria eu a encontrar essa coisa divina: uma criatura com quem eu pudesse

conversar sobre tudo, a quem pudesse confiar-me. Confiar-me? E outras pessoas não me haviam

mostrado mais confiança que Albertine? Não tivera eu com outras pessoas conversas mais

extensas? É que a confiança e a conversa, são coisas medíocres, que importa sejam mais ou

menos imperfeitas, se a elas se mistura o amor, o único sentimento divino?

Eu revia Albertine sentando-se à pianola, rósea sob os cabelos pretos; sentia em meus

lábios, que ela tentava abrir, sua língua, sua língua materna, incomestível, nutritiva e santa, cuja

chama e orvalho secretos faziam com que, mesmo que Albertine a fizesse deslizar apenas pela

superfície de meu pescoço, de meu ventre, essas carícias superficiais, mas de qualquer modo

feitas pelo interior de sua carne, exteriorizado como um tecido que mostrasse o avesso,

assumissem, mesmo nos contatos mais externos, como que a misteriosa doçura de uma

penetração. Todos esses momentos tão doces, que coisa alguma me devolveria nunca mais, não

posso nem sequer dizer que fosse desespero o que sentia ao perdê-los. Para que alguém esteja

desesperado, é preciso ter apego ainda a esta vida, que só poderá ser desgraçada. Sentia-me

desesperado em Balbec quando vira erguer-se o dia e compreendera que nem mais um só

poderia ser feliz para mim. Permanecera tão egoísta desde então, porém o "eu" a que me ligava

agora; o "eu" que constituía essas vivas reservas que põem em jogo o instinto de conservação,

esse "eu" já não estava entre os vivos; quando pensava em minhas forças, em minha potência

vital, no que tinha de melhor, pensava em certo tesouro que possuíra (e que fora o único a

possuir, visto que os outros não podiam conhecer com exatidão o sentimento, oculto em mim, que

ele me havia inspirado) e que já ninguém poderia me subtrair, pois que não o possuía mais. E,

para falar a verdade, eu jamais o possuíra senão porque quisera convencer-me de sua posse.

Não apenas cometera a imprudência, ao olhar Albertine com os lábios e ao alojá-la em meu

coração, de fazê-la viver dentro de mim, nem essa outra imprudência de misturar um amor familiar

com o prazer dos sentidos. Quisera também convencer-me de que nossas relações eram o amor,

porque ela me devolvia tão docilmente os beijos que eu lhe dava. E, por ter

adquirido o hábito de

acreditá-lo, não perdera somente uma mulher que eu amava, mas a mulher que me amava, minha

irmã, minha menina, minha terna amante.

Em suma, tivera uma felicidade e uma desgraça que Swann não havia conhecido, pois

justamente, o tempo todo em que ele amara Odette e fora tão ciumento dela, mal conseguira vê-

la, e só dificilmente, em certos dias em que ela se desmarcava à Última hora, podia ir à sua casa.

Mas depois tivera-a para si, como sua esposa, até morrer. Eu, pelo contrário, enquanto sentia

tanto ciúme por Albertine, mais feliz que ainda tivera-a em casa. Na verdade, havia realizado

aquilo com que Swann sonhara tantas vezes e que só realizara quando já se lhe tornara

indiferente. Mas, não guardara Albertine como ele havia guardado Odette. Ela fugira e esta

ocasião não se repete; pois nada, jamais se repete exatamente, e as mais análogas existências,

que ao parentesco dos caracteres é à similitude das circunstâncias, podemos ter para apresenta-

las como simétricas uma à outra, permanecem opostas nesses pontos. Se perdesse a vida, eu

não teria perdido grande coisa; não perderia mais que uma forma oca, o quadro vazio de uma

obra-prima. Indiferente ao que, dali em diante, pudesse introduzir aí, porém feliz e orgulhoso em

pensar no quadro que contivera, apoiava-me na lembrança daquelas horas tão doces; o tentáculo

moral me transmitia um bem-estar que até a aproximação da morte a teria desfeito.

Como ela corria depressa, em Balbec, para me ver, quando eu mandava busca-la,

demorando-se apenas para perfumar os cabelos a fim de agradar. Estas imagens de Balbec e de

Paris, que desse modo eu gostava de rever, eram páginas ainda tão recentes e tão rapidamente

viradas de sua curta da vida. Tudo que para mim era apenas lembrança, fora para ela ação; ação

precipitada, como de uma tragédia, para uma morte rápida. As pessoas têm um desenvolvimento

em nós, mas outro fora de nós (eu bem o sentira naquelas noites em que notava em Albertine um

enriquecimento de qualidades, que se devia somente à minha companhia), e os dois não deixam

de produzir reações um sobre o outro. Por mais, que procurasse conhecer Albertine, para depois

possuí-la inteiramente, não deixava de obedecer à necessidade de reduzir, pela experiência, aos

elementos mesquinhos, parecidos com os do nosso eu, o mistério de toda criatura e não pudera

sê-lo sem, por minha vez, influir na vida de Albertine.

Talvez a minha fortuna, as perspectivas de um casamento brilhante a houvessem atraído;

o meu ciúme retirado de sua bondade ou de sua inteligência; ou o sentimento de sua culpa, ou as

habilidades de sua astúcia, haviam-lhe feito aceitar; e me levaram a tornar cada vez mais um

cativeiro forjado unicamente pelo desenvolvimento interno de meu trabalho mental, mas que nem

assim deixara de ter repercussões sobre a vida de Albertine; repercussões destinadas a criar, por

um choque de retorno, problemas novos, cada vez mais dolorosos, para a minha psicologia; pois

ela se evadira de minha prisão para ir matar-se sobre um cavalo que, sem mim, ela não teria

possuído; e deixando, mesmo morta, suspeitas cuja verificação, se acontecesse, ser-me-ia cada

vez mais cruel que a descoberta, em Balbec, de que Albertine havia conhecido a Srta. Vinteuil,

pois Albertine já não estaria ali para sossegar-me. De forma que longo queixume da alma que

julga viver fechada em si mesma só em aparência é um monólogo, visto que os ecos da realidade

a fazem desviar-se, e essa visto como um ensaio de psicologia subjetiva espontaneamente

desenvolvido, mas que a todo momento, fornece a sua "ação" ao romance puramente realista, de

outra realidade, de uma outra existência, cujas peripécias, por seu turno, vêm

inverter a curva e

mudar a direção do ensaio psicológico. Como fora apertada a engrenagem, como fora rápida a

evolução do nosso amor. Apesar de algumas demoras, interrupções e hesitações do começo; feito

certos romances de Balzac, ou algumas baladas de Schumann, como fora precipitado o

desenlace! No decurso deste último ano, longo para mim como um século, de tanto que Albertine

havia mudado de posições em relação a meu pensamento, desde Balbec até sua partida de Paris;

tão independente de mim e freqüentemente contra a minha vontade, mudara em si mesma, é que

seria preciso colocar toda aquela boa vida de ternura, que durara tão pouco; e que, entretanto,

surgia-me com uma plenitude, quase uma imensidão, para sempre impossível e que todavia me

era indispensável. Indispensável sem talvez ter sido em si, logo no começo algo necessário, pois

eu não teria conhecido Albertine se não tivesse lido num tratado de arqueologia a descrição da

igreja de Balbec; se Swann, ao me dizer que essa igreja era quase persa, não tivesse orientado

meus desejos para o normando bizantino; se uma sociedade de hotéis de luxo, construindo em

Balbec um hotel confortável e higiênico, não tivesse levado meus pais a atenderem meu desejo e

me enviarem à Balbec.

Decerto, nessa Balbec há tanto tempo desejada, eu não havia encontrado a igreja persa

que imaginava, nem os eternos nevoeiros. O próprio e famoso trem de uma e trinta e cinco não

correspondera ao que eu pensara. Mas, em troca do que a imaginação deixa esperar e que nós

fazemos, inutilmente, tanto esforço para tentar descobrir, a vida nos oferece algo que estávamos

bem longe de supor. Quem me diria, em Combray, quando eu esperava o boa-noite de minha mãe

com tanta tristeza, que tais ansiedades seriam curadas; depois haveriam de renascer um dia, não

por minha mãe, mas por uma jovem que a princípio, no horizonte do mar, seria apenas uma flor

que meus olhos eram, todos os dias, convidados a contemplar; mas uma flor pensante e em cujo

espírito eu desejava tão puerilmente ocupar um espaço, que sofria só porque ela ignorava que eu

conhecesse a Sra. de Vil eparisis? Sim, é pelo boa-noite, pelo beijo dessa tal estranha que, ao fim

de alguns anos, eu deveria sofrer tanto como em criança, quando mamãe não podia ir ver-me.

Ora, essa Albertine tão necessária, de cujo amor a minha alma era agora quase

exclusivamente composta, se Swann não me houvesse falado de Balbec eu jamais a teria

conhecido. Sua vida talvez fosse mais longa, a minha teria sido desprovida do que agora formava

o seu martírio. E assim, parecia-me que, devido à minha ternura apenas egoísta, eu havia deixado

que Albertine morresse, como havia assassinado a minha avó. Mesmo mais tarde, mesmo já

tendo-a conhecido em Balbec, poderia não ama-la como fiz em seguida. Pois, quando renunciei à

Gilberte e sabia poder amar um dia outra mulher, mal ousava ter dúvidas sobre se, no passado,

teria podido amar alguém que não Gilberte. Ora, quanto a Albertine, já não alimentava dúvida

alguma; estava certo de que poderia não ser ela que eu tivesse amado, poderia ser outra. Para tê-

la, bastaria que a Srta. de Stermaria, na noite em que deveria jantar comigo na ilha do Bois, não

tivesse desmarcado o encontro. Ainda era tempo então; talvez pudesse ter sido pela Srta. de

Stermaria que se exerceria aquela atividade da imaginação que nos faz extrair de uma mulher tal

noção do individual que nos parece em si e, para nós, predestinada e necessária. Quando muito,

colocando-me num ponto de vista quase fisiológico, ser-me-ia lícito afirmar que poderia ter sentido

amor exclusivo por uma outra mulher, mas não por qualquer outra. Pois gorda e morena, não se

parecia com Gilberte, delgada e ruiva; todavia tinham a mesma aparência de

saúde e, no mesmo

rosto sensual, um significado que dificilmente se alcançaria. Eram dessas mulheres para as quais

olhariam os homens que, por seu turno, teriam feito loucuras por outras que "não diziam nada". Eu

quase podia acreditar que a personalidade sensual e obstinada de Gilberte havia emigrado para o

corpo de Albertine, um tanto diversa na aparência; mas apresentando, agora que eu pensava

nisso *a posteriori*, analogias. Um homem possui quase sempre a mesma maneira de resfriar-se,

de ficar doente, isto é, precisa para isso de um certo concurso de circunstâncias; é natural quando

se apaixona, o seja a respeito de um certo gênero de mulheres; gênero muito amplo. Os primeiros

olhares de Albertine que me fizeram devanear não eram absolutamente diversos dos primeiros

olhares de Gilberte. Eu quase podia dizer que até a personalidade obscura, a natureza

voluntariosa e matreira de Gilberte, haviam retornado para me tentar, desta vez encarnadas no

corpo de Albertine, comumente diverso; e contudo, não sem apresentar analogias. Quanto a

Albertine, a uma vida em comum toda diferente; e onde não pudera deslizar-se na fissura de

distração e de esquecimento; num bloco de pensamentos, onde dolorosa preocupação mantinha

uma coesão permanente, não deixei um dia sequer de encontrar em seu corpo vivo, ao contrário

que no de Gilberte, o reconhecia afinal como sendo para mim, e que o não seria para os outros

encantos femininos.

Mas ela estava morta. Eu a esqueceria. Quem sabe se as mesmas qualidades de sangue

rico, de meditação inquieta, não voltaria para perturbar-me? Mas dessa vez encarnadas em que

forma feminina, não conseguia prevê-lo. Com a ajuda de Gilberte, teria tanta dificuldade em

imaginar Albertine, que haveria de amá-la, como a lembrança da sonata de Vinteuil não me teria

imaginado o seu *septeto*. Mais ainda, desde as primeiras vezes em que Albertine, pudera

acreditar que era a outras que eu amaria. Além disso, ela poderia ter parecido, se a conhecesse

um ano antes, tão embaçada como um céu em que a aurora ainda não apontou. Se eu havia

mudado a seu respeito da própria, também mudara, e a moça que fora para a minha cama no dia

em que havia escrito à Srta. Stermaria, não era mais a mesma que eu conhecera; ou por simples

explosão da mulher que aparece no momento da puberdade, decorrência de circunstâncias que

eu jamais pude conhecer. Em todo caso, se aquela a quem haveria amar um dia devesse, em

certa medida, se assemelhar, isto é, se a minha escolha de uma mulher não era inteiramente livre,

isso afinal resultava em que, dirigida de uma forma talvez necessária, ela o era sobre algo mais

vasto que um indivíduo, sobre um gênero de mulheres, o que tirava toda necessidade a meu amor

por Albertine. A mulher cujo rosto temos diante de nós mais constantemente do que a própria luz,

pois mesmo de olhos fechados não deixamos um só instante de adorar seus belos olhos, seu

lindo nariz, de usar de todos os meios para revê-los, essa mulher única, bem sabemos que outra a

encarnaria para nós, se tivéssemos estado numa cidade diversa daquela em que a encontramos,

se fôssemos passear em outros bairros, se freqüentássemos outro salão, a única que julgamos

nós? Ela é inumerável. E, no entanto, está compacta e indestrutível diante de nossos olhos que a

amam, insubstituível por outra durante muito tempo. É que essa mulher não fez mais que suscitar

em nós, por uma espécie de apelo mágico, mil elementos de ternura existentes em nós em estado

fragmentário e que ela ajuntou, uniu, eliminando qualquer lacuna entre eles; fomos nós mesmos

que, dando-lhe seus traços, fornecemos toda a matéria sólida da pessoa amada. Daí decorre que,

mesmo que sejamos apenas um entre mil para ela, e talvez o último de todos,

para nós ela é a

única e toda a nossa vida se inclina em sua direção.

É certo que eu até já sentira muito bem que esse amor não era necessário, não só porque

poderia formar-se pela Srta. de Stermaria, como, fora isso, porque o conhecia diretamente, por

descobri-lo muito semelhante ao que havia sido para outras, e também por senti-lo mais vasto que

Albertine, envolvendo-a, não a conhecendo, como a maré em torno a um rochedo esguio. Mas,

pouco a pouco, à força de viver com Albertine, as cadeias que eu próprio havia forjado impediram

que me desprendesse; o hábito de associar a pessoa de Albertine ao sentimento que ela não

inspirara fazia-me, contudo, acreditar que ele lhe era próprio, como o hábito confere à simples

associação de idéias entre dois fenômenos, segundo o que pretende uma certa escola filosófica, a

força e a necessidade ilusórias de uma lei de causalidade. Julgara eu que minhas relações, minha

fortuna, dispensariam-me de sofrer, e talvez muito eficazmente, pois isso me parecia dispensar-

me de sentir, de amar e de imaginar; invejava uma pobre camponesinha a quem a ausência de

relações, e até de telégrafo, proporciona vários meses de sonho após um desgosto que ela não

pode amortecer artificialmente. Pois bem, agora percebia que, se, no tocante à Sra. de

Guermantes, repleta de tudo aquilo que podia tornar infinita a distância entre nós, eu vira essa

distância bruscamente suprimida pela opinião, pela idéia de que as vantagens sociais não passam

de matéria inerte e transformável, de maneira idêntica, embora inversa, minhas relações, minha

fortuna e todos os meios materiais de que tanto a minha situação como a civilização da minha

época me faziam desfrutar, não tinham feito mais que adiar o desfecho da luta corporal com a

vontade contrária, inflexível, de Albertine, sobre a qual não se exercera pressão nenhuma.

Sempre eu pudera trocar despachos e comunicações telefônicas com Saint-Loup, estar em

relações constantes com o escritório de Tours; mas não fora inútil e nulo o seu resultado? E as

camponesas, sem vantagens sociais, ou os seres humanos antes desses aperfeiçoamentos da

civilização, acaso não sofrem menos, porque desejam menos, porque se lamentam que sempre

souberam, ser inacessível e que, por isso, permaneceu irreal? Deseja-se mais a pessoa que vai

dar-se, a esperança antecipada do lamento é também um amplificador do desejo. A recusa da

Srta. de Stermaria vir jantar comigo na ilha do Bois foi o que impediu fosse ela

quem eu amasse

bastando isso também para que ela me amasse, se logo depois eu tivesse ido vê-la a tempo.

Logo que soubera que ela não viria, admitindo a hipótese inventada, mas que se realizara de que

talvez alguém se mostrasse enciumado afastasse dos outros e, sendo assim, eu não a veria mais,

sofrera tanto para vê-la; esta foi uma das maiores angústias que senti, e que a chegada de Saint-

Loup conseguira acalmar.

Ora, a partir de uma certa idade, os nossos e as nossas amantes são filhos da nossa

angústia; nosso passado e as lesões em que ele está inscrito determinam o nosso futuro. Quanto

a Albertine, o fato de não ser necessário fosse ela quem eu amasse estava, mesmo esses amores

vizinhos, inscrito na história de meu amor por ela, ou seja, suas amigas. Pois nem era um amor

como aquele por Gilberte, e sim criado da divisão entre várias moças. Era bem possível que fosse

por sua causa e pareciam um tanto análogas à ela, que suas amigas tinham me agradado. O caso

é que, durante muito tempo, foi possível a hesitação entre todas; a escolha passeava de uma a

outra e, quando eu julgava preferir esta, bastava que esta me deixasse esperando, recusasse ver-

me, para que eu sentisse por princípio de amor. Muitas vezes, naquele tempo, se acontecia de

Andrée vir visitar-me em Balbec e se, um pouco antes da sua visita, Albertine me dava com a

palavra, meu coração batia sem cessar, pensava que jamais tornaria a vê-la; que era ela quem eu

amava. E, quando Andrée chegava, era com sinceridade que dizia (como lhe disse em Paris,

depois que soube que Albertine conhecera Vinteuil) o que ela podia julgar dito de propósito,

falsamente, e que eu verdadeiramente teria dito, e nos mesmos termos, se na véspera eu tivesse

com Albertine: "Que pena, se você tivesse vindo mais cedo... Mas agora estou amando outra."

Ainda nesse caso de Andrée substituída por Albertine, quando soubera que esta havia conhecido

a Srta. Vinteuil, o amor fora alternativo? Conseguinte, em suma, só tinha havido um de cada vez.

Mas ocorrera certos casos em que eu estivera meio brigado com duas das moças. Se aquela

desse os primeiros passos me devolveria a calma, e seria a outra a quem eu queria; se ela

continuasse zangada, o que não quer dizer que fosse com a primeira que me ligaria em definitivo,

pois ela me consolaria, embora canhestramente, da segunda que eu acabaria por esquecer caso

não voltasse; convencido de que uma ou outra, pelo menos, voltaria para mim,

durante algum

tempo nenhuma das duas o fazia. Logo, minha angústia era dupla, duplo o meu amor, e eu me

reservara para deixar de amar aquela que voltasse, mas até lá sofria por ambas. É quinhão de

uma certa idade, que pode chegar bem cedo, que sejamos menos amorosos por uma criatura do

que por um abandono; onde acabamos por saber apenas uma coisa sobre essa criatura, pois seu

rosto se tornou obscurecido, sua alma inexistente, em nossa preferência totalmente recente e

inexplicada: é que, para não sofrer mais, precisaríamos que ela nos mandasse dizer:

"Você pode receber-me?"

Minha separação de Albertine, no dia em que Françoise me dissera:

- A Senhorita Albertine foi-se embora - era como uma alegoria de tantas outras

separações. Pois muitas vezes, para descobrir que estamos apaixonados, talvez mesmo para que

o fiquemos, é preciso que chegue o dia da separação. Nesses casos, quando a espera é baldada,

uma palavra de recusa que fixa uma escolha, a imaginação, instigada pelo sofrimento, apressa

tanto o seu trabalho, elabora com tão louca rapidez um amor mal começado e que permanecia

informe, destinado há meses a ficar em estado de esboço, que a inteligência, por um momento,

sem conseguir agarrar o coração, espanta-se e grita:

"Mas estás louco, em que novos pensamentos vives assim tão dolorosamente? Nada disso

é a vida real."

E de fato, nesse instante, se não fôssemos impelidos pela devoção à infiel, algumas boas

distrações que nos sossegassem fisicamente o coração, bastariam para fazer abortar o amor. Em

todo caso, se essa vida com Albertine não era necessária em sua essência, ela se me tornara

indispensável. Eu tremia ao amar a Sra. de Guermantes porque dizia para mim mesmo que, com

seus grandes meios de sedução, não só quanto à beleza mas pela situação social e pela fortuna,

ela seria muito mais livre para entregar-se a um bom número de pessoas, e eu teria muito pouco

domínio sobre ela. Albertine era pobre, obscura, devia ter desejos de casar comigo. E, no entanto,

eu não pudera tê-la só para mim. Seja devido às condições sociais, ou às previsões do bom

senso, na verdade não temos domínio sobre uma criatura. Por que não me dissera ela: "Tenho

tais e tais gostos"? Eu teria cedido, teria permitido que os satisfizesse.

Num romance que eu lera, havia uma mulher a quem nenhuma acusação do homem que a

amava podia decidir a falar. Lendo-o, achara absurda tal situação; quanto a mim,

pensava eu,

teria primeiro obrigado a mulher a falar, e depois nos entenderíamos. Para que esses inúteis

sofrimentos? Porém agora via que não somos livres para deixar de forjá-los e que, por mais que

conheçamos a nossa vontade, os outros não nos obedecem. E, todavia, essas verdades

inelutáveis e dolorosas, que nos dominavam e para as quais estávamos cegos, verdade dos

nossos sentimentos, verdade do nosso destino, quantas vezes sem o saber, sem o querer, nós as

dissemos em palavras que sem dúvida achávamos mentirosas, mas às quais o acontecimento

dera depois um valor profético! Eu bem me lembrava de palavras que um e outro havíamos

pronunciado sem saber então a verdade que continham, mesmo que as tivéssemos dito julgando

representar uma comédia, e cuja falsidade era bem tênue, bem pouco interessante, totalmente

refinada em nossa lastimável insinceridade, em comparação com o que ela tinha sem que o

suspeitássemos. Mentiras e erros, do lado de cá da realidade que não percebíamos; verdade do

lado de lá, verdade dos nossos casos, cujas leis essenciais nos escapavam e precisam de tempo

para se revelar, e também a verdade dos nossos destinos. Eu acreditara mentir, quando dizia em

Balbec: "Quanto mais nos virmos, mais gostarei de você" (e, contudo, era intimidade de todos os

instantes que, por meio do ciúme, tanto me ligara: "sinto que poderia ser útil ao seu espírito"; em

Paris: "Procure ser prudente. Caso se lhe acontecesse um acidente, eu não me consolaria" (e ela:

"Mas acontecer um acidente"); em Paris, na noite em que eu fingira querer acabar: "Deixe-me

olhar para você ainda um pouco, pois em breve não a verei mais, e para sempre"; e ela, quando

naquela mesma noite olhara a seu redor e disse: "não verei mais este quarto, estes livros, a

pianola, toda esta casa; não posso acreditar nisso e contudo é verdade;" por fim, em suas últimas

cartas, quando ela provavelmente dizendo consigo: "Estou fazendo chiqué. Deixo-lhe o melhor de

mim mesma (e, na verdade, não era agora à fidelidade e às forças, ai de mim, bem frágeis, da

minha memória, que se confiavam a sua inteligência, sua bondade, sua beleza?): Este momento,

duas vezes crepuscular pois que o dia terminaria e nós nos separaríamos, só se desvanecerá de

meu espírito quando ele for embora pela noite completa. Essa frase, escrita na véspera do dia em

que de fato espírito fora invadido pela noite completa e onde talvez, nesses últimos clamores

rápidos; mas que a ansiedade do momento pulveriza até o infinito, ela tornasse o

nosso último

passeio; nesse instante em que tudo nos abandona; em que cria uma fé, como os ateus se tornam

cristãos no campo de batalha; talvez tivesse chamado em seu socorro o amigo tantas vezes

amaldiçoado, mas tão mais respeitado por ela, que ele próprio; pois todas as religiões se parecem

-tinha a crueldade de aspirar a que ela também houvesse tido tempo de se reconhecer, de lhe

conhecer seu último pensamento, de confessar-se por fim a ele, de morrer nele. Mas, quê, pois

mesmo se então ela houvesse tido tempo de se reconhecer, nenhum de nós compreendera onde

estava a nossa felicidade, e o que deveríamos ter senão quando essa felicidade não era mais

possível, quando já não podíamos realizá-la. Enquanto as coisas são possíveis, adiamo-las, e

elas só podem ter esse poder de atração e essa aparente facilidade de realização quando,

projetando-se no vazio ideal da imaginação, subtraem-se ao mergulho entorpecente e desfigurado

no meio vital. A idéia de que temos de morrer é mais cruel do que morrer, menos que a idéia de

que outra pessoa está morta, e que, aplanando-se depois de ter engolido uma criatura, estende-

se, sem um redemoinho sequer nesse instante, uma realidade de onde essa criatura está

excluída, onde não existe mais nenhuma vontade, nenhum conhecimento, e da qual é tão difícil

remontar à idéia de que essa criatura já viveu. Como é difícil, no que tange à lembrança bem

recente de sua vida, pensar que é assimilável às imagens sem consistência, às lembranças

deixadas pelas personagens de um romance que lemos.

Pelo menos sentia-me feliz pelo fato de que, antes de morrer, ela me escrevera essa carta,

e, principalmente, mandara um último telegrama que provava que regressaria caso tivesse vivido.

Parecia-me que assim era não apenas mais doce, porém mais belo, que o caso teria ficado

incompleto sem aquele telegrama, teria menos jeito de arte e de destino. Na realidade, ele a teria

da mesma maneira se tivesse sido outro, pois todo acontecimento é uma espécie de molde de

uma forma particular e, seja qual for, impõe à série de fatos que ele veio interromper, e parece

dela concluir, um desenho que julgamos ser o único possível porque não conhecemos aquele que

poderia substituí-lo.

Repetia a mim mesmo: "Por que não me disse ela: 'Tenho tais e tais gostos'? Eu teria

cedido, teria permitido que os satisfizesse, e mesmo naquele instante a beijaria." Que tristeza de

ter de me lembrar que ela me havia mentido assim, ao jurar-me, três dias antes de me abandonar,

que jamais tivera com a amiga da Srta. Vinteuil essas relações que, no momento em que me fazia

tal juramento, o seu rubor me confessara! Pobre pequena, pelo menos tivera a honestidade de

não pretender jurar que o gosto de rever a Srta. Vinteuil e sua amiga de modo algum contribuíra

para o seu desejo de ir naquele dia à casa dos Verdurin. Por que não fora até o fim da confissão e

inventara então aquele romance inimaginável? Talvez fosse, afinal, um tanto por minha culpa se

ela, apesar de todas as minhas rogativas, que vinham quebrar-se diante de suas negações,

jamais quisera me dizer: "Tenho esses gostos." Talvez fosse um tanto por minha culpa porque,

em Balbec, no dia em que, após a visita da Sra. de Cambremer, eu tivera a primeira explicação

com Albertine, e quando estava tão longe de acreditar que ela em todo caso pudesse sentir por

Andrée outra coisa que não uma amizade excessivamente apaixonada, expressara com muita

violência o meu aborrecimento por esse tipo de costumes, e os condenara de forma bastante

categórica. Não podia recordar-me se Albertine enrubescera quando eu havia ingenuamente

proclamado o meu horror àquilo; não podia recordar, pois às vezes é só muito

tempo depois que

desejamos saber qual a atitude de certa pessoa em dado momento no qual não prestamos

nenhuma atenção a isso, e que, mais tarde, quando voltamos a pensar na nossa conversa,

esclareceria uma dúvida pungente. Mas existe uma lacuna na nossa memória, não há qualquer

traço disto. E muitas vezes não prestamos atenção suficiente, no próprio momento, nas coisas

que já podiam nos parecer importantes, não ouvimos direito uma frase, não reparamos num gesto,

ou então os esquecemos. E quando, posteriormente, ávidos por descobrir uma verdade,

remontamos de dedução em dedução, folheando nossa memória como recolhendo testemunhos;

quando chegamos a essa frase, a esse gesto, impossível de recordar, recomeçamos vinte vezes o

mesmo trajeto, porém inutilmente; o caminho não além. Terá ela enrubescido? Não sei se

enrubesceu, mas não podia deixar de ter ouvido, e a lembrança dessas palavras a fizera

interromper-se, mais tarde quando estava a ponto de confessar-se a mim. E agora, ela não estava

em parte alguma, eu poderia percorrer a Terra de um pólo a outro sem voltar a vê-Ia; a realidade

que se fechara sobre ela era espessa, apagara até o da criatura que nela soçobrara. Ela não

passava de um nome, como aquele Charlus, de quem diziam com indiferença:

"Ela era deliciosa" aqueles que a tinham conhecido. Mas eu não podia conceber por mais

que um instante a distância dessa realidade de que Albertine não tinha consciência, pois a minha

existia bastante em mim; onde todos os sentimentos, todas as recordações se relacionavam à sua

vida. Talvez se ela tivesse noção disto, se como verificasse que seu amigo não a olvidava, agora

que sua vida estava finda, e teria sido às coisas que antes a deixariam indiferente. Mas como não

desejaríamos as infidelidades, por mais secretas que sejam, de tal forma tememos que aquela a

quem amamos não se abstenha delas, aterrorizava-me pensar que, se os vivem em alguma parte,

minha avó conhecia tão bem o meu esquecimento, Albertine a minha recordação. E afinal, mesmo

com relação a uma só e determinada morta, estaremos seguros de que a alegria que sentiríamos

em saber que ela cedera algumas coisas, compensaria o terror de imaginar que ela as conhecera.

E, por mais sangrento que seja o sacrifício, não renunciaríamos por vezes a ver como amigos,

após terem morrido, aqueles a quem amávamos, de medo de ser igualmente como juízes?

Eram infinitas as minhas curiosidades ciumentas sobre o que fazia Albertine. Subornei

grande número de mulheres, que não me contaram. Se essas curiosidades eram vivas, é que a

criatura não morre imediatamente em nós, permanece banhada numa espécie de aura de vida

que nada tem de verdadeira imortalidade, mas que faz com que ela continue a ocupar nossos

pensamentos da mesma maneira como quando vivia. É como se estivesse viva! Trata-se de uma

sobrevivência muito pagã. Opostamente, quando deixa as curiosidades que a criatura excita

morrerem antes que ela própria havia morrido. Assim, eu não moveria mais uma palha para saber

com quem passeava certa noite nos Champs-Élysées. Ora, percebia muito bem que as verdades

eram absolutamente idênticas, sem valor em si mesmas, sem possibilidade de curiosidade

continuava a sacrificar tudo à cruel satisfação dessas curiosidades; de duração passageiras,

embora soubesse previamente que minha separação forçavam indiferença em Albertine, em

conseqüência de sua morte, me levaria à mesma pela separação voluntária de Gilberte. Se

Albertine pudesse ter sabido o que ocorreria, teria ficado em minha companhia. Mas isso equivalia

a dizer que se a visse morta, teria preferido continuar viva, comigo. Pela própria condição que

implicava, uma tal suposição era absurda. Mas não inócua, pois, imaginando o

quanto Albertine,

caso pudesse saber, caso pudesse retrospectivamente compreender, ficaria feliz por voltar para

junto de mim, eu a via comigo e queria beijá-la; ai de mim, era impossível, ela jamais voltaria,

estava morta.

Minha imaginação a procurava no céu, pelas noites em que ainda o tínhamos contemplado

juntos; para além desse luar de que ela gostava, eu tentava erguer até ela a minha ternura, a fim

de que lhe servisse de consolo por não mais viver, e esse amor por uma criatura que se tornara

tão distante era como uma religião; meus pensamentos subiam para ela como preces. O desejo é

bem forte, engendra a fé; eu havia acreditado que Albertine não partiria porque assim o desejava;

porque o desejava, acreditei que ela não estava morta; pus-me a ler livros a respeito de mesas

giratórias, comecei a crer possível a imortalidade da alma. Mas ela não me bastava. Era preciso

que, após a minha morte, eu a reencontrasse com o seu corpo, como se a eternidade se

assemelhasse à vida. Que digo: à vida? Eu era ainda mais exigente. Gostaria de não ser privado

para sempre, pela morte, dos prazeres que todavia ela não é a única a nos tirar. Pois, sem ela,

eles acabariam por embotar-se; já tinham principiado a embotar-se pela ação do hábito antigo e

das novas curiosidades.

Depois, na vida, Albertine pouco a pouco, mesmo fisicamente, teria mudado, dia após dia

eu me adaptaria a essa mudança. Porém minha recordação, não evocando dela senão alguns

momentos, pedia para tornar a vê-la exatamente como ela já não seria se tivesse vivido; o que

minha recordação desejava era um milagre que contentasse os limites naturais e arbitrários da

memória, a qual não pode sair do passado. No entanto, essa criatura viva, imaginava-a eu com a

ingenuidade dos teólogos antigos, dando-me explicações, não as que poderia dar-me, mas, por

uma última contradição, aquelas que sempre me recusara enquanto vivera. E assim a sua morte,

sendo uma espécie de sonho, meu amor lhe pareceria uma ventura inesperada; eu não retinha da

morte senão a comodidade e o otimismo de um desenlace que simplifica e resolve tudo.

Às vezes não era tão longe, não era em outro mundo que eu imaginava a nossa reunião.

Assim como outrora, quando só conhecia Gilberte por brincar com ela nos Chames-Élysées, em

casa, de noite, imaginava que ia receber uma carta dela, na qual me confessaria o seu amor, que

iria regressar numa mesma força de desejo, que também não se embaraçava com as leis físicas

que o contrariavam, como da primeira vez, a respeito de Gilberte (onde, afinal, não errara, pois

tivera a última palavra), que agora me fazia pensar que ia receber um bilhete de Albertine,

informando-me que de fato sofrera uma queda de cavalo, mas que por motivos romanescos (e

como, enfim, acontece às vezes com pessoas que durante muito tempo consideramos mortas) ela

não quisera que eu soubesse que estava curada e agora arrependida, pedia para voltar a viver

comigo para sempre. E, fazendo-me compreender perfeitamente o quanto podem certas loucuras

mansas de pessoas que de outro modo parecem razoáveis, sentia coexistirem em mim a certeza

de que ela estava morta e da necessidade de esperança de vê-la regressar.

Ainda não recebera notícias de Aimé, que no entanto já devia tê-las em Balbec. Sem

dúvida, a minha investigação objetivava um ponto arbitrariamente escolhido. Se a vida de

Albertine fora verdadeiramente escondida, devia conter coisas bem mais importantes, em que o

acaso não me permitira como o fizera quanto àquela conversa a respeito do *peignoir*, graças ao

rubor de Albertine. Exatamente essas coisas, porém, já não existem para mim, visto que as via.

Era de modo inteiramente arbitrário que eu sorteara aquele dia que anos depois tentava

reconstituir.

Se Albertine havia amado as mulheres, milhares de outros dias em sua vida cujo emprego

eu ignorava e cujo assunto poderia ser igualmente de interesse para mim; poderia enviar muitos

outros locais de Balbec, para muitas outras cidades além desta. Precisamente esses dias, porque

não lhes conhecia o emprego, não se ofereciam à minha imaginação, não tinham existência. As

coisas e as criaturas só começavam a existir para mim quando assumiam uma existência

individual na minha imaginação. Se havia milhares de outras iguais, tornavam-se para mim

representáveis de resto. Se desde há muito tempo eu desejava saber, em matéria de suspeitas de

Albertine, o que se passara nas duchas; era da mesma forma que, em matéria de desejo de

mulheres, embora eu soubesse que havia um grande número de camareiras que podiam lhes

equivaler e de que, graças ao acaso, eu igualmente ouvira falar, queria conhecer; pois, era delas

que Saint-Loup me falara, essas que existiam individualmente para mim a moça que ia aos

bordéis da camareira da Sra. Putbus. As dificuldades que minha saúde, minha indecisão ganhara

"procrastinação", como dizia Saint-Loup, opunham a que realizasse tal coisa; haviam-me feito

adiar dia após dia, mês após mês, ano após ano, o esquecimento de certas suspeitas bem como

a satisfação de certos desejos. Conservava na memória, prometendo a mim mesmo não esquecer

de conhecer-lhes a realidade, pois somente eles me obcecavam (visto que os outros não

possuíam forma a meus olhos, não existiam), e também porque o próprio acaso escolhera em

meio à realidade, era para mim uma garantia de que de fato nele eu entraria em contato com um

pouco da realidade, da vida verdadeira. E depois, um único fato, se for bem escolhido, não basta

ao experimentar - deduzir uma lei geral que dará a conhecer a verdade acerca de milhares de

análogos?

Era em vão que Albertine existia na minha memória apenas no momento em que me

surgira sucessivamente, durante a sua vida, isto é, subdividida em uma série de frações de tempo;

meu pensamento restabelecendo-lhe refazia uma criatura e era sobre essa criatura que eu queria

lançar um julgamento geral, saber se ela me havia mentido, se amava as mulheres, se era para

conviver livremente com elas que me havia abandonado. O que dissesse a encarregada das

duchas poderia desfazer para sempre as minhas dúvidas sobre os costumes de Albertine. Minhas

dúvidas! Ai de mim, eu acreditara que me seria indiferente, até mesmo agradável, não ver mais

Albertine, quando a sua partida patenteou o meu erro. Da mesma maneira a sua morte me

mostrou o quanto me enganava ao julgar desejar às vezes essa morte e supor que ela seria a

minha libertação. Assim também, ao receber a carta de Aimé, compreendi que, se até então não

havia sofrido muito cruelmente com minhas dúvidas sobre a virtude de Albertine, é que na

realidade não eram absolutamente dúvidas. Minha felicidade e minha vida tinham necessidade de

que Albertine fosse virtuosa, tinham decidido de uma vez por todas que ela o era. Munido dessa

crença preservadora, podia sem perigo deixar meu espírito brincar tristemente com suposições, às

quais ele dava uma forma porém não acrescentava fé. Dizia comigo: "Ela talvez ame as

mulheres", como dizemos: "Posso morrer esta noite"; dizemos, mas não acreditamos, fazemos

projetos para o dia seguinte. É o que explica que, julgando-me erradamente incerto se Albertine

amava ou não as mulheres, e, por conseguinte, crendo que um fato culposo, no seu ativo, não me

diria nada que eu já não houvesse imaginado, eu tenha podido experimentar

diante das imagens,

insignificantes para outros, que me evocava a carta de Aimé, um sofrimento inesperado, o mais

cruel que já sentira, e que formava com essas imagens, com a imagem, ai de mim!, da própria

Albertine, uma espécie de precipitado, como se diz em química, onde tudo era indivisível e do qual

absolutamente não pode dar idéia o texto da carta de Aimé, que separei de modo bem

convencional, pois cada uma das palavras que o compõem era logo transformada e colorida para

sempre devido ao sofrimento que ele acabava de provocar.

Senhor,

Vossa Senhoria há de me perdoar se não escrevi mais cedo a Vossa Senhoria. A pessoa

que Vossa Senhoria me encarregou de ver esteve ausente por dois dias e, desejoso de

corresponder à confiança que Vossa Senhoria depositara em mim, não queria voltar de mãos

vazias. Por fim, acabo de conversar com essa pessoa, que se recorda muito bem (Srta. A).

Aimé, que possuía um certo princípio de cultura, desejava pôr Srta. A em itálico ou entre

aspas. Mas, quando queria colocar aspas, traçava um parênteses e, quando queria pôr alguma

coisa entre parênteses, punha-a entre aspas. Era assim que Françoise dizia que

alguém

permanecia na minha rua, para indicar que alguém havia nela, e que se podia viver dois minutos,

em vez de permanecer, pois os erros das pessoas do povo muitas vezes consistem apenas em

intercambiar vocábulos (como de resto fez a língua francesa) que no correr dos séculos ocupara

unicamente o lugar um do outro.

Segundo ela, a coisa que Vossa Senhoria supunha era absolutamente: Primeiro, era ela

quem cuidava da (Srta. A) cada vez que esta ia aos banhos. Vinha muitas vezes tomar ducha com

uma mulher alta, mais velha que ela, vestida de gris, e que a encarregada das duchas, sem lhe

saber o nome, já por tê-la visto várias vezes procurando moças. Mas ela não dava mais atenção

às outras desde que conhecera (Srta. A). Ela e (Srta. A) sempre se fechavam na ducha; ficavam

muito tempo, e a dama de gris dava pelo menos dez francos à pessoa com quem falei. Como me

disse esta pessoa, V. S. há de perceber elas ficavam apenas enfiando pérolas, não me teriam

dado dez francos. (Srta. A) também às vezes aparecia com uma mulher de pele bem escura, que

usava lorgnon. Mas (Srta. A) vinha mais freqüentes vezes com moças mais jovens que ela,

sobretudo uma bem ruiva. A não ser a dama de gris, as pessoas que costumava trazer não eram

de Balbec e muitas vezes deviam vir até de muito longe. Jamais entravam juntas, mas (Srta. A)

entrava, dizendo para deixara a porta da ducha aberta, pois ela esperava uma amiga, e a pessoa

com quem falei sabia o que significava. Essa pessoa não pôde me dar outros detalhes, não se

lembrando bem, "o que é fácil de compreender depois de passado tanto tempo". Ali a pessoa não

procurava saber, porque é muito discreta e porque era de seu interesse, pois a (Srta. A) lhe dava

um bom dinheiro. Ficou sinceramente entristecida que ela havia morrido. É verdade que tão moça

é uma grande infelicidade para os seus. Espero as ordens de Vossa Senhoria para saber se

posso deixar o local de onde creio que não descobrirei mais nada. Agradeço também a Vossa

Senhoria a pequena viagem que me proporcionou e que foi bastante agradável, tanto o tempo

está como ninguém imagina de tão favorável; a estação promete este ano. Espera-se que Vossa

Senhoria nos honre com o seu aparessimento.

Nada mais de interessante para dizer a Vossa Senhoria etc.

[Aparessimento: Aimé escreve "apparission" em vez de "apparition". Procuramos criar um erro

equivalente. (N. do T)]

Para compreender a que profundidade que essas palavras me penetram é preciso lembrar

que as perguntas que eu me fazia acerca de Albertine não eram questões acessórias,

indiferentes, questões de detalhes, únicas na realidade, formulamos a respeito de todos os seres

que não são nós mesmos, o que permite caminhar, revestidos de um pensamento impermeável,

em meio ao pensamento, à mentira, ao vício e à morte. Não. Quanto a Albertine, era uma questão

de essência: no fundo, quem era ela, em que pensava, a quem amava? Menti. Minha vida com ela

fora tão lastimável como a de Swann com Odette. Por isso, o que a resposta de Aimé atingia,

conquanto não fosse uma resposta geral, mas particular - e justamente por causa disso - era de

fato, em mim e em Albertine, a profundidade.

Afinal eu via, diante de mim, naquela chegada de Albertine às duchas pela ruazinha, em

companhia da dama de gris, um fragmento desse passado que não me parecia menos misterioso,

menos assustador do que o que eu temia, ao imaginá-lo encerrado na lembrança e no olhar de

Albertine. Sem dúvida, qualquer outro, que não eu, poderia achar insignificantes esses

pormenores, aos quais a impossibilidade em que me encontrava, agora que Albertine estava

morta, de fazê-los refutar por ela, conferia o equivalente de uma espécie de probabilidade. E até

provável que, para Albertine, mesmo que fossem verdadeiras, caso as confessasse, suas próprias

faltas, ou porque sua consciência as achasse inocentes ou censuráveis, ou porque sua

sensualidade as achasse deliciosas ou insossas, seriam destituídas dessa inexprimível essência

de horror, de que eu não as separava. Eu mesmo, ajudado pelo meu amor às mulheres, e embora

elas não devessem ter sido a mesma coisa para Albertine, podia sentir um pouco o que ela

experimentava. E decerto era já um princípio de sofrimento o fato de imaginá-la desejando, como

eu tantas vezes desejara, mentindo-me como tantas vezes eu lhe mentira, preocupada com esta

ou aquela moça, fazendo despesas com ela, como eu com a Srta. de Stermaria, com tantas

outras ou com as camponesas que encontrava na roça. Sim, todos os meus desejos me ajudavam

em certa medida a compreender os seus; era já um grande sofrimento, onde todos os desejos,

quanto mais vivos tinham sido, transformavam-se em tormentos tanto mais cruéis, como se nessa

álgebra da sensibilidade eles reaparecessem como mesmo coeficiente; porém

com o sinal de

menos em lugar do sinal de mais. No caso de Albertine, tanto quanto podia julgar por mim mesmo,

seus erros, por mais vontade que tivesse de ocultá-los de mim - o que fazia supor que se

considerava culpada ou temia desgostar-me -, seus erros, porque os preparara a seu gosto, à luz

clara da imaginação em que se agita o desejo, ainda assim lhe pareciam coisas da mesma

natureza que o restante de sua vida de prazeres. Para ela, a que não tivera coragem de recusar-

se, apenas, para mim, que ela tentara evitar causar-me, ocultando-as, mas prazeres e penas que

podiam figurar em meio a outros prazeres e penas da vida. Mas para mim, era de fora, sem que

eu fosse prevenido, sem que eu mesmo pudesse elaborá-las, era da carta de Aimé que tinham

vindo essas imagens de Albertine chegando às duchas e reservando a sua gorjeta. Sem dúvida,

porque, nessa chegada silenciosa e deliberada de Albertine com a mulher de gris, eu lia o

encontro que elas tinham tido, e essa convenção de fazer amor num salão de duchas, que

implicava uma experiência da corrupção, a organização bem dissimulada de toda uma dupla

existência, porque essas imagens traziam a terrível notícia da culpabilidade de Albertine é que

elas me haviam causado de imediato uma dor física, de que não se separariam nunca mais! Logo

a dor reagira contra elas; um fato objetivo, feito uma imagem, é conforme o estado interior com

que o abordamos. E a dor é um tão transformador da realidade como a embriaguez. Combinado

com essas imagens de sofrimento logo fizera delas algo absolutamente diverso do que podem

qualquer outra pessoa uma dama de gris, uma gorjeta, uma ducha e a ruela ocorrera a chegada

intencional de Albertine com a dama de gris. Todas as imagens eram a perspectiva aberta sobre

uma vida de mentiras e de faltas que eu havia imaginado - meu sofrimento as modificara de

imediato em sua própria forma, eu não as via à luz que ilumina os espetáculos da terra; era o

fragmentos de outro mundo, de um planeta desconhecido e amaldiçoado, uma visão do inferno

era toda essa Balbec, todas as regiões circunvizinhas de onde vinha a carta de Aimé.

Albertine fazia vir muitas vezes as moças mais jovens, para às duchas. Esse mistério, que

eu imaginara antigamente na região de Balbec se havia dissipado quando ali vivi, que a seguir

esperara recuperar ao de Albertine porque, quando a via passar pela praia, quando era bastante o

desejo de que não fosse virtuosa, pensava eu que ela devia encalmá-lo com tudo

o que se

referisse à Balbec se impregnava horrivelmente dele. Os dessas estações: Toutainvil e, Éprevil e,

Incarvil e, tornados tão familiares; tranqüilizantes, quando os ouvia à noite ao voltar da casa dos

Verdurin, agora, que Albertine havia morado em uma delas, saíra de passeio até a outra; as vezes

em que pudera ir de bicicleta à terceira, despertavam em mim uma ansiedade cruel que da

primeira vez, quando eu as via tão perturbado do trenzinho a minha avó, antes de chegar à

Balbec ainda desconhecida.

Uma das forças do ciúme é revelar-nos o quanto a realidade dos exteriores e os

sentimentos da alma são algo desconhecido, que se presta à suposições. Julgamos saber

exatamente as coisas e o que pensam delas, pela simples razão de que não nos preocupamos

com isso. Mas, logo que tenhamos o desejo de saber, como o ciumento, então é tudo um

caleidoscópio nosso, onde nada mais distinguimos. Albertine me enganara? Com quem? Em

casa? Em que dia? Naquele em que me dissera tal coisa? Em que eu me lembrara de ter dito isso

ou aquilo? Eu não sabia de nada. Já nem sabia quais eram seus sentimentos para comigo, se

eram inspirados pelo interesse ou pela ternura.

De súbito lembrava-me de certo incidente insignificante; por exemplo, que Albertine

quisera ir à Saint-Martin-le-Vêtu, dizendo que este nome a interessava, e apenas porque havia

conhecido alguma camponesa que lá morava. Mas valia a pena que Aimé tivesse sabido de tudo

isso para mim pela encarregada; depois Albertine devia ignorar para sempre que ele me dera

essa informação. Minha necessidade de saber sempre fora superada, em meu amor por Albertine,

pela necessidade de lhe mostrar que eu sabia; porque isso fazia cair entre nós a separação de

ilusões diferentes, tudo jamais dando como resultado que eu me fizesse mais amado por ela,

muito pelo contrário. Ora, eis que desde a sua morte a segunda dessas necessidades se

amalgamara ao efeito da primeira: eu buscava imaginar a conversa em que lhe desejaria

comunicar aquilo que soubera, tão vivamente como a conversa em que lhe teria indagado o que

desconhecia; ou seja, vê-la perto de mim, ouvi-la a responder-me com bondade, ver suas

bochechas se incharem, os olhos perderem a malícia e ficarem tristes, isto é, amá-la ainda e

esquecer a fúria do meu ciúme no desespero do meu isolamento. O mistério doloroso dessa

impossibilidade de lhe fazer saber o que eu havia conhecido, e de estabelecer

nossas relações

sobre a verdade do que eu simplesmente acabara de descobrir (e que talvez só descobrira porque

ela estava morta) substituía com sua tristeza o mistério mais doloroso de sua conduta. Como?

Ter desejado tanto que Albertine soubesse que eu me informara acerca da história do

salão de duchas, e Albertine não era mais nada! Aí estava ainda uma das conseqüências dessa

impossibilidade em que nos encontramos, quando temos de raciocinar sobre a morte, de

imaginarmos outra coisa que não a vida. Albertine não era mais nada; mas, para mim, era a

pessoa que me ocultara ter tido encontros com mulheres em Balbec, que achava ter tido êxito em

me fazer ignorá-los. Quando raciocinamos sobre o que ocorrerá após a nossa própria morte, não

será ainda a nossa pessoa viva que, por engano, projetamos nesse momento? E, afinal, não é

muito mais ridículo deplorar que uma mulher que já não é nada, ignore que tenhamos sabido o

que ela fazia há seis anos, do que desejar que de nós mesmos, que estaremos mortos, o público

ainda fale favoravelmente daqui a um século? Se há mais fundamento real no segundo caso que

no primeiro, as lamentações do meu ciúme retrospectivo nem por isso provinham menos do

mesmo erro de ótica que, nos outros homens, insinua o desejo de glória póstuma. Entretanto,

essa impressão do que havia de solenemente definitivo em minha separação de Albertine, se por

um momento substituíra a idéia de suas faltas, não fazia mais que agravá-las ao lhes conferir um

caráter irremediável. Via-me perdido na vida, como numa praia ilimitada em que estivesse sozinho

e onde, em qualquer sentido que caminhasse, não a encontraria jamais. Felizmente, achei bem a

calhar em minha memória -como há sempre todo tipo de coisas, umas perigosas, outras salutares,

nessas camadas onde as recordações só se iluminam de uma em uma -, descobri, como um

operário, o objeto que poderá servir para o que deseja fazer, uma palavra de minha avó. Ela me

dissera, a respeito de uma história inverossímil que a encarregada das duchas havia contado à

Sra. de Vil eparisis: "É uma mulher que deve ter a doença da mentira." Essa lembrança me foi de

grande auxílio. Que alcance podia ter o que a encarregada das duchas dissera à Aimé? Tanto

mais que, afinal, nada vira. Uma pessoa pode tomar duchas com suas amigas sem por isso

pensarem alguma coisa má. Talvez, para gabar-se, a encarregada das duchas esperasse a

gorjeta. Bem que eu ouvira Françoise sustentar certa vez que Léonie dissera, na

sua frente,

possuir "um milhão de francos para este mês", o que era absurdo; de outra vez, que vira minha tia

Léonie dar a Eulane notas de mil francos, ainda que uma nota de cinqüenta francos, dobrada em

que já me parecesse pouco verossímil. E assim eu procurava, e o consegui ao desfazer-me da

certeza dolorosa que tanto mal me fizera adquirir; dividido como estava sempre entre o desejo de

saber e o medo de sofrer. Então pôde voltar a minha ternura, mas logo, com ela, a tristeza de

estar separado de Albertine, qual eu era talvez mais infeliz do que nas horas recentes em que o

ciúme me torturava.

Porém este renasceu, de súbito, quando pensei em Balbec, por imagem repentinamente

reaparecida (e que até então nunca me fizera sofrer parecendo-me até uma das mais inofensivas

de minha memória), a imagem por acaso, da sala de jantar de Balbec, à noite, tendo, do outro

lado da vidraça aquela população, amontoada na sombra como diante do vidro luminoso de um

aquário, fazendo roçar (nunca pensara eu nisso), em sua aglomeração, as moças do povo contra

as pequeno-burguesas enciumadas daquele dia em Balbec, esse luxo que, se não afortuna, ao

menos a avareza e a tradição imitavam a seus pais, pequeno-burguesas entre as quais

certamente estava todas noites, Albertine; a quem ainda não conhecia e que sem dúvida ali

recrutava alguma garota, com quem se encontrava, minutos depois, de noite, na areia ou na

cabine abandonada, aos pés do rochedo. A seguir, era a minha tristeza que eu acabava de ouvir,

como uma condenação ao exílio, o barulho do elevador, em vez de parar no meu pavimento,

subia além. No entanto, a única pessoa, a visita que eu poderia desejar não mais viria, estava

morta. E apesar disso, quando o elevador parava no meu andar, o meu coração batia, eu dizia

comigo por um instante: "E se tudo não passasse de um sonho? Talvez seja ela, vai tocar a

campainha, entrar, Françoise virá dizer-me, mais com espanto do que raiva, pois é ainda mais

supersticiosa que vingativa, e recearia menos uma pessoa viva do que o que julgue ser uma alma

penada: “Patrão, nunca vai adivinhar quem está aí." Eu tentando não pensar em coisa alguma,

pegar um jornal. Mas era-me insuportável ler aqueles artigos escritos por pessoas que não

sentiam dor de verdade. De canção insignificante, um dizia: "É de fazer chorar", ao passo que eu

a teria esperado com tanta alegria se Albertine estivesse viva.

Um outro, contudo grande escrito por ter sido aclamado à descida de um trem, dizia que ali

recebera testemunha inolvidáveis, enquanto que eu, se os recebesse agora, nem sequer por um

instante pensaria neles. E um terceiro afirmava que, sem a odiosa política, a vida deles seria

"completamente deliciosa", ao passo que eu sabia que, mesmo sem política, esta vida só podia

ser atroz, e me teria parecido deliciosa, mesmo com política, se tivesse recuperado Albertine. O

cronista de caçadas dizia (estávamos no mês de maio): "Esta época é verdadeiramente dolorosa,

digamos até sinistra, para o verdadeiro caçador, pois ele não tem nada, absolutamente nada, em

que atirar", e o cronista do Salão: "Diante desse modo de organizar uma exposição, a gente se vê

tomado de um grande desânimo, de uma tristeza infinita..."

Se a força daquilo que eu sentia, fazia-me parecer pálidas e falsas as expressões dos que

não eram verdadeiramente felizes ou infelizes, em compensação as linhas mais insignificantes

que, mesmo remotamente, podiam ligar-se à Normandia ou à Nice, ou aos estabelecimentos

hidroterápicos, ou à Berma, à princesa de Guermantes; ou ao amor, à ausência ou à infidelidade,

repunham bruscamente diante de mim, sem que tivesse tempo de me desviar, a imagem de

Albertine, e eu chorava de novo. Aliás, eu nem sequer podia ler esses jornais habitualmente, pois

o simples gesto de abrir um deles me recordava, ao mesmo tempo, que realizara outros

semelhantes quando Albertine era viva e que ela já não vivia; deixava-os cair, sem ânimo para

desdobrá-los por inteiro.

Cada impressão evocava uma impressão idêntica, porém destruída, porque dela fora

retirada a existência de Albertine, de modo que eu jamais tinha a coragem de viver até o fim esses

minutos mutilados. Mesmo quando, aos poucos, ela deixou de estar presente em meu

pensamento e todo-poderosa no meu coração, eu sofria de súbito se me fosse preciso entrar em

seu quarto, como no tempo em que ela morava ali, procurar luz, sentar-me junto da pianola.

Dividida em pequenos deuses familiares, ela habitou por muito tempo a chama da vela, a

maçaneta da porta, o espaldar de uma cadeira; outros domínios menos imateriais, como uma

noite de insônia, ou a emoção que me dava a primeira visita de uma mulher que me agradara.

Apesar disso, as poucas frases que meus olhos liam durante o dia; ou que meu pensamento

recordava haver lido, freqüentemente excitavam em mim um ciúme cruel. Por isso, tais frases

precisavam menos me fornecer um argumento válido em favor da imoralidade das mulheres do

que me restituir uma impressão antiga ligada à existência de Albertine. Transportadas então para

um momento esquecido, cuja força não me fora atenuada pelo hábito de pensar nele, e onde

Albertine ainda vivia, suas faltas assumiam algo de mais próximo, mais angustiante, mais atroz.

Então eu voltava a me perguntar se era certo que as revelações da encarregada das

duchas fossem falsas. Uma boa maneira de conhecer a verdade seria enviar Aimé à Touraine,

para que passasse alguns dias nas vizinhanças da vivenda da Sra. Bontemps. Se Albertine

amava os prazeres que uma mulher tem com outras, se fora para não ficar muito mais tempo

privada deles que me abandonara, deveria, logo que se visse livre, tentar entregar-se à eles e

satisfazê-los, numa região que conhecia; para onde não teria escolhido retirar-se caso não tivesse

pensado em encontrar ali mais facilidades do que em minha casa. Sem dúvida, não havia nada de

extraordinário no fato de que a morte de Albertine tivesse mudado tão pouco as minhas

preocupações. Quando a nossa amante está viva, uma grande parte dos pensamentos que

formam aquilo a que chamamos "nosso amor" nos ocorre durante as horas em

que ela não está

ao nosso lado. Assim, o hábito de ter por objeto de nossos devaneios um ser ausente, e que,

mesmo quando se ausenta por mais que poucas horas, não passa, nessas horas, de uma morte,

igualmente não muda grande coisa.

Quando Aimé voltou, pedi partisse para Châtel erault. Assim, não só pelos meus

pensamentos e tristezas, a emoção que me dava um nome, ligado, ainda que remotamente, certa

criatura, mas também por todos os meus atos, pelas investigações que levava à efeito, pelo

emprego que fazia do meu dinheiro, inteiramente destinado as ações de Albertine, posso dizer

que todo esse ano minha vida ficou ao redor de um amor, de uma verdadeira ligação. E essa que

era objeto de semelhante esforço, estava morta. Diz-se, às vezes, que pode subsistir alguma

coisa por outra após a morte, se essa criatura foi artista e colocou um pouco de si mesma obra.

Talvez seja da mesma forma que uma espécie de mudança, retirada a criatura e enxertada no

coração de outra, aí continua a desenvolver-se, depois de morta a criatura da qual foi destacada.

Aimé foi instalar-se ao lado da vivenda da Sra. Bontemps; travou conhecimento com uma

camareira e comum locador de carros em cuja firma Albertine, com freqüência,

ia alugar um pelo

dia todo. Tais pessoas nada haviam obsequiado. Numa segunda carta, Aimé dizia ter sabido, por

uma lavadeirinha da cidade, que Albertine possuía um jeito particular de lhe apertar o braço,

quando a via, ou entregava a roupa. Mas, dizia ela, esta senhorita nunca lhe fizera outra coisa.

Dei à Aimé o dinheiro que lhe pagava a viagem, que pagava o mal que causava com sua carta, e

todavia eu me esforçava para curá-lo, dizendo comigo que isso era uma familiaridade que não

provava qualquer desejo vicioso, quando um telegrama de Aimé: SOUBE COISAS BEM

INTERESSANTES. ESTOU COM NOVIDADES PARA O SENHOR. SEGUE CARTA.

No dia seguinte, veio uma cujo sobrescrito bastou para me fazer estremecer; reconhecera

de quem era. Depois, toda criatura, mesmo a mais humilde, tem sob seu domínio esses seres

familiares, a um tempo vivos e deitados numa espécie de entorpecentes sobre o papel, os

caracteres de sua escrita, que só ela possui.

A princípio, a lavadeirinha não quis me dizer nada, afirmava que Albertine nunca lhe fizera

senão apertar-lhe o braço. Mas, para fazê-la falar, levei-a para jantar, fi-la beber. Então, ela me

contou que a Srta. Albertine, muitas vezes à beira do Loire quando ela ia tomar banho; que a Srta.

Albertine, tinha o hábito de levantar bem cedinho para tomar banho, costumava encontrar com ela

à beira do rio, num local em que as árvores são tão espessas que ninguém pode ver a gente, e

aliás não há ninguém que possa ver a gente àquela hora. A lavadeirinha levava suas amiguinhas

e elas se banhavam; depois, como já muito calor por lá e até debaixo das árvores parecia que

pegava fogo, secava-se na grama, acariciando-se, fazendo cócegas, brincando. A lavadeirinha

confessou que apreciava muito divertir-se com as amiguinhas e que, vendo a Srta. Albertine

sempre se esfregando nela com seu peignoir, fazia com que se despisse e, com a língua, ia lhe

acariciando o pescoço, os braços, e até a sola dos pés que Albertine lhe estendia. A lavadeirinha

também se despia, e elas brincavam de se empurrarem n'água. Nessa noite ela não me disse

mais nada. Mas inteiramente devotado às ordens de Vossa Senhoria e querendo fazer tudo para

agradar ao senhor, levei a lavadeirinha para dormir comigo. Ela me perguntou se eu queria que

fizesse o mesmo que havia feito para a Srta. Albertine, quando esta tirava a roupa de banho. E me

disse: (Se visse como aquela moça se retorcia, ela me dizia: (Ah! você me deixa

louca) e ficava

tão nervosa que não podia evitar morder-me). Ainda vi o sinal no braço da lavadeirinha. E

compreendi o prazer da Srta. Albertine, pois essa garota é de fato muito habilidosa.

Eu sofrera bastante em Balbec, quando Albertine me falara de sua amizade pela Srta.

Vinteuil. Mas Albertine estava lá para me consolar. Depois, quando, por ter procurado conhecer

demais os atos de Albertine, conseguira fazer que fosse embora de minha casa; quando

Françoise me anunciara que ela já não estava presente e que me achei sozinho, sofrera mais

ainda. Mas pelo menos a Albertine que eu havia amado permanecia em meu coração. Agora, em

seu lugar-como punição por ter levado tão longe uma curiosidade à qual, contrariamente ao que

havia suposto, a morte não pusera termo-, o que eu encontrava era uma moça diferente,

multiplicando as mentiras e as traições bem onde a outra me tranqüilizara, com tanta doçura,

jurando que jamais conhecera esses prazeres, os quais, na embriaguez da liberdade

reconquistada, fora gozar até o espasmo, até o ponto de morder aquela pequena lavadeira com

quem se encontrava ao despontar do sol, à beira do Loire, e a quem dizia: "Você me deixa louca."

Uma Albertine diferente, não só no sentido em que entendemos a palavra diferente quando se

trata dos outros. Se os outros são diferentes do que pensávamos, tal diferença, não nos atingindo

profundamente, e não podendo o pêndulo da intuição projetar para fora de si mais que uma

oscilação igual à que executou no sentido interior, é somente nas regiões superficiais deles

mesmos que situamos essas diferenças. Outrora, quando eu ficava sabendo que uma mulher

gostava de mulheres, nem por isso ela me parecia diferente, de uma essência particular. Mas se

se trata de uma mulher a quem amamos, para nos livrarmos da dor que sentimos à idéia de que

isso pode ser verdade; procuramos saber não apenas o que ela fez, mas aquilo que sentia ao

fazê-lo, que idéia tinha daquilo que fazia; então, descendo cada vez mais às profundezas da dor,

atingimos o mistério, a essência. Eu sofria até no fundo de mim mesmo, até no meu corpo, no

meu coração, bem mais do que me teria feito sofrer o medo de perder a vida, com essa

curiosidade com a qual colaboravam todas as forças da minha inteligência e do meu inconsciente;

e, assim, era nas próprias profundezas de Albertine que eu projetava agora tudo o que soubera a

seu respeito. E desse modo fizera penetrar em mim, a uma tal profundidade, a

realidade de que

Albertine, muito mais tarde me prestou um último serviço. Da mesma o mal que eu havia feito à

minha avó, o mal que me fizera Albertine foi entre ela e mim, sobrevivendo até a recordação; pois,

com a conservação que possui tudo o que é físico, o sofrimento nem sequer precisa das

lembranças da memória; assim, um homem que se esqueceu das belas noites de luar nos

bosques, sofre ainda dos reumatismos que neles apanhou.

Esses gostos que ela possuía, mas negava, esses gostos cuja verdade me viera, não

envoltos em frio raciocínio, mas no ardente sofrimento da leitura destas palavras: "Você me deixa

louca", sofrimento que lhes continham particularidade qualitativa, esses gostos não se ajustavam

apenas à Albertine, como se ajusta ao bernardo-eremita a nova concha que ele arrasta; mas,

antes como um sal que entra em contato com outro sal, muda-lhe mais ainda, a Natureza. Quando

a lavadeirinha dissera à amigas: "Imaginem; teria acreditado, a senhorita também é", para mim,

não era somente uma hipótese que a princípio não suspeitavam; o que elas acrescentavam à

pessoa de Albertine, era sim a descoberta de que ela era uma outra pessoa, uma pessoa como

ela que falava a mesma língua, o que, fazendo-a compatriota das outras, tornava-a mais estranha

a mim, provava que o que eu tivera dela; levava em meu coração; que era apenas um pouquinho

dela, e que o resto, que adquiria tamanha extensão não ser unicamente essa coisa já de tão

misteriosa importância, um desejo dual, mas por lhe ser comum com as outras, ela sempre me

escondera; tendo me afastado dele, como uma mulher que me tivesse ocultado ser de um inimigo

e espiã, e que ainda teria agido de modo mais traiçoeiro que uma; pois esta só engana quanto à

sua nacionalidade, ao passo que Albertine, quanto à sua humanidade mais profunda, quanto ao

fato de que não pertencesse à humanidade comum, mas a uma raça estranha que com ela se

mistura, esconde e não se funde jamais.

Eu justamente acabara de ver dois quadros de onde, numa paisagem densa, há mulheres

nuas. Num deles, uma das moças e o pé como o devia fazer Albertine quando o ofertava à

lavadeira. Como empurra para a água a outra moça, que resiste alegremente, a coxa levantada,

mal mergulhado na água azul. Lembrava-me agora que o levantar da perna, ângulo do joelho,

compunha o mesmo feitio sinuoso de pescoço de cisne; pela inclinação da coxa de Albertine

quando estava a meu lado na cama; muitas vezes, quisera lhe dizer que ela me lembrava essas

pinturas, mas não dizia, para não despertar nela a imagem de corpos nus de mulheres. Agora eu

ao lado da lavadeira e das amigas desta, recompondo o grupo de que eu tantas vezes quando

estava sentado no meio das amigas de Albertine, em Balbec. E, se eu um amador sensível

apenas à beleza, teria reconhecido que Albertine o tenha mil vezes mais belo, agora que os seus

elementos eram as estátuas nuas de deusas, como as que os grandes escultores espalharam em

Versalhes, entre as moitas, ou rodeavam de fontes, para que as lavassem e polissem as carícias

da água corrente. Agora, eu a via ao lado da lavadeira, moças à beira d'água, em sua dupla nudez

de mármores femininos, no meio dos tufos de vegetação e mergulhando n'água como baixos-

relevos náuticos. Lembrando-me do que era Albertine em minha cama, acreditava ver a sua coxa

recurva, via-a, era um pescoço de cisne, e procurava a boca da outra moça. Então, já não via

sequer uma coxa, mas o colo ousado de um cisne, como aquele que, num esforço fremente,

procura a boca de uma Leda, vista em toda a palpitação específica do prazer feminino, porque só

existe um cisne, e ela parece mais sozinha, da mesma forma que descobrimos ao

telefone as

inflexões de uma voz que não distinguimos enquanto não se dissocia de um rosto onde se

objetiva a sua expressão.

Nesse esforço, o prazer, em vez de ir em direção à mulher que o inspira, e que está

ausente, substituída por um cisne inerte, concentra-se naquela que o sente. Por instantes, a

comunicação ficava interrompida entre o meu coração e minha memória. O que Albertine havia

feito com a lavadeira era-me representado apenas pelas abreviaturas quase algébricas que não

me configuravam mais nada; mas cem vezes por hora a corrente interrompida se restabelecia, e

meu coração queimava sem piedade num fogo infernal, enquanto via Albertine ressuscitada pelo

meu ciúme, verdadeiramente viva, retesar-se sob as carícias da lavadeirinha, a quem dizia: "Você

me deixa louca." Como vivia no momento em que cometia a sua falta, isto é, no momento em que

eu próprio me encontrava, não me bastava conhecer essa falta, gostaria que ela soubesse que eu

a conhecia. Assim, se nesses momentos lamentava pensar que nunca mais a veria de novo, esse

lamento trazia a marca do meu ciúme e, bem diverso do lamento dilacerante dos momentos em

que a amava, não passava de lástima de não poder dizer-lhe: "Achavas que eu jamais saberia do

que fizeste depois de me deixares; pois bem, sei de tudo, sei da lavadeira à beira do Loire, tu lhe

dizias: 'Você me deixa louca', vi a mordida." Sem dúvida, dizia comigo: "Por que me atormentar?

Essa que gozou com a lavadeira já não é nada, logo era uma pessoa cujas ações não têm mais

valor. Ela não sabe que eu sei. Mas também não sabe que eu não sei, porque não sabe coisa

alguma". Porém este raciocínio me convencia menos que a visão de seu gozo, que me devolvia

ao momento em que ela o havia experimentado. O que sentimos só existe para nós e nós o

projetamos no passado, no futuro, sem nos deixarmos deter pelas barreiras fictícias da morte. Se,

nesses instantes, o meu lamento pela sua morte sofria a influência de meu ciúme e assumia

aquela forma tão particular, essa influência se estendeu naturalmente aos meus devaneios de

ocultismo e de imortalidade, que não eram senão um esforço para tentar realizar o que eu

desejava. Assim, nesses instantes, se conseguisse evocá-la fazendo girar uma mesa, como

outrora Bergotte julgava ser possível, ou em reencontrá-la em outra vida, como o imaginava o

abade X***, não teria desejado isso senão repetir: "Sei através da lavadeira. Tu

dizias: 'Você me

deixa louca'; vi a morte que veio em meu socorro, contra a imagem da lavadeira, foi -certamente

ter durado um pouco-essa imagem mesma, pois só conhecemos de fato novo, o que bruscamente

introduz na nossa sensibilidade uma alteração que fere fundo, coisa a que o hábito ainda não

substituiu por seus pálidos símiles. Mas sobretudo foi esse fracionamento de Albertine em

numerosas Albertines, que se transformou no seu único modo de exibir em mim.

Voltaram os momentos em que ela fora apenas bondosa, ou inteligentemente séria, ou

mesmo gostava dos esportes acima de tudo. E esse fracionamento profundo não era justo que ele

me acalmasse? Pois, se não fosse em si mesmo real, se dependesse da forma sucessiva das

horas em que ela me aparecera; que permanecia sendo a da minha memória, como a da

curvatura das projeções de minha lanterna mágica; dependia da curvatura dos vidros coloridos,

não repetiria à sua maneira uma verdade, e bem objetiva, a saber, que cada um de nós contém

numerosas pessoas, nem todas com o mesmo valor moral, a que existira em Albertine viciosa, isto

não impedia que tivesse havido outras Albertines, a que gostava de conversar sobre Saint-Simon

comigo, em seu quarto; a que, na noite em que lhe dissera que era preciso que nos

separássemos, comentar tristeza: "Esta pianola, este quarto, pensar que nunca mais voltarei a ver

tudo e, quando vira a emoção que minha mentira, acabara por me comunicar, exclamando com

uma piedade tão sincera: "Oh, não! Tudo menos fazer você sofrer. Está bem; quando, não tentarei

vê-lo de novo."

Então, não estive mais sozinho; senti desaparecer aquele muro que nos separava. A partir

do momento em que essa generosa Albertine voltara, eu havia reencontrado a única pessoa a

quem poderia pedir o antídoto aos sofrimentos que Albertine me causava. Certo, eu sempre

desejaria lhe acercar da história da lavadeira, mas já não seria como um cruel triunfo nem para

mostrar, maldosamente, que a conhecia. Como teria feito, se Albertine estivesse viva, perguntei-

lhe com ternura se era verdade a história da lavadeira. Ela me jurou que não, que Aimé não era

muito verídico e que, desejando parecer que ganhara bem o dinheiro que eu lhe dera, não tinha

querido voltar de mãos abanando, e a lavadeira dizer tudo o que ele pretendia.

Sem dúvida, Albertine continuava a mentir. No entanto, no fluxo e refluxo de suas

contradições, eu sentia haver uma certa progressão de vida a mim. Que ela no começo me

houvesse feito confidências (talvez, é certo, involuntárias, como numa frase que se escapa), eu

não teria jurado, não me lembrava mais. E, além disso, ela possuía modos tão esquisitos de

certas coisas, que isso podia ou não significar tal coisa. Mas o entendimento que tivera do meu

ciúme a levara em seguida a retratar-se, com horror, daquilo que a princípio admitira

complacentemente. De resto, Albertine não precisava seque me dizer tudo isso. Para me

convencer de sua inocência, bastava-me beijá-la. Podia, agora que caíra o muro que nos

separava, semelhante ao tapume, impalpável e resistente, que se ergue entre dois amantes após

uma briga, e contra o qual se despedaçariam os beijos. Não, ela não precisava me dizer nada.

Fizesse o que quisesse a coitadinha, havia sentimentos nos quais, por cima daquilo que nos

separava, podíamos unir-nos. Se a história era verdadeira, e se Albertine me ocultara os seus

gostos, fora para não me aborrecer. Tive a doçura de ouvi-la dizer por essa outra Albertine. Além

disso, havia eu alguma vez conhecido outra? As duas maiores causas de erros em nossas

relações com outra criatura consistem em termos bom coração e amarmos a essa

criatura.

Amamos por um sorriso, por um olhar, por um ombro. Isso basta; então, nas compridas horas de

esperança ou de tristeza, fabricamos uma pessoa, compomos um caráter. E quando, mais tarde,

freqüentamos a pessoa amada, já não podemos, diante da realidade cruel que divisamos,

arrancar esse caráter bom, essa natureza de mulher que nos ama, àquela criatura que possui tal

olhar e tais ombros, da mesma forma que não podemos arrancar seu rosto primitivo a uma pessoa

que conhecemos desde a juventude, quando envelhece. Evoquei o olhar belo, piedoso e bom

daquela Albertine, suas faces gordas, seu pescoço de amplas granulações. Era a imagem de uma

morta, mas, como essa morta vivia; foi simples fazer logo o que infalivelmente teria feito se ela

tivesse viva junto a mim (o que faria caso a encontrasse de novo em outra vida): perdoei-lhe.

Os momentos que vivera junto dessa Albertine eram-me de tal modo preciosos que não

gostaria de deixar escapar nenhum deles. Ora, por vezes, como recuperamos os restos de uma

fortuna dissipada, tornava a encontrar alguns que pareciam perdidos: atando um lenço por trás do

meu pescoço, e não na frente, lembrei-me de um passeio no qual nunca voltara a pensar e onde,

para que o ar frio não me afetasse a garganta, Albertine me atara o lenço dessa forma, depois de

me haver beijado. Esse passeio tão simples, restituído à minha memória por um gesto tão

humilde, deu-me o prazer desses objetos íntimos, pertencentes a uma pessoa morta e querida,

que a velha camareira nos vem trazer, e aos quais damos tanto valor; minha mágoa achou-se

enriquecida com essa lembrança, principalmente porque eu jamais voltara a pensar nesse lenço.

Agora Albertine, novamente solta, retomara o seu vôo; homens e mulheres a seguiam. Ela

vivia em mim. Eu percebia que esse amor prolongado por Albertine era como a sombra do

sentimento que tivera por ela, reproduzindo-lhe as diversas etapas, e obedecia às mesmas leis da

realidade sentimental que ele refletia para além da morte. Pois eu sentia muito bem que, se podia

pôr alguns intervalos entre meus pensamentos dedicados à Albertine, por outro lado, se pusesse

demais, já não a teria amado; devido a essas fendas, ela ia se tornando indiferente para mim,

como já o era a minha avó. Demasiado tempo sem pensar nela teria rompido em minha

lembrança a continuidade que é o princípio mesmo da vida, que todavia pode ser recuperado

após um certo espaço de tempo. Não fora desse modo o meu amor por Albertine

quando ela vivia,

e que pudera renovar-se depois de um bastante longo tempo, durante o qual eu permanecera

sem pensar nela? Ora, a recordação deveria obedecer às mesmas leis, sem poder suportar

intervenções longas, pois não fazia mais do que, como as auroras boreais, refletir, após de

Albertine, o sentimento que lhe consagrara; era como a sombra do amor.

De outras vezes, a minha mágoa assumia tantas formas que, de vez em quando, eu não a

reconhecia; sonhava em ter um grande amor, queria uma pessoa que vivesse junto a mim, e isso

me parecia um sinal de que não amava Albertine, quando era indício de que a amava sempre;

pois essa necessidade de viver um grande amor era apenas, tanto quanto o desejo de beijar a

rechonchudas de Albertine, uma parte da minha saudade. Só quando tivesse esquecido, é que eu

poderia achar mais sábio e mais feliz viver sem a saudade de Albertine, porque era ela quem fazia

nascer em mim a necessidade de uma irmã, tornava-a insaciável. E, à medida que se

enfraquecesse a minha necessidade por ela, a necessidade de uma irmã, que não passava de

uma forma incômoda dessa saudade, se tornaria menos imperiosa. E contudo esses dois

resquícios do meu amor não seguiram, em seu decréscimo, um ritmo igualmente rápido nos

momentos em que eu estava decidido a casar-me, de tanto que o primeiro um eclipse profundo,

ao passo que o segundo, ao contrário, ganhava muita vida. E, em compensação, estando

posteriormente extintas as minhas recordações mentas, às vezes, de súbito, subia-me ao coração

uma ternura por Albertine. Então, pensando em meus amores por outras mulheres, dizia comigo

que teria compreendido e partilhado - seu vício tornava-se como que uma canção de amor. Por

vezes, renascia o meu ciúme nos momentos em que já não me lembrava de Albertine, embora

fosse dela que me enciumava. Supunha tê-los adiado de propósito de quem me narraram então

uma aventura. Mas Andrée, era para mim apenas um testa-de-ferro, uma estrada de ligação, uma

tomada de correntes indiretamente ligavam-me a uma Albertine. É assim que, em sonho, damos

outro outro nome a uma pessoa, sobre cuja identidade profunda todavia não nos enganamos. Em

suma, apesar dos fluxos e refluxos que nesses casos particulares imitavam a lei geral, os

sentimentos que Albertine me deixara tiveram mais dificuldade em morrer do que a lembrança de

sua causa primeira. Não só os sentimentos, mas as sensações. Diferente nisto de

Swann que,

quando começara a amar Odette, nem sequer pudera recriar nele mesmo a sensação de seu

amor, me sentia ainda a reviver um passado que não era mais que a história de um outro meu eu,

de certa forma partido em dois, enquanto a sua extremidade superior estava dura e resfriada,

queimava; ainda na base cada vez que uma centelha passar por ela a antiga corrente, mesmo

quando desde há muito o meu ser deixara de imaginar Albertine. E, visto que imagem nenhuma

dela acompanha as palpitações cruéis que a supriam, nem as lágrimas trazidas a meus olhos; o

vento que soprava, como em Balbec, sobre as macieiras já róseas, eu chegava a me perguntar se

o renascimento de minha dor não seria devido a causas puramente patológicas e se o que eu

tomava por revivescência de uma lembrança e o derradeiro período de um amor, não era antes o

princípio de uma moléstia do coração. Há, em certas afecções, acidentes secundários que o

enfermo é freqüentemente levado a confundir com a própria doença. Quando eles cessam, o

doente se espanta por achar-se menos afastado da cura do que havia imaginado.

Tal fora o sofrimento causado a "complicação" trazida pelas cartas de Aimé relativamente

ao estabelecimento de duchas e às lavadeiras. Mas, quanto ao resto, um médico de almas que

me tivesse visitado julgaria que meu próprio desgosto ia melhor. Está claro que, em mim, como eu

era homem, uma dessas criaturas anfíbias que, ao mesmo tempo, estão mergulhadas no passado

e na realidade atual, existia sempre uma contradição entre a lembrança viva de Albertine e o

conhecimento que eu tinha de sua morte. Essa contradição, porém, de qualquer modo era o

inverso do que fora antigamente. A idéia de que Albertine estava morta, essa idéia que, nos

primeiros tempos, vinha combater tão furiosamente em mim a idéia de que ela vivia, de que eu

estava obrigado a fugir dela como as crianças à aproximação da onda, essa idéia de sua morte,

em virtude mesmo desses ataques incessantes, acabara afinal conquistando em mim o lugar

ocupado, ainda recentemente, pela idéia de sua vida. Sem que eu percebesse, era agora essa

idéia da morte de Albertine - não mais a recordação atual da sua vida que, em sua maior parte,

constituía o fundo de minhas cismas inconscientes, de modo que, se as interrompia de súbito para

refletir sobre mim mesmo, o que me provocava espanto não era, como nos primeiros dias; que

Albertine, tão viva em mim, pudesse não mais existir sobre a terra, pudesse estar

morta, mas que

Albertine, que já não existia sobre a terra, que estava morta, tivesse permanecido tão viva em

mim. Construído pela continuidade de lembranças, que se seguem umas às outras, o negro túnel,

sob o qual meu pensamento já devaneava há tanto tempo que eu nem reparava nele, interrompia-

se bruscamente com um intervalo de sol, ninando ao longe um universo sorridente e azul, onde

Albertine não era mais que uma recordação indiferente e cheia de encanto. Será esta, dizia para

mim mesmo, a verdadeira, ou então a criatura que, na escuridão em que eu há tanto errava,

parecia-me a realidade única? Essa personagem que eu fora ainda há tão pouco tempo, e que só

vivia na perpétua espera do momento em que Albertine viesse lhe dar boa-noite e beijá-la, uma

espécie de multiplicação de mim mesmo me fazia essa personagem como sendo apenas uma

parte frágil e semi despojada de meu ser, e, como uma flor que se entreabre, eu experimentava o

frescor revigorante de uma esfoliação. Ademais, estas breves iluminações só me faziam talvez

tomar maior consciência de meu amor por Albertine; o acontece com todas as idéias demasiado

constantes, que precisam de uma contração para se afirmarem. Aqueles que viveram durante a

guerra de 1870, por exemplo, dizem que a idéia da guerra acabara por lhes parecer natural, não

porque não pensassem muito nela, mas porque pensavam nela sempre. E, para ver o quanto a

guerra é um fato estranho e considerável, era necessário que aplicadas à sua obsessão

permanente, esquecessem por um instante que imperava, e voltassem a sentir-se como eram em

tempo de paz, até que, de nesse branco momentâneo, se destacasse, afinal distinta, a realidade

que desde há muito eles tinham deixado de ver, por não verem outra coisa.

Se, dentro de mim, essa contração das diversas lembranças ainda fosse feita, ao menos,

não por escalões, mas de modo igual e simultaneamente a frente, em toda a linha da memória, as

lembranças de suas traições, ao mesmo tempo que as de sua ternura, o esquecimento teria me

trazido, mas não era assim. Como numa praia onde a maré vem bater irregularmente; assaltado

pela mordida de uma de minhas suspeitas, quando a imagem doce da presença já se retirara para

tão longe que não podia mais trazer-me. Quanto às traições, havia sofrido com elas, porque, por

mais distante que fossem, em que houvessem ocorrido, não eram antigas para mim; mas ao

sofrimento assim se tornaram, isto é, quando passei figurá-las menos vivamente; o distanciamento

de uma coisa é antes proporcional à potência visual da que observa do que à distância real dos

dias transcorridos, assim como a lembrança de um sonho da noite passada pode nos parecer

mais longínquo, em sua cisão e apagamento, que uma ocorrência que data de vários anos. Mas,

que a idéia da morte de Albertine fizesse progressos em mim, o refluxo da sensação que ela vivia,

se não os detinha; contudo se lhes opunha, impedindo que os progressos fossem regulares.

Agora eu me dava conta de que, durante o período (sem dúvida por causa do

esquecimento das horas em que ela, enclausurada em minha casa, e que, à força de apagar em

mim o sofrimento das faltas que me pareciam quase indiferentes, porque sabia que ela não as

conhecia, tinham tornado como que outras tantas provas de sua inocência), martirizado por viver

habitualmente com uma idéia, também tão nova, como a de que Albertine morrera (até então, eu

sempre partia da idéia de que Albertine vivia), com uma que teria considerado igualmente

impossível de suportar e que, sem que percebesse, formando aos poucos o fundo da minha

consciência, substituía a idéia de que Albertine era inocente: era a idéia de que ela era culpada.

Não chegava a duvidar dela, ao contrário acreditava; da mesma forma, tomei o ponto de partida

de minhas outras idéias a certeza muitas vezes desconhecidas; como o fora a idéia contrária; a

certeza de sua culpabilidade, sempre imaginara duvidar ainda. Devo ter sofrido muito nesse

período, mas percebo que precisava ser assim. Ninguém sara de um sofrimento sem antes

experimentá-lo integralmente. Protegendo Albertine de qualquer contato, forjando para mim

mesmo a de que ela era inocente, bem como depois, tomando por base de meu raciocínio de que

ela vivia, nada mais fazia que retardar o momento da cura, pois retardava as longas horas que

deveriam desenrolar-se antes de chegar ao fim dos sofrimentos necessários. Ora, acerca dessas

idéias da culpabilidade de Albertine, o hábito, quando se exercesse, o faria segundo as mesmas

leis que eu já sentira no decurso da minha vida. Da mesma forma que o nome de Guermantes

perdera o significado e o encanto de um caminho margeado de ninféias e do vitral de Gilberto; o

mau, a presença de Albertine a dos vales azuis do mar; os nomes de Swann, do ascensorista, da

princesa de Guermantes e de tantos outros, tudo o que eles tinham significado para mim e como

esse encanto e significado me deixassem uma simples palavra que julgavam suficientemente

crescida para viver sozinha, como alguém que chega para orientar seu

empregado, o instrui e,

após algumas semanas retira-se, da mesma forma a força dolorosa da culpabilidade de Albertine

seria expulsa de mim pelo hábito. Aliás, daqui até lá, como no decurso de um ataque simultâneo

por dois lados, nesta ação do hábito dois aliados se dariam mutuamente mão forte. Pois essa

idéia da culpabilidade de Albertine se tornaria para mim uma idéia mais provável, mais habitual, e,

por isso é que se faria menos dolorosa. Mas, por outro lado, porque seria menos dolorosa, as

objeções feitas à certeza dessa culpabilidade, e que só eram inspiradas à minha inteligência pelo

desejo de não sofrer demais, cairiam uma após a outra; e, cada ação precipitando outra, eu

passaria rapidamente da certeza da inocência de Albertine à certeza de sua culpa. Era preciso

que eu convivesse com a idéia da morte de Albertine, com a idéia de suas faltas, para que essas

idéias se me tornassem habituais, ou seja, para que eu pudesse esquecer essas idéias e, por fim,

a própria Albertine.

Eu ainda não havia chegado a esse ponto. Era por vezes a memória, tornada mais nítida

por uma excitação intelectual, como a leitura, que renovava a minha mágoa; de outras vezes, ao

contrário, era essa mágoa causada, por exemplo, pela angústia de um dia de tempestade, que

erguia mais alto, mais para perto da luz, alguma recordação do nosso amor. Aliás, essas

retomadas de meu amor por Albertine morta podiam ocorrer após um intervalo de indiferença

semeado de curiosidades outras, como, após o longo intervalo que principiara depois do beijo

recusado em Balbec, e durante o qual eu me ocupara bem mais da Sra. de Guermantes, de

Andrée e da Srta. de Stermaria, havia recomeçado quando voltei a vê-la com freqüência. Contudo,

mesmo agora, preocupações diferentes podiam realizar uma separação desta vez relativamente a

uma pessoa morta em que ela se tornaria mais indiferente. Tudo isso pelo mesmo motivo: ela era

viva para mim. E, mesmo mais tarde, quando passei a amá-la menos, isso continuou, entretanto,

como um desses desejos que nos cansam depressa; mas que retornam quando os deixamos

repousar por algum tempo. Eu perseguia uma pessoa viva, depois uma outra, e depois voltava à

minha morta. Muitas vezes era nas partes mais obscuras de mim mesmo, quando já não me podia

formar nenhuma idéia nítida de Albertine, que um nome vinha por acaso excitar reações dolorosas

em mim, reações que eu julgava possíveis, como se dá com esses agonizantes

cujo cérebro já

não funciona e de quem se faz contrair um membro, ao enfiar-se-lhe uma agulha. E, durante

longos períodos, tais excitações aconteciam tão raramente que eu buscava em mim mesmo as

ocasiões para um desgosto ou uma crise de ciúme, ligar-me ao passado, e me lembrar melhor

dela. Pois, como a saudade a mulher não passa de amor revivescente por ela e está submetida às

mesmas que ele; a força da minha saudade era acrescida pelas mesmas causas de quando

Albertine vivia, teriam aumentado o meu amor por ela, e em cuja primeira, sempre haviam

figurado o ciúme e a dor. Porém, na maioria das vezes, tais lembranças, depois de uma doença,

ou uma guerra, podem durar muito além do caos; sabedoria mais previdente nascia contra a

minha vontade e me causava questionamentos tão violentos, que eu pensava bem mais em me

proteger contra elas do que em pedir uma lembrança a tais ocasiões.

Além disso, nem era preciso que uma palavra, como Chaumont; uma sílaba comum a dois

nomes diversos, bastava à minha memória como o eletricista que se contenta com o menor corpo

que seja bom condutor; restabelecer o contato entre Albertine e meu coração; se relacionasse a

suspeita para que a despertasse, para se transformar na palavra de senha, à Sésamo que

entreabria a porta de um passado de que já não percebemos o porque; fartos de vê-lo,

literalmente, não o possuímos mais; tínhamos sido munidos dele; e julgávamos, devido a essa

ablação, ter a nossa própria personalidade mudada em sua forma; como uma figura que perdesse

um lado, como certas frases, por exemplo, em que ocorria o nome de uma rua e em que Albertine

pudesse ter estado, bastavam para encarnar um ciúme inexistente, em busca de um corpo, de

uma casa, de alguma fixação material, alguma realização particular. Muitas vezes era

simplesmente durante essas "retomadas", esse escapou do sonho, virando de uma só vez várias

da memória, várias folhas do calendário, reconduziam-me, faziam-me reter a uma impressão

dolorosa, porém antiga, que havia muito já cedera os seus à outras e que se tornava presente. De

hábito, vinha acompanhada de todo um histórico desajeitado, mas impressionante, que, iludindo-

me, punha-se diante de meu rosto; fazia meus ouvidos escutarem aquilo que daí em frente datava

daquela resto, na história de um amor e de suas lutas contra o esquecimento, por ocupar o sonho

um lugar maior ainda que a vigília, ele que não dá importância às divisões

infinitesimais do tempo,

suprime as transições, opõe-se aos grandes testes; desfaz em um instante o trabalho de consolo,

tão lentamente urdido durante o dia e nos proporciona, à noite, um encontro com aquela que

afinal teríamos acabado por esquecer, sob a condição, todavia, de não voltar a vê-la?

Pois digam o que disserem, podemos perfeitamente, em sonhos, ter a impressão de que o

que neles se passa é real. Isto só não seria possível devido à razões extraídas de nossa

experiência da vigília, experiência que nesse momento nos é ocultada, de modo que essa vida

inverossímil nos parece verdadeira. Às vezes, por um defeito de iluminação interior, que, viciosa,

fazia falhar uma peça, e minhas lembranças, bem encenadas, davam ilusão de vida, eu julgava de

fato ter marcado um encontro com Albertine e reencontrá-la; mas então sentia-me incapaz de ir a

seu encontro, de proferir as palavras que queria dizer-lhe, de acender novamente, para vê-la, o

castiçal que se apagara: impossibilidades que eram simplesmente, em meu sonho, a imobilidade,

o mutismo e a cegueira de quem dorme; como se vê, bruscamente, na projeção falha de uma

lanterna mágica, uma grande sombra, que deveria estar oculta, apagar a silhueta das

personagens e que é a da própria lanterna, ou a do operador. De outras vezes, Albertine se

encontrava em meu sonho e desejava abandonar-me de novo, sem que sua resolução

conseguisse me comover. É que da minha memória pudera filtrar-se na escuridão de meu sono

um raio de advertência; e o que, aninhado em Albertine, tirava toda a importância a seus atos

futuros e à partida que ela anunciava, era a idéia de que ela estava morta. Porém muitas vezes,

mais nítida, a lembrança de que Albertine estava morta se combinava, sem destruí-la, com a

sensação de que ela vivia. Eu conversava com ela e, enquanto eu falava, minha avó ia e vinha no

fundo do quarto. Um pedaço de seu queixo caíra em pedacinhos como um mármore corroído, mas

aquilo não me parecia nada de extraordinário. Dizia a Albertine que teria perguntas a lhe fazer,

relativas ao estabelecimento de duchas de Balbec e a uma certa lavadeira da Touraine, mas

deixava aquilo para mais tarde, visto dispormos de todo o tempo e que nada nos apressava. Ela

me garantia que nada fazia de mal e que, na véspera, apenas beijara os lábios da Srta. Vinteuil.

"Como? Ela está aqui?

- Sim, já é mesmo hora de deixar você, pois devo ir visitá-la daqui a pouco."

E como, desde que Albertine estava morta, eu já não a mantinha prisioneira em minha

casa como nos últimos tempos de sua vida, inquietava-me a sua visita à Srta. Vinteuil. Eu não

queria deixar que ela a visse, Albertine dizia que não fizera mais que beijá-la, mas devia

recomeçar a mentir como no tempo em que negava tudo. Em breve, provavelmente, não se

contentaria em beijar a Srta. Vinteuil. Sem dúvida, de um certo ponto de vista, eu estava errado

em inquietar-me desse jeito, pois, como dizem, os mortos não podem sentir nem fazer nada. Diz-

se, mas isto não impedia a minha avó, que estava morta, de continuar a viver, todavia, há vários

anos e, nesse momento, ela ia e vinha pelo quarto.

Sem dúvida, quando eu despertasse, a idéia de uma morta que continua a viver deveria

parecer-me tão impossível de compreender como o é de explicar. Mas eu já a havia formulado

infinitas vezes, no decorrer desses períodos passageiros de loucura que são os nossos sonhos,

que terminara por me familiarizar com ela; a memória dos sonhos torna durável caso eles se

repitam com muita freqüência. Imagino que, se hoje está curado e recuperou a razão, aquele

homem deve compreender tanto melhor que os outros, o que queria dizer durante um período já

terminado de sua vida mental, quando, desejando explicar aos visitantes de um hospital

internados que não era uma pessoa destituída de razão, apesar do que seu médico, comparava a

sua mentalidade sã com as loucas quimeras de cada doentes, concluindo:

"Assim, aquele que se parece a todos, os senhores enganariam o doido; pois bem, ele o é,

pois julga ser Jesus Cristo, e isto não pode, porque Jesus Cristo sou eu!"

E durante muito tempo, após findo, o continuava atormentado com aquele beijo que

Albertine dissera ter dado, e palavras que eu pensava escutar ainda. E de fato devem ter passado

bem próximo de meu ouvido, pois eu mesmo é que as pronunciara.

O dia inteiro continuei a conversar com Albertine; interrogava-a, perdoava-lhe, remediava o

esquecimento de que sempre quisera dizer-lhe enquanto vivia. E, de repente, impressionado de

pensar que a criatura evocada pela memória, à qual se dirigiam todas essas, já não correspondia

realidade alguma, que estavam destruídas as diferenças do rosto, às quais somente o impulso

contínuo da vontade de viver, hoje aniquilados dera a unidade de uma pessoa.

Outras vezes, sem ter sonhado, logo ao despertar, sentia que o vento mudara em mim;

soprava de modo gelado e contínuo em direção, vindo do fundo do passado, trazendo-me o

ressoar de horas longe dos silvos de partida, que de hábito eu não ouvia.

Um dia, tentei pegar um livro; um romance de Bergotte de que especialmente gostara. Os

personagens, simples agradavam-me bastante. Bem depressa tomado pelo encanto do livro, pude

desejar, como um prazer pessoal, que a mulher malvada fosse punida; os olhos se umedeceram

quando ficou assegurada a felicidade dos noivos. Então, "gritei com desespero," pelo fato de

atribuir tanta importância ao que Albertine poderia ter feito. Não posso concluir daí que sua

personalidade seja algo real, possível de ser abolido; que a tornarei a encontrar um dia, igualzinha

no céu; uma vez que apelo com tantos votos, espero com tanta impaciência, e acolho lágrimas o

sucesso de uma pessoa que nunca existiu senão na imaginação.

Bergotte, pessoa a quem jamais vi, e cujo rosto sou livre de o imaginar à "minha vontade!"

Além do mais, nesse romance havia moças sedutoras; correspondências amorosas; atéias

desertas, onde a gente se encontrava; isso me lembrava que podemos amar clandestinamente e

despertava o meu ciúme, como se Albertine aí pudesse passear nas aléias desertas. Também se

mencionava um homem depois de cinqüenta anos, revê uma mulher a quem amou na juventude,

não a reconhece e se entedia a seu lado. E isso me lembrava que o amor não dura sempre, me

deixava perturbado, como se eu estivesse destinado a estar separado de Albertine e a

reencontrá-la com indiferença na velhice.

Se via um mapa da França, meu olhos assustados cuidavam para não achar a Touraine, a

fim de que não me enciumasse, e, para que não me sentisse infeliz; a Normandia, onde estavam

assinaladas Balbec e Doncieres, entre as quais eu situava todos aqueles caminhos que tantas

vezes tínhamos percorrido juntos. No meio de outros nomes de cidades e aldeias da França,

nomes que mal eram visíveis ou audíveis; o nome de Tours, por exemplo, parecia diversamente

composto, não mais de imagens imateriais, mas de substâncias venenosas que agiam

imediatamente sobre meu coração, cujas batidas aceleravam e se faziam dolorosas. E se esta

força se estendia até certos nomes, por ela tornados tão diferentes dos outros, de que modo,

permanecendo mais perto de mim, restringindo-me à própria Albertine, poderia eu assombrar-me

que essa força irresistível sobre mim, e para cuja produção qualquer outra mulher serviria, tivesse

sido o resultado de uma confusão, da tomada de contato entre sonhos, desejos, hábitos, ternuras,

com a exigida interferência de sofrimentos e prazeres alternados? E isso continuava após a sua

morte, sendo suficiente à memória para entreter a vida real, que é mental. Eu me lembrava de

Albertine descendo do vagão e dizendo que gostaria de ir à Saint-Martin-le-Vêtu, e logo a via de

novo com a boina bem abaixada sobre o rosto; reencontrava possibilidades de ventura, em cujo

encalço me lançava, dizendo comigo:

"Poderíamos ir juntos até Infrevil e, até Doncieres."

Não havia estação próxima à Balbec em que não a revisse, de forma que essa terra, como

uma região mitológica preservada, tornava para mim vivas e cruéis as lendas mais antigas, mais

encantadoras e apagadas, pelo que se seguira de meu amor. Que sofrimento se me fosse preciso

alguma vez dormir de novo naquela cama de Balbec, em torno de cuja moldura de cobre, como ao

redor de um eixo imutável, de barras fixas, deslocara-se e evoluíra toda a minha vida, apoiando

nele, sucessivamente, alegres conversas com minha avó, o horror de sua morte, as doces carícias

de Albertine, a descoberta de seu vício, e, agora, uma vida nova, onde, avistando as estantes

envidraçadas em que se refletia o oceano, eu sabia que Albertine nunca mais haveria de entrar!

Não era aquele hotel de Balbec como esse cenário único da casa, nos teatros de província, onde

se representam há muitos anos as peças mais diversas, que serviu para uma comédia, para uma

primeira tragédia, para uma segunda, para uma peça puramente poética, aquele hotel que já se

perdia bem longe no meu passado? O fato de que essa única parte sempre continuasse a mesma,

com suas paredes, suas estantes, seu espelho, no decorrer de novas épocas da minha vida,

fazia-me perceber melhor que, no conjunto, era o resto, era eu mesmo ou havia mudado, e,

assim, dava-me a impressão de que os mistérios da vida, do ter, da morte, dos quais as crianças,

no seu otimismo, crêem não participar, não são partes reservadas; porém percebemos, com

doloroso orgulho, que eram, no decurso dos anos, em nossa própria vida.

Às vezes eu tentava ler os jornais. Mas a sua leitura era-me odiosa demais, não era

inofensiva. Com efeito, em nós, de cada idéia, como encruzilhada na floresta, partem tantas

estradas diferentes que, no momento que menos esperava, achava-me diante de uma nova

lembrança. O título do dia de *Fauré, O segredo*, me conduzira ao *Segredo do rei*, do duque de *B*

nome de Broglie ao de Chaumont; ou então a expressão Sexta-feira santa pensar no Gólgota, e o

Gólgota na etimologia dessa palavra, que parece *Calvus mons, Chaumont*. Mas, fosse qual fosse

o caminho pelo qual eu havia chegado à Chaumont, naquele momento eu era atingido por um

choque que desde então pensava muito mais em me proteger contra a dor que recordações.

Alguns instantes após o choque, a inteligência que, como o raio do trovão, viaja menos depressa,

trazia-me a razão. Chaumont fizera-me pelo Buttes-Chaumont, onde a Sra. Bontemps me havia

dito que Andrée ia muitas com Albertine; ao passo que Albertine me dissera jamais ter visto os

Chaumont. A partir de uma certa idade, as nossas lembranças ficam de tal modo entrecruzadas

umas às outras, que a coisa em que pensamos, o livro que quase não têm importância nenhuma.

Pusemos tanto de nós mesmos em parte, tudo é fecundo, tudo é perigoso, e também podemos

fazer preciosas descobertas tanto nos *Pensamentos de Pascal* como num anúncio de sabonete.

Sem dúvida um fato como este dos Buttes-Chaumont, que à época havia parecido fútil, era

em si mesmo, contra Albertine, bem menos grave e decisivo que a história da encarregada das

duchas ou da lavadeira. Mas, uma lembrança que nos ocorre fortuitamente encontra em nós uma

capa intacta de imaginar, isto é, neste caso, de sofrer, que em parte gastamos o

que somos nós,

ao contrário, que voluntariamente aplicamos o nosso espírito em uma lembrança. E, depois, a

dessas últimas (a encarregada das duchas e a lavadeira) sempre presentes em minha memória

conquanto obscurecidas, como esse móveis colocados na penumbra de uma galeria e nos quais,

embora sem distinguir, procuramos não esbarrar, eu me havia acostumado. Pelo contrário, fazia

tempo que eu não pensava nos Buttes-Chaumont, ou, por exemplo, no olhar de Albertine ao

espelho no cassino de Balbec, ou na sua demora inexplicável, em que a esperei tanto depois da

reunião na casa dos Guermantes, todas porções de sua vida que permaneciam fora do meu

coração e que eu gostaria de conhecer para que pudessem assimilar-se, anexar-se a ele,

reencontrar nele as lembranças mais doces que ali formavam uma Albertine interior e

verdadeiramente conquistada. Erguendo uma ponta do pesado véu do hábito (o hábito

embrulhado que, durante toda a nossa vida, nos oculta aproximadamente todo o universo numa

noite profunda, sob sua etiqueta inalterada, substitui os mais perigosos e inebriantes venenos da

vida por algo de anódino, que não confere delícias), tais lembranças me voltavam como no

primeiro dia, com essa novidade aguda e fresca de uma estação que reaparece, de uma mudança

na rotina de nossas horas, que, também no domínio dos prazeres, se saímos de carro num

primeiro dia lindo de primavera, ou deixamos nossa casa ao romper do sol, fazem-nos reparar em

nossos atos mais insignificantes com uma exaltação lúcida que faz prevalecer esse intenso minuto

sobre a totalidade dos dias anteriores. Pouco a pouco, os dias antigos recobrem aqueles que os

precederam, e eles mesmos são sepultados sob os que os seguem. Porém cada dia antigo

permanece depositado em nós como, numa imensa biblioteca, onde existem livros mais antigos,

um exemplar que, sem dúvida, ninguém nunca irá consultar.

No entanto, basta que esse dia antigo, atravessando a transparência das épocas

seguintes, remonte à superfície e se estenda sobre nós, cobrindo-nos inteiramente, para que,

durante um momento, os nomes recuperem o seu antigo significado, as criaturas o seu rosto

antigo, em nós, a nossa alma dessa época, e sintamos, com um sofrimento vago, porém

suportável e de pouca duração, os problemas de há muito tornados insolúveis, que tanto nos

angustiavam então.

Nosso eu é formado pela superposição de nossos estados sucessivos. Mas essa

superposição não é imutável como a estratificação de uma montanha. As transformações

geológicas fazem aflorar à superfície, perpetuamente, camadas mais antigas.

Depois da reunião na casa da princesa de Guermantes, encontrava-me à espera da

chegada de Albertine. Que teria feito ela nessa noite? Enganara-me? Com quem?

As revelações de Aimé, ainda que eu as aceitasse, não diminuíam em nada, para mim, o

interesse ansioso, desolado, dessa questão inesperada, como se cada Albertine diversa, cada

nova lembrança, apresentasse um problema de ciúme particular ao qual as soluções dos outros

não podiam aplicar-se.

Mas eu não desejaria saber apenas com que mulher ela havia passado essa noite, mas

que tipo de prazer especial aquilo lhe dava, o que se passava naquele momento dentro dela. Às

vezes, em Balbec, Françoise, indo procurá-la, dissera-me tê-la encontrado debruçada à janela, o

ar inquieto, perscrutador, como se esperasse alguém. Suponhamos que eu soubesse que a moça

esperada fosse Andrée; qual seria o estado de espírito de Albertine enquanto a esperava, esse

estado de espírito por detrás do olhar inquieto e indagador? Aquele gosto, que importância teria

para Albertine, que lugar ocuparia em suas preocupações? Ai de mim!

Recordando minhas

próprias agitações a cada vez que havia reparado numa moça que me agradava, às vezes até

quando apenas ouvira falar a seu respeito, sem a ter visto, minha preocupação em parecer bonito,

em valorizar-me, meus suores frios, eu não precisava, para me torturar, senão imaginar essa

mesma voluptuosa emoção em Albertine, como, graças ao aparelho que, após a visita de um

certo médico que se mostrara descrente diante da realidade de seu mal, minha tia Léonie mesmo

que fosse inventado, e que permitiria ao médico ensaiar, para averiguar melhor, todos os

sofrimentos de sua doença. E já era bastante para me torturar e indicar que, ao lado disso, as

conversas mais sérias que tivera comigo Stendhal e Victor Hugo deveriam pesar bem pouco em

seu espírito, e para seu coração atraído para outras criaturas, desligar-se do meu, encarnar-se.

Mas, a própria importância que esse desejo deveria ter para ela, e as reservava, formavam a seu

redor, não podiam me revelar o que, qualitativamente, eles muito menos a maneira como ela o

qualificava ao pensar nisso. Pelo sofrimento físico não precisamos escolher nós próprios a nossa

dor. A dor determina e no-la impõe. Mas no ciúme, de alguma forma, precisamos de sofrimentos

de todo gênero e de toda grandeza, antes de nos determos no que parece conveniente. E como é

maior a dificuldade, quando se trata de um sofrimento como esse, o de saber que a criatura

amada, gozando com pessoas diferentes de nós, dando-lhes sensações que não somos capazes

de lhe proporcionar, ou pelo menos, por sua configuração, seu aspecto, suas maneiras,

representa ela algo bem diverso de nós! Ah, por que Albertine não amara à Saint-Loup? Eu teria

sofrido menos!

Certamente ignoramos a sensibilidade particular de cada criatura, por hábito não sabemos

sequer que a ignoramos, pois essa sensibilidade duvidosa nos é indiferente. No que se referia a

Albertine, minha desgraça (ou minha felicidade) teria dependido do que era essa sensibilidade; eu

sabia muito bem que era desconhecida, e o fato de que me fosse desconhecida já era uma dor.

Os desejos e prazeres desconhecidos que Albertine sentia, tive certa vez a ilusão de ver uma

outra vez de ouvi-los. Vê-los quando, algum tempo depois da morte de Albertine, Andrée veio à

minha casa. Pela primeira vez ela me pareceu bonita; comigo que aqueles cabelos quase

crespos, aqueles olhos sombrios e pintados eram, sem dúvida, o que Albertine amara tanto, a

materialização, diante de mim que levava consigo em seu devaneio amoroso, do que ela via pelos

olhares antecipadores do desejo, no dia em que, tão precipitadamente, quisera regressar de

Balbec. Como a uma ignorada flor escura que me fosse trazida de além-túmulo uma criatura na

qual eu não soubera descobri-la, parecia-me ver à minha exumação inesperada de uma relíquia

inestimável, o desejo encarnado de Albertine que Andrée constituía para mim, como Vênus era o

desejo de Júpiter. Andrée lastimava Albertine, mas de imediato senti que sua amiga não lhe fazia

falta tomada à força da amiga pela morte, parecia ter assumido facilmente uma segar definitiva

que eu não teria coragem de lhe pedir enquanto Albertine vivia, também era o meu receio de não

obter o consentimento de Andrée. Ao contrário, ela parecia aceitar sem dificuldade essa renúncia,

mas justo no momento em que de mais me valeria, Andrée abandonava-me.

Albertine, porém morta, tendo apenas para mim não só a sua vida, mas,

retrospectivamente, um pouco de sua realidade, pois eu percebia que ela não era indispensável,

única, para Andrée, que podia substituí-la por outras.

Enquanto Albertine vivia, eu não teria ousado pedir à Andrée confidências sobre a

natureza da amizade entre elas e com a amiga da Srta. Vinteuil, não estando

certo de que, afinal,

Andrée não fosse repetir à Albertine tudo o que eu lhe dizia; agora, semelhante interrogatório,

mesmo que se revelasse sem frutos, pelo menos seria sem perigo. Falei à Andrée, não em tom

interrogativo, mas como se soubesse o tempo todo, talvez por Albertine, do gosto que ela mesma,

Andrée, sentia pelas mulheres, de suas próprias relações com a Srta. Vinteuil. Andrée confessou

tudo isso sem qualquer dificuldade, sorrindo. Dessa confissão eu podia extrair conseqüências

cruéis; primeiro, porque Andrée, tão afetuosa e faceira como tantas moças em Balbec, não levaria

ninguém à suposição de hábitos que ela de modo algum negava, de forma que, por analogia,

descobrindo essa nova Andrée, podia pensar que Albertine os teria confessado com a mesma

facilidade a qualquer outra pessoa que não a mim, pois sabia que eu era ciumento. Mas, por outro

lado, tendo sido Andrée a melhor amiga de Albertine, e sendo provavelmente por sua causa que

Albertine voltara expressamente de Balbec, agora, que Andrée confessava esses gostos, a

conclusão que devia impor-se ao meu espírito era que Albertine e Andrée sempre haviam tido

relações conjuntas. Decerto, como em presença de uma pessoa estranha, nem sempre ousamos

tomar conhecimento do presente que ela nos oferta, e cujo embrulho só desfazemos quando o

ofertante já foi embora, enquanto Andrée estava por perto, eu não mergulhei em mim mesmo para

examinar a dor que ela me causava e que eu já bem sentia trazer a meus criados físicos, os

nervos, o coração, grandes tumultos, de que fingia não perceber por boa educação; ao contrário,

conversava o mais graciosamente possível com a moça, a quem recebia, sem desviar meus olhos

para estes incidentes internos.

Foi-me especialmente penoso ouvir Andrée dizer, falando de Albertine:

- Ah, sim; ela gostava muito que fôssemos passear no vale de Chevreuse.-

Ao universo vago e inexistente em que ocorriam os passeios de Albertine e de Andrée,

pareceu-me que esta, numa criação posterior e diabólica, acabava de acrescentar um vale

maldito. Percebi que Andrée ia me contar tudo o que fazia com Albertine e, enquanto procurava,

por polidez, por habilidade, por amor-próprio, talvez por gratidão, mostrar-me cada vez mais

afetuoso, enquanto o espaço que ainda pudera conceder à inocência de Albertine se estreitava

mais e mais, pareceu-me sentir que, apesar de meus esforços, eu conservava o aspecto

entorpecido de um animal a cujo redor um círculo, progressivamente mais

estreito, é lentamente

descrito pelo pássaro sedutor, que não se apressa porque está certo de alcançar a vítima quando

quiser, pois ela não mais lhe escapará. Contudo eu a esperava e, com o que resta de jovialidade,

de ar natural e de segurança às pessoas que desejam parecer não recear serem hipnotizadas

com um olhar fixo, disse à Andrée esta frase acidental:

- Nunca lhe falei por medo de aborrecê-la, mas agora que nos conhecemos é doce falar

dela, bem posso lhe dizer que havia muito tempo que eu sabia das relações desse gênero, que

você tinha com Albertine; aliás, isso lhe dará prazer, embora já o saiba: Albertine a adorava.

Também disse à Andrée que ela faria uma grande curiosidade se me deixasse vê-la

mesmo que se limitasse às carícias que não a constrangessem muito diante de mim. Fazer isso,

às amigas de Albertine que tinham tais gostos; e citei (para saber) Rosemondet todas as amigas

de Albertine.

- Por nada neste mundo eu faria isso na sua frente - respondeu Andrée -; e não creio que

nenhuma dessas que você acabou de citar possua tais gostos. -

Aproximando-me, a meu pesar, do monstro que atraía, retruquei:

- Como! Não vai me fazer acreditar que, de todo o seu grupo; era só com

Albertine que

você fazia isso!

- Mas eu nunca fiz isso com Albertine-

- Mas minha cara Andrée, por que negar coisas que já conheço há pelo menos três delas.

Não vejo nada de mal nisso, pelo contrário. Justamente a propósito da que ela queria tanto ir, no

dia seguinte, à casa dos Verdurin, talvez você se... -

Antes que continuasse a frase, vi passar nos olhos de Andrée, fazendo-os agudos como

essas pedras a que, por causa disso, os joalheiros têm dificuldade de se aplicar, um olhar

preocupado, como o dessas cabeças de privilegiados que levantam uma ponta da cortina antes

que a peça principie e que logo se espera para não serem percebidos. Esse olhar inquieto

desapareceu, tudo regressou à ordem, mas eu sentia que o que visse agora seria apenas

artificialmente para mim. Nesse momento, avistei-me ao espelho; impressionou-me a semelhança

entre mim e Andrée. Se desde há muito tempo não tivesse deixado raspar o bigode, dele não

usasse mais que uma sombra, tal semelhança seria quase completa. Talvez fosse ao olhar, em

Balbec, o meu bigode, que mal reparara ainda, que Albertine tivera de súbito aquele desejo

impaciente e furioso de regressar à Paris.

- Todavia, não posso dizer o que não é verdade, pela simples razão que você não acharia

nenhum mal nisso. Juro que nunca fiz nada com Albertine tenho a convicção de que ela detestava

essas coisas. As pessoas que lhe contaram isto mentiram, talvez com um objetivo interessado -

disse ela com ar indignado e suspeito.

- Enfim, está bem, já que você não quer me dizer - respondi, preferindo fingir não querer

dar uma prova que não possuía. No entanto, pronunciei vagamente, e como que por acaso, o

nome dos Buttes-Chaumont.

- Posso ter ido ao Buttes-Chaumont com Albertine, mas existe algo de especialmente ruim

neste lugar? -

Perguntei-lhe se não poderia falar sobre o assunto a Gisele, que na época conhecera

particularmente Albertine. Mas Andrée afirmou que, após a infâmia que lhe fizera Gisele

ultimamente, pedir-lhe um favor era a única e que sempre se negaria a fazer por mim.

- Se a encontrar - acrescentou -, não lhe que contei sobre ela; é inútil fazer dela uma

inimiga. Ela sabe o que penso a respeito, mas sempre achei melhor evitar, com ela, brigas

violentas que só trariam reconciliações. Além disso, ela é perigosa. Mas você compreende que,

quando uma carta como a que tive diante de meus olhos há oito dias, e onde ela me escreve com

tanta perfídia, nada, nem as mais belas ações do mundo, pode apagar uma sentença disso. -

Em suma, tendo Andrée esses gostos a ponto de não ocultá-los de maneira nenhuma, e

tendo Albertine por ela a grande afeição que certamente lhe dedicara, se, apesar disso, Andrée

jamais tivera relações carnais com Albertine e sempre desconhecera que Albertine tivesse tais

gostos, então é que Albertine não os tivera, e nem tivera com ninguém as relações que, mais do

que com qualquer outra, teria tido com Andrée. Assim, quando Andrée saiu, dei-me conta de que

sua afirmação tão nítida me havia trazido sossego. Mas talvez essa afirmação fosse ditada pelo

dever a que Andrée se julgasse obrigada para com a morta, cuja lembrança ainda existia nela, de

não deixar que acreditassem naquilo que Albertine, sem dúvida, quando viva, lhe pedira que

negasse.

Esses prazeres de Albertine que eu, depois de haver tantas vezes procurado imaginá-los,

julgara por um momento ver ao contemplar Andrée, uma outra vez pensei surpreender a presença

deles não apenas pelos olhos, julguei ouvi-los. Num bordel, eu mandara vir duas lavadeirinhas de

um bairro onde Albertine ia muitas vezes. Sob as carícias de uma, a outra começou de repente a

fazer ouvir o que não pude distinguir a princípio de que se tratava, pois não compreendemos

nunca exatamente o significado de um ruído original, que expressa uma sensação que jamais

experimentamos. Se o ouvimos de um aposento contíguo e sem nada ver, podemos tomar por um

riso louco aquilo que o sofrimento arranca de um enfermo que está sendo operado sem que o

tenham feito adormecer; e, quanto ao ruído que escapa de uma mãe a quem informam que seu

filho acaba de morrer, pode nos parecer, se não sabemos de que se trata, tão difícil de lhe aplicar

uma tradução humana, como ao ruído que se escapa de um animal selvagem ou de uma harpa. É

necessário algum tempo para compreender que esses dois ruídos exprimem o que, por analogia

com o que nós mesmos, no entanto, pudemos sentir de bem diverso, chamamos sofrimento; e

também me foi necessário algum tempo para compreender que esse ruído exprimia o que,

igualmente por analogia com o que eu mesmo havia sentido de bem diferente, chamei de prazer;

e este devia ser muito intenso para transtornar a esse ponto a criatura que o

sentia e tirar dela

essa linguagem desconhecida que parece designar e comentar todas as fases do drama delicioso

que a mulherzinha vivia, e que a cortina abaixada escondia a meus olhos, como a própria mulher

oculta para sempre aos outros o que se passa no mistério intimo de cada criatura. Essas duas

lavadeirinhas não puderam, aliás, dizer-me coisa alguma, pois não sabiam quem era Albertine.

Os romancistas muitas vezes pretendem, num prefácio, ter viajado por uma região onde

encontraram alguém que lhes contou a vida de uma pessoa. Cedem, então, a palavra a esse

amigo encontrado, e a narrativa que este lhes faz é precisamente o seu romance. Assim, a vida

de Fabrice del Dongo foi contada em detalhes por um cônego de Pádua. Como desejaríamos,

quando estamos apaixonados, ou seja, quando a existência de uma outra pessoa nos parece

misteriosa, encontrar semelhante narrador informado! E decerto ele existe. Nós muitas vezes não

contamos, sem nenhuma paixão, a vida desta ou daquela a um de nossos amigos ou a um

estranho que nada conhecem a seu respeito, e ouvem com curiosidade? O homem que eu era

quando falava à Bloch da de Guermantes e da Sra. Swann, esse homem existia e poderia me

falar, esse homem existe sempre... mas nós jamais o encontramos. Parecia-me pudesse

encontrar mulheres que a tivessem conhecido, ficaria sabendo tudo o que ignorava.

Entretanto, a estranhos deveria parecer que ninguém melhor que um dia conhecer a sua

vida. E até não conhecia a sua melhor amiga, Andrée? Que se julga que o amigo de um ministro

deve saber a verdade sobre certos atos, ou não poderá ser implicado num processo. Apenas, ao

fazê-lo, o amigo lembrou que toda vez que falava de política ao ministro, este permanecia nas

generalidades e, quando muito, dizia-lhe o que estava nos jornais; ou, se lhe acontecia transtorno,

suas múltiplas solicitações ao ministro sempre resultavam num “está em meu poder", contra o

qual o próprio amigo não tinha poder. Dizia do "Se pudesse conhecer tais testemunhas!"-das

quais, se as conhecesse, não teria podido obter mais do que de Andrée, ela mesma depositária

de um sega não queria desvendar. Ainda nisto diferente de Swann que, quando deixou de ser

ciumento, não sentiu mais curiosidade pelo que Odette pudesse ter feito em Forchevil e; conhecer,

mesmo depois de passado meu ciúme, a lavadeira de Albertine pessoas do seu bairro, reconstituir

aí a sua vida e suas aventuras, apenas possuía encanto para mim. E, como o

desejo provém

sempre de um anterior, como ocorrera no caso de Gilberte e da duquesa de Guermantes; bairros

em que antigamente Albertine vivera, as mulheres do seu meio foram as únicas que procurei e

cuja presença poderia desejar. Mesmo sem que nada pudessem informar-me, eram as únicas

mulheres para as quais eu me sentia atraído, serem as que Albertine conhecera, ou que teria

podido conhecer; mulheres do meio ou dos meios que ela gostava de freqüentar; numa palavra,

aquelas tinham para mim o prestígio de se assemelharem a ela, ou de serem aquelas que teriam

agradado. Assim, lembrando-me, ou da própria Albertine, ou do tipo qual ela sem dúvida mostrara

preferência, essas mulheres despertavam-me sentimento cruel, de ciúme ou de mágoa, que mais

tarde, quando se acalmou meu desgosto, transformou-se numa curiosidade não isenta de

encanto. E, essas últimas, sobretudo as mocinhas do povo, por causa dessa vida tão divertida que

eu conhecia e que é a delas. Sem dúvida, é unicamente através do pensamento que a gente

possui as coisas, e não possuímos um quadro porque o temos na sala de jantar, se não

soubermos compreendê-lo, nem uma região por nela residir se nem sequer a contemplamos.

Mas, afinal, outrora eu tinha a ilusão de Balbec quando, em Paris, Albertine vinha visitar-

me, e eu a apertava nos braços; da mesma forma, tomava contato, aliás bastante estreito e

furtivo, da vida de Albertine, a atmosfera nas oficinas, uma conversa de balcão e a alma dos

pardieiros, quando beijava uma operária. Andrée e essas outras mulheres, tudo isso em relação a

Albertine -como Albertine mesma o fora em relação à Balbec - eram desses substitutivos do

prazer, sucedendo-se uns aos outros em degradação continuada, que nos permitem passar por

aquilo que já não podemos atingir, viagem à Balbec ou amor de Albertine, eram desses prazeres

(como o fato de ir ver no Louvre um quadro de Ticiano que já esteve em Veneza, nos consola de

não poder ir a Veneza), que, separados uns dos outros por matizes indistinguíveis, fazem de

nossa vida como que uma seqüência de zonas concêntricas, contíguas, harmônicas, degradadas,

em torno de um desejo primeiro que deu o tom e eliminou o que não se funde com ele,

espalhando a tinta dominante (como me havia acontecido igualmente no caso, por exemplo, da

duquesa de Guermantes e de Gilberte). Andrée e essas mulheres eram para o desejo, que eu

sabia não poder mais satisfazer, de ter Albertine junto a mim, o que, numa

tardinha, antes de

conhecer Albertine senão de vista, fora o ensolarado e tortuoso frescor de um cacho de uvas.

Associadas agora à recordação de seu amor, as particularidades físicas e sociais de Albertine, a

despeito das quais eu a tinha amado, orientavam o meu desejo, pelo contrário, àquilo que antes

ele menos naturalmente teria escolhido: as morenas da pequena burguesia. Decerto, o que

principiava em parte a renascer em mim era esse imenso desejo que meu amor por Albertine não

conseguira satisfazer, esse imenso desejo de conhecer a vida, que eu antes havia experimentado

nas estradas de Balbec e nas ruas de Paris, esse desejo que tanto me fizera sofrer quando,

supondo que existia também no coração de Albertine, eu quisera privá-la dos meios de satisfazê-

lo com outros além de mim. Agora que eu podia suportar a idéia de seu desejo, como essa idéia

era logo despertada pelo meu pensamento, esses dois imensos apetites coincidiam, eu gostaria

que pudéssemos nos entregar livremente a eles, e dizia comigo:

"Esta garota lhe agradaria", e, por esse brusco desvio, pensando nela e na sua morte,

sentia-me triste demais para levar adiante o meu desejo. Como outrora o lado de Méséglise e o

lado de Guermantes haviam estabelecido os alicerces do meu gosto pelo campo, impedindo-me

de achar um encanto profundo num lugar onde não existisse uma velha igreja, centáureas e

botões-de-ouro, era da mesma forma que, ligando-as em mim a um passado cheio de encantos,

meu amor por Albertine me fazia procurar exclusivamente um certo gênero de mulheres; como

antes de amá-la, recomecei a precisar de coisas que se harmonizassem com ela e que fossem

intercambiáveis com a minha lembrança, que pouco a pouco se tornava menos exclusiva. Agora

não teria podido sentir-me bem junto a uma loura e altiva duquesa, porque ela não teria

despertado em mim nenhuma das emoções que partiam de Albertine, do meu desejo dela, do

ciúme que eu tivera de seus amores e de meus sofrimentos devidos à sua morte. Pois as nossas

sensações, para serem fortes, precisam desencadear em nós algo diferente delas, um sentimento

que não poderá encontrar sua satisfação no prazer, mas que seu desejo, infla-o, fazendo-o

agarrar-se desesperadamente ao prazer. O amor que Albertine pudesse ter tido por certas

mulheres já não me fazia, ele prendia essas mulheres ao meu passado, dava-lhes algo de mais

recordação de Combray conferia mais realidade aos botões-de-ouro, aos

pinheiros-alvares do que

às flores novas. Mesmo sobre Andrée eu já não tinha raiva:

"Albertine gostava dela", mas, ao contrário, para explicar a mim meu desejo, e com

ternura:

"Albertine gostava tanto dela."

Entendia agora que julgamos consolados e que, pelo contrário, provam que são

inconvenientes porque se casam com a cunhada.

Assim, meu amor agonizante parecia tornar possíveis para mim, os amores, e Albertine,

como essas mulheres amadas durante muito tempo as mesmas, e que, mais tarde, sentindo

diminuir o prazer do amante, com prestígio ao se contentarem com o papel de alcoviteiras,

adornava para mim como Pompadour para Luís XV, novas garotas.

Antigamente, meu tempo era em períodos em que eu desejava determinada mulher, ou

uma outra. Quando acalmavam os prazeres violentos proporcionados por uma, eu desejava

aquela que me oferecia uma ternura quase inocente, até que a necessidade de mais intensas

carícias restituísse o desejo pela primeira. Agora, tinham acabado as alternâncias, ou, pelo

menos, um dos períodos se prolongava indefinidamente.

Gostaria de que a recém-chegada viesse morar comigo e me desse à noite ao

recolher-se,

um beijo familiar de irmã. De modo que eu pudesse acreditar se tivesse experimentado antes a

presença insuportável de uma outra que mais a ausência de um beijo que de certos lábios, de um

prazer que de um a um hábito que de uma pessoa. Gostaria igualmente que a recém-chegada

pudesse tocar Vinteuil como Albertine, conversar comigo sobre Elstir com ela o tudo era

impossível. O amor dessas moças não valeria tanto quanto o seu pensava; porque um amor a que

se anexavam todos esses episódios: visitas aos museus; noites de concerto, toda uma vida

complicada que permite correspondências; conversações; um namoro preliminar às próprias

relações, uma grave amizade possui mais recursos que o amor por uma mulher que não sabe

senão entregar, como uma orquestra os tem mais que um piano; seja porque, mais profunda;

minha necessidade do mesmo gênero de ternura que me proporcionava. Na ternura de uma moça

bastante cultivada e que, ao mesmo tempo, fosse uma amiga, não passasse como o desejo por

mulheres do mesmo meio de Albertine; de revivescência da recordação de Albertine, da

lembrança do meu amor por ela, mais uma vez sentia, primeiro, que a lembrança não é inventiva,

é impotente desejar qualquer outra coisa, até mesmo algo melhor do que o que já possuíra, a

seguir, que é espiritual, de modo que a realidade não pode lhe fornecer o que esta procura; enfim,

que, derivando de uma pessoa morta, o renascimento que escarna é menos o da necessidade de

amar, no qual nos leva a crer, do que o da necessidade da ausente. De maneira que, mesmo a

semelhança, com Albertine, da mulher que eu havia escolhido, a semelhança, se conseguisse

obtê-la, de sua ternura como a de Albertine, apenas me faziam sentir melhora, ausência daquilo

que, sem o saber, eu havia procurado; que me era indispensável para que minha felicidade

renascesse; o que eu havia procurado, ou seja, a própria Albertine, o tempo que tínhamos vivido

juntos, o passado, em cuja busca andava eu sem o saber.

Certamente, nos dias lindos, Paris me surgia inumeravelmente florida de todas as

mocinhas, não que as desejasse, mas que mergulhavam suas raízes na escuridão do desejo e

das noites ignoradas de Albertine. De uma, ela me dissera logo no começo, quando ainda não

desconfiava de mim: "É encantadora essa menina, que lindos cabelos!" Todas as curiosidades

que eu tivera outrora sobre sua vida, quando só de vista a conhecia, e, por outro lado, todos os

meus desejos de vida, confundiam-se nessa curiosidade única: a maneira como Albertine

experimentava o gozo, vê-la com outras mulheres - talvez porque assim, ausentes elas - eu ficaria

sozinho com Albertine, sendo o último e o senhor. E, vendo suas hesitações sobre se valia a pena

passar a noite com esta ou aquela, sua saciedade quando a outra houvesse ido embora, talvez

sua decepção, eu teria esclarecido, teria reduzido às suas justas proporções o ciúme que

Albertine me inspirava, porque, vendo-a desse modo experimentá-los, tomaria a medida e

descobriria o limite de seus prazeres.

De quantos prazeres, de que doce vida ela nos privou dizia comigo devido a essa

indomável teimosia de negar seus gostos! E como, mais uma vez, eu procurasse descobrir qual

poderia ter sido o motivo de sua obstinação, veio-me, de súbito, a lembrança de uma frase que lhe

dissera em Balbec, no dia em que ela me dera um lápis. Como a censurasse por não me ter

deixado beijá-la, dissera-lhe que achava isso tão natural como achava ignóbil que uma mulher

tivesse relações com outra. Ai de mim, Albertine jamais a esquecera talvez.

Eu levava para casa as mocinhas que menos me agradavam, alisava-lhes as tranças

virginais, admirava um narizinho bem modelado, uma palidez espanhola.

Antigamente, é claro,

mesmo por uma mulher a quem apenas avistava numa estrada de Balbec, numa rua de Paris, eu

sentira o que o meu desejo possuía de individual, e que seria falseá-lo procurar satisfazê-lo com

outro objeto. Mas a vida, revelando-me aos poucos a permanência de nossas necessidades,

ensinara-me que, à falta de uma criatura, é forçoso contentarmo-nos com outra, e eu sentia que

aquilo que havia pedido a Albertine, uma outra, a Srta. de Stermaria, poderia ter dado. Mas tinha

sido Albertine; entre a satisfação de minhas necessidades de ternura e as particularidades de seu

corpo, um entrelaçamento de recordações se fizera, de tal modo inextricável que eu não podia

mais arrancar a um desejo divino, todo esse bordado das lembranças do corpo de Albertine.

Somente ela poderia me conceder essa felicidade. A idéia de sua unicidade não era mais um *a*

priori metafísico esgotado naquilo que Albertine possuía de individual antes o fora no caso das

transeuntes, mas um *a posteriori* constituído pela incontigente, porém indissolúvel, de minhas

lembranças. Eu já não podia desejar carinho sem ter necessidade dela, sem sofrer pela sua

ausência. Além da própria semelhança da mulher escolhida, da ternura que pedira, com a

felicidade que conhecera, só me fazia sentir melhor tudo o que faltava para que felicidade

pudesse renascer. Esse mesmo vazio que sentia em meu quarto, desde que Albertine partira e

que pensara preencher apertando mulheres contra mim, voltava a encontrar nelas. Estas nunca

me haviam falado da música de *Vinteuil Memórias de Saint-Simon*; não tinham posto um perfume

excessivamente, para me visitar, não tinham brincado de juntar seus cílios aos meus, coisas

distantes porque permitem, ao que parece, devanear em torno ao próprio ato proporcionar a ilusão

do amor, mas, na verdade, porque faziam parte da relação de Albertine e era esta quem eu queria

ter encontrado. O que essas muitas vezes tinham de Albertine me fazia sentir melhor o que dela

lhes faltava; e que não seria jamais, pois Albertine estava morta. E assim, a Albertine, que me

atraíra para essas mulheres, tornava-as indiferentes para a saudade de Albertine; e a persistência

do meu ciúme, que já haviam ultrapassado pela duração, minhas previsões mais pessimistas, não

teriam sem dúvida, se a existência do ciúme e da saudade, isolada do resto da minha vida,

apenas submetida ao jogo de minhas lembranças; às ações e reações de psicologia aplicável aos

estados imóveis, e não arrastada para um mais vasto momento, em que as almas se movem no

tempo como os corpos no espaço. Assim existe uma geometria no espaço, existe uma psicologia

no tempo, onde uma psicologia plana já não seriam exatos, porque neles não haveria conta do

Tempo, e de uma das formas de que ele se reveste: o esquecimento, de que eu já começava a

sentir à força; e que é um tão poderoso instrumento de adaptação à realidade, pois ele destrói aos

pouquinhos o que sobrevive em nós, em constante contradição com ela. E, de fato, eu podia ter

adivinhado mais cedo que um dia deixaria de amar Albertine. Quando pela diferença existente

entre o que a importância de sua pessoa e de sua ausência representara para mim e para os

outros, que meu amor era menos um amor do que em mim, poderia ter deduzido várias

conseqüências desse caráter do meu amor; que, sendo um estado mental, podia notadamente

sobreviver muito tempo à pessoa, mas também que, não tendo com essa pessoa laço verdadeiro,

nenhum sustentáculo fora de si mesmo, deveria, como o todo do mental, mesmo os mais

duradouros, achar-se um dia fora de uso, ser "sumido" e que, nesse dia, tudo aquilo que parecia

ligar-me tão doce e indissolúvel à recordação de Albertine, já não existiria para mim. A infelicidade

das criaturas não serem, para nós, mais que pranchas de coleções por demais

perecíveis ao

nosso pensamento. Justamente por isso, baseamos nelas projetos que possuem o ardor do

pensamento; porém este se fatiga, arruína-se a lembrança: e viria a hora em que, de bom grado,

eu daria à primeira mulher que chegasse ao quarto de Albertine, como, sem pesar, dera à

Albertine a bolinha de ágata e outros presentes de Gilberte.

CAPÍTULO SEGUNDO

A Senhorita de Forcheville

Não é que eu já não amasse Albertine; porém não mais como nos últimos tempos; não, era

à maneira dos tempos mais antigos, quando tudo o que se relacionava à ela, lugares e pessoas,

fazia-me sentir uma curiosidade onde havia mais encanto que sofrimento. E, de fato, eu bem

percebia agora que, antes de esquecê-la inteiramente, como um viajante que volta pela mesma

estrada ao ponto de onde partiu, era-me preciso, antes de atingir a indiferença inicial, atravessar

em sentido contrário todos os sentimentos pelos quais passara antes de chegar ao meu grande

amor. Porém essas etapas, esses momentos do passado, não são imóveis; conservaram a força

terrível, a ignorância feliz da esperança, que então se lançava no encalço de um tempo hoje

convertido em passado, mas que uma alucinação nos faz tomar retrospectivamente pelo futuro.

Eu lia uma carta de Albertine em que ela me anunciara a sua visita à noite, e senti por um

segundo a alegria da espera. Nessas voltas pela mesma linha férrea de uma região aonde não

retornaremos, reconhecemos o seu nome, o aspecto de todas as estações por onde já passamos

na ida, e ocorre que, enquanto estamos parados na gare de uma delas, temos, por um instante, a

ilusão de que partimos, mas na direção de onde viemos, como fizemos da primeira vez.

Imediatamente cessa a ilusão, mas por um segundo nos sentimos transportados: tal é a crueldade

da lembrança.

Contudo, se não podemos, antes de retornar à indiferença de onde partimos, evitar cobrir

em sentido inverso as distâncias que vencemos para atingir o amor, o trajeto e a linha que

seguimos não são forçosamente os mesmos. Têm em comum o não serem diretos, pois o

esquecimento, bem como o amor, não progride de forma regular. Mas ambos não utilizam

obrigatoriamente as mesmas rotas. E nessa que eu segui de volta houve, já bem perto da

chegada, quatro etapas de que especialmente me recordo, certamente porque nelas percebi

coisas que não faziam parte de meu amor por Albertine, ou, pelo menos, que a ele se ligavam só

na medida em que aquilo que já estava em nossa alma antes de um grande amor, associa-se a

ele, seja alimentando-o ou dando-lhe combate, seja fazendo com ele, para a nossa inteligência

que analisa, contraste e imagem.

A primeira dessas etapas se iniciou no começo do inverno, num belo *Ommgo de Todos os*

Santos em que eu havia saído. Aproximando-me do Bois, lembrava-me com tristeza da volta de

Albertine que viera buscar-me no Trocadero; pois era o mesmo dia, mas sem Albertine. Com

tristeza, e no entanto prazer, pois a retomada em tom menor, e desolado, do mesmo motivo que o

meu dia antigamente, a própria ausência daquele telefonema de Françoise a chegada de

Albertine que não eram algo de negativo mas, pela surpresa da realidade, daquilo de que me

lembrava, davam ao dia um teor doloroso; algo de mais belo que um dia liso e simples, porque o

que nele não havia, que lhe fora arrancado, aí permanecia impresso como no vazio.

No Bois, eu rolava trechos da sonata de Vinteuil. Já não sofria muito ao pensar que

Albertine tocara tantas vezes para mim, pois quase todas as minhas recordações há muito haviam

entrado naquele segundo estado químico em que já não causa tanta ânsia opressiva ao coração,

e sim doçura. Por alguns instantes, nas passagens, ela tocava com mais freqüência, onde se

habituara a fazer esta ou aquela que à época me parecia encantadora, ou a sugerir determinada

reminiscência murmurava comigo: "Coitadinha", mas sem tristeza, acrescentando apenas a

passagem musical um valor a mais, um valor de algum modo histórico; como aquele que o quadro

de *Carlos I por Van Dyck*, já belo em si mesmo, e pelo fato de ter entrado nas coleções nacionais

graças ao desejo de imperar o rei, manifestado pela Sra. Du Barry. Quando o pequeno trecho,

antes completamente, desfez-se em seus diversos elementos, onde flutuou ainda momento,

disseminado, não foi por mim, como para Swann, o mensagem de Albertine, que desaparecia. Ele

não despertava em mim, de modo algum, mais associações de idéias que em Swann. Eu fora

sensível sobretudo à elaboração aos ensaios, às repetições, ao "devir" de uma frase que se

formava durante aquela, como aquele amor se tornara durante a minha vida. E agora, sabendo

que um dia novo elemento do meu amor se ia embora o aspecto ciúme; depósito de outro-,

voltando, em suma, pouco a pouco, numa vaga lembrança à frágil Albertine do

começo, parecia-

me que era o meu amor que eu via desagregar-se à minha vida no pequenino trecho disperso.

Como caminhasse pelas aléias isoladas em meio à vegetação das aléias recobertas por

uma gaze a cada dia mais fina, senti a recordação do passeio (em que Albertine estava a meu

lado no carro, em que regressara com ela; em que eu percebera que ela envolvia toda a minha

vida) flutuar agora em mim, na bruma incerta dos ramos ensombrados, em meio aos quais o sol

fazia brilhar, como que suspensa no vazio, a dispersa horizontalidade das folhas de ouro. Aliás, eu

estremecia de momento a momento, como todos aqueles por uma idéia fixa, atribuem a toda

mulher parada na esquina de uma alameda a semelhança, a identidade possível com aquela em

quem estão pensando. "Talvez seja ela!" Voltamo-nos por um momento, o carro continua a

avançar e não o podemos retroceder. Eu não me contentava em ver essas folhagens com os

olhos da memória; elas me interessavam, emocionavam-me como as páginas descritas em meio

às quais o artista, para torná-las mais completas, introduz uma ficção, um romance inteiro; e essa

natureza ganhava desse modo o único encanto de melancolia que podia atingir meu coração. A

razão desse encanto pareceu-me ser que continuava a amar Albertine do mesmo modo, ao passo

que a verdadeira razão, pelo contrário, era que o esquecimento continuava a progredir em mim,

que a lembrança de Albertine já não era cruel, isto é, havia mudado; mas, por mais que vejamos

claramente as nossas impressões, como então julguei ver claro o motivo da minha melancolia,

não sabemos retroceder ao seu sentido mais remoto; como esses incômodos cuja história o

médico ouve o seu doente contar, e com auxílio dos quais remonta a uma causa mais profunda,

que o paciente ignora, da mesma forma as nossas impressões e nossas idéias têm apenas o valor

de sintomas. Posto de lado o ciúme, devido à impressão de encanto e de suave tristeza que eu

sentia, meus sentidos despertavam.

Uma vez mais, como quando eu deixara de ver Gilberte, o amor à mulher se erguia em

mim, desembaraçado de toda associação exclusiva com uma certa mulher já amada, flutuando

como essas essências liberadas por destruições anteriores e que erram em suspensão no ar

primaveril, desejando apenas unir-se a uma nova criatura. Em parte alguma germinam tantas

flores, mesmo que se chamem saudades, como num cemitério. Eu olhava as moças de que era

imensamente florido aquele dia lindo, como o fizera outrora do cavalo da Sra. de Vil eparisis ou

daquele outro em que, num domingo assim, havia saído com Albertine. Ao olhar que eu acabava

de lançar a essa ou aquela dentre todas, acasalava-se de imediato o olhar curioso, furtivo,

empreendedor, refletindo insondáveis pensamentos, que lhe teria lançado Albertine às

escondidas, e que, geminando-se ao meu com sua asa misteriosa, rápida e azulada, fazia passar

por aquelas alamedas, até aí tão naturais, o frêmito de algo desconhecido, que meu próprio

desejo não teria bastado para renovar, caso lá permanecesse sozinho, pois ele, para mim, nada

tinha de estranho. E por vezes a leitura de um romance meio triste me fazia voltar para trás, pois

certos romances são como grandes lutos momentâneos, abolem o hábito, repõem-nos em contato

com a realidade da vida, mas apenas por algumas horas, como um pesadelo, já que as forças do

hábito, e o esquecimento que estas provocam, a alegria que trazem devido à impotência do

cérebro em lutar contra elas e recriar a verdade, infinitamente levam de vencida a sugestão quase

hipnótica de um bom livro, e que, como quase todas as sugestões, tem efeitos bem curtos. De

resto, em Balbec, quando eu desejara conhecer Albertine pela primeira vez não

foi porque ela me

havia parecido representativa dessas moças a cuja vista tantas vezes eu me detivera nas ruas,

nas estradas, e que, para mim ela podia resumir suas amigas? E não seria natural que agora a

estrela agonizante do meu amor, na qual estavam condensadas, se dispersasse de novo nessa

poeira esparsa de nebulosas? Todas me pareciam Albertines, a imagem que eu levava dentro de

mim fazia-me encontrá-la em toda parte; e até, ao dobrar uma alameda, uma que subia num

automóvel lembrou-me Albertine de tal maneira, possuía tão exatamente o corpo, que me

perguntei por um momento se não seria ela quem acabava de ver; não me haviam enganado ao

fazer-me o relato de sua morte. Eu a revia num ângulo da alameda, talvez em Balbec, subindo ao

carro da mesma forma quando depositava tanta confiança na vida.

E o gesto dessa jovem para automóvel, não o constatei apenas com meus olhos, feito a

aparência que tão prontamente se esquiva no decurso de um passeio: tornado uma de ato

duradouro, ele me parecia estender-se também no passado, devido ao elemento que lhe acabava

de ser acrescentado e que se apoiava tão tristemente, contra o meu coração.

Mas a moça já desaparecera. Um pouco além, vi um grupo de três moças um

pouco mais

velhas, talvez jovens senhoras, cujo passo elegante estava em tamanha correspondência com o

que me seduzira no primeiro dia que avistara Albertine e suas amigas, que ajustei meu passo ao

dessas três moças e, no momento em que elas tomaram um carro, procurei desesperado outro

em todas as direções, e o encontrei, mas demasiado tarde. Não reencontrá-las. Porém, alguns

dias depois, quando entrava em casa, avistei, do pórtico da nossa casa, as três moças que havia

seguido no Bois. Eram, sobretudo as morenas, apenas um tanto mais velhas, dessas moças da

sociedade que muitas vezes, vistas da minha janela ou encontradas na rua, tinham me feito fazer

mil projetos, amar a vida, e que eu não pudera conhecer. Uma delas apresentava um aspecto um

pouco mais delicado, quase doentio. Todavia foi ela o motivo pelo qual não me contentei em

considerar um momento e, firmando raízes, contemplei-as com esse olhar que, por ser impossível

de distrair-se, como se estivesse aplicado a um problema, parecido de consciência de que se trata

de ir muito além do que se vê. Sem dúvida teriam deixado desaparecer, como tantas outras; mas,

no momento em que passaram por mim, a loura - seria por isso que as contemplava com essa

atenção? Lançou-o furtivamente um primeiro olhar e, depois, tendo-me ultrapassado, volta a

cabeça para mim, um segundo, que acabou de me inflamar. Entretanto, deixasse de se ocupar de

mim e voltasse a conversar com as amigas, meu prazer claro que terminaria por findar se não o

houvesse centuplicado o seguinte: Tendo eu perguntado ao porteiro quem eram elas, respondeu-

me:

- Pergunta pela senhora duquesa. Creio que só uma delas a conhece e que as outras só

acompanharam até a porta. Eis o nome, não sei se escrevi corretamente. - Srta. Déporchevil e-

que facilmente reconstituí: d'Éporchevil e, ou seja, mais ou menos o nome, tanto quanto me

lembrava, da moça de excelente família, provavelmente aparentada aos Guermantes, de quem

Robert me havia falado por tê-la num bordel, e com a qual tivera relações sexuais. Compreendia

agora o sentimento de seus olhares, o motivo pelo qual se voltara, escondendo-o de suas

companheiras.

Quantas vezes pensara eu nela, imaginando-o de acordo com o nome que me dissera

Robert! E eis que acabava de vê-la, de modo algum diferente de suas amigas, a não ser por

aquele olhar dissimulado que estabelecia entre mim e ela uma entrada secreta nas partes de sua

vida que evidentemente eram ocultas às suas amigas e que a tornavam mais acessível - quase

meio minha -, mais suave que de hábito são as moças da aristocracia. No espírito desta, entre ela

e mim, havia em comum, antecipadamente, as horas que poderíamos passar juntos, se ela

tivesse a liberdade de marcar um encontro comigo. Não era isso o que o seu olhar quisera

exprimir, com uma eloqüência que só para mim foi clara? Meu coração batia fortemente, e eu não

poderia dizer com exatidão qual o jeito da Srta. d'Éporchevil e; refazia vagamente uma cabeça

loura vista de lado, mas estava loucamente apaixonado por ela. De súbito, dei-me conta de que

raciocinava como se entre as três a Srta. d'Éporchevil e fosse precisamente a loura que se voltara

e me olhara duas vezes. Ora, o porteiro não me dissera isso.

Voltei à portaria, interroguei-o de novo, e ele disse que não poderia informar-me a tal

respeito, porque elas tinham vindo hoje pela primeira vez e enquanto ele não se achava presente.

Mas ia perguntar à sua mulher que as vira já uma vez. Ela estava lavando a escada de serviço.

Quem, durante sua vida, não teve suas incertezas, mais ou menos parecidas a essas, e

deliciosas? O amigo generoso a quem descrevemos uma jovem avistada num baile, chega à

conclusão de que se trata de uma de suas amigas, e nos convida em companhia dela. Mas, entre

tantas outras, e diante de um simples retrato falado, não se cometerá um erro? A moça que

iremos ver em breve não será uma outra, em vez daquela que desejaríamos? Ou, ao contrário,

não veremos estender-nos a mão, sorrindo, exatamente aquela que sonhávamos que fosse? Esta

última hipótese é bem freqüente, e, sem estar sempre justificada por um raciocínio tão

comprovante como o que se referia à Srta. d'Éporchevil e, resulta de uma espécie de intuição e,

também, desse bafejo da sorte que nos favorece de vez em quando.

Então, ao vê-la, dizemos conosco: "É exatamente ela."

Lembrei-me de que, no pequeno grupo de moças que passeavam à beira-mar, eu

adivinhara justamente aquela que se chamava Albertine Simonet. Tal recordação me causou uma

dor aguda, porém breve, e, enquanto o porteiro ia em busca da mulher, eu imaginava

principalmente pensando na Srta. d'Éporchevil e e como, nesses minutos de espera, em que um

nome, uma informação que, por motivos que desconhecemos, colamos a um rosto, encontra-se

por um instante livre, flutuando entre vários, pronto, adere-se a um novo rosto, a

tornar o primeiro,

sobre o qual nos havia informado, retrospectivamente desconhecido, inocente e inalcançável; que

o porteiro ia me informar, talvez, que Srta. d'Éporchevil e, ao contrário, era uma das morenas.

Neste caso, dissipava-se a criatura em cuja existência eu acreditava, aquela a quem já estava

amando, e que só pensava em possuir, essa loura e manhosa Srta. d'Éporchevil e, que a resposta

fatal ia dissociar em dois elementos distintos, que eu arbitrariamente havia unido, como um

romancista que funde num só diversos elementos extraídos da para criar um personagem

imaginário e que, tomado cada um à parte sem elaborar o nome a intenção do olhar perdiam todo

significado. Nestes argumentos estariam destruídos; porém quanto, ao contrário, ter-se-iam

formado caso o porteiro voltasse para dizer que a Srta. d'Éporchevil e era exatamente ela. Daí

então eu já não podia acreditar numa homonímia. Seria acaso que dessas três moças uma se

chamasse Srta. d'Éporchevil e, e que fosse justamente (o que era uma primeira verificação tópica

de minha surpresa) aquela que me olhara daquela maneira, quase a me sorrir, e não aquela que

frequentava bordéis.

Principiou então um dia de grande agitação. Antes mesmo de ver tudo o que julgava

próprio para me enfeitar e, assim, produzir uma impressão favorável no dia seguinte, quando iria

visitar a Sra. de Guermantes, em cuja elegância acharia desse modo uma jovem fácil e com quem

marcaria um encontro; certamente descobriria um meio de entretê-la por um momento, a um

salão. Fui, para maior segurança, telegrafar à Robert, pedindo-lhe o nome, a descrição da moça,

esperando ter a resposta dentro de dois dias. Quanto as palavras do porteiro, ela deveria voltar a

ver a Sra. de Guermantes; (não pensava um minuto sequer em outra coisa, nem mesmo em

Albertine) houvesse o que houvesse comigo daqui até lá, mesmo que, doente, ia andar de liteira,

a fazer uma visita à duquesa à mesma hora. Se telegrafava à Loup não era porque me restassem

dúvidas sobre a identidade da pessoa, da moça vista e aquela de quem ele me falara ainda

fossem distintas para minha certeza de que eram uma só. Mas, na minha impaciência de esperar

por dois dias, era-me doce, era para mim já como que um poder secreto sobre ela, um despacho

que lhe dizia respeito, cheio de detalhes.

No telégrafo, redigi o telegrama com a animação de um homem a quem a esperança

aquece, o quanto eu agora estava menos desarmado diante da Srta. d'Éporchevil e estivera diante

de Gilberte na infância. A partir do momento em que apenas tivesse o trabalho de redigir o

telegrama, o funcionário dos telégrafos nada mais fez; e as mais rápidas redes de comunicação

elétrica o de transmiti-lo por França e o Mediterrâneo, todo o passado boêmio de Robert seria

aplicado para identificar a pessoa que eu acabara de encontrar, iria estar a serviço do telegrama

que principiava a esboçar, e no qual eu nem sequer precisava estar pensando, a resposta se

encarregaria de concluí-lo, num ou noutro sentido, antes das próximas vinte e quatro horas. Ao

passo que antigamente, reconduzido ao Champs-Élysées por Françoise, alimentando desejos

impotentes sozinho; não podendo dispor dos meios práticos da civilização, eu amava como uma

imagem, ou até, pois não tinha liberdade para me mexer, como uma flor. A partir do momento, em

que meu tempo se passou em febre; uma viagem de quarenta e oito horas que meu pai me pediu

para fazer com ele, o que me impediria de visitar a duquesa, me deu tamanha raiva e desespero

que minha mãe interveio e obteve que meu pai me deixasse em Paris.

Mas durante muitas horas a minha cólera não pôde se acalmar, enquanto que o meu

desejo pela Srta. d'Éporchevil e fora centuplicado pelo obstáculo que se interpusera entre nós,

pelo temor, que eu sentira por um instante, de que não se realizassem essas horas de visita à

Sra. de Guermantes, às quais eu de antemão sorria sem parar, como a um bem seguro que

pessoa alguma poderia arrebatar-me. Certos filósofos dizem que o mundo exterior não existe, e

que é dentro de nós mesmos que desenvolvemos a nossa vida. Seja como for, o amor, mesmo

em seus mais humildes começos, é um exemplo impressionante do pouco valor que atribuímos à

realidade.

Se me fosse preciso desenhar de memória um retrato da Srta. d'Éporchevil e, dar a sua

descrição, sinais que a identificassem, tal tarefa me teria sido impossível, e até reconhecê-la na

rua. Eu a vira de perfil, em movimento, ela me havia parecido bonita, simples, alta, loura. Não

poderia dizer mais. Mas todas as reações do desejo, da ansiedade, do golpe mortal vibrado pelo

medo de não vê-la se meu pai me levasse de viagem, tudo isto, associado a uma imagem que

afinal eu não conhecia e que me bastava sabê-la agradável, já constituía uma forma de amor.

Enfim, na manhã seguinte, depois de uma noite de insônia feliz, recebi o telegrama de

Saint-Loup: DE L'ORGEVILLE; DE PARTÍCULA; ORGE GRAMÍNEA, COMO CENTEIO; VILLE,

COMO UMA CIDADE. PEQUENA, MORENA, GORDUCHA. NESTE MOMENTO ESTÁ NA

SUÍÇA.

Não era ela!

Minha mãe, entrando no quarto com a correspondência, colocou-a na cama, negligente,

parecendo pensar em outra coisa. E, retirando-se logo para me deixar sozinho, sorria ao sair. E

eu, conhecendo as astúcias de minha querida mãe e sabendo que era sempre possível ler em sua

fisionomia, sem receio de engano, tomando-se por base o seu desejo de dar prazer aos outros,

sorri e pensei:

"Existe algo de interessante para mim no correio, e mamãe fingiu esse ar de indiferença e

distração para que minha surpresa seja completa e para não proceder como as pessoas que nos

tiram metade do prazer, anunciando-o. E ela não ficou aqui por recear que eu dissimule, por amor-

próprio, o prazer que teria, e, desse modo, sinta-o menos vivamente."

Entretanto, indo até a porta para sair, encontrara-se com Françoise, que entrava em meu

quarto com o telegrama na mão. Logo que o recebi, mamãe obrigou Françoise a voltar,

arrastando-a para fora, assustada, ofendida e surpresa. Pois Françoise achava que suas funções

comportavam o privilégio de penetrar a qualquer hora no meu quarto e de ficar nele se lhe

agradasse. Mas em seu rosto o espanto e a cólera já tinham desaparecido sob o sorriso sombrio e

viscoso de uma piedade transcendente e de uma ironia filosófica, licor pegajoso que seu amor-

próprio lesado segregava para curar sua ferida. Para não se sentir desprezada, ela nos

desprezava. Assim, sabia perfeitamente que éramos os patrões, criaturas caprichosas que não

brilham pela inteligência e que sentem prazer em impor, pelo medo, à pessoas espirituosas, a

criados, para deixar bem claro que são obrigados à deveres absurdos como mandar ferver a água

em tempo de epidemia, para o chão do meu quarto com uma toalha molhada, e de sair dele

justamente quando tinha vontade de ficar ali. Minha mãe pusera a correspondência bem perto

para que não pudesse me passar despercebida. Mas verifiquei que se tratava de jornais. Sem

dúvida, haveria ali algum artigo de um escritor que eu apreciava que, escrevendo raramente, seria

uma surpresa para mim.

Fui até a janela, olhar as grandes cortinas. Acima da claridade lívida e nevoenta, o céu que

estava como o estão a estas horas, nas cozinhas, os fogões que se acendem, de esperança e do

desejo de passar a noite e despertar na estaçãozinha mesmo onde eu avistara a vendedora de

leite de faces cor-de-rosa. Abri o *Fígaro*. Que aparecimento! Justamente o artigo principal

ostentava o mesmo título daquele que enviara e que não fora publicado. E não só o mesmo título;

eis que aí algumas palavras absolutamente idênticas. Isto era demais. Eu mandaria outra,

protestando. E ouvia Françoise que, indignada por ter sido expulsa do quarto, onde achava ter

feito grandes entradas, resmungava:

- Onde é que já se viu uma criança que a gente viu nascer. Não o vi quando sua mãe o

fazia, é ainda quando o conheci, fazia apenas cinco anos que tinha nascido! -

Mas não algumas palavras, era tudo, era a minha assinatura... Era o meu artigo que

finalmente fora publicado! Porém meu pensamento que, talvez, já a essa época, com envelhecer e

a se cansar um pouco, continuou por um instante ainda a raciocinar como se não houvesse

compreendido que se tratava de meu artigo, assim esses velhos que são obrigados a terminar até

o fim um movimento com o mesmo se este se tornou inútil, mesmo se um obstáculo imprevisto,

diante seria preciso que se retirassem imediatamente, o torne perigoso. Depois, e que

experimentei o pão espiritual que era um jornal, ainda quente e úmido da impressão; rede das

névoas da manhã em que é distribuído, desde a aurora, às criadas que trazem ao patrão com o

café com leite, pão miraculoso, multiplicável, que é ao mesmo tempo um e dez mil, e permanece o

mesmo para cada um, penetrando a um só tempo inumerável, em todas as casas. O que eu tinha

em mãos não era um certo exemplar do jornal, qualquer dentre os dez mil; e não somente o que

fora escrito por mim, mas o que fora escrito por mim e lido por todos. Para apreciar exatamente o

fenômeno realizado neste momento em outras casas, é preciso que eu leia este artigo, não como

autor, mas como um dos outros leitores do jornal; o que eu tinha em mãos simplesmente era o

que havia escrito, era o símbolo da encarnação em tantos momentos. Assim, para lê-lo, era

necessário que eu cessasse um momento de ser como se fosse um qualquer dentre os leitores do

jornal. Mas, a princípio, uma primeira inquietação. O leitor não avisado verá este artigo? Desdobro

distraidamente o jornal como faria esse leitor desprevenido, tendo até no rosto o aspecto que

torna a ignorar o que está nesse jornal hoje e de ter pressa de ver as novidades

mundanas ou a

política. Mas meu artigo é tão comprido que o meu olhar, que o evita (para manter a exatidão e

não inclinar a sorte para o meu lado, como alguém que, à espera, conta de propósito bem

devagar), é atraído por um trecho de passagem. Porém muitos desses que vêem o artigo

principal, e até os que o lêem, não olham para a assinatura. Eu próprio seria bem incapaz de dizer

qual o autor do artigo principal da véspera. E prometo-me agora lê-los sempre, bem como o nome

do autor; mas, como um amante ciumento que não engana a amante para poder acreditar em sua

fidelidade, imagino tristemente que minha atenção futura não há de forçar, de volta, a dos outros.

E depois, existem aqueles que saíram para caçar, aqueles que saíram cedo demais de casa;

enfim, alguns que ainda assim o lerão. Faço como esses, e começo. Por mais que saiba que

diversas pessoas, leitoras deste artigo, o acharão detestável, no momento em que o leio, o que

vejo em cada palavra me parece estar no papel, e não consigo acreditar que cada pessoa,

abrindo os olhos, não perceba diretamente essas imagens que eu vejo, crendo que o pensamento

do autor seja diretamente apanhado pelo leitor, ao passo que, na verdade, é um outro

pensamento que se forja em seu espírito, com a mesma ingenuidade dos que acham que é a

própria palavra que pronunciaram que caminha tal e qual ao longo do fio telefônico; no momento

mesmo em que desejo ser um leitor qualquer, meu espírito repete-se lendo o meu artigo.

Se o Sr. de Guermantes não compreendia certa frase de que Bloch haveria de gostar, em

compensação poderia divertir-se com determinada reflexão que Bloch desdenharia. Assim, para

cada parte que o leitor precedente parecesse abandonar, apresentando-se um novo amador, o

conjunto do artigo se acharia levado às nuvens por uma multidão e se imporia à minha própria

desconfiança de mim mesmo, que já não tinha necessidade de sustenta-la. É que, na realidade,

ocorre com o valor de um artigo, por mais notável que seja, o mesmo que com essas frases do

noticiário da Câmara, onde as palavras "É o que veremos", pronunciadas pelo ministro, só

adquirem toda a sua importância quando assim enquadradas: O PRESIDENTE DO CONSELHO,

MINISTRO DO INTERIOR E DOS CULTOS: É o que veremos. (Vivas exclamações à extrema

esquerda. "Muito bem! Muito bem!" em algumas bancadas à esquerda e ao centro, um fim mais

belo que seu meio, digno do seu começo) - uma parte de sua beleza reside na

impressão que

produz sobre os leitores. E é o pecado original desse gênero de literatura, de que não se excluem

as célebres Segundas-feiras.

[*Causeries du Lundi - Conversas das Segundas-feiras*, série de artigos de Sainte-Beuve,

publicados em 1851; e que são considerados o começo da moderna crítica literária. (N. do T)]

É como uma Vênus coletiva, da qual só possuímos um membro mutilado se nos

restringirmos ao pensamento do autor, pois ela só se realiza completamente no espírito de seus

leitores, em seu acabamento. E como uma multidão, ainda que seja uma elite, não artístico, este

último toque, que ela lhe atribui, conserva sempre um traço vulgar. Assim, Sainte-Beuve, às

segundas-feiras, podia imaginar a senhora deitada em sua cama de altas colunas, lendo o seu

artigo no *Constitutionnei*, certa frase brilhante em que ele por muito tempo se deleitara e que

talvez houvesse brotado de seu espírito, se não tivesse julgado a propósito de rechear o seu

folhetim, para que o golpe atingisse mais longe. Sem dúvida lendo-o por seu turno, falaria dele à

sua velha amiga na visita que lhe faria um depois. E levando-o essa noite em seu carro, o duque

de Noail es, vestindo cinzentas, lhe contaria o que haviam pensado a respeito do

artigo na coluna

social o chanceler já não houvesse sabido disso por intermédio da Sra. d'Ar. E apoiando a minha

própria auto-desconfiança nessas dez mil aprovações sustentavam, eu extraía tanta sensação de

minha força e de esperança de tal leitura que fazia nesse instante, quanto me mostrara

desconfiado, quando havia escrito se dirigia somente a mim. Eu via assim, à mesma hora, para

pessoas, o meu pensamento, ou até a falta dele para os que não podiam compra-lo, a repetição

de meu nome e como que uma evocação embelezada de pessoa brilhar acima de todos, colorir

suas idéias em uma aurora que nesse instante, mais força e alegria triunfante do que a aurora

inumerável que, ao mesmo mostrava-se, rósea, em todas as janelas. Eu via Bloch, os

Guermantes, Legran, Andrée extraírem de cada frase as imagens que o artigo enfeixava; e, no

mesmo momento em que procuro ser um leitor qualquer, leio como leitor, mas não leitor apenas.

Para que a criatura impossível que tento ser reúna todos os contras que me possam ser mais

favoráveis, se leio como autor, julgo-me como leitor, nenhuma das exigências que possa ter para

com um escrito aquele que aí conta o ideal que desejou expressar.

Essas frases do meu artigo, quando as escrevia eram tão débeis em face ao meu

pensamento, tão complicadas e opacas diante minha visão harmoniosa e transparente, tão cheias

de lacunas que eu não conseguira preencher, que sua leitura era um sofrimento para mim; elas

não tinham mais que acentuar em mim o sentimento de minha impotência e de minha incrível

ausência de talento. Mas agora, esforçando-me por ser leitor, descarregava sobre os outros o

doloroso dever de me julgar, alcançava ao menos fazer tábua do que desejara fazer ao ler o que

havia feito. Eu lia o artigo esforçando-me para convencer que era de outra pessoa. Então todas as

minhas imagens, todas as minhas reflexões, todos os meus epítetos, tomados em si mesmos e

sem a lembrança do fracasso que representavam para meus desígnios, encantavam-me brilho,

pelo imprevisto, pela profundeza. E, quando eu sentia um desfalecimento excessivo, refugiando-

me na alma do leitor qualquer, que se maravilhava, dizia pra mim mesmo: "Ora, que leitor terá

condições de perceber isto? Falta alguma coisa aqui, é bem possível. Diabos os levem, senão

estão satisfeitos! Aí existem muitas coisas bonitas a que eles não estão habituados."

Assim, mal terminei esta leitura reconfortante, eu, que não tinha coragem de reler o

manuscrito, desejei recomeçá-la imediatamente, pois não há nada como um velho artigo nosso de

que possamos dizer que "quando o lemos, podemos relê-lo", Prometi a mim mesmo mandar

Françoise comprar outros exemplares, para dá-los à amigos e lhe diria -, mas na verdade para

tocar com o dedo o milagre da multiplicação do meu pensamento e ler as mesmas frases, como

se eu fosse um outro senhor que acabasse de abrir o *Fígaro*, em outro número. Justamente nesse

dia eu tinha de ir, para encontrar a Srta. d'Éporchevil e, visitar os Guermantes, a quem não via há

um tempo infinito; e, fazendo-lhes essa visita, ficaria sabendo por eles da opinião que formavam a

respeito do meu artigo.

Pensava em certa leitora em cujo quarto gostaria tanto de entrar, e a quem o jornal levaria,

se não meu pensamento, que ela não poderia compreender, ao menos o meu nome, como um

louvor a mim. Mas os louvores concedidos à pessoa de quem não gostamos já não comovem o

coração, assim como os pensamentos de um cérebro em que não podemos penetrar não

alcançam o espírito. Quanto à outros amigos, dizia a mim mesmo que, se o meu estado de saúde

continuasse a agravar-se, e se eu não mais pudesse vê-los, seria agradável continuar a escrever

para, desse modo, ainda ter acesso a eles, para lhes falar nas entrelinhas, fazê-los pensar

segundo a minha opinião, agradar-lhes, ser recebido no coração deles. Eu me dizia isso porque,

tendo as relações mundanas ocupado até agora um lugar em minha vida cotidiana, assustava-me

um futuro em que elas não figurassem, e consolava-me este expediente que permitiria que a

atenção de meus amigos se detivesse em mim, talvez excitando-lhes a admiração, até o dia em

que eu estivesse suficientemente bom para recomeçar a vê-los; eu me dizia isso mas sentia

perfeitamente não ser verdade, pois, se gostava de pensar na atenção deles como o objeto do

meu prazer, esse prazer era um prazer interior, espiritual, decisivo, que eles não podiam me dar e

que eu tinha condições de achar, não conversando com eles mas escrevendo longe de suas

vistas; e que, se começava a escrever para vê-los indiretamente, para que eles fizessem melhor

idéia de mim, para conseguir-me uma situação melhor na sociedade, talvez o ato de escrever me

tirasse a vontade de vê-los, e a situação que a literatura poderia talvez granjear-me na sociedade

não mais me interessaria, pois o meu prazer já não estaria na sociedade, e sim na literatura.

Assim, depois do almoço, quando fui à casa da Sra. de Guermantes; menos pela

Srta.

d'Eporchevil e, que perdera o melhor de sua personalidade por causa do telegrama de Saint-Loup,

que para ver na própria duquesa uma leitora de meu artigo que me permitiriam imaginar o que

pudera pensar, assinantes e compradores do *Fígaro*. Aliás, não era sem prazer que eu ia à casa

da Sra. de Guermantes. Era escusado que me dissesse que o que para mim diferenciava este

salão dos outros fora o longo estágio que ele fizera em minha vida; mesmo conhecendo as causas

dessa diferença eu não a abolia. Existiam para mim vários nomes de Guermantes. Se aquele que

estava na memória, apenas como numa caderneta de endereços, não era acompanhado de

poesia alguma, outros mais antigos, os que remontavam ao tempo em não conhecia a Sra. de

Guermantes, eram suscetíveis de se renovar em tudo quando eu deixava de vê-la por muito

tempo, e a claridade crua da rosto humano não extinguia a radiação misteriosa do nome. Então

eu pensava na casa da Sra. de Guermantes como em algo que estivesse além dela, da mesma

forma que me punha a pensar na Balbec brumosa dos meus sonhos, e como se desde então eu

não tivesse feito a viagem pelo trem como se o não tivesse tomado. Por um instante eu esquecia

o meu conhecimento, de que tudo aquilo não existia, como por vezes pensamos numa criatura

esquecendo por um instante que ela está morta. Depois, a idéia da realidade quando entrei na

antecâmara da duquesa. Consolei-me, porém, dizendo que, apesar de tudo, ela era para mim o

verdadeiro ponto de interseção, realidade e o sonho.

Ao entrar no salão, vi a moça loura que, durante vinte e quatro horas, julgado ser aquela

de quem me falara Saint-Loup. Foi ela mesma quem duquesa que eu lhe fosse "apresentado". E,

de fato, desde que havia entrado, a impressão de conhecê-la muito bem, impressão que a

duquesa desfez ao me dizer:

- Ah, o senhor já conhecia a Srta. de Forchevil e?

Ora, pelo contrário, eu certo de nunca ter sido apresentado a uma moça desse nome, o

que seguramente impressionaria, tanto ele se fizera familiar à minha memória desde que haviam

feito um relato retrospectivo dos amores de Odette e do ciúme de Swann. Em si, o meu duplo erro

ao lembrar-me de L'Orgevil e como sendo d'Éporche ter recomposto em Éporchevil e o que na

verdade era Forchevil e nada tinha de extraordinário. Nosso erro é admitir que as coisas se

apresentem, de hábito como são na realidade, os nomes tais como são escritos, as

pessoas tais

como a fotografia e a psicologia delas fornecem uma noção imóvel. Mas, na verdade, não é

absolutamente isto o que em geral percebemos. Vemos, ouvimos e concebemos um mundo

inteiramente às avessas. Repetimos um nome tal como o escutamos; que a experiência tenha

retificado o nosso erro, o que nem sempre acontece. O mundo, em Combray, falou durante vinte e

cinco anos à Françoise o nome da Sra. Sazerat. Se Françoise continuou dizendo Sra. Sazerin,

não por essa voluntária e orgulhosa perseverança nos erros que lhe era habitual, e se fortalecia

com a nossa tradição, sendo tudo o que ela havia acrescentado à França de Saint-André-des-

Champs dos princípios igualitários de 1789 (reclamava apenas um direito do cidadão, o de não

pronunciar como nós e afirmar que hotel, até aí eram do gênero feminino), mas porque de fato

continuou sempre a ouvir Sazerin. Esse erro perpétuo que é precisamente a "vida" não atribui

suas mil formas apenas ao universo visível e ao universo audível, mas também ao universo social,

ao universo sentimental, ao universo histórico etc.

Aos olhos da mulher do primeiro magistrado, a princesa de Luxemburgo não passava de

uma cocote, o que aliás não tem muita importância; o que já importa um pouco mais é ser Odette

uma mulher difícil para Swann, devido a que ele constrói todo um romance que se torna mais

doloroso quando compreende o seu erro; e o que tem mais importância ainda é que os franceses,

aos olhos dos alemães, só pensam na desforra. Nós temos, do universo, apenas visões informes,

fragmentárias, as quais completamos por associações de idéias arbitrárias, criadoras de perigosas

sugestões. Eu não teria, pois, razão para espantar-me ao ouvir o nome de Forchevil e (e já me

perguntava se era uma parenta de Forchevil e de quem tanto ouvira falar) se a jovem loura não se

dissesse logo, desejando sem dúvida evitar, com delicadeza, perguntas que lhe seriam

desagradáveis:

- Não se lembra que me conheceu muito antigamente? O senhor ia lá em casa... Sua

amiga Gilberte.

Percebi perfeitamente que não estava me reconhecendo.

- Quanto a mim, reconheci logo o senhor. - (Ela dizia isto como se me houvesse

reconhecido de imediato no salão, quando na verdade é que me reconhecera na rua e me

cumprimentara; e mais tarde a Sra. de Guermantes me falou que ela lhe contara, como uma coisa

muito engraçada e extraordinária, que eu a tinha seguido e abordado, como se ela fosse uma

cocote.) Só depois de sua partida é que eu soube por que se chamava Srta. de Forchevil e. Após

a morte de Swann, Odette, que assombrou a todos com um pesar profundo, prolongado e sincero,

viu-se na condição de uma viúva riquíssima. Forchevil e a desposou, depois de ter empreendido

uma longa jornada pelos castelos e de se assegurar que sua família receberia a esposa. (A família

opôs algumas dificuldades, mas cedeu diante da conveniência de não ter mais de subvencionar

as despesas de um parente necessitado, que passaria da quase miséria à opulência.) Pouco

depois, faleceu um tio de Swann, em cujas mãos o desaparecimento sucessivo de numerosos

parentes havia acumulado uma enorme herança, deixando toda essa fortuna à Gilberte, que

assim tornou-se uma das mais ricas herdeiras da França. Mas era a ocasião em que, das

conseqüências do Caso Dreyfus, havia nascido um movimento anti-semita paralelo a um

movimento mais intenso, dos judeus na sociedade. Não se enganaram os políticos pensando que

do erro judiciário aplicaria um golpe no anti-semitismo. Mas, ao menos contrariamente, um anti-

semitismo mundano crescera e se exasperara. Forch como os fidalgos menores,

extraíra das

conversas da família a certeza de, nome era mais antigo que o de La Rochefoucauld, considerava

que, as com a viúva de um judeu, havia cumprido o mesmo ato de caridade de um rio que apanha

uma prostituta na rua e a salva da miséria e da lama. Esta a estender sua bondade à pessoa de

Gilberte, da qual tantos milhões herdara; mas a quem o absurdo nome de Swann dificultaria o

casamento. Declarou-se adotava. Sabe-se que a Sra. de Guermantes, para assombro da

sociedade o resto, ela possuía o gosto e o hábito de provocar recusara-se, quando o casamento

de Swann, a receber sua filha bem como a mãe desta. Tal recusa, aparentemente, fora tanto mais

cruel quanto aquilo que, por muito tempo, significara para o seu possível casamento com Odette

era a apresentação de sua filha à Sra. de Guermantes. Sem dúvida ele deveria saber, pois já

vivera tanto, que as esperanças imaginamos nunca se realizam, por diversos motivos; entre

outros, houve vez com que ele pensasse pouco em lastimar a falta dessa apresentação. Foi o

seguinte: seja qual for a imagem, desde a truta que comemos ao entardecer; que decide um

homem sedentário a tomar o trem, até a ambição de poder ter uma noite a orgulhosa caixeira,

parando à sua frente num carro suntuoso; que decide o homem sem escrúpulos a cometer um

homicídio ou a desejar a herança dos seus, conforme seja mais valente ou preguiçoso, quer ele

vá longe na corrente de suas idéias ou continue a acariciar o primeiro elo destinado a permitir que

alcancemos essa imagem, quer esse ato seja a viagem; o casamento, ou o crime etc., esse ato

nos modifica demasiado profundamente; que atribuamos importância maior ao motivo que nos

levou a praticá-lo. Pode acontecer que não nos volte mais uma única vez ao espírito a imagem

ideal por aquele que ainda não era um viajante, um marido, um criminoso ou um sólido (que se

entregou ao trabalho em função da glória, e com isso libertou-se do prazer da glória) etc. Além do

mais, se teimássemos em não querer agir debalde, é provável que o efeito de sol não se

repetisse; que, tendo frio nesse momento, tomemos uma sopa junto à lareira e não uma truta ao

ar livre; que nosso carro de indiferente a caixeira, a qual, talvez sentindo por nós uma grande

consideração sem motivos outros, mostrar-se-ia desconfiada com essa brusca opulência. Em que

vimos Swann, depois de casado, atribuir grande importância às relações da mulher e da filha com

a Sra. Bontemps etc.

A todos os motivos, extraídos do modo Guermantes de compreender a vida mundana, que

haviam feito a duquesa decidir jamais deixar-se apresentar à Sra. e à Srta. Swann, pode-se

acrescentar igualmente essa segurança ditosa que as pessoas que não amam se mantêm à parte

daquilo que censuram nos amorosos, e que o amor destes explica.

- Ah, eu não me meto nisso; se o pobre Swann se diverte em fazer bobagens e arruinar

sua vida, isto é lá com ele. Mas a gente nunca sabe como são estas coisas. Isso pode acabar mal,

e o melhor é que eles se arrumem... -

É o suave *mar magnos* que o próprio Swann me aconselhava a propósito dos Verdurin,

quando há muito deixara de estar enamorado de Odette e já não ligava para o "pequeno clã". É

isto o que torna tão sábios os juízes de terceiros sobre as paixões que não sentem, e sobre as

complicações de comportamento que elas acarretam. A Sra. de Guermantes chegara a pôr na

exclusão da Sra. e da Srta. Swann uma perseverança que havia assombrado. Quando a Sra.

Molé e a Sra. de Marsantes tinham principiado a relacionar-se com a Sra. Swann e levar à casa

dela um grande número de mulheres da sociedade, a Sra. de Guermantes não só permanecera

intratável, mas manobrara de modo a cortar as possibilidades, convencendo sua prima, a Sra. de

Marsantes, a imitá-la.

Num dos dias mais graves da crise em que, durante o ministério Rouvier, todos pensavam

que rebentaria a guerra entre a França e a Alemanha, como eu estivesse jantando em casa da

Sra. de Guermantes com o Sr. de Bréauté, achei a duquesa com ar de preocupação. Como ela

muitas vezes se metia na política, julguei que desse modo ela desejava mostrar seu temor pela

guerra - como em certo dia, quando comparecera à mesa tão preocupada, mal respondendo por

monossílabos a alguém que a interrogava timidamente acerca do objeto de sua preocupação,

respondera com ar grave: "A China me inquieta." Ora, ao fim de um momento, a Sra. de

Guermantes, explicando por si mesma o ar preocupado que eu atribuíra ao medo de uma

declaração de guerra, havia dito ao Sr. de Bréauté:

- Dizem que Marie-Aynard quer estabelecer uma posição para os Swann. É absolutamente

necessário que eu vá me encontrar amanhã de manhã com Marie-Gilbert, para que ela me ajude

a impedir uma coisa dessas. Não sendo assim, não existe mais sociedade. É muito bonito o Caso

Dreyfus. Mas então basta que a *tendeira* da esquina se diga nacionalista e queira em troca ser

recebida em nossa casa. -

Diante dessa frase, tão frívola em comparação com a que eu esperava, senti o espanto do

leitor que, procurando no *Fígaro*, no local de costume, as últimas notícias da guerra russo-

japonesa, em vez disso depara-se com a lista das pessoas que deram presentes de núpcias à

Srta. de Mortemart, pois a importância de um casamento aristocrático fizera recuar para o fim do

jornal a notícia das batalhas em terra e mar. Aliás, a duquesa acabava por experimentar, em sua

perseverança sustentada além de todo limite, uma satisfação de orgulho que não perdia ocasião

para se exprimir.

- Babas - dizia ela - pretende que somos as duas pessoas mais elegantes de Paris, porque

só nós dois é que não nos deixamos cumprimentar pela Sra. e a Srta. Swann. Ora, ele afirma que

a elegância está em não conhecer a Sra. Swann. - E a duquesa ria com todo o gosto.

Todavia, quando Swann morreu, aconteceu que a decisão de sua filha acabara por

proporcionar à Sra. de Guermantes todas as satisfação do orgulho, de independência, de *self*

goveroment e de perseguição que ela possível de extrair, e às quais pusera fim o

desaparecimento do homem que a sensação deliciosa de que ela lhe resistia, que ele não

conseguia fazê-la ceder aos seus decretos. Então a duquesa passara à promulgação de outros

declarados aplicando-se aos vivos, pudessem fazer-lhe sentir que ela era senhora do que bem

entendesse. Não pensava na pequena Swann, mas, quando lhe falara a duquesa sentiu uma

curiosidade que, como em face de um desejo de resistir às pretensões de Swann já não vinha

disfarçar aos próprios. Além do mais, tantos sentimentos diferentes podem contribuir para formar

que não se saberia mais dizer se havia algo de afetuoso para com Swann que interesse. É claro

pois, em todos os estágios da sociedade, uma vida muito frívola paralisa a sensibilidade e retira o

poder de ressuscitar os mortos – e era dessas que têm necessidade da presença - dessa

presença que, comove a Sra. de Guermantes, excelia em prolongar para amar de fato, mas

também, colaborara, para detestar um pouco. De forma que, amiúde, os seus bons sentimentos

para com as outras pessoas, suspensos, estando elas vivas, pela irritação ou quaisquer de seus

atos lhe causavam, renasciam após a morte delas. Experimentava então, quase que um desejo de

reparação, porque só podia imaginá-los bem vagamente, com suas qualidades, e destituídos das

pequenas satisfações; das pequenas pretensões que a irritavam neles quando viviam. Apesar da

Sra. de Guermantes, tal atitude conferia às vezes algo de bastante mesclado a muita baixeza à

sua conduta. Pois, enquanto três quartas partes de seres humanos lisonjeiam os vivos e já não se

importam em nada com ela, muitas vezes fazia, após a morte deles, o que teriam desejado

aqueles a maltratara enquanto vivos.

Quanto à Gilberte, todas as pessoas que gostavam dela e estimavam sua dignidade, só

poderiam rejubilar-se com a mudança de disposições da duquesa; seu respeito, pensando que

Gilberte, repelindo com desdém essas gentilezas, vinham depois de vinte e cinco anos de ultrajes,

pudesse afinal vingá-los. Normalmente os reflexos morais não são sempre idênticos ao que o bom

senso de alguém que, devido a uma injúria descabida, julgou perder para sempre ambições junto

a uma pessoa a quem lhe interessa cortejar, ao contrário justo por isso. Gilberte, muito indiferente

às pessoas que lhe eram gentis, cessava de pensar com admiração na insolente Sra. de

Guermantes, perguntava a si mesma pelos motivos dessa insolência; certa vez, até o que teria

feito morta de vergonha, por causa dela, as pessoas que lhe tributavam um pouco de amizade

quisera escrever à duquesa para lhe perguntar o que tinha contra uma moça que não lhe fizera

mal nenhum. Os Guermantes haviam assumido a seus olhos proporções que a nobreza deles

seria incapaz de lhes conferir. Ela os punha acima não só de toda a nobreza, mas até de todas as

famílias reais.

Antigas amigas de Swann ocupavam-se muito de Gilberte. Na aristocracia, soube-se da

última herança que ela acabava de receber. Repararam como era bem educada, e que mulher

encantadora daria ela. Dizia-se que uma prima da Sra. de Guermantes, a princesa de Nievre,

pensava em Gilberte para seu filho. A Sra. de Guermantes detestava a Sra. de Nievre. Disse em

toda parte que tal matrimônio seria um escândalo. A Sra. de Nievre, assustada, assegurou que

jamais pensara nisso.

Um dia, após o almoço, como fizesse bom tempo e o Sr. de Guermantes devesse passear

com a mulher, a Sra. de Guermantes arrumava o chapéu diante do espelho, e seus olhos azuis

fitavam-se a si mesmos e miravam seus cabelos, ainda louros, enquanto a camareira trazia várias

sombrinhas dentre as quais a patroa escolheria uma. O sol entrava à fluxo pela janela, e os

Guermantes haviam decidido aproveitar o dia lindo para fazer uma visita à Saint-Cloud. O Sr. de

Guermantes, já pronto, com luvas de cor cinzento-pérola e cartola na cabeça, dizia consigo:

"Oriane é realmente espantosa. Acho-a uma delícia." E, vendo que a mulher parecia bem

disposta: - A propósito - disse ele -, tenho um recado da Sra. de Virelef para você. Ela queria

pedir-lhe um lugar na ópera, segunda-feira. Mas, como vai com a pequena Swann, não tinha

coragem e me pediu para sondar o terreno. Não dou opinião nenhuma, apenas transmito o

recado. Meu Deus, parece-me que poderíamos... - acrescentou de modo evasivo, pois, sendo a

disposição de ambos em relação a qualquer pessoa uma disposição coletiva, e surgindo idêntica

em cada um deles, sabia por si mesmo que a hostilidade de sua mulher quanto à Srta. Swann

havia diminuído e que ela estava curiosa para conhecer a moça. A Sra. de Guermantes acabou de

ajeitar o véu e escolheu uma sombrinha.

- Como quiser; que quer que eu faça? Não vejo nenhum inconveniente em conhecermos

essa pequena. Sabe muito bem que nunca tive nada contra ela. Simplesmente, não queria que

déssemos a impressão de receber as ligações clandestinas de nossos amigos. Eis tudo.

- E você tem toda a razão - respondeu o duque. - É a sabedoria em pessoa, minha

senhora, e, além do mais, está deslumbrante com esse chapéu.

- Você é muitíssimo amável - disse a Sra. de Guermantes sorrindo para seu marido e

encaminhando-se para a porta. Mas, antes de subir para o carro, fez questão de lhe dar algumas

explicações:

- Muitas pessoas, agora, recebem a mãe dessa moça. Aliás, ela tem o bom senso de estar

doente três quartas partes do ano. Parece que a menina é muito gentil. Todo mundo sabe que nós

gostávamos muito de Swann. Acharão isso bastante natural. -E foram juntos para Saint-Cloud.

Um mês depois, a pequena Swann, que ainda não se chamava Forchevil e, almoçava em

casa dos Guermantes. Falou-se de mil coisas; no fim do almoço, disse Gilberte com timidez:

- Suponho que conheceram muito o meu pai.

- Creio que sim - disse a Sra. de Guermantes, num tom melancólico que provava

compreender a mágoa da filha e, com um excesso intencional de intensidade que a fazia

dissimular não estar segura de recordar exatamente o pai: - Nós o conhecemos bastante, lembro-

me perfeitamente dele. - (E, de fato, ela podia recordar Swann fora visitá-la

quase todos os dias

durante vinte e cinco anos.) - Sabia bem quem era ele, vou dizer-lhe - acrescentou, como se

quisesse explicar, que pessoa que ela tivera por pai, e dar a essa moça informações a respeito

um grande amigo da minha sogra e também muito ligado ao meu cunhado.

- Vinha muito aqui, almoçava bem aqui - acrescentou o Sr. de Guermantes com ostentação

de modéstia e escrúpulo de exatidão. - Você se lembra, Oriane do homem de bem que era o seu

pai! Como se percebia que deveria pertencer à família honesta! Aliás, vi antigamente o pai e a

mãe dele. Tanto os dois e que gente boa! -

Sentia-se que, se os pais e o filho ainda fossem vivos, o Sr. de Guermantes não hesitaria

em recomendá-los para lugares de jardineiro. E o *faubourg* Saint-Germain fala a qualquer burguês

dos outros burgueses, lisonjeá-lo pela exceção feita durante o tempo da conversa - em favor do

interlocutor ou da interlocutora, seja antes, ao mesmo tempo, para humilhá-lo. Assim é anti-

semita, no mesmo instante em que envolve a um judeu com sua afabilidade; fala mal dos judeus

de um modo genérico, o que lhe permite ser ferino grosseiro. Mas sabendo verdadeiramente nos

atrair, quando nos via, e não resignar-se então a nos deixar partir, a Sra. de

Guermantes era

igualmente dessa necessidade da presença. Swann pudera, às vezes, na embriaguez da casa,

dar à duquesa a ilusão de que ela lhe tinha amizade; mas agora, já não o era.

- Ele era encantador - disse a duquesa com um sorriso triste, pousando em Gilberte um

olhar muito doce que, pelo menos, se a jovem fosse sensível, de lhe mostrar que estava sendo

compreendida, e que a Sra. de Guermantes, se as duas estivessem a sós e caso as

circunstâncias o permitissem, gostaria de revelar-lhe toda a profundidade de sua sensibilidade.

Porém o Sr. de Guermantes, ou por pensar que justamente as circunstâncias se opunham a tais

efusões, ou por achar que todo exagero de pensamentos era coisa de mulheres e que os homens

tinham tanto a ver com isso como suas demais atribuições, salvo a cozinha e os vinhos, que ele

se reservava de ser bem mais entendido no assunto que a duquesa, julgou melhor não se

intrometer, para não alimentar essa conversa que escutava com visível impaciência. De resto, a

Sra. de Guermantes, assim que passou este assomo de sensibilidade acrescentou com frivolidade

mundana, dirigindo-se à Gilberte:

- Olhe, vou lhe dizer era um grande amigo do meu cunhado Charlus; também tinha muito

boas relações com Voisenon (o castelo do príncipe de Guermantes) não apenas como se o de

conhecer o Sr. de Charlus e o príncipe fosse um mero acaso para Swann; como se o cunhado e o

primo da duquesa tivessem sido dois homens aos quais Swann se achara ligado em determinada

circunstância, quando Swann se repara com todas as pessoas dessa mesma sociedade-mas

ainda como se a Sra. de Guermantes quisesse fazer Gilberte compreender aproximadamente

quem era o seu pai, "situá-lo" para ela por meio de um desses traços característicos, com ajuda

dos quais, como se deseja explicar como entramos em relações com alguém que não teríamos

vontade de conhecer, ou para realçar a narrativa, invocamos o apadrinhamento particular de uma

certa pessoa. Quanto à Gilberte, foi tanto maior a sua satisfação em ver declinar a conversa,

quanto ela procurava precisamente mudar-lhe o rumo, tendo herdado de Swann aquele tato

requintado e um modo encantador de inteligência que o duque e a duquesa logo reconheceram e

apreciaram; pediram à Gilberte que voltasse em breve. Além disso, com a minúcia das pessoas

cuja vida não tem finalidade, percebiam eles, alternadamente, nas pessoas a quem se ligavam, as

mais simples qualidades, exclamando diante delas com o ingênuo

deslumbramento de um homem

da cidade que descobre no campo um talo de relva, ou, pelo contrário, aumentando, como sob as

lentes de um microscópio, comentando interminavelmente e embirrando com os menores defeitos,

e muitas vezes, alternadamente, na mesma pessoa. No caso de Gilberte, foram antes de tudo os

seus encantos o que atraiu a ociosa perspicácia do Sr. e da Sra. de Guermantes:

- Reparou a maneira como ela pronuncia certas palavras? - disse a duquesa ao marido

depois que Gilberte saíra. - É bem como Swann, parecia que eu o estava escutando.

- Ia fazer a mesma observação que você, Oriane. - É espirituosa, e completamente do jeito

do pai. - Acho até que é bem superior a ele. Lembra-se como contou muito bem aquela história

dos banhos de mar? Tem uma vivacidade que faltava ao pai.

- Oh, e ele no entanto era bem inteligente.

- Mas não digo que não fosse inteligente, digo que lhe faltava vivacidade - retorquiu o

duque em tom gemente, pois a gota o enervava, e, quando não tinha outra pessoa em quem

descarregar sua irritação, a duquesa é que pagava o pato. Mas, incapaz de bem compreender-lhe

as causas, preferia assumir um ar de incompreendido.

Essas boas disposições do duque e da duquesa fizeram com que, daí em diante,

quando

necessário, se falasse às vezes a Gilberte em "seu pobre pai", o que aliás não adiantava nada,

pois justamente por aquela época Forchevil e adotara a moça. Ela dizia "Meu pai" a Forchevil e,

encantava a senhoras idosas por sua cortesia e distinção, e todos reconheciam que, se

Forchevil e se portara de modo admirável com ela, a pequena, por sua vez, era de coração

bastante nobre e sabia recompensá-lo por isso. Sem dúvida, porque às vezes podia e desejava

mostrar muito desembaraço, forçara-me a reconhecê-la, e falara de seu verdadeiro pai diante do

mim. Mas aquilo era uma exceção, e ninguém mais tinha coragem de pronunciar na frente o nome

de Swann. Eu acabava exatamente de reparar, encontrando em dois desenhos de Elstir que antes

eram relegados a um aposento lá fora, onde os vira apenas casualmente. Elstir estava na moda,

agora. A Sra. de Guermantes não se consolava de ter dado tantos quadros dele à prima, não

porque estivessem na moda, mas porque agora os apreciava. De fato, a moda é pelo capricho de

uma série de pessoas de que os Guermantes são os sensitivos. Todavia a duquesa não podia

pensar em comprar outros Elstir, pois eles, desde algum tempo, haviam subido a preços

astronômicos; ela desejava ao menos ter algo de Elstir em seu salão, e mandara descer desenhos

que declarava "preferir à sua pintura". Gilberte reconheceu-lhe:

- Dir-se-iam de Elstir - comentou.

- Claro que sim - retrucou estouva a duquesa-, foi precisamente seu... foram nossos

amigos que nos fizeram dá-los. É admirável. Na minha opinião, são superiores à sua pintura. -

Eu ouvira esse diálogo, fui olhar o desenho.

- Ora, mas é aquele Elstir que; sinais desesperados da Sra. de Guermantes.

- Ah, sim. O Elstir que eu adorei em cima. Fica bem melhor do que no corredor. A propósito

de Elstir, citei num artigo publicado no *Fígaro*. Já o leram?

- O senhor publicou um, *Fígaro*? - gritou o Sr. de Guermantes, com a mesma violência com

que teria exclamado:

"Mas é a minha prima"

- Sim, ontem.

- No *Fígaro*? Tem certeza? deixaria muito espantado. Pois cada um de nós tem o seu

Fígaro, e, se a página houvesse escapado a um, o outro a teria visto. Não havia nada, não é,

Orine? – o duque mandou buscar o *Fígaro* e só então se rendeu à evidência, como ainda

houvesse possibilidade de que eu estivesse enganado quanto ao jornal que

escrevera.

- O quê? Não compreendo. Então o senhor publicou no *Fígaro*? - perguntou a duquesa,

esforçando-se para falar de uma coisa que interessava. - Mas olhe, Basin, você lerá isso mais

tarde.

- Não, não, - disse ao duque – está muito bem assim, com sua grande barba sobre o jornal

– disse Gilberte. Isso lê logo, quando chegar em casa.

- Sim, ele usa barba, agora que todo anda de cara rapada - disse a duquesa-, ele nunca

faz as coisas como os outros. Quando nos casamos, ele raspava não só a barba, mas o bigode.

Os cem que o não conheciam, pensavam que ele não fosse francês. Naquele tempo chamava-se

príncipe des Laumes.

- Existe ainda um príncipe des Laumes? - disse Gilberte, que se interessava por tudo o que

se referisse às pessoas que não tinham querido cumprimentá-la durante tanto tempo.

- Não - respondeu a duquesa com um olhar acariciante e melancólico.

- Um título tão lindo! Um dos mais belos títulos da França! - comentou Gilberte, pois um

certo gênero de banalidades vem insistentemente, como o relógio dá as horas, à boca de certas

pessoas inteligentes de verdade.

- Eu também lamento. Basin queria que o filho da irmã dele o usasse - não é a mesma

coisa; no fundo, isto poderia ser assim, pois não é obrigatório ao filho mais velho quem herda o

título, pode passar do mais velho ao caçula dizia que Basin, por essa época, andava inteiramente

barbeado; um dia, lembra, meu querido? - disse ela ao marido -, daquela peregrinação até

Patrimonial, meu cunhado Charlus, que aprecia muito conversar com os campos dizia a um e a

outro: "De onde és?" e como é bastante generoso dava-lhe, ou levava-os para beber. Pois

ninguém é, a um tempo, tão altivo e tão simples como Mémé. Você o verá não querendo

cumprimentar uma duquesa, a quem não considera bem duquesa, e cumular de atenções um

guardador de cães. Então eu disse a Basin: "Olhe, Basin, converse também um pouco com eles."

Meu marido, que nem sempre é muito inventivo...

- Obrigado, Oriane - disse o duque, sem interromper a leitura do meu artigo em que estava

mergulhado.

- Avistou um campônio e lhe repetiu textualmente a pergunta do irmão: "E tu, de onde és? -

Sou dos Laumes. -Tu és dos Laumes? Pois bem, sou o teu príncipe." Então o camponês encarou

o rosto glabro de Basin e respondeu: "Não é verdade. O senhor é um *English*." -

Percebia-se, desse modo, nessas pequenas anedotas da duquesa, surgirem títulos

eminentes, como o do príncipe dos Laumes, em seu verdadeiro lugar, no seu estado antigo e na

cor local, como em certos livros de horas reconhecemos, em meio à multidão da época, a flecha

de Bourges. Trouxeram cartões que um lacaio acabara de deixar.

- Não sei que idéia foi essa, não a conheço. É a você que devo isto, Basin. Todavia esse

gênero de relações não lhe foi muito proveitoso, meu amigo - e, voltando-se para Gilberte: - Não

saberia sequer lhe explicar de quem se trata, certamente você não a conhece: chama-se Lady

Rufus Israel. -

Gilberte enrubesceu vivamente:

- Não a conheço - disse (o que era tanto mais falso quando Lady Israel, dois anos antes da

morte de Swann, reconciliara-se com ele e chamava Gilberte pelo seu prenome) -, mas sei muito

bem, por outras pessoas, quem é essa pessoa de quem a senhora está falando. -

É que Gilberte se tornara muito esnobe. Assim, perguntando-lhe certo dia uma jovem, por

maldade ou falta de tato, qual era o nome de seu pai, não o adotivo mas o verdadeiro, ela,

perturbada, e para desfigurar um pouco o que tinha a dizer, pronunciara, em vez de *Suann*,

Svann, mudança que logo após percebeu ser pejorativa, porquanto fazia desse nome de origem

inglesa um nome alemão. E até acrescentou, aviltando-se para se realçar: - Contaram muitas

coisas bem diferentes sobre o meu nascimento, mas prefiro ignorar tudo.

Por mais envergonhada que Gilberte devesse ficar em certos instantes ao pensar nos pais

(pois até a Sra. Swann representava para ela-e era-uma boa mãe), infelizmente devemos deduzir

dessa maneira de encarar a vida, que seus elementos provinham sem dúvida dos pais, pois nós

não nos fazemos a nós mesmos com todas as peças. Porém, a uma certa soma de egoísmo

existente na mãe, vem acrescentar-se um egoísmo diverso, inerente à família do pai, o que nem

sempre quer dizer adicionar-se, nem mesmo apenas servir-se do múltiplo, mas criar um egoísmo

novo, infinitamente mais poderoso e temível. Desde que o mundo existe, famílias em que há

determinado defeito sob uma forma se aliam à famílias em que o mesmo defeito existe sob outra

forma, o que dá origem a uma variedade particularmente complexa e detestável na criança, os

egoísmos acumulados (falando aqui amenas do egoísmo) assumiriam um tal poder que a

humanidade inteira seria fruída, se desse mal não nascessem, capazes de reduzi-lo a proporções

justas, restrições naturais análogas às que impedem que a proliferação de infusórios aniquile o

nosso planeta, ou que a fecundação assexuada nos acarrete a extinção do reino vegetal etc. De

vez em quando, uma virtude por com esse egoísmo uma potência nova e desinteressada. As

combinações as quais, no correr das gerações, a química moral fixa dessa maneira, e torna, os

elementos que se faziam excessivamente perigosos, são infinitas, numa variedade apaixonante à

história das famílias. Além disso, com essa os mesmos acumulados, como os deveria haver em

Gilberte, coexistirem determinam encantadora dos pais; por alguns momentos, ela vem realizar

sozinha um ato, desempenhando seu papel no tocante com uma sinceridade completa. Se da,

Gilberte não ia sempre assim tão longe, como ao insinuar que talvez fosse natural de uma grande

personalidade; mas em geral dissimulava suas origens. Talvez, simplesmente, fosse-lhe muito

desagradável confessá-las, preferindo que as soubessem por terceiros. Talvez julgasse de fato

escondê-las, com essa incerteza, que entretanto não é dúvida, com que reservamos uma

possibilidade que desejamos, e da qual Musset nos dá um exemplo quando fala em Deus.

- Não a conheço pessoalmente - repetiu Gilberte.

Teria ela, no entanto, passado a chamar-se Srta. de Forchevil e, na esperança de que

ignorassem que era filha de Swann? Talvez relativamente a certas pessoas, que, com o tempo

esperava se tornassem toda a sociedade. Não devia ter grandes ilusões do número atual dessas

pessoas, e é claro que sabia que muita gente deveria exclamar: "É afilha de Swann." Mas sabia-o

apenas com a mesma ciência que pessoas que se matam por miséria enquanto comparecemos a

um baile, uma ciência vaga e longínqua, que não nos interessa substituir por um conhecimento

mais preciso, resultado de uma impressão direta. Como o afastamento torna as coisas menores,

mais incertas e menos perigosas, Gilberte achava que a descoberta de que ela havia nascido

Swann ocorresse em sua presença que pertencia, ou ao menos pertenceu esses anos, à

variedade mais difundia avestruzes humanos, os que ocultam a cabeça na esperança, não de não

vistos, o que julgam pouco verossímil, mas de não verem a quem os vê, o lhes parece muito e

lhes permite se entregarem ao acaso quanto ao resto. Gilberte se preferia não estar perto das

pessoas no momento em que estas descobrissem que ela havia nascido Swann. E, como

estamos perto das pessoas a quem imaginamos, assim como podemos imaginar

as pessoas

lendo o jornal, Gilberte preferia jornais que a chamassem de Srta. de Forchevil e. É verdade que

nos escritos própria responsabilidade (suas cartas), prolongou por algum tempo a transferência

assinando-se G. S. Forchevil e. A verdadeira hipocrisia dessa assinatura se mostrava pela

supressão, menos das outras letras do nome de Swann, que das de Gilberte. Com efeito,

reduzindo o prenome inocente a um simples G. S. Forchevil e parecia insinuar aos amigos que a

mesma amputação, aplicada ao nome de Swann, também se devia apenas a razões de

abreviatura. Chegava a dar importância ao S, dele fazendo uma espécie de cauda comprida que

vinha cortar o G, mas que se sentia transitória e destinada a desaparecer, como aquela que, ainda

longa no macaco, já não existe no homem.

Apesar disso, havia em seu esnobismo a inteligente curiosidade de Swann. Lembro-me

naquela tarde ela perguntou à Sra. de Guermantes se não poderia conhecer o Sr. du Lau; e,

tendo a duquesa respondido que ele andava doente e não saía de casa, indagou Gilberte como

estava passando, pois, acrescentou, enrubescendo de leve, ouvira falar muito a seu respeito. (O

marquês du Lau, com efeito, fora um dos amigos mais íntimos de Swann antes do casamento

deste, e talvez mesmo Gilberte o houvesse avistado, mas num momento em que não se

interessava por semelhantes relações sociais.)

- Será que o Sr. de Bréauté ou o príncipe de Agrigento podem me dar uma idéia dele? -

perguntou.

- Oh, de forma alguma! - exclamou a duquesa, que possuía um sentimento muito vivo

acerca dessas diferenças provinciais e fazia retratos sóbrios, mas coloridos por sua voz dourada e

rouca, sob a doce florescência de seus olhos cor de violeta. - Não, absolutamente. Du Lau era o

gentil homem do Périgord, encantador, com todas as suas belas maneiras e a sem-cerimônia de

sua província. Em Guermantes, quando lá estava o rei da Inglaterra, de quem du Lau era muito

amigo, havia repasto depois da caçada; era o momento em que du Lau costumava tirar as botas e

pôr grossas pantufas de lã. Pois bem, a presença do rei Eduardo e de todos os grão-duques

absolutamente não o constrangia. E ele descia para o salão de baile de Guermantes com suas

pantufas de lã. Achava que, sendo o marquês du Lau d'Al emans, não tinha de se constranger

diante do rei da Inglaterra. Ele e esse encantador quase modo de Breteuil eram os dois de quem

eu mais gostava. Aliás, eram grandes amigos de... -(Ela ia dizer "seu pai", mas interrompeu-se

depressa). - Não, nada tem a ver com Gri-Gri nem com Bréauté. É o verdadeiro grão-senhor do

Périgord. De resto, Mémé cita uma página de Saint-Simon sobre um marquês d'Al emans, é

exatamente isso.

- Citei as primeiras palavras do retrato: "O Sr. d'Al emans, que era um homem muito

distinto entre a nobreza do Périgord, pela sua origem e pelo seu mérito, e considerado, por tudo

que lá vivia, um árbitro geral a quem todos recorriam devido a sua probidade, sua capacidade e à

doçura de seus modos, e como que um galo de província..."

- Sim, é isso - disse a Sra. de Guermantes -, tanto mais que du Lau sempre foi vermelho

como um galo.

- Sim, lembro-me de ter ouvido falar nesse retrato - disse Gilberte, sem acrescentar que o

fora por seu pai, o qual, de fato, era grande admirador de Saint-Simon.

Ela também gostava dele e até por outro lado se reergueu ao príncipe de Agrigento, mas

outro motivo. O primeiro devia o título por herança da casa de Aragão, a Sua senhora era

proveniente de Poitou. Quanto a seu castelo, pelo menos aquele em que morava, não era um

castelo de sua família, e sim do primeiro marido de sua mãe, situado mais ou menos a distância

igual da Sra. de Guermantes. Assim, Gilberte falava dele e do Sr. de Bréauté como do campo que

lhe recordavam sua velha província. Materialmente, havia mentira nessas palavras, visto que só

em Paris, por meio de condes que ela conhecera o Sr. de Bréauté, aliás velho amigo de seu pai.

Quanto a de referir-se aos arredores de Tansonvil e, podia ser sincero. Para certo esnobismo é

análogo a essas beberagens agradáveis a que elas misturam, aparências úteis. Gilberte se

interessava por certa mulher elegante porque possuía esplêndidos e alguns Nattiers que minha

velha amiga sem dúvida não da Biblioteca Nacional e no Louvre, e imagino que, apesar da

proximidade de Gilberte a influência magnética de Tansonvil e teria se exercido com relação à

Sra. Sazerat ou à Sra. Goupil que em relação ao Sr. d'Agrigen.

- Pobre Babal e pobre Gri-Gri - disse a Sra. de Guermantes-, estão bem com du Lau;

receio que ambos não tenham vida por muito tempo.

Quando o Sr. de Guermantes acabou a leitura do meu artigo. Deu-me cumprimentos aliás

moderados. Lamentou a forma um tanto convencional do estilo em que havia "afetação e

metáforas, como na prosa antiquada de Chateaubriand"; em compensação, felicitou-se sem

reservas por eu estar no "meio":

- Aprecio que façam alguma coisa com os dez dedos. Não gosto dos tais que são sempre

metidos a importantes ou uns agitados. Raça de escritos.

Gilberte, que assumia com prodigiosa rapidez as maneiras da sociedade, o quanto estava

orgulhosa de dizer que era amiga de um escritor.

- Imagino a honra, que vou ter em falar que o conheço.

- Não quer ir conosco à Ópera, amanhã? - convidou a duquesa, e eu pensei que era

naquele mesmo dia sem dúvida, em que a vira pela primeira vez e que então me parecera como o

reino submarino das nereidas.

Mas respondi com voz triste: estou indo ao teatro; perdi uma amiga a quem muito amava. -

Estava lágrimas ao dizer isso, mas, pela primeira vez, sentia um certo prazer naquilo. Foi a

partir desse momento que comecei a escrever a todo mundo que acabava de ter um grande

desgosto e a deixar de senti-lo.

Quando Gilberte foi embora, a duquesa me disse:

- O senhor não entendeu meus sinais... Era para que não falasse em Swann. -

E como lhe pedi desculpas:

- Mas eu o compreendo muito bem; eu mesma quase que pronunciei o nome dele. Mal tive

tempo de me interromper, é incrível; felizmente, detive-me a tempo. Você sabe, é muito

constrangedor - disse ela ao marido para direcionar pouco a minha falta, parecendo acreditar que

eu obedecera a uma tendência natural a todos e à qual era difícil resistir.

- Que quer que eu faça? - respondeu o duque.

- Bastará você recomendar que levem esses hóspedes para cima, já fazem não pensar em

Swann. Se você não pensar em Swann, não falará nele.

No dia seguinte recebi duas cartas de felicitações que muito me espantaram: uma era da

Sra. Goupil, senhora de Combray a quem não via há tantos anos e ,quem, mesmo em Combray,

não dirigira a palavra três vezes sequer. Um gabinete de leitura a fizera ler o *Fígaro*. Assim,

quando nos acontece na vida algo que obtém uma certa repercussão, chegam-nos notícias de

pessoas tão distantes de nossas relações, e cuja lembrança já é tão remota, que tais pessoas

parecem estar situadas a grande distância, principalmente no sentido da profundidade. Uma

amizade de colégio esquecida, e que tivera vinte ocasiões de se fazer lembrada,

nos dá sinal de

vida, aliás não sem compensações. Foi assim que Bloch, de quem eu tanto gostaria de saber o

que pensava de meu artigo, não me escreveu. É verdade que havia lido o artigo, e devia me

confessá-lo depois, mas por uma espécie de contra-choque. De fato, ele próprio escreveu um

artigo no *Fígaro* alguns anos mais tarde, e desejou assinalar-me esse acontecimento. Como já

deixara de sentir ciúme pelo que considerava um privilégio, pois também lhe havia tocado a ele, a

inveja, que o fizera fingir ignorar o meu artigo, havia passado, como um compressor se reergue;

falou-me dele, mas de forma inteiramente diversa daquela com que desejaria ouvir-me falar do

seu:

- Soube que tu também fizeste um artigo - disse-me ele. - Porém achei que não devia te

falar a esse respeito, receando ser desagradável, pois não devemos falar aos amigos sobre

coisas humilhantes que lhes acontecessem. E, evidentemente, uma delas é escrever no jornal do

sabre e do aspersório, dos five o'clock, sem esquecer a água benta. -

Seu caráter permanecia o mesmo, mas o estilo tornara-se menos precioso, como acontece

com certos escritores que abandonam o maneirismo quando, já não fazendo

poemas simbolistas,

dedicam-se a romances-folhetins.

Para me consolar com seu silêncio, reli a carta da Sra. Goupil; mas ela não possuía calor,

pois, se a aristocracia tem certas fórmulas que erguem paliçadas entre si, entre o Senhor do

princípio e o muito cordialmente do fim, gritos de alegria e de admiração podem brotar como

flores, e ramos podem inclinar, por cima da paliçada, o seu perfume aromático. Mas o

convencionalismo burguês encerra o próprio interior das cartas numa rede que vai de seu sucesso

tão legítimo até o extremo de seu belo sucesso. Cunhadas, fiéis à educação recebida e

apropriadamente reservadas em seus corpetes, julgam que se expandiram na desgraça ou no

entusiasmo se escreveram meus melhores pensamentos. E Mamãe se associa às minhas

palavras é um superlativo com que raramente somos mimoseados.

Recebi uma outra carta além da Sra. Goupil, mas a assinatura, Sautton, era-me

desconhecida. Vinha numa caligrafia popular, de uma linguagem encantadora, retido por não

poder descobrir quem me escrevera.

[No original francês, tanto na edição de Jean-Yves Tadié, como nade Pierre Clarac e André Ferre,

está *orant* o que não faz sentido. Preferimos considerar ter havido má leitura do

manuscrito de

Proust, por " *odorant*" nome *Sautton* é de leitura incerta no manuscrito (talvez *Sanilon*?). Na primeira versão datilográfica está corrigido para *Sautton*. (N. do T)]

Dois dias depois, de manhã, alegrei-me que Bergotte fosse admirador do meu artigo, o

qual não pudera ler sem uma ponta de inveja - minha alegria cessou ao cabo de um instante. De

fato, Bergotte não mencionara coisa alguma. Eu simplesmente me perguntava se ele havia

gostado do artigo, receando que não. A esta pergunta que eu me fazia, a Sra. de Ford respondera

que ele o admirava infinitamente, achava-o digno de um grande teor. Mas ela dissera tais palavras

enquanto eu dormia: era um sonho. Que respondem às perguntas que nos fazemos por meio de

afirmações representadas com diversas personagens, mas sem futuro.

Quanto à Srta. de Forchevil e, eu não podia evitar pensar nela como quem, Filha de

Swann, que tanto teria gostado de vê-la em casa dos Guermantes; estes haviam recusado a seu

grande amigo o prazer de recebê-la, e depois procurado espontaneamente, pois o tempo havia

passado, o tempo que renova tudo, e insufla uma outra personalidade, segundo o que sobre elas

as pessoas que há muito tempo não víamos, desde que nós mesmos mudamos a pele e

adquirimos novos gostos. Mas, quando Swann dizia a essa filha, apertando-a nos braços e

beijando-a: "É bom, queridinha, ter uma filha como você. Um dia, quando eu já não estiver aqui,

se falarem ainda do teu pobre papai, será contigo e por tua causa". Swann, depositando assim na

filha, para aquela morte, uma tímida e ansiosa esperança de sobrevivência, enganava-se tanto;

quanto o velho banqueiro que, tendo feito um testamento para uma dançarina, mantém e que

ostenta uma aparência muito digna, diz consigo que é para apenas um grande amigo, mas que

ela permanecerá fiel à sua memória. Depois, o aspecto dela era muito digno, enquanto roçava

com o pé, debaixo da mesa, amigos do velho banqueiro que lhe agradavam, mas tudo isso bem

às escondidas, no maior decoro.

Usará luto pelo excelente homem, sentir-se-á desimpedida; desfrutará não apenas do

dinheiro líqüido, mas das propriedades e dos automóveis que ele lhe deixou, e em toda parte se

empenhará em apagar o monograma do proprietário, que lhe causa uma certa vergonha, e ao

gozo da doação jamais criará a tristeza pelo doador. As ilusões do amor paterno não são

menores; muitas filhas só consideram o pai como o velho que lhes deixou sua herança. A

presença de Gilberte num salão, em vez de ser uma oportunidade a qual falassem às vezes de

seu pai, era um obstáculo a que fossem aproveitadas as ocasiões, cada vez mais raras, que ainda

pudessem ocorrer para fazê-lo. Meu propósito em citar as frases que ele havia dito, ou de objetos

que oferecera, as palavras adquiriram o hábito de não mais citá-lo, e aquela que poderia

rejuvenescer, perpetuasse a sua memória, era exatamente quem apressava e consumava a da

morte e do esquecimento.

E não era somente em relação à Swann que Gilberte consumava aos poucos a obra do

esquecimento: ela a apressara em mim também quanto a Albertine - a ação do desejo, e como

conseqüência do desejo de felicidade, que Gilberte acumulava em mim durante as horas em que

eu a julgara uma pessoa diversa; o número de sofrimentos e de preocupações dolorosas que

ainda há pouco obcecavam meu pensamento, escapavam-se de mim, arrastando, com minhas

idéias, todo um conjunto de lembranças precárias, provavelmente esfarinhadas há muito, relativas

a Albertine. Pois se muitas das lembranças ligadas a ela tinham, a princípio, contribuído para

manter em mim a mágoa pela sua morte, em troca essa própria mágoa havia fixado as

lembranças. De forma que a modificação de meu estado sentimental, sem dúvida obscuramente

preparada dia a dia pelas contínuas desagregações do esquecimento, mas bruscamente realizada

em conjunto, deu-me essa impressão, que me recordo de haver experimentado pela primeira vez

naquele dia, do vazio, da supressão em mim de toda uma porção de associações de idéias,

sentida por um homem de quem rebenta uma artéria cerebral já gasta há muito tempo, e no qual

toda uma parte da memória é abolida ou fica paralisada. Eu já não amava Albertine. Quando

muito em certos dias, fazendo um desses tempos em que, modificando e despertando nossa

sensibilidade, nos pomos em relação com a realidade, eu sentia uma tristeza cruel ao pensar nela.

Sofria por um amor já inexistente. Da mesma forma os amputados, diante de certas mudanças de

tempo, sentem dor na perna que já não possuem.

O desaparecimento de minha dor, e de tudo o que ela acarretava, deixava-me diminuído

como freqüentemente a cura de uma doença que ocupava um grande lugar em nossa vida. Sem

dúvida, porque as lembranças não permanecem sempre verdadeiras, é que o amor não é eterno e

porque a vida é feita da perpétua renovação das células. Porém, essa renovação por meio das

lembranças é ainda assim retardada pela atenção que detém, que fixa um momento fadado a

mudar. E visto que com a dor sucede o mesmo que com o nosso desejo das mulheres,

aumentado se pensamos nelas, ter muito o que fazer contribuiria bastante para tornar mais fácil

não só a castidade, mas o esquecimento.

Por uma reação diferente, embora fosse a distração (o desejo que sentia pela Srta.

d'Éporchevil e) que, de súbito, tornara-me efetivo e sensível o esquecimento, se é o tempo que

nos traz progressivamente o esquecimento, este não deixa de alterar profundamente a noção do

tempo. Existem erros ópticos no tempo, assim como os há no espaço. A persistência, em mim, de

uma antiga veleidade de trabalhar, de recuperar o tempo perdido, de mudar de vida, ou melhor,

de começar avivar, dava-me a ilusão de que eu era sempre muito jovem; entretanto, a recordação

de todos os acontecimentos que haviam decorrido em minha vida - e também aqueles que se

haviam sucedido em meu coração, pois, quando mudamos muito somos induzidos a supor que

vivemos longo tempo no decurso dos últimos meses da existência de Albertine, levara-me a julgá-

los bem mais como um ano, e, agora, esse esquecimento de tantas coisas, separando-me, vazios,

de acontecimentos bem recentes que assim me pareciam antigos como se diz, "tivera tempo" de

esquecê-los pela sua interpolação fragmentada e irregular na minha memória feito uma bruma

espessa sobre o oceano suprime os pontos de referência das coisas perturbava e deslocava a

mente das distâncias no tempo, comprimidas aqui, distendidas além, que me julgasse ora muito

mais longe, ora muito mais perto das coisas que estavam na realidade. E como nos novos

espaços, ainda não percorridos estendiam à minha frente, não haveria mais vestígios de meu

amor, como não os houvera de meu amor por minha avó nos tempos perdidos; acabava de

atravessar, a minha vida, oferecendo uma sucessão de períodos os quais, depois de um certo

intervalo, já não subsistia no seguinte nada sustentava o precedente, apareceu-me como algo tão

destituído do apoio do eu individual, idêntico e permanente, algo tão inútil no futuro, tão comum no

passado, algo que a morte bem poderia interromper aqui ou ali, sem concluir, como esses cursos

da história da França que em reportam suspensos indiferentemente, conforme a fantasia dos

programas ou dos presidentes; na Revolução de 1830, na de 1848, ou no fim do Segundo

Império.

Talvez, então, o cansaço e a tristeza que eu sentia proviessem provavelmente, por ter

amado inutilmente a quem eu já esquecia, do que de principiar a distrair novas pessoas vivas,

pessoas puramente da sociedade, simples amigas, como a Sra. de Guermantes, de tão pouco

interesse em si mesmas. Talvez me consolassem facilmente ao verificar que aquela a quem havia

amado já não era, ao fim de um tempo, mais que uma pálida lembrança, do que ao verificar de

novo em vã atividade que nos faz perder tempo em revestir nossa vida com uma vespa humana,

viçosa mas parasitária, que igualmente se tornará coisa alguma ao que já é estranha a tudo que

conhecemos, e à qual, no entanto, procura agora a nossa senilidade indiscreta, galante e

melancólica.

A nova criatura, que facilmente suportaria viver sem Albertine, fizera sua aparição dentro

de mim, pois eu pouco falara de Albertine na casa da Sra. de Guermantes, em palavras aflitas,

mas de profundo sofrimento. A possível chegada desses novos "eus", que deveria por um nome

diverso do precedente, sempre me assustara, pois eram indiferentes ao objeto do meu amor:

outrora, a respeito de Gilberte, quando seu pai me dizia que eu fosse viver na Oceania, não

haveria de querer voltar mais; e recentemente, o lera com tamanho aperto no coração as

memórias de um escritor medíocre, separado pela vida de uma mulher a quem adorava quando

jovem, reencontrara na velhice, sem prazer, sem vontade alguma de revê-la. Ora, pelo contrário, o

me havia comovido era uma supressão quase completa do sofrimento, uma possibilidade de bem-

estar, e isso eu ficava devendo a um ser tão temível, tão benfazejo não era outro senão um

desses "eus" de reserva, que o destino mantém de prontidão para nós, e com o que, sem ouvir

nossos rogos, ao jeito de um médico esclarecido; e por isso mesmo autoritário, substitui, contra

nossa vontade, por uma internação oportuna, o nosso eu na verdade muito ferido. Substituição,

aliás, realizada de tempos em tempos, como o desgaste e a recomposição dos tecidos, mas à

qual prestamos atenção se o antigo "eu" carregava uma grande dor, um corpo estranho e

pungente, e que nos surpreendemos de não encontrar mais, no deslumbramento de nos termos

transformado em outra criatura, uma criatura para a qual o sofrimento de sua predecessora não

passa do sofrimento de outrem, do qual poderá falar com piedade, porque não o sente. Mesmo

isso pouco nos importa; depois de haver passado por tantos sofrimentos, pois só

confusamente

nos lembramos de os haver sentido. É possível que, da mesma forma, nossos pesadelos à noite

sejam pavorosos. Mas, quando acordamos, somos uma outra pessoa, que mal se preocupa com

aquela a quem sucedeu, e que, dormindo, era perseguida por assassinos.

Sem dúvida, este "eu" ainda mantinha algum contato com o anterior, como um amigo,

indiferente a um luto, conversava, todavia, a seu respeito com as pessoas presentes, num tom

adequado de tristeza, e, de vez em quando, voltava para o aposento onde o viúvo, que o havia

encarregado de receber as visitas, continua a fazer ouvir seus soluços. Eu soluçava ainda,

quando voltava a ser, por um momento, o antigo amigo de Albertine. Porém minha tendência era

passar inteiramente a um novo personagem. Nossa afeição pelos outros não diminui porque estão

mortos, mas porque nós próprios morremos. Albertine não tinha coisa alguma a censurar em seu

amigo. Quem usurpara o nome deste era apenas um herdeiro. Só podemos ser fiéis àquilo de que

nos lembramos, e a gente só se lembra daquilo que conheceu. Meu novo "eu", enquanto crescia à

sombra do antigo, ouvia-o falar muitas vezes de Albertine; através dele, através dos relatos que

recolhia, julgava conhecê-la, ela lhe era simpática, amava-a; mas não passava de uma ternura de

segunda mão.

Outra pessoa em quem a obra do esquecimento, no que se referia à Albertine,

provavelmente se tornou mais rápida por essa época, e, por tabela, permitiu-me notar, um pouco

mais tarde, num novo progresso alcançado por essa obra em mim (e essa é a minha lembrança

de uma segunda etapa, antes do esquecimento definitivo), foi Andrée. Mal posso não considerar,

de fato, o esquecimento de Albertine como causa, se não única ou principal, pelo menos causa

condicionante e necessária, de uma conversa que Andrée teve comigo mais ou menos seis meses

após aquela que narrei; conversa na qual suas palavras foram bem diversas das que me havia

dito da primeira vez. Lembro-me de que era em meu quarto, porque naquele tempo eu sentia

prazer em manter relações semi-carnais com ela, devido ao aspecto coletivo que aparentava a

princípio, e que agora voltaria a expressar o meu amor pelas moças do pequeno grupo, por muito

tempo indiviso entre elas, e apenas por um momento associado à pessoa de Albertine, durante os

últimos meses que haviam precedido e seguido à sua morte.

Estávamos em meu quarto por outro motivo ainda, que me permitiu bem

exatamente essa

conversa. É que eu fora expulso do restante, pois era dia de recepção de mamãe. Era um dia em

que mamãe fora à casa da Sra. Sazerat. Mas, como fosse dia de recepção, ela hesitara em ir à

Sra. Sazerat; porém, como até em Combray, a Sra. Sazerat sabia sempre dar juntamente com

pessoas enfadonhas, mamãe, certa de não se divertir, que podia voltar cedo para casa sem

perder nenhum prazer. De fato, voltara e sem pena, pois a Sra. Sazerat só tinha em casa gente

muito cacete, já com a voz particular que ela usava ao receber, e que mamãe denominava

“quarta-feira". Mamãe, aliás, gostava muito dela, penalizava-se com a sua pessoa, resultado das

dissipações do pai, arruinado pela duquesa de X***-, infortúnio que a forçava a viver, quase o ano

inteiro, em Combray, com algumas semanas e da prima, em Paris, e uma grande "viagem de

recreio" a cada dez anos. O que na véspera, a meu insistente pedido durante meses, e porque a

princípio, convidava sempre, mamãe fora visitar a princesa de Parma, que não fazia visita, em

cuja casa as pessoas normalmente se contentavam em deixar seus aposentos, mas que insistira

para que minha mãe fosse vê-la, já que o protocolo impedia que ela nos visitasse. Minha mãe

voltara muito descontente:

- Tu me fizeste pra uma asneira - disse ela. - A princesa mal me cumprimentou; virou-se

para os demais com quem conversava, sem se ocupar de minha pessoa, e, ao fim de minutos,

como não me dirigia a palavra, fui embora sem que ela nem mesma estendesse a mão. Eu estava

muito aborrecida; em compensação, ao ir embora, encontrei diante da porta a duquesa de

Guermantes, que foi muito amável e falou um bocado de ti. Que idéia esquisita tiveste de lhe falar

acerca de Albertine! Contou que lhe havias dito ter ficado muito desgostoso com sua morte.-(De,

fato eu o dissera à duquesa, mas não me lembrava disso e mal insistira. Mas as pessoas mais

distraídas prestam uma atenção estranha às palavras que deixamos escapar; palavras que nos

parecem perfeitamente naturais, e que excitam profundamente sua curiosidade.)- Nunca mais

voltarei à casa da princesa de Parma. Tu me fizestes praticar uma asneira.

Ora, no dia seguinte, dia em que mamãe recebia, Andrée veio me ver. Não dispunha de

muito tempo, pois devia encontrar-se com Gisele, com quem fazia questão de jantar.

- Conheço os seus defeitos, mas ainda assim é a minha melhor amiga, a pessoa pela qual

sinto o maior afeto possível - disse-me ela. E parecia mesmo sentir algum terror à idéia de que eu

lhe pudesse pedir para jantar com minha avidez pelas criaturas, e um terceiro que a conhecesse

bem, como eu, impedindo-a de se abandonar, a impediria também de gozar junto delas um prazer

completo.

É verdade que, quando ela veio, eu não me achava presente; ela me esperava, e eu ia

passar pela minha saleta para ir ao seu encontro, quando percebi ouvir uma voz, que havia outra

visita para mim. Com pressa de ver Andrée, que estava no meu quarto, não sabendo quem era

essa outra pessoa, que certamente não a conhecia, pois fora encaminhada para outro aposento,

fiquei escutando por um instante à porta da saleta, pois o visitante falava, não estava só. Falava a

uma mulher:

- Oh, minha querida, está no meu coração! - cantarolava, citando os versos de Armand

Silvestre. - Sim, serás sempre a minha querida, apesar de tudo o que me possas fazer:

Le morts dormenf en paix dans le seira de la terre. Ainsi doivent dormir nos sentiments éfeints.

Ces reliques du coeur ont assmi leur poussiere; Sur /eurs restes sacrés ne ponons pas les mains.

-É um tanto batido, mas como é belo! E também o que te poderia ter dito desde o primeiro dia:

Tu les feras pleurer, en fant bel er chérie... - Como, então não conheces isto? ... *Tous ces*

bambins, hommes futurs, Qui suspendent dejà leur jeune rêverie Aux cils câ/ins de tes yeux purs. -

Ah! Eu julgava poder dizer-me por um instante: *Le premier soir qu'il vint ici De fierté je n'eus plus*

souci. Je lui disais: "Tu m'aimeras Aussi longtemps que fu pourras." Je me dormais bien qu'en ses

bras.

[*Os mortos dormem em paz no seio da terra/ Assim devem dormir nossos sentimentos extinto/*

Essas relíquias do coração têm também o seu pó; / sobre seus restos sagrados não ergamos as

mãos." -Alfred de Musset, "La -uit d'Oclobre" (A Noite de Outubro). (N. do T)

Farás chorar, bela e querida criança..."- Sul y Prudhomme, Aux Tuileries" (Nas Tulherias).

À esses meninos, futuroshomens,/ que já suspendem suas jovens fantasias/ aos cílios carinhosos

de teus olhos puros." (Gul y Prudhomme, id.; o segundo verso foi levemente alterado por Proust.)

(N. do T)

- "Na Primeira noite em que ele veio aqui / não me preocupei mais com o orgulho. / Disse-lhe: 'Tu

hás de amar/ todo o tempo que puderes.' / Eu só dormia bem nos seus braços."

(Charles Cros,

Noctume - Noturno). N. do T.)]

Curioso, ainda que devesse atrasar por um momento a minha entrevista com Andrée,

queria saber a que mulher se dirigia esse dilúvio e abri a porta. Os versos eram recitados pelo Sr.

de Charlus a um militar, logo reconheci Morel, o qual estava de partida para cumprir o seu período

de visita. Já não andava em boas relações com o Sr. de Charlus, porém via-o, quando para lhe

pedir serviço. O Sr. de Charlus, que habitualmente dava um aspecto mais viril, tinha também os

seus langores. De resto, na inocência de poder compreender e sentir os versos dos poetas, fora

obrigado a surpreender não a uma bela infiel, mas a um rapaz. Deixei-os o mais rápido que pude

embora sentisse que fazer visitas em companhia de Morel era uma satisfação para o Sr. de

Charlus, a quem este fato dava por um instante a ilusão de estar casado de novo. Aliás, ele tinha

em sua pessoa o esnobismo das rainhas criados.

A lembrança de Albertine tornara-se em mim de tal modo fraca, que já não me causava

tristeza, não passando de uma transição para novos, como um acorde que prepara mudanças de

harmonia. E até, estando afastada a idéia de capricho sensual e passageiro,

enquanto eu ainda

era fiel à recordação de Albertine, sentia-me mais feliz, tendo Andrée a meu lado, do que se, por

milagre, recuperasse Albertine. Pois Andrée poderia me dizer mais coisas acerca de Albertine do

que a própria Albertine me dissera. Ora, os problemas relativos à Albertine ainda permaneciam

em meu espírito, ao passo que minha ternura, tanto física quanto moral, já desaparecera. E meu

desejo de conhecer sua vida, porque diminuíra menos, era agora comparativamente maior que a

necessidade de sua presença. Por outro lado, a idéia de que uma mulher talvez tivesse tido

relações sexuais com Albertine só me provocava o desejo de tê-las também com essa mulher. Foi

o que eu disse a Andrée, acariciando-a. Então, sem tentar de forma alguma, pôr suas palavras em

acordo com as que havia dito meses antes, Andrée me falou meio sorrindo:

- Ah, sim, mas você é homem. De modo que não podemos fazer juntos as mesmas coisas

que eu fazia com Albertine.- E, fosse porque ela pensava que isto aumentaria o meu desejo (na

esperança de ouvir confidências, eu dissera antigamente que gostaria de ter relações sexuais com

uma mulher que tivesse tido com Albertine), ou o meu desgosto, ou talvez destruísse um

sentimento de superioridade, que ela acaso julgasse que eu possuía, por ter sido o relacionar-se

sexualmente com Albertine: - Ah, nós duas passamos horas boas; ela era tão carinhosa, tão

apaixonada. Aliás, não era só comigo que ela gostava de sentir prazer. Conhecera na casa da

Sra. Verdurin um belo rapaz, chamado Morel. E logo eles se entenderam. Ele se encarregava

obtendo dela permissão para também desfrutar o seu prazer, pois gostava das garotas novatas, e

logo as punha no mau caminho, largava-as -, encarregava-se de agradar jovens apenas de uma

praia afastada, pequenas lavadeiras, que se enamorariam de um homem; mas não teriam

correspondido às seduções de uma moça. Quando a garota, também sob sua dominação, ele a

levava para um local seguro, onde a entregava à Albertine. Com medo de perder esse Morel, que

aliás também participava do negócio, a garota obedecia sempre e ainda assim o perdia, pois,

temendo as conseqüências, e também porque uma ou duas vezes lhe bastavam, Morel sumia

deixando um endereço falso. Certa vez, Morel teve a coragem de levar uma delas, junto com

Albertine, a uma casa de mulheres em Coulivil e, onde quatro ou cinco a possuíram juntas ou

sucessivamente. Era a sua paixão, como também a de Albertine. Porém esta

sentia remorsos

horríveis depois. Creio que, vivendo com você, ela dominou essa paixão, e adiava, dia após dia, o

momento de satisfazê-la. E depois, a amizade que tinha a você era tão grande que sentia

escrúpulos. Mas certamente, se um dia ela o deixasse, haveria de recomeçar. Ela esperava que

você a salvasse, que a desposasse. No fundo, sentia que aquilo era uma espécie de loucura

criminosa, e muitas vezes fiquei imaginando se não teria sido depois de uma coisa dessas, que

provocasse um suicídio numa família, que ela própria se matou. Devo confessar que, bem no

começo de sua vida aqui em sua casa, ela ainda não havia renunciado inteiramente a fazer essas

coisas comigo. Havia dias em que ela parecia ter necessidade disso, de tal modo que uma vez,

quando teria sido tão fácil lá fora, ela só se resignou a me dizer adeus depois de termos ficado

juntas, aqui em sua casa. Não tivemos sorte, quase fomos surpreendidas. Ela aproveitou que

Françoise tinha descido para ir à rua, e que você ainda não voltara. Então, apagou as luzes para

que vocês, quando abrissem a porta, perdessem um bocado de tempo antes de achar o

interruptor; e ela não fechou a porta do quarto. Ouvimos você subir, e mal tive tempo de me

arrumar e descer. Precipitação bem inútil, pois, por um acaso incrível, você havia esquecido a

chave e fora obrigado a tocar a campainha. Mas, seja como for, perdemos a cabeça, de modo

que, para disfarçar o embaraço, sem nos consultarmos, tivemos a mesma idéia: dar a impressão

de que odiávamos o cheiro da silindra, que pelo contrário adorávamos. Você trazia um grande

ramo desse arbusto, o que me permitiu desviar a cabeça e ocultar a perturbação. Isto não me

impediu de lhe dizer, numa absurda falta de jeito, que talvez Françoise já houvesse subido e teria

podido abrir a porta, ao passo que, um momento antes, eu mentira dizendo que estávamos

acabando de voltar do passeio e que, ao chegarmos, Françoise ainda não descera (o que era

verdade). Porém o azar foi ter apagado a luz, pensando que você estava com a chave, pois

receávamos que, ao subir, você a visse acender de novo; ao menos, hesitamos bastante. E

durante três noites Albertine não pode pregar olho, pois andava com medo que você desconfiasse

e perguntasse à Françoise por que não acendera a luz antes de sair. Pois Albertine sentia muito

medo de você, e de vez em quando falava que você era tratante, maldoso, e no fundo a

detestava. Depois de três dias, ela acabou compreendendo, pela sua calma; você

não perguntara

coisa alguma à Françoise, e pôde conciliar o sono. Mas retomou as relações comigo, ou por

medo, ou por remorso, pois afirmava gostar muito de você, ou talvez porque gostasse de outra

pessoa. Jamais pudemos falar sobre a silindra diante dela sem que ficasse escondesse o rosto

com as mãos, para ocultar a vermelhidão.

Como certas venturas, há determinadas desgraças que chegam tarde e não assumem em

nós toda a grandeza que teriam tido alguma antes. Assim foi a desgraça, para mim, dessa terrível

revelação de Andrée; a dúvida, mesmo quando más notícias devem nos entristecer, acontece o

divertimento, no jogo equilibrado da conversa, elas passam por nós sem ficar em nós,

preocupados com mil coisas a responder, transformados em outra pelo desejo de agradar às

pessoas presentes, criatura momentaneamente ia neste ciclo novo contra as doenças e

sofrimentos que deixara para ali que voltará a encontrar ao ser quebrado o curto encantamento,

não temos de acolhê-las. Entretanto, se essas doenças e sofrimentos são excessivamente

intensos, nós só entramos distraídos na zona de um mundo novo e momentaneamente, onde, por

demais fiéis ao sofrimento, não podemos nos transformar; então as palavras se relacionam

imediatamente com nosso coração, que nem fora do jogo. Porém desde algum tempo as palavras

referentes à Albertine; um veneno evaporado, haviam perdido seu poder tóxico. A distância já

demais longínqua; como um passeante que, vendo à tarde um crescente no céu, diz consigo:

"Então é isso, a imensa lua", eu me dizia: "Como! Esta que tanto busquei e temi, está somente

nessas poucas palavras ditas em palavras em que nem posso pensar completamente, pois não

estou sozinho; e depois, ela de fato me pegara desprevenido, e eu me sentia muito cansado de

Andrée. Na realidade, uma verdade dessas exigiria de mim mais forças para que pudesse me

dedicar à ela; ela permanecia exterior a mim, mas é que eu ainda lhe encontrara um lugar no meu

coração. Gostaríamos que a verdade nos fosse revelada por sinais novos, não por uma frase,

uma frase semelhante às que são ditas tantas vezes. O hábito de pensar às vezes impede que

sintamos o que realiza-nos contra ele, fá-lo também parecer um pensamento. Não existe idéia que

não consigo a sua refutação possível, ou uma palavra sem o seu contrário. Em todo caso, se

aquilo era verdadeiro, tratava-se agora de uma verdade sobre a vida de uma

amante já morta, a

remontar das profundezas, quando já nada se podia fazer com ela. Então (sem dúvida pensando

em outra a quem amamos agora, e a respeito de quem a mesma coisa poderia opor, pois não nos

preocupamos mais com aquela que já esquecemos), ficamos perdidos. Dizemos a nós mesmos:

"Se ela estivesse viva!" e: "Se esta que vive pudesse compreender tudo isso, quando ela morrer

ficarei sabendo de tudo o que me dediquei". Mas é um círculo vicioso.

Se eu pudesse fazer com que Albertine, igualmente faria com que Andrée não me

revelasse coisa alguma. É a mesma que o eterno "você vai ver quando eu deixar de amá-lo", tão

verdadeiro e tão profundo; pois, de fato conseguiríamos muito se já não amássemos porém não

nos preocuparíamos em consegui-lo. É exatamente a mesma coisa. Pois, se a mulher, a imagem

que revemos quando já deixamos de a amar, nos diz tudo, é que de fato já não é mais ela, ou nós

não somos nós: a criatura que amava não existe mais. Por aí também passou a morte, tornando

tudo fácil e inútil. Eu fazia essas reflexões, na hipótese de que Andrée fosse verdadeira, o que era

possível - e se sentisse impelida à sinceridade precisamente por ter agora relações sexuais

comigo, por esse lado Saint-André-des-Champs, que a princípio Albertine alimentara a meu

respeito. Nesse caso, era favorecida pelo fato de que já não receava Albertine, pois a realidade

das criaturas sobrevive para nós apenas por breve tempo após a sua morte, e depois de alguns

anos são como esses deuses das religiões abolidas que a gente ofende sem medo porque deixa

de crer em sua existência. Mas o fato de Andrée já não acreditar na realidade de Albertine podia

ter como efeito que ela não recearia mais (bem como não recearia revelar uma verdade que

prometera ocultar) inventar uma mentira que retrospectivamente caluniasse a sua antiga cúmplice.

Essa ausência de temor permitia-lhe afinal, ao dizer aquilo, revelar a verdade, ou então inventar

uma mentira, se, por algum motivo, me julgasse muito feliz e orgulhoso, e quisesse me afligir?

Talvez estivesse irritada comigo (irritação suspensa enquanto me vira infeliz e desconsolado),

porque eu havia tido relações com Albertine e ela, quem sabe, me invejava, achando que, devido

a isso, eu me julgasse mais favorecido que ela, uma vantagem que talvez ela não tivesse obtido,

nem sequer desejado. Assim é que, muitas vezes, a ouvira dizer que tinham ar doentio as

pessoas cuja boa aparência, e sobretudo a consciência que possuíam dessa boa

aparência, a

exasperava, e acrescentar, na esperança de aborrecê-las, que ela própria ia muito bem, o que

não deixou de proclamar mesmo quando estava muito mal, até o dia em que, no desapego à

morte, não mais lhe preocupou que os felizes andassem bem e soubessem que ela própria estava

morrendo. Mas esse dia ainda estava longe. Talvez estivesse irada contra mim, não sei por que

motivo, como outrora se enraivecera contra um Paz, tão sábio em coisas do esporte e tão

ignorante do resto, que havíamos encontrado em Balbec e que, depois, passara a viver com

Rachel; a seu respeito, Andrée se expandia em frases difamatórias, desejando ser processada por

calúnia a fim de articular contra o pai dele fatos desonrosos, cuja falsidade o rapaz não poderia

provar. Ora, essa raiva contra mim talvez simplesmente a possuísse de novo, tendo sem dúvida a

abandonado quando ela me vira tão triste. De fato, aqueles mesmos a quem ela, com os olhos

cintilantes de raiva, quisera desonrar, matar, fazer condenar, mesmo sob falso testemunho,

bastava sabê-los tristes e humilhados e já não lhes queria nenhum mal, estava pronta a acumulá-

los de benefícios. Pois não era fundamentalmente má e, se a sua natureza não aparente, um

tanto profunda, não demonstrava a gentileza que a princípio imaginavam em face suas atenções

delicadas, mas sim orgulho e inveja, sua terceira natureza, mais profunda ainda, a verdadeira,

porém não inteiramente realizada, inclinava a bondade e o amor ao próximo. Apenas, como todas

as criaturas que, num estado, desejam outro melhor, mas, não o conhecendo senão pelo menos

compreendem que a primeira condição para atingi-lo é a de romper com os corações - como os

neurastênicos ou os morfinômanos, que desejariam ser curados; que não os privassem de suas

manias ou da morfina; como os corações ou os temperamentos de artista habituados à vida

social, que desejam, mas querem imaginá-la todavia como não implicando uma renúncia a vida

anterior-, Andrée estava pronta para amar todas as criaturas; porém, de conseguir ela mesma não

imaginá-las triunfantes, e, para isso, previamente humilhado. Não compreendia ser preciso amar

até vencer o orgulho deles por meio do amor e não por um orgulho a mais. Mas ela era como

esses enfermos que desejam a cura através dos próprios; que mantêm a doença, a que amam e a

que logo deixariam de amar se renunciassem. Pois queremos aprender a nadar mantendo um pé

em terra.

No que se refere ao rapaz esportivo, sobrinho dos Verdurin, que eu encontrara nas minhas

duas temporadas em Balbec, é preciso dizer, teria acesso por antecipação, que, pouco depois da

visita de Andrée, visita cuja narrativa retomada dentro de um instante, ocorreram fatos que

causaram grande impressão. Primeiro, esse rapaz (talvez como lembrança de Albertine, a quem

então eu achava que ele houvesse amado) ficou noivo de Andrée e a desposou, mas o desespero

de Rachel, desespero a que não deu a menor importância. Andrée: dizia então (ou seja, poucos

meses depois da visita a que me refiro) que ele era miserável, e mais tarde percebi que ela o

dissera apenas porque estava louca por ele, julgando que o rapaz não queria saber dela. Um

outro fato, porém, me impressionou muito mais. Esse rapaz fez representar pequenos *sketches*,

com figurinos de sua criação, que trouxeram à arte contemporânea uma revolução no mínimo

igual à alcançada pelos Balés Russos. Em suma, os críticos mais destacados consideraram suas

obras como algo de capital, quase obras de um gênio. Penso como eles, ratificando desse modo,

para meu próprio espanto, a opinião de Rachel. As pessoas que o tinham conhecido em Balbec,

pretendiam apenas saber se o corte das roupas das pessoas que ele iria

freqüentar, elegante ou

não, e a passar o tempo todo no bacará, nas corridas, jogando pólo, que sabiam que em seus

estudos sempre fora um preguiçoso, e o mesmo a ser expulso do liceu (para enfezar os pais, tinha

ido morar, durante meses, na grande casa de mulheres onde o Sr. de Charlus julgara surpreender

Morel) pensaram que suas obras talvez fossem escritas por Andrée, a qual o amor, queria atribuir-

lhe a glória, ou, mais provavelmente, que ele a pagava, imensa fortuna pessoal que suas loucuras

mal haviam desfalcado, algum patrocinador de gênio, necessitado, para fazê-las.

Esse gênero de sociedade rica, não pelo contato com a aristocracia e sem ter nenhuma

idéia do que seja um artista, a qual pertencia ela, é somente o ator a quem contratam para recitar

monólogos, na festa de noivado da filha, entregando-lhe discreta e imediatamente o *cachet* na

sala ao lado, ou o pintor em cujo ateliê a fazem posar logo depois de casada, antes de ter filhos e

quando ainda está em boa forma, julga naturalmente que todas as pessoas da sociedade que

escrevem, compõem ou pintam, mandam fazer suas obras e pagam para ter uma reputação de

autor, como outros para alcançar uma cadeira de deputados.

Mas tudo isso era falso; e o rapaz era mesmo o autor dessas obras admiráveis.

Quando eu

o soube, fui obrigado a vacilar entre diversas suposições. Ou ele tinha sido, na verdade, durante

longos anos, a "besta quadrada" que parecia; e algum cataclismo fisiológico lhe despertara o

gênio adormecido, como a bela no bosque; ou então, à época de sua retórica tempestuosa, de

suas reprovações no curso de bacharelado, de suas grandes perdas no jogo em Balbec, de seu

medo de subir no bonde com os fiéis de sua tia Verdurin por causa de seus trajes plebeus, ele já

era um homem de gênio, talvez distraído quanto a seu gênio, tendo-o deixado com a chave

debaixo da porta, na efervescência de suas paixões juvenis; ou, ainda, homem genial já

consciente, e último da classe, pois, enquanto o professor dizia banalidades sobre Cícero, ele

ficava lendo Rimbaud ou Goethe. Claro que nada fazia suspeitar essa hipótese quando o

encontrei em Balbec, onde suas preocupações me pareceram ligar-se apenas às parelhas de

cavalos ou à preparação de coquetéis. Mas não se trata de uma objeção irrefutável. Ele podia ser

muito vaidoso, o que pode aliar-se ao gênio, e procurar brilhar da maneira que sabia ser própria

para deslumbrar a sociedade em que vivia e que de modo algum consistia em provar um

conhecimento aprofundado das *Afinidades Eletivas* [romance de J. W Goethe (1749-1832). (N. do

T)]; mas, preferivelmente, de guiar a quatro rédeas. Aliás, não estou certo de que, mesmo quando

se tornou o autor dessas belas obras tão originais, ele gostasse muito, longe dos teatros onde era

conhecido, de cumprimentar alguém que não estivesse de *smoking*, como os fiéis na sua maneira

inicial, o que nele provaria não estupidez, mas vaidade, e até um certo senso prático, uma certa

perspicácia em adaptar sua vaidade à mentalidade dos imbecis, a cuja estima se aferrava e para

os quais o *smoking* talvez brilhe com mais vivo clarão do que o olhar de um filósofo. Quem sabe

se, visto de fora, um homem de talento-ou até sem talento-, mas apreciando as coisas do espírito,

por exemplo, eu, não produzisse, em quem o encontrasse em Rivebel e, no Hotel de Balbec, ou

no molhe de Balbec, o efeito do mais rematado e pretensioso dos imbecis? Sem contar que, para

Octave, as coisas de arte deveriam ser algo de tão íntimo e vivo nos mais secretos refolhos de si

mesmo que, sem dúvida, não lhe passaria pela cabeça a idéia de falar nisso como o teria feito

Saint-Loup, por exemplo, para quem as artes possuíam o prestígio das parelhas de cavalos

atribuído à Octave. Ademais, ele podia ter paixão pelo jogo, e dizem que a

conservou.

Ainda assim, se a piedade que fez reviver a obra ignorada de Vinteuil brotou em ambiente

tão perturbador como o de Montjouvain, não fiquei menos impressionado ao pensar que talvez as

mais extraordinárias obras-primas de nossa época, brotado não dos meios universitários, de uma

educação modelar, acadêmica do modo de Broglie, mas do convívio com as "pesagens" e os

grandes bares; caso, naquela época, em Balbec, os motivos que me faziam desejar conversar

com Albertine e suas amigas que eu não conhecesse, eram igualmente este seu valor, e teriam

feito apenas aflorar o eterno mal-entendido de um ignorante (representado por mim) e as pessoas

da sociedade (representadas pelo grupo) a respeito de uma pessoa mundana (o jovem jogador de

golfe). Eu algum dia pressentia o seu talento, e, a meus olhos, o seu prestígio que outrora o da

Sra. Blatin - era o de ser - fosse o que fosse o que elas pensassem do amigo de minhas amigas, e

mais pertencente ao pequeno grupo do que outro lado, Albertine e Andrée, simbolizando nisso a

incapacidade em formular uma opinião válida sobre as coisas do espírito e a propensão das

pessoas da sociedade a se deixarem levar nesse assunto por falsas aparências pareciam julgar-

me estúpido porque me sentia curioso em relação a tal imbecil, como, principalmente,

espantavam-se de que, golfista por golfista, justo recaísse sobre o mais insignificante. Se ao

menos eu quisesse relações com o jovem Gilbert de Bel oeuvre, que, fora do golfe, era um rapaz

que sabia conversar, que passara nos exames e fazia versos agradáveis (ora, não era mais

imbecil que os outros); ou então, se meu objetivo fosse "estudo para um livro", Guy Saumoy, que

era completamente louco, raptara moças, era ao menos um tipo curioso que podia me

"interessar". Esses me teriam "permitido" freqüentá-los. Mas o outro, que interesse podia ter nele?

Era o tipo do ignorantão, da "besta quadrada".

Voltando à visita de Andrée, após a revelação que me acabava de fazer sobre suas

relações com Albertine, ela acrescentou que o principal motivo que levara Albertine a me

abandonar fora o receio pelo que podiam pensar as amigas do pequeno grupo, e ainda outras, ao

vê-la assim morar na casa de um rapaz com quem não era casada:

- Sei perfeitamente que era na casa de sua mãe isso não quer dizer nada. Você não sabe

o que é essa multidão de moças, o que ocultam umas às outras, como têm medo das opiniões

alheias. Vi algumas que eram de uma tremenda severidade para com os rapazes, simplesmente

porque conheciam suas amigas, e elas temiam que certas coisas fossem espalhadas por essas

mesmas, quis o acaso que eu as visse sob luz muito diversa, bem e contra a vontade delas. -

Alguns meses antes, esta ciência que Andrée parecia acerca dos motivos aos quais

obedecem as moças do pequeno grupo era a mais preciosa do mundo. Talvez o que ela dizia

bastasse para explicar porque Albertine, que logo se entregara a mim em Paris, recusara-se em

Balbec, onde eu falasse constantemente às suas amigas, o que julgara absurdamente ser uma

vantagem a mim, por me permitir estar com ela naquele meio. Talvez fora mesmo por observar

certos movimentos de confiança de minha parte com Andrée, ou porque eu tivesse

imprudentemente dito a esta que Albertine ia dormir no Grande Hotel, que Albertine, uma hora

antes disposta a me conceder certos prazeres como se fosse a coisa mais simples do mundo,

mudara inteiramente de idéia, ameaçando tocar a campainha. Mas então, ela devia ter sido "fácil"

com muitos outros. Tal pensamento me despertou o ciúme e falei à Andrée que havia uma coisa

que desejava perguntar-lhe.

- Vocês faziam isso no apartamento desocupado de sua avó?

- Oh, não; nunca. Ali teríamos sido importunadas.

- Ora, eu pensei, parecia-me...

- Aliás, Albertine gostava de fazer isso no campo.

- Onde?

- Antigamente, quando ela não tinha tempo de ir muito longe, íamos aos Buttes-Chaumont,

onde ela conhecia uma casa, ou então debaixo das árvores, pois não há ninguém ali; e também

na gruta do Petit Trianon.

- Olhe, como vou acreditar em você? Há coisa de um ano jurou não ter feito nada nos

Buttes-Chaumont.

- Receava fazê-lo sofrer. -

Como já disse, só muito depois é que pensei que, ao contrário, desta segunda vez, no dia

das confissões, é que Andrée procurara me fazer sofrer. Essa idéia me ocorreria logo, enquanto

ela falava, porque sentiria necessidade dela, se ainda amasse muito Albertine. Mas as palavras de

Andrée não me faziam mal suficiente para que me fosse indispensável julgá-las de imediato

mentirosas.

Em suma, se era verdade o que dizia Andrée, e eu a princípio não duvidei, a Albertine real

que eu descobria, depois de ter conhecido tantas aparências diversas de Albertine, era bem

pouco diferente da moça licenciosa, surgida e adivinhada, no primeiro dia, no molhe de Balbec, e

que me havia oferecido sucessivamente tantos aspectos, como se modifica alternadamente a

disposição dos edifícios até esmagar e anular o monumento principal que se via sozinho ao longe,

na cidade da qual nos aproximamos, mas cujas verdadeiras proporções, enfim, quando já a

conhecemos bem, e a julgamos com exatidão, eram as mesmas que a perspectiva do primeiro

golpe de vista nos indicara, pois o resto, por onde havíamos passado, era aquela série sucessiva

de linhas de defesa que toda criatura ergue contra nossa visão e que é necessário transpor uma a

uma, à custa de tantos sofrimentos, antes de chegarmos ao coração. Além disso, se não

precisava crer absolutamente na inocência de Albertine, pois meu sofrimento diminuíra, posso

dizer que reciprocamente, se não sofri muito com essa revelação, é porque, desde algum tempo,

a crença que eu me forjara, na inocência de Albertine fora substituída aos poucos, sem que me

apercebesse, pela crença, presente sempre em mim, na sua culpabilidade. Ora, se eu já não cria

na inocência de Albertine, é porque não tinha mais aquela necessidade, aquele

desejo passional

de acreditar nela. É o desejo que engendra a crença e, se em geral não notamos isso, é que a

maioria dos desejos criadores de crenças não termina, ao contrário daquele que me convencera

que Albertine era inocente-senão com nós mesmos. A tantas provas que corroboravam minha

primeira versão, eu estupidamente havia preferido simples afirmações de Albertine. Por que

acreditar nela? A mentira é essencial à humanidade. Ela desempenha entre os homens um

grande, talvez como a busca do prazer e, além do mais, é comandada a busca. As pessoas

mentem para proteger seu prazer, ou sua honra, se a desse prazer é contrária à honra. Mentimos

a vida inteira, e até, principalmente talvez apenas, às pessoas que nos amam. De fato, só estas

nos fazem nosso prazer e desejar a sua estima. A princípio, eu julgara Albertine somente o meu

desejo, empregando numa obra de dúvida as forças inteligência, fizera-me seguir um caminho

errado. Talvez vivamos acerca de aplicações elétricas, sísmicas, que precisamos interpretar de

boa-fé para ter a verdade acerca dos caracteres.

Se é necessário dizê-lo, por mais triste tivessem deixado as palavras de Andrée, achava

melhor que a realidade acordasse com o que meu instinto já pressentira, em vez de contestar o

otimismo ao qual eu depois cedera covardemente. Preferiria que a vida estivesse a altura de

minhas intuições. Aliás, estas, que eu sentira no primeiro dia e quando pensara que aquelas

moças encarnavam o *frenesi* do prazer; também na noite em que vira a professora de Albertine

mandar para casa a jovem exaltada, como se empurra para jaula uma fera que, apesar das

aparências, nada mais tarde poderá domesticar, não concordavam elas com o que Bloch dissera

quando me mostrara a universalidade do desejo, fazendo-me entre cada encontro, em todos os

passeios, tornando-me a Terra tão bela? A tudo, talvez fora melhor que só agora eu

reencontrasse e verificasse aquelas intuições primeiras. Enquanto durava o meu amor por

Albertine, elas me fizeram sofrer demais e teria sido melhor que só restasse delas um traço da

minha suspeita de coisas que eu não via e que, no entanto, ocorriam e continuam perto de mim-e

talvez um outro ainda, anterior, mais amplo, que era o meu amor. De fato, escolher, amar

Albertine não era, apesar de todas as negações de minha razão, conhecê-la em toda a sua

hediondez? E mesmo nas ocasiões a desconfiança adormece, não é amor sua

persistência e

transformação, não prova de clarividência - ininteligível ao próprio amante -, visto que o desejo

sempre em direção ao que nos é mais oposto, força-nos a amar do que nos fazer sofrer?

Certamente compõem o encanto de uma criatura, a atração dos olhos, de sua boca, do

seu talhe, os elementos, por nós ignorados, suscetíveis de nos fazer grandemente infelizes, de

modo que o fato de nos sentirmos atraídos a essa criatura, começarmos a amá-la, já é, por mais

inocente que nos pareça numa versão diferente, todas as suas culpas e traições. E esses

encantos que, para me atrair, assim materializavam as partes perigosas, mortais, de uma criatura,

não teriam acaso uma relação de efeito mais direta do que a existente entre a exuberância

sedutora e o suco envenenado de certas flores peçonhentas? Talvez, pensava eu, o próprio vício

de Albertine, causa de meus futuros sofrimentos, tivesse produzido nela essas maneiras

bondosas e francas, dando a ilusão de ser possível ter com ela a mesma camaradagem leal e

sem restrições que temos com um homem, assim como um vício paralelo produzira no Sr. de

Charlus uma finura feminina de espírito e sensibilidade. Em meio à mais completa cegueira,

subsiste a perspicácia mesmo sob a forma da predileção e da ternura, de modo que é um erro

falar em má escolha do amor, pois, desde que houve uma escolha, só pode ser má.

- Esses passeios aos Buttes-Chaumont ocorriam quando você vinha buscar Albertine? -

perguntei a Andrée

- Oh, não; desde o dia em que ela voltou de Balbec com você, a não ser o que lhe contei,

ela nunca mais fez nada comigo. Não permitia sequer que lhe falasse nessas coisas.

- Mas, minha queridinha, por que mentir ainda? Pela maior das casualidades, pois eu

nunca procuro saber de nada, fiquei conhecendo, nos mais exatos pormenores, coisas desse tipo

que Albertine fazia, posso até precisar-lhe, à beiramar, com uma lavadeira, poucos dias antes de

sua morte.

- Ah, talvez, depois de ter largado você, não sei. Ela sentia que não pudera, não poderia

jamais obter de novo a sua confiança.-

Essas últimas palavras me acabrunharam. Depois, voltei a pensar na noite do ramo de

silindra; lembrei-me que, cerca de quinze dias depois, como o meu ciúme sucessivamente

mudava de objeto, eu havia perguntado a Albertine se ela jamais tivera relações

sexuais com

Andrée, e ela me respondera: "Oh, jamais; é claro que adoro Andrée. Tenho por ela um afeto

profundo, como por uma irmã; e até se eu tivesse os gostos que você parece me atribuir, ela seria

a última pessoa em quem eu teria pensado para essas coisas. Posso jurar-lhe por tudo o que

quiser, por minha tia, pelo túmulo de minha pobre mãe." - Eu acreditara nela. E no entanto,

mesmo se eu não tivesse despertado a minha desconfiança pela contradição entre suas meias-

confissões de antigamente, relativas a certas coisas, e o jeito como logo as negara quando vira

que aquilo não me era indiferente, eu deveria ter me lembrado de Swann, convencido do

platonismo das amizades do Sr. de Charlus, afirmando-o na noite daquele mesmo dia em que eu

avistara o barão e o coleteiro no pátio; deveria ter pensado que existem dois mundos, um diante

do outro, e que um deles é constituído pelas coisas que dizem as pessoas melhores e mais

sinceras, e, por trás dele, o mundo composto pela sucessão daquilo que essas mesmas pessoas

fazem; de forma que, quando uma mulher casada nos diz de um -: "Oh, é bem verdade que tenho

por ele uma amizade enorme, mas é uma coisa tão inocente, tão pura; poderia jurá-lo pela

recordação de meus pais", deveríamos, isto sim, jurar, sem qualquer hesitação, que ela

provavelmente está saindo do quarto de toalete, para onde se precipita após cada encontro com

esse rapaz para evitar filhos.

O ramo de silindra me dava uma tristeza mortal; e também Albertine me julgar e proclamar

que eu era astucioso e a detestava; e, tudo, quem sabe, essas mentiras, tão inesperadas que eu

sentia dificuldade em assimilá-las ao meu pensamento.

Um dia, ela me contara que fora a uma aviação, que era amiga do aviador (sem dúvida

para desviar minhas suspeitas de mulheres, pensando que eu seria menos ciumento dos

homens); queria ver como Andrée ficava maravilhada diante do aviador, diante de todas as

viagens que ele fazia a Albertine, a ponto de Andrée ter querido fazer um passeio de avião com

ele. Ora, isso era totalmente inventado, Andrée nunca fora a esse passeio na aviação, etc.

Quando Andrée foi embora, já havia chegado a hora de jantar:

- Podes adivinhar quem me fez uma visita de pelo menos três horas - disse mãe.- Digo três

horas, talvez tenha sido mais. Chegou quase ao mesmo tempo da primeira visita, que era a Sra.

Cottard; viu sucessivamente, sem se mover, saírem as minhas diferentes visitas -

e foram mais de

trinta - e só me da há um quarto de hora. Se não estivesses com tua amiga Andrée, teria

mandado que te chamassem.

- Mas, afinal, quem era? Uma pessoa que nunca faz visita, a princesa de Parma?

- Decididamente, tenho um filho mais inteligente que imaginava. Não tem graça te fazer

adivinhar um nome, pois descobres logo.

- Ela não se desculpou pela frieza de ontem?

- Não, seria bobagem, sua visita era justamente a desculpa; tua pobre avó teria achado

isso perfeito. Parece que ela mandou postar por um lacaio, lá pelas duas, se eu tinha um dia para

receber. Disseram exatamente hoje, e ela subiu. -

Minha primeira idéia, que não tive coragem externar à mamãe, fora que a princesa de

Parma, cercada na véspera de pessoas brilhantes, com as quais muito se dava e com quem

gostava de conversar, ao ver entrar minha mãe, uma irritação que não procurara dissimular. E

essa arrogância que era bem do tipo das grandes damas alemãs, que aliás os Guermantes tinham

adotado muito bem, arrogância que julgavam compensar com uma estudiosa amabilidade. Porém

mamãe julgou, e eu logo julguei também, que simplesmente a princesa de Parma não a

reconhecera, não achara dever ocupar dela, que só após a partida de minha mãe é que fora

informada de quem se tratava; seja pela duquesa de Guermantes, que minha mãe tinha

encontrado no andar térreo, seja pela lista de visitantes, aos quais os porteiros, antes que eles

entravam haviam pedido o nome para inscrevê-lo num registro. Ela pensara ser pouco a mandar

dizer, ou dizer à minha mãe: "Não a reconheci", mas, o que não era conforme à polidez das cortes

alemãs e às maneiras Guermantes da minha primeira versão, havia pensado que uma visita, coisa

excepcional por parte da Alteza, sobretudo uma visita de várias horas, forneceria a minha mãe,

sob uma forma indireta e igualmente persuasiva, essa explicação, o que de fato ocorreu.

Mas me demorei em pedir a minha mãe um relato da visita da princesa, pois acabava de

me lembrar de vários fatos relativos a Albertine sobre os quais desejava e esquecera de interrogar

Andrée. Quão pouco, aliás, sabia eu e saberia jamais dessa história de Albertine, a única história

que me interessaria particularmente, ao menos que recomeçava a interessar-me em certos

momentos! Pois o homem é esta criatura sem idade fixa, esta criatura que possui a faculdade de

tornar-se, em alguns segundos, muitos anos mais jovem, e que, cercado pelas

paredes do tempo

em que viveu, flutua nele, mas como num tanque cujo nível mudasse constantemente e o pusesse

em condições de alcançar ora uma, ora outra época. Escrevi à Andrée para que voltasse. Ela só

pôde fazê-lo uma semana depois. Logo que chegou, indaguei-lhe:

- Afinal, já que você afirma que Albertine não fazia mais esse tipo de coisas quando vivia

aqui, conforme diz, foi para fazê-las com maior liberdade que ela me abandonou; mas com que

amiga?

- De jeito nenhum. Não houve nada disso.

- Então, seria porque eu era desagradável demais?

- Não, não o creio. Acho que ela foi obrigada a deixá-lo por causa da tia, que estava de

olho, para ela, naquele canalha, você sabe, aquele rapaz que você chamava "Estou-em-apuros",

aquele rapaz que amava Albertine e a pedira em casamento. Vendo que você não se casaria com

ela, tiveram medo que a permanência chocante de Albertine em sua casa fizesse o tal rapaz

desistir do casamento. A Sra. Bontemps, em quem ele não deixava de influir, chamou Albertine.

Esta, no fundo, dependia dos tios e, quando soube que eles punham-lhe a faca no peito,

abandonou você.-

Nunca no meu ciúme eu havia pensado em tal explicação, mas somente nos desejos de

Albertine pelas mulheres e na minha vigilância; esquecera que também existia a Sra. Bontemps,

que podia achar estranho, um pouco depois, o que havia chocado minha mãe desde o começo.

Pelo menos a Sra. Bontemps receava que aquilo chocasse o possível noivo, que ela mantinha

para o que desse e viesse, se eu não desposasse a sobrinha. Pois Albertine, ao contrário do que

outrora havia pensado a mãe de Andrée, encontrara afinal um belo partido burguês. E quando

quisera ver a Sra. Verdurin, quando lhe falara em segredo, quando ficara tão aborrecida por eu ter

ido à reunião dos Verdurin sem antes preveni-la, a combinação que havia entre ela e a Sra.

Verdurin visava fazê-la encontrar, não a Srta. Vinteuil, mas o sobrinho que amava Albertine e por

quem intercedia a Sra. Verdurin, com aquela satisfação de trabalhar pela realização de um desses

casamentos que surpreendem da parte de certas famílias, cuja mentalidade não apreendemos

inteiramente, supondo que batalham por um casamento rico. Ora, eu jamais voltara a pensar

naquele sobrinho, que talvez fosse o desbravador, graças ao qual Albertine me beijara pela

primeira vez. E todo aquele sistema das inquietações por Albertine, que eu havia

construído, era

forçoso substituí-lo por um outro, ou então superpô-lo; talvez não se excluíssem, pois o gosto

pelas mulheres não a impedia de se casar. Seria esse casamento o verdadeiro motivo da partida

de Albertine? E, por amor-próprio, para não parecer que precisava da tia, ou que me forçava a

desposá-la, é que não me quisera dizê-lo? Eu começava a perceber o sistema de causas

numerosas de uma só ação, de que Albertine era adepta, ligações com as suas amigas, quando

fazia crer a cada uma que tinha viva causa, não passava de uma espécie de símbolo artificial,

propositado, dos aspectos que adquire uma ação conforme o ponto de vista em que nos

colocamos em espanto e uma espécie de vergonha que eu sentia, por não me ter dito de uma vez

que Albertine estava numa posição falsa em minha casa, o que podia a sua tia, esse espanto, não

era a primeira vez, e nem seria a última, que o comentava. Quantas vezes me aconteceu, depois

de ter procurado entender, ações de duas pessoas e as crises que elas acarretam, ouvir de súbito

um falar-me a respeito conforme o ponto de vista dele, pois tem relações mais com uma das

pessoas, do ponto de vista que talvez tenha sido a causa da crise desse modo, os atos continuam

incertos, como não o ficariam as próprias pessoas? Ao ouvir as pessoas para quem Albertine era

uma espertalhona que fisgara fulano ou sicrano, não é difícil imaginar como a teriam definido

comigo. E todavia, na minha opinião, ela fora uma vítima, talvez não inteiramente pura, mas

culpada, neste caso, por outros motivos, em decorrência de vícios aos quais não se dizia nada.

Mas é preciso, acima de tudo, que se diga o seguinte: por um mentira é muitas vezes um

traço do caráter; por outro lado, nas mulheres - isso não seriam mentirosas, é uma defesa natural,

improvisada, e depois mais bem organizada, contra esse perigo repentino e que seria capaz de

toda vida: o amor. De outra parte, não é obra do acaso se os homens intelectuais e sensíveis se

dão sempre à mulheres insensíveis e inferiores, apegando-se à elas de tal maneira, que a prova

de que não são amados não os cura absolutamente do hábito de sacrificar tudo para conservar

junto à eles uma tal mulher. Se tais homens sentem necessidade de sofrer, afirmo uma coisa

exata, supondo as verdades preliminares que fazem dessa necessidade de sofrimento sentido

involuntário, uma conseqüência perfeitamente compreensível de saudades. Sem levar em conta

que, sendo raras as naturezas completas, uma pessoa muito intelectual e sensível

terá

geralmente pouca força de vontade, será do hábito esse medo de sofrer no minuto seguinte, que

leva aos sofrimentos perpétuos -e, nessas condições, jamais há de querer repudiar a mulher que

ama. Ficaremos espantados que se contente com tão pouco amor, mas previmos antes de

imaginar a dor que pode lhe causar o amor que ele sente. Dor que não deve lamentar muito, pois

acontece com essas terríveis comoções que nos trazem o amor infeliz, a partida ou a morte de

uma amante, o mesmo que com ataques de paralisia, que primeiro nos fulminam, mas após os

quais os músculos tendem aos poucos a retomar sua elasticidade e energia vitais. Além disso,

não deixa de ter sua compensação. Essas criaturas intelectuais e sensíveis um pouco inclinadas à

mentira. Esta os apanha tanto mais desprevenidos quanto, mesmo sendo muito inteligentes,

vivem no mundo dos possíveis, reagem pouco, vivem na dor que uma mulher acaba de infligir-

lhes, antes que na clara percepção do que ele desejava, do que ela fazia, do homem a quem ela

amava, percepção atribuída sobretudo às naturezas voluntariosas e que disso necessitam para

preparar o futuro em vez de chorar o passado. Assim, essas criaturas se sentem traídas sem nem

saber como. Desse modo, a mulher medíocre, que nos espantamos de ver preferida por eles,

enriquece-lhes o universo bem mais do que o teria feito uma mulher inteligente. Atrás de cada

uma de suas palavras eles sentem uma mentira; atrás de cada casa aonde ela diz ter ido, uma

outra casa; atrás de cada ação, cada criatura, uma outra ação, uma outra criatura. Sem dúvida

não sabem quais, não têm a energia e talvez não tivessem a possibilidade de chegar a sabê-lo.

Uma mulher mentirosa, empregando um ardil extremamente simples, pode lograr, sem se

dar ao trabalho de mudá-lo, uma grande quantidade de homens, e, o que é mais, aquele que

deveria descobri-lo. Tudo isto cria, em face do intelectual sensível, um universo todo em

profundezas que o seu ciúme gostaria de sondar e que não deixa de interessar-lhe a inteligência.

Sem ser exatamente um desses, eu ia talvez, agora que Albertine estava morta, conhecer o

segredo de sua vida. Isto, porém, essas indiscrições que só ocorrem depois de finda a vida

terrestre de uma criatura, não provam elas que, no fundo, ninguém crê numa vida futura? Se tais

indiscrições são verdadeiras, deveríamos temer o ressentimento da pessoa cujos atos são

desvelados, no dia em que a encontrarmos no céu, tanto quanto o temíamos

quando estava viva

e nos julgávamos forçados a guardar segredo. E, se essas indiscrições são falsas, inventadas

porque ela não está mais aqui para desmenti-las, deveríamos temer ainda mais a cólera da morta,

se acreditamos no céu. Mas ninguém crê. De modo que era possível que um longo drama se

realizasse no coração de Albertine entre ficar e me deixar, mas que o ato de me deixar fosse

causado por sua tia, ou por aquele rapaz, e não por mulheres em quem talvez ela nunca

houvesse pensado. Para mim, o mais grave foi que Andrée, que todavia não tinha mais nada a

esconder acerca dos costumes de Albertine, jurou-me que não houvera nada desse gênero entre

Albertine, por um lado, e a Srta. Vinteuil e sua amiga, por outro. (Albertine ignorava seus próprios

gostos quando as conhecera, e elas, com esse medo de nos enganarmos no sentido que

desejamos, que engendra tantos erros como o próprio desejo, consideravam-na muito hostil a

essas coisas. Talvez, mais tarde, tivessem percebido sua conformidade de gosto com elas, mas

então já conheciam muito bem Albertine, e Albertine as conhecia muito bem para sequer

sonharem fazerem isso. Em suma, eu continuava compreendendo cada vez menos os motivos por

que Albertine me deixara. Se o rosto de uma mulher dificilmente é interpretado aos nossos olhos,

os quais não podem se aplicar a toda essa superfície comovente, aos lábios, e mais ainda, à

memória; se nuvens a modificam segundo a posição social, segundo a altura em que estamos

situados, que cortina ainda está corrida entre as ações dela, que vemos, e seus motivos! Os

mesmos num plano mais profundo, que não percebemos, e aliás engendram diversas das

pessoas que conhecemos e muitas vezes em total contradição com, que época deixou de haver

um homem público, tido como santo por se - e que se descobriu ter feito falsificações, roubado o

Estado, traído sua honra. Quantas vezes um grão-senhor é roubado todos os anos por um intente

que ele educou, e do qual teria jurado que é um homem de bem. Ora, essa cortina cerrada sobre

os motivos de outrem, torna-se ainda mais impenetrável se sentimos amor por essa pessoa! Pois

o amor obscurece o pensamento, e também os atos daquela que, sentindo-se amada,

bruscamente dar valor àquilo que, em situação contrária, valeria muito para ela, por fortuna.

Talvez, também, ela seja levada a fingir em parte esse desdém na esperança de obter mais,

fazendo sofrer. O instinto de negociar misturar-se ao resto; e até fatos positivos

de sua vida, uma

intriga qualquer que confiou a ninguém de medo que nos fosse revelado, e que muitos, apenas,

talvez, houvessem conhecido se tivessem tido, para conhecê-la, o mesmo apaixonado que nós,

embora conservando mais liberdade de espírito, e menos suspeitas na interessada de uma intriga

que outros talvez não ignorem; outros que não conhecemos e que não saberíamos onde

encontrar. Todos os motivos de ter para conosco uma atitude inexplicável, é preciso; essas

singularidades de caráter que impelem uma criatura, seja por negligência seu interesse, seja por

ódio, seja pelo amor à liberdade, seja por súbitos de cólera; ou temor do que haveriam de pensar

determinadas pessoas; ao contrário daquilo que pensamos. E, além disso, há as diferenças de

meio, de ação, nas quais não queremos acreditar, porque, quando estamos conversando com o

outro, nós as apagamos nas palavras as diferenças, porém, que voltamos a encontrar quando,

sozinhos, dirigimos os atos de cada um de um ponto de vista, de tal modo contrário que não é

possível um verdadeiro encontro.

- Mas, querida Andrée, você ainda está mentindo. Lembre-se você o confessou; telefonei-

lhe na véspera, está lembrada? Que Albertine tanto (ocultando o seu desejo como algo que eu

não devia saber) ir à véspera, à Sra. Verdurin, à qual devia comparecer a Srta. Vinteuil.

- Sim, mas Albertine não estava absolutamente certa que a Srta. Vinteuil iria.

- Como? Você mesma me disse alguns dias antes, ela se encontrara com a Sra. Verdurin.

Além disso, é inútil que nos enganemos um ao outro. Encontrei um bilhete certa manhã no quarto

de Albertine; era da Sra. Verdurin, insistindo para que ela fosse à vesperal. E mostrei-lhe o bilhete,

que de fato Françoise colocara de modo que eu pude lê-lo, bem sobre os objetos de Albertine,

alguns dias antes de sua partida, e deixando-o ali para fazer com que Albertine acreditasse que

eu andara mexendo nas suas coisas; em todo caso, fazê-la saber que eu vira esse papel. E

muitas vezes me perguntei se essa artimanha de Françoise não contribuíra em muito para a

partida de Albertine, que via não poder nada mais ocultar-me e se sentia desanimada, vencida.

Mostrei-lhe o papel: Não tenho nenhum remorso, estou desculpada de tudo devido a este

sentimento tão familiar.

- Você bem sabe, Andrée, que Albertine dissera sempre que a amiga da Srta. Vinteuil era

de fato, para ela, como uma mãe, uma irmã.

- Mas você compreendeu mal esse bilhete. A pessoa que a Sra. Verdurin queria pôr em

contato com Albertine não era de modo algum a amiga da Srta. Vinteuil; era o noivo, o "estou-em-

apuros", e o sentimento familiar é o que a Sra. Verdurin manifestava por esse crápula, que de fato

era o seu sobrinho. No entanto, acho que Albertine logo soube que a Srta. Vinteuil deveria ir, pois

a Sra. Verdurin pode lhe ter contado isso de passagem; certamente a idéia de que tornaria a ver a

sua amiga lhe agradou, recordou-lhe um passado aprazível. Mas da mesma forma que você

ficaria contente, se tivesse de ir a um certo lugar, ao saber que Elstir ali se achava. Não mais do

que isso, talvez nem tanto. Não, se Albertine não queria lhe dizer por que motivo desejava ir à

casa da Sra. Verdurin, era porque lá haveria um ensaio para o qual a Sra. Verdurin convidara

muito pouca gente, e entre elas o sobrinho, que você conheceu em Balbec, e que a Sra.

Bontemps queria que desposasse Albertine e com quem Albertine desejava conversar. É um belo

canalha. E, depois, não há necessidade de procurar tantas explicações - acrescentou Andrée.

Deus sabe como eu gostava de Albertine e que boa criatura ela era, mas, principalmente desde

que teve febre tifóide (um ano antes que você conhecesse todas nós), era uma cabeça-de-vento.

De repente se aborrecia com o que estava fazendo, precisava mudar e no mesmo instante, e ela

sem dúvida não sabia a razão. Lembra-se do primeiro ano em que você foi a Balbec, o ano em

que nos conheceu? Um belo dia, inventou um telegrama que a chamava a Paris, e mal houve

tempo de fazer as malas. Pois bem, não tinha motivo algum para partir. Todos os pretextos que

ela deu eram falsos. Naquele momento, Paris era uma chateação para ela. Nós todas ainda

estávamos em Balbec. O golfe continuava e até as provas para o grande prêmio, que ela tanto

desejava, ainda não tinham acabado. Certamente ela iria ganhar. Só precisava esperar oito dias.

Pois bem, partiu correndo! Muitas vezes, depois, voltei a lhe falar nisso. Ela mesma dizia não

saber por que havia ido embora, que tinha sido saudade (saudade de Paris, veja se é possível),

que ela se desagradava em Balbec, achava que lá zombavam dela. -

E eu me dizia que havia algo de "Madeiro” no que Andrée contava, que tantas diferenças

entre os espíritos explicam, mas impressões diferentes produzidas sobre esta ou aquela pessoa

por uma manobra, as diferenças de sentimento, a impossibilidade de persuadir uma pessoa que

não nos ama; há igualmente as diferenças entre os temperamentos, as peculiaridades de um

caráter, que também constituem causa de ação. Depois, deixei de pensar nessa explicação e dizia

comigo quanto é difícil saber em vida. Havia reparado muito bem no desejo e na dissimulação de

Albertine na casa da Sra. Verdurin, e não me enganara. Mas então, quando estabeleci um fato, os

outros, de que nunca temos senão as aparências – como tapeçaria, o avesso real da ação, do

enredo, tanto como o da inteligência como da ação-, ocultam-se, e nós só vemos desfilar silhuetas

chatas, de que diz é aquilo; é por causa desta, ou daquela. A revelação de que a Srta. Vinteuil

estar presente me parecera a explicação, tanto mais que Albertine, antes me falara nisso. E, mais

tarde, não se recusara ela jurar-me que a presença da Srta. Vinteuil não lhe dava nenhum prazer?

E aqui, a propósito desse rapaz, de algo que havia esquecido. Pouco tempo antes, enquanto

Albertine estava em minha casa, eu o tinha encontrado e, ao contrário de sua atitude em Balbec

excessivamente amável e até afetuoso comigo. Pedira que o deixasse visitar que eu recusara por

muitas razões. Pois agora eu compreendia que sabendo que Albertine morava em minha casa,

quisera andar em *boitâ* -; comigo para dispor de todas as facilidades para vê-la e

roubá-la de mim;

era um miserável. Ora, quando, algum tempo depois, assisti às regressões primeiras obras desse

rapaz, é claro que continuei a pensar que, se ele queria tanto vir à minha casa, fora por causa de

Albertine; e, embora achasse aquilo adorável, lembrei-me que, se outrora eu tinha ido a

Doncieres, para ver Saint, na verdade era porque amava a Sra. de Guermantes. Na realidade, o

caso era o mesmo; Saint-Loup não amava a Sra. de Guermantes; assim, talvez minha ternura um

pouco de ambigüidade, porém nenhuma traição. E que essa ternura, que experimentamos em

relação a uma pessoa que é por nós cobiçada, experimentamo-la igualmente mesmo se essa

pessoa para si própria a coisa ambicionada. Sem dúvida, então, é necessário uma amizade que

levará diretamente à traição. E creio que foi o que sempre - relativamente aos que não têm forças

para tanto, não se pode dizer que a amizade que demonstram para com o detentor seja pura

astúcia; sentem sinceramente e, por isso, a manifestam com um ardor que, tão logo a traição a faz

com que o marido ou o amante enganado possa dizer com indignação fatal:

- Se ouvissem os protestos de afeição que me dedicava esse miserável; compreendo que

venham roubar o tesouro de um homem. Mas, quando se tem a necessidade diabólica de obter

primeiro a sua amizade, chega-se a um ignomínia e de perversidade impossível de imaginar.-

Ora, não existe nisso da perversidade, nem sequer mentira inteiramente lúcida. A afeição

desse que naquele dia me havia manifestado o pseudo noivo de Albertine, tinha outra desculpa

ainda, sendo mais complexa que um simples derivado de Albertine. Só há pouco tempo é que ele

sabia, confessava-se e queria ser chamado intelectual. Pela primeira vez, valores outros que não

os descobrimos passavam a existir para ele. O fato de eu ser estimado por Elstir e Bergotte, e que

Albertine talvez lhe falasse da maneira como eu julgava os escritores, e que eu mesmo, em sua

opinião, podia tornar-me um deles, faziam com que subitamente me tornasse para ele (para o

novo homem que ele afinal percebia que era) alguém interessante, a quem teria prazer em se

ligar, e ao qual gostaria de confiar os seus projetos, talvez mesmo solicitar que o apresentasse a

Elstir. De modo que estava sendo sincero quando pedia para vir à minha casa, quando

expressava uma simpatia à qual as razões intelectuais, ao mesmo tempo que um reflexo de

Albertine, conferiam sinceridade. Sem dúvida, não era por isso que fazia tanta

questão de vir à

minha casa, largando tudo por isso. Mas esta última razão, que só fazia elevar a uma espécie de

paroxismo apaixonado as duas primeiras, talvez ele próprio a ignorasse, e as outras duas existiam

de fato, como de fato pudera existir em Albertine, quando ela quisera ir à casa da Sra. Verdurin,

na tarde do ensaio, o prazer perfeitamente honesto que teria tido em rever amigas de infância,

que não eram, a seu ver, mais viciosas do que ela própria o seria para elas, de conversar com tais

amigas, de lhes mostrar, só pela sua presença na casa da Sra. Verdurin, que a pobre menina que

elas haviam conhecido era recebida agora num salão distinto; e também o prazer que ela talvez

poderia sentir ouvindo a música de Vinteuil. Se tudo isto era verdade, o rubor que subira às faces

de Albertine quando eu falara na Srta. Vinteuil decorria de que eu o fizera a propósito dessa

vesperal, que ela quisera ocultar-me devido ao projeto de casamento que eu deveria ignorar. A

recusa de Albertine em me jurar que não teria tido prazer algum em rever a Srta. Vinteuil naquela

reunião, tinha naquele instante aumentado o meu tormento, fortalecido minhas suspeitas, mas me

provava retrospectivamente que ela fizera questão de ser sincera, ainda que se tratasse de uma

coisa inocente, talvez justo por ser inocente. No entanto, restava o que Andréa me dissera sobre

suas relações com Albertine. Todavia, embora sem ir a ponto de acreditar que Andréa as

inventasse completamente, a fim de que não me sentisse feliz e não pudesse me julgar superior a

ela, eu ainda podia supor que ela exagerara um pouco as coisas que fazia com Albertine e que

esta, por restrição mental, diminuísse também um tanto o que fizera com Andréa, servindo-se

astuciosamente de certas definições que eu estupidamente havia formulado sobre o assunto,

achando que suas relações com Andréa não entravam na lista do que ela devia me confessar, e

que podia negá-las sem mentir. Mas por que acreditar que era antes ela quem mentia, e não

Andrée? A verdade e a vida são bem árduas, e delas me restava, sem que em suma as

conhecesse, uma impressão em que a tristeza ainda fosse talvez inferior ao cansaço.

CAPÍTULO TERCEIRO

Temporada em Veneza

Minha mãe levara-me a passar algumas semanas em Veneza e-como pode haver beleza,

tanto nas coisas mais humildes como nas mais preciosas-gozei ali impressões análogas às que

tantas vezes sentira outrora em Combray, porém transportadas a um meio inteiramente diverso e

mais rico. Quando, às dez da manhã, vinham abrir as janelas, eu via flamejar, em vez do mármore

preto em que, resplandecendo, se tornavam os telhados de Saint-Hilaire, o anjo de ouro do

campanário de São Marcos. Rutilando devido ao sol que o tornava quase impossível de ser fixado

pelo olhar, com seus braços bem abertos ele me acenava, para quando, meia hora depois, eu

estivesse na Piazzetta, com uma promessa de alegria mais certa do que aquela que, outrora, teria

ele se encarregado de anunciar aos homens de boa vontade. Somente a ele eu podia avistar,

quando deitado, mas como este mundo não passa de um vasto quadrante solar, onde apenas um

segmento ensolarado é o bastante para indicar as horas. Desde manhãzinha pensei nas lojas de

Combray da praça da igreja, que no domingo estavam prestes a fechar quando eu chegava para a

missa, enquanto a palha no mercado tinha um cheiro intenso, ao sol já quente. Mas desde o

segundo dia, o que vi ao acordar, o que me fez levantar (porque se havia substituído, na minha

memória e no meu desejo, às lembranças de Combray), foram as impressões da primeira saída

em Veneza, essa Veneza onde a vida cotidiana não era menos real do que em

Combray, onde,

como em Combray, no domingo de manhã tinha-se de fato o prazer de descer por uma rua em

festa, mas onde essa rua era toda uma safira líqüida, refrescada por uma brisa leve, e de uma cor

tão resistente que meus olhos fatigados nela podiam repousar, sem medo de que se

enfraquecesse. Como em Combray a boa gente da rua de I'Oiseau, também nesta nova cidade os

habitantes saíam de fato de casas alinhadas lado a lado na rua principal; mas esse papel de

casas a projetarem um pouco de sombra à seus pés era, em Veneza, confiado a palácios de

pórtico e de jaspe, por cima de cuja porta abobadada a cabeça de um deus barbudo

(ultrapassando o alinhamento, como a aldrava de uma porta em Combray) tinha como resultado

tornar mais intenso, pelo reflexo, não o castanho escuro do sol, mas o esplêndido azul da água.

Na Piazza, a sombra que, em Combray, teriam espalhado o toldo da loja e de novidades e

a tabuleta do cabeleireiro, era formada pelas florzinhas azuis que semeia a seus pés, sobre o

deserto do calçamento ensolarado, o relevo de uma fachada renascentista; não que fosse

possível, quando o sol dava com força, em Veneza; Combray, evitar baixar as cortinas à beira do

canal. Mas é que elas baixam os quadrilóbulos e folhagens das janelas góticas. Direi o mesmo

daquele hotel, diante de cujos balaústres mamãe me esperava, contemplando com uma paciência

que não havia mostrado antigamente, em Combray, na que, depositando em mim esperanças que

desde então não foram real; queria que eu percebesse o quanto me amava. Agora via bem que

sua frieza não teria mudado nada, e a ternura que me prodigalizava era como esses doces

proibidos que já não recusamos aos doentes, quando é evidente que podem curar-se.

Decerto, as humildes particularidades que tornavam a janela do quarto de minha tia

Léonie, na rua de I'Oiseau, sua assimetria pela distância desigual entre as duas janelas vizinhas,

a excessiva altura de madeira, e a alavanca articulada que servia para abrir os postigos, as

cortinas de lustroso cetim azul que uma fita separava e mantinha afastadas. À frente disso tudo

existia nesse hotel de Veneza, onde eu também ouvia ventos tão particulares, tão eloqüentes, que

de longe nos fazem reconhecer aonde voltamos para almoçar, e mais tarde permanecem em

nossa recordação, como um testemunho de que, durante algum tempo, essa foi a nossa em

Veneza, o cuidado de proferi-las era reservado, não como em Combray. Aos poucos em toda

parte, às coisas mais simples, e até as mais feias, mas a semi-árabe de uma fachada que é

reproduzida em todos os museus; em todos os livros de arte ilustrados, como uma das obras-

primas a doméstica da Idade Média; de bem longe, e quando eu mal havia passado Jorge Maior,

avistava essa ogiva que me tinha visto, e o impulso de se quebrados ajuntava a seu sorriso de

boas-vindas; a distinção de um ornato, altaneiro, quase incompreendido. E porque, atrás dos

balaústres de várias cores, mamãe estivesse lendo à minha espera, o rosto coberto com veuzinho

de tule, de um alvor tão pungente quanto o de seus cabelos; sentia que mamãe o acrescentara,

escondendo as lágrimas, a seu chapéu de palha, um tanto a fim de se mostrar "preparada" às

pessoas do hotel; para me parecer menos enlutada, menos triste, quase consolada pela minha

avó; porque, não tendo me reconhecido imediatamente, enquanto esperava a gôndola, mandava

para mim, do fundo do coração, o seu amor; detinha onde já não havia o que o sustentasse, à

superfície de seu olhar parado, que ela aproximava de mim o mais possível, que procurava alçar,

aos lábios um sorriso que parecia beijar-me, na moldura e sob o dossel mais discreto da ogiva

iluminada pelo sol do meio-dia - por causa disso, assumiu, na minha memória, a doçura das

coisas, que, ao mesmo tempo ao nosso lado, tomaram parte em certa hora que soava, a mesma

para elas; e por mais cheias de formas admiráveis que sejam as suas trabalhadas janelas

conserva para mim o aspecto íntimo de um homem de gênio em cuja companhia tivéssemos

vivido um mês de férias, e que passasse a nutrir um pouco de amizade por nós; e se, depois, toda

vez que vejo a moldagem dessa janela num museu, sou obrigado a conter as

lágrimas, é

simplesmente porque ela só diz aquilo que mais pode me comover:

"Eu me lembro muito bem de sua mãe."

E, para ir buscar mamãe, que deixara a janela, eu sentia muito bem, ao deixar o calor do

céu aberto, aquela sensação de frescor que outrora havia experimentado em Combray quando

subia para o quarto; mas em Veneza era uma corrente de ar marinho que a sustentava, não mais

numa pequena escada de madeira, de degraus estreitos, mas nas nobres superfícies de degraus

de mármore, a todo momento salpicados de um raio de sol glauco, e que à lição útil de Chardin,

outrora recebida, acrescentavam-se às de Veronese. E já que em Veneza são as obras de arte,

as coisas magníficas, que se encarregam de nos dar as impressões familiares da vida, seria

deixar incompleto o caráter da cidade, ao pretexto de que a Veneza de certos pintores é friamente

estética em sua parte mais célebre (excetuemos os soberbos estudos de Maxime Dethomas),

reproduzir somente seus aspectos miseráveis, nos pontos onde se dilui aquilo que faz o seu

esplendor, e, para tornar Veneza mais íntima e verdadeira, dar-lhe uma certa semelhança com

Aubervil iers. Foi este o erro de bem grandes artistas, por uma reação muito

natural contra a

Veneza artificial de maus pintores, o fato de se terem apegado exclusivamente à Veneza, que eles

achavam mais realista, dos humildes *campi*, dos pequenos rü abandonados.

[(campi - de campo, pai. ital.) e rü (pl. de rio, id.). Esta última significa, em italiano, "curso d'água

de menor importância", ou, no caso de Veneza, trecho de canal de pouca extensão. (N. do T.)]

Era ela que eu explorava muitas vezes à tarde, se não saía com mamãe. De fato, nela

encontrava mais facilmente essas mulheres do povo, vendedoras de fósforos, enfiadeiras de

pérolas, trabalhadoras em vidro e rendeiras, pequenas operárias de grandes xales negros

franjados que nada me impedia de amar (pois eu já esquecera em grande parte Albertine), e que

me pareciam mais desejáveis que outras, pois lembrava-me ainda um pouco dela. Aliás, quem me

poderia dizer exatamente, nessa busca apaixonada pelas moças venezianas, o que havia delas

mesmas ou de Albertine daquele meu antigo desejo de outrora de viajar a Veneza? Nosso menor

desejo, posto que único feito um acorde, admite em si mesmo as notas fundamentais que estão

na base de toda a nossa vida. E, às vezes, se suprimíssemos uma delas, que todavia não

ouvimos e de que não temos consciência, que não se liga em nada ao objeto que perseguimos,

veríamos entretanto desvanecer-se todo o nosso desejo por esse objeto. Havia muitas coisas que

eu não procurava distinguir na emoção que sentia ao correr em busca das moças venezianas.

Minha gôndola seguia pelos pequenos canais; como a misteriosa mão de um gênio, que teria me

conduzido pelos meandros de uma cidade do Oriente, eles pareciam, que eu avançava, abrir-me

um caminho, cavado em pleno coração de um cortavam, mal afastando, com um fino sulco

arbitrariamente traçado, as de janelinhas mouriscas; e, como se o guia mágico segurasse uma

vela nos dedos e me iluminasse a passagem, faziam brilhar à sua frente uma sombra

franqueando-lhe o caminho. Sentia-se que, entre as pobres casas que o canal acabava de

separar, e que, sem isso, teriam formado um todo nenhum lugar fora reservado. De modo que o

campanile [*Campanile*. "Campanário." Em italiano no original (N. do T)] da igreja ou as dos jardins

pendiam sobre o canal, como numa cidade inundada. Mas igrejas como para os jardins, graças à

mesma transposição do Grande Canal, tão bem se prestava a desempenhar o papel de via, de

rua grande, ou pequena; de cada lado do *canaletto*, as igrejas subiam da água

nesse velho bairro

populoso, transformando-se em paróquias humildes e freqüentadas. Levava consigo o selo de

suas necessidades, da freqüência de numerosos pobres; os atravessados pela passagem do

canal, deixavam arrastar até a água suas faces espantados; e, no rebordo da casa cujo grés,

grosseiramente fendido estava rugoso como se acabasse de ser bruscamente serrado. Os

garotos, porém, mantendo o equilíbrio, deixavam as pernas penduradas a prumo; dos marinheiros

sentados na ponte móvel cujas duas metades acabam de deitar, permitindo que o mar passe

entre elas.

Às vezes surgia um monumento belo, que ali se encontrava feito uma surpresa numa caixa

que acabasse abrir, um pequeno templo de marfim, com suas ordens coríntias e sua alegórica no

frontão, um tanto deslocado entre as coisas de costume, em quais ia se arrastando, pois, por mais

que nos afastássemos para deixá-lo *peristilo* que lhe reservara o canal mantinha um aspecto de

cais de desembarque para verdureiros. Eu tinha a impressão, que aumentava ainda mais o meu

prazer de não estar do lado de fora, mas de penetrar cada vez mais no fundo de algo; pois a cada

instante encontrava alguma coisa nova, que vinha colocar-se ao lado; pequeno monumento ou

campo imprevisto, conservando o ar espalhando das coisas belas que se vêem pela primeira vez,

e de que ainda não contemplamos bem o objetivo e a utilidade. Eu voltava a pé pelas pequenas

cal i [*Cal i* (pl. de *cal e*): caminho, estrada. Em italiano no original. (N. do T)] e a moças do povo,

como o pudesse talvez ter feito Albertine, e gostaria que ela estivesse comigo. Entretanto, aquelas

não podiam ser as mesmas; na época que Albertine estivera em Veneza, deveriam ser crianças

ainda. Mas, depois de outrora, num primeiro sentido e covardemente, infiel a cada um de meus

desejos concebidos como um só, já que fora em busca de um objetivo análogo, e mesmo que não

esperava reencontrar, era sistematicamente, agora, que eu procurava mulheres que Albertine não

conhecera, ainda que já não buscasse aquelas que havia desejado antigamente.

Certo, muitas vezes me ocorria lembrar-me, com violência incrível de desejo, determinada

menina de Méséglise ou de Paris, a vendedora de leite que vira ao pé de uma colina, de manhã,

em minha primeira viagem à Balbec. Mas, infelizmente, lembrava-me delas como eram então, ou

seja, como certamente já não o seriam. De modo que, se outrora eu fora levado a submeter minha

impressão sobre a unicidade de um desejo, buscando no lugar de um modesto convento que

perdera de vista um conventinho análogo, agora, para reencontrar as meninas que haviam

perturbado minha adolescência ou a de Albertine, eu devia consentir numa anulação a mais do

princípio da individualidade do desejo: o que eu devia procurar não eram as que tinham dezesseis

anos naquela época, mas as que andavam pelos dezesseis anos hoje, pois agora, à falta do que

havia de mais particular numa pessoa, e que me escapara, o que eu amava era a juventude.

Sabia que a juventude daquelas que eu conhecera só existia na minha lembrança ardente, e que

não eram elas, por mais desejoso que fosse de alcançá-las quando a minha memória as

imaginava, que eu deveria colher se de fato quisesse apanhar a juventude e a flor da idade.

O sol ainda estava alto no céu quando fui encontrar minha mãe na Piazzetta. Chamamos

uma gôndola.

- Como tua avó teria gostado desta grandeza tão simples! - dizia mamãe ao mostrar o

palácio ducal que ponderava o mar com o pensamento que lhe confiara o seu arquiteto e que ele

mantinha fielmente na muda espera pelos doges desaparecidos. - Ela teria gostado mesmo da

doçura dessas tintas cor-de-rosa, pois não era afetada. Como teria amado Veneza a tua avó, e

que familiaridade, que pode rivalizar com a da natureza, ela teria achado em todas essas belezas

tão cheias de coisas que não precisam de nenhum arranjo, que se apresentam tais e quais, o

palácio ducal em sua forma cúbica, as colunas que dizes serem as do palácio de Herodes, em

plena Piazzetta, e, ainda menos dispostos, ali arrumados como à falta de outro local, os pilares de

São João d'Acre e aqueles cavalos no balcão de São Marcos! Tua avó teria mais prazer em ver o

sol se pôr sobre o palácio dos doges do que por trás de uma montanha. -

E de fato havia um pouco de verdade no que minha mãe dizia, pois, enquanto a gôndola,

para nos levar de volta, subia o Grande Canal, nós contemplávamos a fila dos palácios, entre os

quais íamos passando, refletirem a luz e a hora sobre seus flancos rosados, e mudar com elas,

menos à maneira de residências privadas e de monumentos célebres, do que feito uma cadeia de

falésias de mármore, ao pé da qual vamos passear de barco num canal, para ver o sol se pôr.

Assim, as casas dispostas dos dois lados do canal lembravam sítios naturais, mas de uma

natureza que houvesse criado suas obras na imaginação humana. Mas ao mesmo tempo (devido

ao caráter das impressões sempre urbanas, que Veneza oferece quase em alto mar, sobre as

ondas em que o fluxo e o refluxo se fazem sentir duas vezes por dia e que, alternadamente

cobrem na maré cheia e desvelam, na maré baixa, as magníficas escadarias dos palácios), como,

em Paris, o faríamos nos bulevares, nos Champes de Bois, em toda ampla avenida da moda,

cruzávamos, a luz pulverizada de mulheres elegantíssimas, quase todas estrangeiras, que,

mulheres nas almofadas de seus carros flutuantes, faziam fila, paravam diante do palácio onde

tinham uma amiga para visitar, mandavam perguntar se estavam em asa; e, enquanto esperavam

a resposta, preparavam o cartão de visitas, como o teriam feito à porta do palacete dos

Guermantes, procuravam no guia de que época e de que estilo era o palácio, não sem serem

sacudidas, por um gesto de uma onda azul, pelo redemoinho da água cintilante e empinada;

assustava por estar assim comprimida entre a gôndola dançante e o movimento sonoro. E assim

os passeios, mesmo apenas para fazer visitas ou dar múltiplos e únicos passeios nessa Veneza

onde as simples idas e vindas mundanas; ao mesmo tempo, a forma e o encanto da visita a um

museu e de um bordejar por diversos palácios do Grande Canal estavam

transformados em elo

prazer da mudança ou por amabilidade com a Sra. Sazerat, a quem havia encontrado esse

conhecimento imprevisto e inoportuno com que sempre nos deparamos numa viagem e que

mamãe convidara.

Procuramos certa noite já no Hotel um menino que fosse o nosso guia, e onde se afirmava

que a cozinha era melhor. Mamãe pateava o gondoleiro e entrava com a Sra. Sazerat no salão, eu

quis dar uma olhada na grande sala do restaurante, de belas colunas de mármore, outrora a de

afrescos, desde então mal restaurados. Dois garçons conversavam numa língua, que traduzo:

- Um montão de velhos comem no quarto. Nunca avisam a gente. Nunca sei se devo

reservar a mesa deles (*non so se bisogna conservór wo/a*). E, além disso, tanto pior se eles

descem e a encontram ocupado.

Compreendi como se recebem *forestieri* desse jeito num hotel tão elegante. Vim para aqui.

Apesar do seu desdém, o garçom gostaria de saber o que deveria fazer a respeito da mesa, e ia

mandar o ascensorista subir para informar-se quando; ter tido tempo para fazê-lo, a resposta lhe

foi dada: acabava de avistar a senhora que entrava. Não tive dificuldade, apesar

do ar de tristeza

e de fadiga; conferir e sem embargo de uma espécie de eczema, de lepra que lhe cobria o rosto,

em reconhecer sob a sua touca, na jaqueta negra sua fé; assim, para os profanos, semelhante às

de uma velha porteira de Vil eparisis. Fez o acaso que o local onde eu me encontrava, de pé, no

ato delinear os vestígios de um afresco, se achasse, ao longo das belas paredes decoradas

exatamente por detrás da mesa onde acabava de sentar-se a Sra. de Discreparia.

- Então o Sr. de Vil eparisis não deve demorar a descer. Faz um mês que eles estão aqui,

e só uma vez comeram separadamente - disse o garçom.

Eu perguntava a mim mesmo quem seria, dos seus parentes, aquele com quem ela

viajava, e a quem chamavam Sr. de Vil eparisis, quando vi ao cabo de alguns momentos avançar

para a mesa e sentar-se ao lado dela o seu velho amante, Sr. de Norpois.

A idade avançada lhe enfraquecera a sonoridade da voz, mas, em compensação, conferira

à sua linguagem, então tão reservada, uma verdadeira intemperança. Talvez se devesse buscar

sua causa nas ambições que ele sentia já não ter muito tempo de satisfazer o que, por isso

mesmo, tanto mais o enchiam de veemência e entusiasmo; ou talvez no fato de que, deixado de

parte numa política à qual ardia por retornar, acreditava, na ingenuidade do desejo, levar ao

ostracismo, pelas críticas atrozes que lhes dirigia, aqueles a quem se empenhava em substituir.

Assim, vemos políticos seguros de que o gabinete de que não fazem parte não durará três dias.

Aliás, seria exagerado crer que o Sr. de Norpois tivesse perdido inteiramente as tradições da

linguagem diplomática. Quando se tratava de "assuntos importantes", ele voltava a ser o homem

que conhecemos, como se verá, mas no resto do tempo atacava este ou aquele, com essa

violência senil de certos octogenários, que os leva a se atirarem sobre mulheres, a quem já não

podem fazer muito mal.

Durante alguns minutos, a Sra. de Vil eparisis conservou o silêncio de uma velha a quem o

cansaço da velhice tornou difícil emergir das lembranças do passado ao presente. Depois, numa

dessas perguntas totalmente práticas, onde se mostra o prolongamento de um amor mútuo:

- Passou na casa dos Salviatti?

- Sim.

- Eles entregam amanhã?

- Eu mesmo trouxe a taça. Vou lhe mostrar depois do jantar. Vejamos o cardápio.

- Instruiu a Bolsa quanto às minhas ações de Suez?

- Não; neste momento, a atenção da Bolsa está toda voltada para títulos do petróleo. Mas

não é o caso de nos apressarmos, dadas as excelentes disposições do mercado. Eis o cardápio.

Como entrada, há salmonetes. Vamos pedir?

- Eu vou, mas você está proibido. Em vez disso, peça risoto, embora não saibam fazê-lo.

- Não tem importância. Garçom, traga primeiro uns salmonetes para Mame e um risoto

para mim.

Um novo e longo silêncio.

- Olhe, estou lhe trazendo os jornais: o *Corriere delta Sera, a Gazzetta del* etc. Sabe que

se cogita seriamente de um movimento diplomático cujo bode expiatório seria Paléologue,

notoriamente inepto na Sérvia? Substituído por Lozé; e este concorra ao posto de Constantinopla.

-apressou-se a acrescentar o Sr. de Norpois com azedume-, para uma envergadura e onde é

evidente que a Grã-Bretanha deverá sempre ter a primazia na mesa de negociações, seria

prudente que chamassem de experiência, mais bem aparelhados para resistir às emboscadas da

nossa aliada britânica, em vez de diplomatas da escola nova, que cairiam como uns patinhos.-

[Maurice Paléologue (1859-1944) foi diplomata e escritor. Representou a França

na Rússia até

1917 secretário-geral dos Negócios Estrangeiros. (N. do T)]

[Henri Lozé (1850-1915), embaixador em Viena (1893-1895), desligou-se do corpo diplomático

CIR (N. do T)]

A volubilidade irritada com que o Sr. de Norpois proferiu estas últimas palavras provinha

sobretudo de que os jornais, em vez de falarem de seu nome, como ele lhes pedira, davam como

"grande favorito" um jovem das Relações Exteriores.

- Deus sabe se não estará longe o tempo no qual esses homens de idade, em resultado de

não sei quais manobras tortuosas, darão nomes desses recrutas mais ou menos incapazes!

Conheci muito bem pretensos diplomatas do método empírico, que punham toda a sua

especulação em balão de ensaio que eu não tardava a murchar. É fora de dúvida: se o gosto tem

juízo e põe as rédeas do estado em mãos turbulentas, ao apelo do conscrito sempre responderá:

Presente! Mas quem sabe (e o Sr. de Norpois sabia muito bem do que estava falando) se não

daria o mesmo no dia e fosse buscar algum veterano cheio de destreza e saber? A meu ver, cada

um tem o seu modo de enxergar as coisas; o posto de Constantinopla só deve ser preenchido

após um acerto de nossas dificuldades pendentes com a Alemanha. Não devemos nada a

ninguém; e é inadmissível que de seis em seis anos me venham reclamar, por manobras dolosas

e contra a nossa vontade, nenhum recibo de pagamento, sempre alardeado por uma imprensa

venal. É que isto acabe e, naturalmente, um homem de grande valor, e que já tenha seus dotes;

um homem que, se assim posso me expressar, *dê tapiti Imperador*, desfrutaria de muito mais

autoridade do que qualquer outro um ponto final nesse conflito.

Um senhor que terminava de jantar cumprimentou o Sr. de Norpois.

- Ah, é o príncipe Foggi - disse o marquês.

- Oh, não sei bem de quem você está falando - suspirou a Sra. de Vil eparisis.

- Claro que sabe. É o príncipe Odon, cunhado de sua prima Doude. Lembra-se de que

cacei com ele em Bonnétable?

- Ah, Odon, era ele quem pintava?

- De jeito nenhum. Este é o que se casou com a irmã do grão-duque.

O Sr. de Norpois dizia tudo isto no tom bastante desagradável de um professor

descontente com seu aluno, e seus olhos azuis encaravam fixamente a Sra. de Vil eparisis.

Quando o príncipe acabou de tomar o cafezinho e deixou a mesa, o Sr. de Norpois ergueu-

se, caminhou rapidamente para ele e, com um gesto majestoso, afastando-se para

apagar-se a si

próprio, apresentou-o à Sra. de Vil eparisis.

E, durante os poucos minutos em que o príncipe ficou de pé junto deles, o Sr. de Norpois

não cessou um só instante de vigiar a Sra. de Vil eparisis com suas pupilas azuis, por

complacência ou severidade de velho amante e, sobretudo, receando que ela se entregasse a um

desses excessos de linguagem que ele apreciava, porém temia.

Quando ela falava algo inexato ao príncipe, ele retificava a frase e fixava os olhos nos da

marquesa, dócil e abatida, com a intensidade contínua de um magnetizador.

Um garçom veio dizer-me que mamãe me esperava. Fui ao seu encontro e me desculpei

com a Sra. Sazerat, dizendo que me dera muito prazer o ter visto a Sra. de Vil eparisis. A esse

nome, a Sra. Sazerat empalideceu, parecendo que ia desmaiar. Buscando recobrar-se:

- A Sra. de Vil eparisis, anteriormente Srta. de Bouil on? - perguntou-me.

- Sim.

- Será que eu poderia avistá-la por um instante? É o sonho da minha vida.

- Então não perca tempo, senhora, pois ela não demora a terminar de jantar. Mas como é

que ela pode interessá-la tanto?

- Mas a Sra. de Vil eparisis era em primeiras núpcias a duquesa de Havré; bela

como um

anjo, malvada como um demônio, deixou louco o meu pai, arruinou-o e o abandonou logo depois.

Pois bem, embora tenha agido com ele como a última das meretrizes, e que por sua culpa eu e os

meus tenhamos de viver pobremente em Combray, agora, que meu pai está morto, o meu consolo

seria que ele tivesse amado a mais linda mulher do seu tempo; e, como jamais a vi, apesar de

tudo seria um regalo para mim...

Levei a Sra. Sazerat, trêmula de emoção, até o restaurante e lhe mostrei a Sra. de

Vil eparisis.

Mas, como os cegos, que dirigem os olhos para um ponto diverso do que deveriam, a Sra.

Sazerat não pousou o olhar na mesa onde jantava a Sra. de Vil eparisis e, procurando outro ponto

da sala:

- Mas ela deve ter partido, não a vejo onde o senhor me diz que está.

E procurava sempre, perseguindo a visão detestada, adorada, que habitava sua

imaginação há tanto tempo.

- Mas sim, na segunda mesa.

- É que não contamos a partir do mesmo ponto. Para mim, a segunda pessoa é uma onde

somente está, ao lado de um senhor idoso, uma mulher baixinha, imunda, corada, horrível.

- É essa mesma!

Entretanto, havendo a Sra. de Vil eparisis havia pedido ao Sr. Norpois que oferecesse um

lugar ao príncipe Foggi, seguiu-se uma amável conversa a três; falaram de política, o príncipe

declarou ser indiferente ao destino e que finda, ficaria uma boa semana em Veneza. Esperava

que até lá houvesse qualquer crise ministerial.

No primeiro momento, o príncipe Foggi passou uma imagem que esses assuntos políticos

não interessavam ao Sr. de Norpois, já que este, se expressando com tanta veemência, passara

de repente a manter um ar quase angélico, que parecia não poder expandir-se, caso lhe voltasse

a num canto inocente e melodioso de Mendelssohn ou de César Franck. Também julgava que tal

silêncio era devido à reserva de um francês que, um italiano, não deseja falar dos negócios da

Itália. Ora, o engano foi completo. O silêncio e o ar de indiferença tinham permanecido no Sr.

Norpois não como o sinal de reserva, mas o prelúdio habitual de uma ingerência em palácios

importantes. Como vimos, o marquês ambicionava nada menos Constantinopla, com um acerto

prévio dos negócios alemães, e para alcançar influir no gabinete de Roma. De fato, o marquês

julgava que, de sua parte a repercussão internacional podia ser o digno coroamento de sua

carreira; até o começo de novas honrarias, de funções difíceis, às quais não havia reinado. Pois a

velhice nos torna: primeiro incapazes de empreender, mas não de só num terceiro período é que

aqueles que vivem até uma idade muito avançada, renunciam ao desejo, como já tiveram de

abandonar a ação. Já não se apegam mais às eleições fúteis, em que muitas vezes tentaram

obter sucesso, como presidente da República. Limitam-se a sair de casa, a comer, a ler os jornais

sobrevivem a si mesmos.

[Na França, onde o regime é parlamentarista, o chefe de Governo não é o Presidente, e sim o

Primeiro Ministro. (N. do T.)]

O príncipe, para deixar o marquês à vontade e mostrar-lhe que falava como um limpo

compatriota, pôs-se a falar dos possíveis sucessores do presidente do conselho atual. Sucessores

cuja tarefa seria difícil. Quando o príncipe já citara mais de vinte nomes de políticos que lhe

pareciam ministeriáveis, no antigo embaixador escutou de pálpebras semicerradas sobre os olhos

azuis fazer um só movimento, o Sr. de Norpois rompeu enfim o silêncio para estas palavras que,

durante vinte anos, deviam alimentar a conversa dos chanceleres e, a seguir, quando fossem

esquecidas, ser exumadas por personalidade que se assinasse "Um bem-informado" ou "Testis"

ou "Máquina" num jornal onde o próprio esquecimento em que houvessem caído lhes havia o

benefício de causarem nova sensação. Pois o príncipe Foggi acabava de citar vinte nomes diante

do diplomata imóvel e mudo como um homem surdo; quando o Sr. de Norpois ergueu levemente a

cabeça e, na forma em que foram redigidas suas intervenções diplomáticas mais cheias de

conseqüência, embora desta vez com uma audácia maior e uma brevidade menor, perguntou com

finura:

- Ninguém pronunciou o nome do Sr. Giolitti?

[Giovanni Giolitti (1842-1928), político italiano. Foi várias vezes primeiro-ministro, de tendência

centro-esquerda. Esboçou as bases de uma legislação social e introduziu o sufrágio universal na

Itália. (N. do T)]

A essas palavras, caiu a venda dos olhos do príncipe; ele ouviu um murmúrio celeste. E

em seguida o Sr. de Norpois se pôs a falar de uma coisa ou outra, não temendo fazer um pouco

de ruído, como, quando terminada a última nota de uma sublime ária de Bach, já

não tememos

falar em voz alta, ir buscar nossas coisas no vestiário. Chegou a tornar mais nítida a fratura,

pedindo ao príncipe que depositasse suas homenagens aos pés de Suas Majestades, o rei e a

rainha, quando tivesse oportunidade de vê-los, frase de despedida que correspondia a estas

palavras uivadas ao fim de um concerto:

"Cocheiro Auguste, da rua de Bel oy!"

Ignoramos quais foram exatamente as impressões do príncipe Foggi. Certamente estava

encantado por ter ouvido esta obra-prima:

"E o Sr. Giolitti, será que ninguém pronunciou o seu nome?"

Pois o Sr. de Norpois, em quem a idade havia extinto ou desorganizado as mais belas

qualidades, em compensação aperfeiçoara, envelhecendo, as "árias de bravura", como certos

músicos idosos, em declínio para tudo o mais, adquirem para a música de câmara, até seus

derradeiros dias, um virtuosismo perfeito que até então não possuíam.

O caso é que o príncipe Foggi, que esperava passar quinze dias em Veneza, voltou para

Roma naquele mesmo dia e foi recebido em audiência pelo rei a propósito de algumas

propriedades que, conforme cremos já tê-lo dito, o príncipe possuía na Sicília. O gabinete vegetou

por mais tempo do que se esperava. Quando caiu, o rei consultou vários homens de estado sobre

o chefe que convinha dar ao novo gabinete. Depois mandou chamar o Sr. Giolitti, que aceitou.

Passados três meses, um jornal contou a entrevista do príncipe Foggi com o Sr. de Norpois. A

conversação era relatada como o fizemos, com a diferença que, em lugar de dizer:

"O Sr. de Norpois perguntou com finura", lia-se: "disse com o fino e encantador sorriso que

se lhe conhece."

O Sr. de Norpois achou que "com finura" tinha já força explosiva suficiente para um

diplomata, e que esse acréscimo era no mínimo intempestivo. Chegou a pedir ao *Quai d'Orsay*

que o desmentisse oficialmente, mas o *Quai d'Orsay* não sabia para que lado se voltar de fato,

desde que a entrevista fora divulgada.

[*Quai d'Orsay*. Nome dado na França ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, situado à margem

esquerda do no Sena, em Paris. (N. do T)]

O Sr. Barrere telegrafara diversas vezes por hora a Paris, para se queixar de que havia um

embaixador ansioso no *Quai d'Orsay* para ser passada à Europa, tal descontentamento, que tal

fato produzira. E existia, mas os diversos embaixadores reais e polidos para Sr.

Barrere, estes

lhes asseguravam descontentamento com o mundo inteiro.

[*Camil e Barrere* (1851-1940), diplomata francês, foi embaixador em Roma de 1897 a 1924. Serviu

de modelo are a figura de Norpois. (N. do T)]

O Sr. Barrere, ouvindo aperreado como adesão. Imediatamente telegrafou: ENTREVISTEI-

ME COM O SENHOR DE NORPOIS NA HORA EM QUE CONVERSAVA COM O MARQUÊS

VISCONDE.

Seus secretários estavam às suas ordens num antiquário. No entanto, o Sr. de Norpois era

um francês e que, já em 1810, quando o ministro da França num jornal prestara-lhe um grande

serviço; principalmente, o artigo assinado era admiravelmente parecido. Mas interessava muito

esse artigo chamado "primeiro ministro em tempos distantes era delineado, com infinita repetição

e sabe por quê, era denominado" *edito de palavras*. Todos, então, sentiam que fora "inspirado" tal

pelo Sr. de Norpois, talvez por outro grande desejo de outro tempo. Para dar uma idéia a sentença

de vantagem de ter o Sr. de Norpois arruinado depois dos acontecimentos da Itália, num jornal em

1870, inutilmente.

Alguns minutos depois: “Esta notícia é considerada satisfatória pelos círculos

bem

informados." (Tinham acrescentado entre parênteses, depois de "satisfatória", a palavra alemã

correspondente: *befriedigend*.) E, no dia seguinte, lia-se no editorial: "Dir-se-ia que, apesar de

toda a habilidade do Sr. de Norpois, a quem todo mundo se compraz em homenagear, a sagaz

energia com que soube defender os direitos imprescritíveis da França, que uma ruptura já não tem

quase nenhuma chance de ser evitada."

O jornal não podia se dispensar de fazer acompanhar semelhante editorial de alguns

comentários, enviados, é claro, pelo Sr. de Norpois. Talvez se tenha observado, nas páginas

precedentes, que o "condicional" era uma das formas gramaticais preferidas do embaixador, na

literatura diplomática. ("Dar-se-ia uma importância toda especial", em vez de "Parece que se dá

uma importância toda especial".) Mas o presente do indicativo, não no seu sentido usual, mas no

antigo sentido optativo, não era menos caro ao Sr. de Norpois. Os comentários que se seguiam ao

editorial eram estes:

"Jamais o público deu provas de uma calma tão admirável. (O Sr. de Norpois gostaria

muito que isso fosse verdade, mas receava exatamente o contrário.) Está cansado

de agitações

estéreis e soube, com satisfação, que o governo de Sua Majestade assumiria suas

responsabilidades conforme os acontecimentos que poderiam ocorrer. O público não pede

(optativo) mais do que isso. A seu belo sangue-frio, que é já um indício de sucesso,

acrescentaremos ainda uma notícia apropriada para tranqüilizar a opinião pública, se for

necessário.”

De fato, assegura-se que o Sr. de Norpois, que por motivos de saúde devia há muito fazer

em Paris um período de tratamento, teria deixado Berlim, onde não mais julgava útil a sua

presença.

Última hora:

“Sua Majestade o imperador deixou esta manhã Compiegne rumo a Paris, a fim de

conferenciar com o marquês de Norpois, o ministro da Guerra e o marechal Bazaine, no qual a

opinião pública deposita uma particular confiança. S. M. o Imperador cancelou o jantar que devia

oferecer à sua cunhada, a duquesa d'Alba. Esta medida causou em toda parte, desde que foi

conhecida, uma impressão particularmente favorável. O imperador passou em revista as tropas,

cujo entusiasmo é indescritível. Alguns corpos, diante de uma ordem de

mobilização feita logo

após a chegada dos soberanos à Paris, estão, para toda eventualidade, prontos a partir para o

Reno."

****

Às vezes, ao crepúsculo, voltando para o hotel, eu sentia que a Albertine de antigamente,

invisível para mim mesmo, estava, no entanto, encerrada no fundo de mim como nas masmorras

de uma Veneza interior de que, por vezes, um incidente fazia deslizar a tampa endurecida até me

proporcionar uma abertura para esse passado. Assim, por exemplo, uma carta do meu corretor na

Bolsa me reabriu, por instante, as portas da prisão em que Albertine vivia em mim, porém tão

longínqua e profundamente, que se mantinha inacessível. Desde sua morte, eu me ocupara das

especulações que havia feito para ter mais dinheiro que ela. Ora, o tempo havia passado; grandes

demonstrações de cautela anterior eram desmentidas por esta, como ocorrera outrora com outro

senhor do que as estradas de ferro jamais poderiam obter êxito; e os títulos de que Norpois nos

dissera: "seu rendimento não é muito elevado, é claro, mas o capital nunca ficará depreciado".

Muitas vezes eram os que mais davam. Só para os títulos ingleses e as Refinarias

Say, eu

precisava pagar diferenças tão consideráveis, ao mesmo tempo que juros e prazos somente;

decidi vender tudo, e de súbito verifiquei que mal possuía a quinta parte do que herdara de minha

avó, soma de que dispunha ainda quando Albertine estava viva.

Aliás, soube-se do caso em Combray, entre o que restava de minha família de parentes, e,

como todos sabiam que eu freqüentava o marquês de Saint-Loup, os Guermantes, disseram: "Eis

a que levam as idéias de grandeza."

Teriam todos ficado muito espantados se soubessem que fora por uma moça de condição

desta como Albertine, quase uma protegida do antigo professor de piano de avó, Vinteuil, que eu

fizera semelhantes especulações. Além disso, naquela Combray em que todos eram para sempre

classificados conforme os rendimentos que lhes conheciam, como numa casta hindu, não se

poderia fazer idéia da grande liberdade que reinava no mundo dos Guermantes, onde não se

dava importância alguma à fortuna, em que a pobreza podia ser considerada desagradável, mas

de modo nenhum mais depreciativa, como se não afetasse a posição, mais do que uma simples

dor de estômago. Sem dúvida, e pelo contrário, imaginava-se em Combray que

Saint-Loup e o Sr.

de Guermantes deviam ser da nobreza, vivendo em castelos sob hipoteca, a quem eu emprestava

dinheiro, ao qual, se eu estivesse arruinado, eles teriam sido os primeiros a me oferecerem em

vão.

Quanto à minha relativa ruína, incomodava-me tanto mais quanto as curiosidades

venezianas se tinham concentrado numa jovem vendedora tais, de encarnação em flor, que

ofertava ao encanto dos olhos toda uma gama alaranjados e me dava um tal desejo de revê-la

todos os dias que, sentindo que em breve, mamãe e eu deixaríamos Veneza, estava tentado a lhe

dar uma situação qualquer em Paris que me permitisse não me separar dela. A beleza de seus

anos era tão nobre, tão radiosa, que constituía um verdadeiro Ticiano; queria admirar antes de ir

embora. E o pouco de minha fortuna que restava seria suficiente tentá-la a ponto de deixar sua

terra e ir viver em Paris só para mim? Mas se terminasse a carta do corretor, uma frase em que

ele dizia: Cuidarei de seus interesses, lembrou-me uma expressão quase tão hipocritamente

profissional, que carregada dos banhos, em Balbec, havia empregado, falando à Aimé a resposta

de Albertine: "Eu é quem cuidava dela", dissera. E tais palavras, que nunca me tinham voltado ao

espírito, fizeram, como um Sésamo, girar os gonzos do calabouço.

Ao fim de um instante tornaram a fechar-se sobre a enclausurada-que eu não tinha culpa

de não querer reencontrar, pois não conseguia mais vê-la, nem lembrar-me dela, e as criaturas só

existem para nós pela idéia que delas temos; mas que, por um momento, me tornara mais tocante

o abandono, que ela todavia ignorava: no espaço de um relâmpago eu invejara o tempo, já bem

distante, em que sofria dia e noite no convívio de sua lembrança.

Uma outra ocasião, em San Giorgio dei Schiavoni, uma águia ao lado de um dos

apóstolos, e da mesma forma estilizada, despertou a lembrança e quase o sofrimento causado

pelos dois anéis de que Françoise me havia revelado a semelhança, e que eu nunca soube quem

dera a Albertine. Enfim, uma noite, produziu-se uma circunstância tal que pareceu que meu amor

deveria renascer. No momento em que nossa gôndola estacionou junto aos degraus do hotel, o

porteiro entregou-me um telegrama que o empregado dos correios já viera três vezes para me

trazer, pois, devido à inexatidão do nome do destinatário (que todavia, através das deformações

dos funcionários italianos, compreendi ser o meu), pedia-se uma acusação de

recebimento

certificando que o telegrama era de fato para mim. Abri-o logo que cheguei ao meu quarto e,

lançando um olhar sobre o despacho coberto de palavras mal escritas, pude ler, no entanto: MEU

AMIGO VOCÊ ME JULGAVA MORTA, PERDOE-ME, ESTOU BEM VIVA, GOSTARIA DE VÊ-LO,

FALAR-LHE DE CASAMENTO, QUANDO VAI VOLTAR? CARINHOSAMENTE, ALBERTINE.

Então, passou-se comigo, de modo inverso, a mesma coisa que ocorrera em relação a

minha avó: quando soube de fato que ela havia morrido, a princípio não senti mágoa nenhuma. E

só havia sofrido efetivamente a sua morte quando as lembranças involuntárias a tornaram viva

para mim. Agora que Albertine, em meu pensamento, já não vivia para mim, a notícia de que ela

estava viva não me causou a alegria que eu teria imaginado. Albertine fora para mim apenas um

feixe de pensamentos, sobrevivendo à sua morte física enquanto esses pensamentos viviam em

mim; em compensação, agora que esses pensamentos estavam mortos, Albertine de modo algum

ressuscitava para mim com seu corpo. E, ao perceber que não me sentia alegre por saber que ela

vivia, que já não a amava, deveria ficar mais transtornado que alguém que, olhando-se num

espelho, depois de meses de viagem ou de doença, percebe que tem cabelos brancos e uma

nova fisionomia, de homem maduro ou de velho. Isso transtorna porque significa: o homem que

eu era, aquele rapaz louro, já não existe, eu sou outra pessoa. Ora, não é uma mudança

igualmente profunda, uma morte tão absoluta do "eu" que eu era, essa substituição tão completa

de um "eu" novo a esse "eu" tão antigo, quanto a visão de um rosto enrugado, coberto por uma

peruca branca, substituindo o rosto de antigamente? Mas não nos afligimos de nos termos

tornado um outro, devido à viagem no tempo e na ordem natural das coisas, mais do que nos

afligiríamos, certa época, por termos sido, alternativamente, indivíduos contraditórios, o lado,

sensível, o delicado, o patife, o desinteressado, o ambicioso, como, alternativamente, o somos a

todo dia. E o motivo pelo qual não nos afligimos por isso é o mesmo: o "eu" eclipsado-

momentaneamente, em último caso trata do caráter, ou para sempre; no primeiro caso, quando se

trata do passado estar presente para lastimar o outro; o outro que é, naquele momento diante,

todos nós; o patife sorri de sua patifaria, porque é patife; e o esquecido se entristece com sua falta

de memória, precisamente porque esquece. Eu teria sido incapaz de ressuscitar

Albertine porque

era incapaz de ressuscitar a mim mesmo, de ressuscitar o meu eu de antigamente. A vida,

seguida do hábito, que consiste em trabalhos incessantes e infinitamente pequenos dar a face da

terra, não me dissera no dia seguinte à morte de Albertine em pessoa; mas, através de mudanças

demasiado imperceptíveis para que desse conta dessa mudança, renovara quase tudo em mim,

de modo que o pensamento já estava habituado a seu novo senhor, meu novo "eu"-ao que esse

havia mudado; era a este que se apegara. Como vimos, minha Albertine e o meu ciúme se

apegavam à irradiação, por associação de certos núcleos de impressões doces ou dolorosas, à

lembrança da Srta. Vinteuil de Montjouvain, aos suaves beijos noturnos que Albertine me dava;

porém, à medida que tais impressões se haviam enfraquecido, o imenso das impressões, que elas

coloriam de um matiz angustiado ou terno, redargüiram neutros.

Uma vez que o esquecimento se apoderou de alguns pontos difíceis do sofrimento e do

prazer, a resistência do meu amor estava derrotada: amaria Albertine. Tentava lembrar-me dela.

Tivera um pressentimento dias depois da partida de Albertine, quando ficara assombrado por ter

perdido quarenta e oito horas sem ela. O mesmo havia sucedido quando eu outrora vira a

Gilberte, dizendo a mim mesmo: se isto continua por dois anos, deixarei de amá-la. E se, quando

Swann me pedira para rever Gilberte, aquilo me parecera incômodo quanto rever uma pessoa

morta, no caso de Albertine, a morte - eu julgara ser a morte, que fizera o mesmo trabalho que,

quanto à Gilberte, o rompimento.

A morte age da mesma forma que a ausência. O monstro da aparição, o meu amor

estremecera o esquecimento de fato, como eu acabara por devorá-lo. Não só essa notícia de que

ela vivia não despertou amor, não só ela me permitiu constatar o quanto já estava adiantado o

meu sentimento à indiferença, mas, instantaneamente, provocou nessa indiferença uma ação tão

brusca que indaguei a mim mesmo, retrospectivamente, se outrora parecia oposta, a da morte de

Albertine, rematando a obra de sua partida, não inversamente, exaltado o meu amor e retardado o

seu declínio. Assim, agitava-me ao sabê-la viva, e poder juntar-me a ela, tornavam-na de súbito

tão pouco prevenido, me indagava se as insinuações de Françoise, a própria ruptura, e até a

morada imaginária, porém acreditada real; não tinham prolongado o meu amor, de tal modo que

os esforços de terceiros e mesmo do destino, para nos separar de uma mulher fazem mais que

nos prender a ela. Agora, ocorria o contrário. Além do mais, tentei lembrar-me dela e, talvez por

precisar fazer apenas um sinal para tê-la junto a mim, a lembrança que me veio foi a de uma

garota já bem gorda, machona, em cujo rosto murcho já aflorava, como um germe, o perfil da Sra.

Bontemps. O que ela pudera ter feito com Andrée ou com outras já não me interessava. Eu não

sofria mais do mal que, durante tanto tempo, julgara incurável, o que, no fundo, poderia ter

previsto.

Decerto, a mágoa por uma amante e o ciúme sobrevivente são doenças físicas, da mesma

forma que a tuberculose ou a leucemia. Contudo, entre os males físicos, convém distinguir

aqueles causados por um agente puramente físico e os que só agem sobre o corpo através de um

intermediário, a inteligência. Especialmente se a parte da inteligência que serve de fio transmissor

é a memória - ou seja, se a causa é aniquilada ou se acha distante -, por mais cruel que seja o

sofrimento, por mais profundo que pareça o transtorno trazido ao organismo, é bem raro, pois o

pensamento é dotado de um poder de renovação, que os tecidos não possuem, que o prognóstico

não seja favorável. Ao término de um mesmo tempo necessário para que um doente, atacado de

câncer, acabe morrendo, é bem raro que um viúvo ou um pai inconsoláveis não estejam curados.

Eu estava pensando: Era então por essa moça, que eu revia naquele momento tão balofa, e que

certamente envelhecera, como tinham envelhecido as mocinhas que ela amara, era por essa que

eu deveria renunciar à deslumbrante jovem que consistia a minha recordação de ontem, minha

esperança de amanhã (e a quem eu não poderia dar mais coisa alguma, como tampouco a

qualquer outra, se me casasse com Albertine), renunciar a essa "nova Albertine", "não tal como a

viram os Infernos", "porém fiel, orgulhosa e até um pouco feroz"?

[As duas expressões entre aspas remetem a versos da *tragaee*, de Jean Ravine(ato II, cena V).]

Era ela quem me representava agora o que Albertine fora antigamente: meu amor por

Albertine não tinha sido mais que a forma passageira de minha devoção à juventude. Julgamos

amar uma jovem e, ai de nós, amamos em sua pessoa apenas aquela aurora cujo rubor o seu

rosto reflete momentaneamente.

Passou-se a noite.

De manhã, devolvi o telegrama ao porteiro do hotel dizendo que me fora

entregue por

engano e que não era para mim. Respondeu-me que, agora que o telegrama estava aberto, ele

teria dificuldades, era melhor que eu o guardasse; voltei a pô-lo no bolso, mas prometi a mim

mesmo agir como se jamais o tivesse recebido. Deixara em definitivo de amar a Albertine. De

modo que esse amor, depois de se afastar de tal modo do que eu previra, de acordo com meu

amor por Gilberte; depois de me ter feito dar um desvio tão longo e tão doloroso, acabava

também, ele que fora uma exceção, por ingressar, bem como o meu amor por Gilberte, na lei

geral do esquecimento.

Mas então pensei: interessava-me por Albertine mais que a mim mesmo; agora, não ligo

mais para ela porque deixei de vê-la durante algum tempo. Voltara meu desejo de não estar

separado de mim mesmo pela morte, de interesse na morte, esse desejo, todavia, não era como o

desejo de nunca estar sem Albertine, pois durava sempre. Decorreria isto do fato de eu me julgar

mais do que ela, do fato de que, quando a amava, amava mais a mim; mas decorria antes de que,

deixando de vê-la, tinha deixado de amá-la, porque os laços cotidianos comigo mesmo não foram

rompidos como o tinham sido por uma Albertine. Mas, se os laços com meu corpo, comigo

mesmo, também...? Certo, seria a mesma coisa. Nosso amor pela vida é apenas ligação da qual

não sabemos nos desvencilhar. Sua força está na sua pele. Mas a morte, que rompeu tal ligação,

nos há de curar do desejo da imortalidade?

Depois do almoço, quando não ia vaguear sozinho em Veneza, para sair com mamãe; e,

para pegar os cadernos onde tomaria anotações relativas a um trabalho que estava redigindo

sobre Ruskin, subia para o quarto na brusca mudança de direção das quinas da parede, fazendo-

a dobrar os ângulos; sentia as restrições ditadas pelo mar, e a parcimônia do solo. E descendo

para me reunir a mamãe, que me esperava, àquela hora em que, em Combray, era gozar o sol

bem pertinho, na escuridão mantida pelos postigos cerrados, e, alto a baixo da escadaria de

mármore, da qual, como se estivesse presente uma pintura do Renascimento, não se podia saber

se estava presa a um palácio, uma galeria, o mesmo frescor, a mesma sensação de esplendor

externo eram relacionados pelo toldo que se movia diante das janelas perpetuamente abertas, as

quais, numa incessante corrente de ar, a sombra morna e o sol esverdeado como sobre uma

superfície flutuante, evocavam a vizinhança móvel, a iluminação, e a espelhante instabilidade das

ondas. Com mais freqüência era para ir à São Marcos que eu saía, e com tanto mais prazer

quanto, visto ser preciso para tomar uma gôndola para chegar até lá, a igreja não mais

representava um simples monumento, e sim o termo de um trajeto sobre a água marinha e com a

qual São Marcos me formava um todo vivo e indivisível. Minha mãe e eu entrávamos no batistério,

ambos pisando os mosaicos de mármore e de pavimento, tendo diante dos olhos as amplas

arcadas, cujas superfícies róseas o tempo infletiu de leve, o que dá à igreja, nos pontos em que

resta o frescor desse colorido, o ar de ter sido construída de uma substância tenra e como a cera

de alvéolos gigantes; ao contrário, nos pontos em que existia a matéria, e onde os artistas a

perfuraram e a valorizaram com ouro, a igreja tinha de ser a preciosa encadernação de Veneza.

Vendo que eu precisava ficar tempo diante dos mosaicos que representam o batismo de Cristo,

minha mãe sentindo o frio gelado que percorria o batistério, colocou-me um xale nos ombros.

Quando eu estava com Albertine em Balbec, achava que ela descobria uma das ilusões

inconsistentes que ocupam o espírito de tantas pessoas que não pensam com

clareza, quando

ela me falava do prazer na minha opinião, com base em coisa nenhuma - que sentiria em ver

determinada pintura em minha companhia. Hoje, ao menos tenho certeza de que existe o prazer,

se não de ver, o de ter visto uma coisa bela com certa pessoa. Chega-me o instante em que,

quando me lembro do batistério, diante das ondas do rio Jordão em que São João imerge o Cristo,

enquanto uma gôndola nos esperava diante da Piazzetta, não me é indiferente que, nessa fresca

penumbra, houvesse a meu lado uma mulher coberta com seu luto, com o fervor respeitoso e

entusiasta da mulher idosa que se vê em Veneza na Santa Úrsula de Carpaccio, e que essa

mulher de faces avermelhadas, olhos tristes, com seus véus negros, e que nada poderá jamais,

para mim, fazer sair daquele santuário suavemente iluminado de São Marcos, onde estou certo de

reencontrá-la, pois ela tem seu lugar reservado e imutável como um mosaico, seja a minha mãe.

Carpaccio, a quem acabo de citar e que era o pintor ao qual, quando eu não trabalhava em São

Marcos, fazíamos visitas com mais freqüência, precisou um dia reanimar o meu amor por

Albertine. Eu via pela primeira vez *O Patriarca de Grado Exorcizando um Possesso*. Olhava o

admirável céu encarnado e violáceo, no qual se destacavam essas altas chaminés incrustadas,

cujo amplo formato e o rubro desabrochar de tulipas faz pensar em tantas Venezas de Whistler.

Depois meus olhos iam do velho Rialto em madeira àquela Ponte Vecchio do século XV,

de palácios de mármores ornados de dourados capitéis, voltavam ao Grande Canal, onde as

barcas são conduzidas por adolescentes vestidos de rosa, de gorros encimados por aigrettes,

semelhantes, a ponto de enganar, a um tal que de fato recorda Carpaccio nessa deslumbrante

Lenda de José de Sert, Strauss e Kessler.

Enfim, antes de deixar o quadro, meus olhos regressaram à margem, onde formigam

cenas da vida veneziana da época. Olhava o barbeiro enxugando sua navalha, o negro

carregando o seu tonel, as conversas dos muçulmanos, nobres senhores venezianos em amplos

brocados, em damascos, com gorros de veludo cor de cereja, quando senti, de repente, como que

um leve aperto no coração. Às costas de um dos companheiros da Calza, reconhecível pelos

bordados de ouro e pérolas que inscrevem em suas mangas ou coletes o emblema da risonha

confraria à qual eram filiados, eu acabava de identificar o casaco que Albertine usava quando fora

comigo à Versalhes em carro descoberto, na noite em que eu estava longe de pensar que apenas

quinze dias me separavam do momento em que ela iria embora de minha casa. Sempre disposta

a tudo, quando lhe pedira que partisse, naquele triste dia que ela deveria chamar, em sua última

carta, duas vezes crepuscular, visto que a noite caía e nós falamos em nos separar, ela atirava

aos ombros um casaco de Fortuny que levara consigo no dia seguinte e que, desde então, eu

jamais tornara a ver em minhas lembranças. Ora, era neste quadro de Carpaccio que o genial filho

de Veneza o utilizara, fora nas costas desse membro da Calza que o havia assinalado, a fim de

lançá-lo sobre tantas parisienses que decerto ignoravam, como eu até agora, que o modo num

grupo de cavalheiros, no primeiro plano do *Patriarca de Grado*, numas Academia de Veneza. Eu

reconhecera tudo e, tendo esquecido casaco, ao vê-lo, os olhos e o coração daquele que ia,

naquela noite, partir para ir com Albertine, fui invadido, durante alguns instantes, por um

sentimento, da dor, logo dissipado, de desejo e de melancolia.

Enfim, havia dias em que não nos contentávamos, mamãe e eu em irmos às igrejas e

museus de Veneza; assim, certa vez quando o tempo estava lindo, fomos até Pádua para rever

aqueles *Vícios e Virtudes de Swann* que me fornecera reproduções, provavelmente ainda

empilhadas nos estudos de Combray; depois de ter atravessado, em pleno sol, o jardim entrei na

capela dos Giotto, onde a abóbada inteira e o fundo dos afrescos azuis que parece que o dia

radioso também transpôs o limiar em composição ao visitante e veio, por um momento, descansar

seu firmamento puro na som frescor; céu puro, apenas um pouquinho mais carregado por se ver

ali durações da luz, como nesses breves intervalos com que se interrompem belos dias, quando,

sem que se tenha visto qualquer nuvem, tendo o sol por um instante, o olhar para outra parte, o

azul mais suave ainda, se ensombrecer.

Neste céu transposto para a pedra azulada, voavam anjos que eu via pela primeira vez,

pois o Sr. Swann só me dera reproduções dos *Vícios e Virtudes*, e os afrescos que recompõem a

história de *Cristo e da Virgem Maria*. Pois bem; dos anjos reencontrei a mesma impressão de

ação efetiva, literalmente real, haviam dado os gestos da *Caridade ou da Inveja*. Com todo o

fervor celeste menos, na sabedoria e aplicação infantis com que juntam as mãozinhas, os são

representados na Arena. Porém como voláteis de uma espécie particular se de fato haja existido,

devendo ter figurado na história natural dos tempos bíblicos dos evangélicos. São criaturinhas que

não cessam de voltear diante dos santos quando estes passeiam; sempre existem alguns

largados acima deles, e, como são reais e efetivamente voadoras, vemo-las se elevar, descrever

curvas, e *loopings* com a maior facilidade, arremessando-se contra o solo de cabeça baixo, a

poder de asas que lhes permitem manterem-se em posições contrárias as leis da gravidade; e

lembram muito mais uma variedade extinta de jovem alunos de *Garros* exercitando-se em vôo

planado, do que anjos da Renascença e das épocas seguintes, cujas asas não são mais que

emblemas, a atitude em geral é a mesma das personagens celestes que não voam.

[Roland Garros, oficial e aviador francês (1888-1918). Seu nome hoje é dado a um torneio de tênis

(N. do T)]

Voltando ao hotel, eu encontrava mulheres jovens que, sobretudo oriundas da Áustria,

vinham à Veneza, passar os primeiros dias bonitos daquela primavera sem flores. Entre elas havia

uma, cujas feições não se pareciam com as de Albertine, mas que me agradava pela mesma

frescura de tez, pelo mesmo olhar risonho e fácil. Em breve senti que principiava a lhe dizer as

mesmas coisas que dizia no começo à Albertine, que fingia a mesma contrariedade quando ela

dizia não poder ver-me no dia seguinte, pois ia a Verona, e imediatamente, sentia também

vontade de ir a Verona. Aquilo não durou; ela devia voltar para a Áustria, e eu não a veria nunca

mais, mas, já vagamente ciumento, como somos quando principiamos a ficar apaixonados, ao

contemplar seu rosto enigmático e encantador, eu me indagava se ela igualmente gostava de

mulheres, se o que possuía em comum com Albertine, essa claridade de pele e de olhares, esse

ar de franqueza amável que seduzia todo mundo e que se referia mais ao fato de ela não procurar

de modo algum conhecer os atos das pessoas que absolutamente não a interessavam, do que à

confissão dos seus, que ela ao contrário dissimulava debaixo das mentiras mais pueris;

perguntava-me se tudo isso constituía o caráter morfológico da mulher que ama as mulheres.

Seria isto que, nela, sem que eu pudesse entender racionalmente porquê, exercia atração sobre

mim, provocava minhas inquietações (talvez causa mais profunda de minha atração pelo que

carrega em direção ao que fará sofrer), dava-me, quando a via, tanta satisfação e tristeza, como

esses elementos magnéticos que não enxergamos e que, presentes na atmosfera

de certas

regiões, fazem-nos sentir tanto incômodos? Ai de mim, nunca o saberei. Quando tentava ler em

seu rosto, gostaria de lhe falar: "Deveria dizer, isto me interessaria para que eu ficasse

conhecendo uma lei de história natural humana", mas ela jamais o diria; ao que parecia,

professava por esse vício um horror especial, e mostrava uma grande frieza para com as amigas

mulheres.

Talvez isso fosse mesmo a prova de que ela tinha algo a esconder, talvez lhe fizessem

gracejos ou a envergonhassem por causa disso, e que o ar que assumia para evitar que

achassem aquilo dela era como o afastamento revelador que os animais adotam em relação às

pessoas que lhes batem. Quanto a me informar acerca de sua vida, era impossível; mesmo no

caso de Albertine, quanto tempo levei para saber alguma coisa! Fora necessária a sua morte para

que as línguas se soltassem, de tal modo Albertine conservava prudente circunspecção em seu

comportamento, exatamente como essa jovem mulher! E, mesmo acerca de Albertine, estaria eu

seguro de saber alguma coisa?

E depois, ainda que as condições de vida que mais desejamos se tornem

indiferentes para

nós, caso deixemos de amar a pessoa que, contra a nossa vontade, fazia que as desejássemos

visto que permitiam que vivêssemos perto dela, que lhe agradássemos dentro do possível, dá-se

o mesmo com certas curiosidades intelectuais. A importância científica que eu via em saber o tipo

de desejo que se escondia sob as pétalas debilmente rosadas daquelas faces, na claridade

brilhante sem sol como diante da manhã, daqueles olhos pálidos, naquelas jornadas referidas se

desvaneceria sem dúvida quando eu deixasse completamente Albertine, ou quando deixasse de

amar de todo aquela jovem mulher.

À noite eu saía sozinho, no meio da cidade encantada, onde passeava entre quarteirões

novos como um personagem das *Mil e uma noites*. Era que não descobrisse, ao acaso de meus

passeios, algum lugar desse espaçoso do qual nenhum guia ou viajante me havia falado. Estava

metido em rede de pequenas ruelas, de *cal i.* A noite, com suas altas chaminés das quais o sol

confere os mais vivos tons róseos, os vermelhos mais brilhantes; um jardim que floresce acima

das casas, com matizes tão variados quase plantado sobre a cidade, o jardim de um amador de

tulipas de Delft, além disso, a extrema proximidade das casas fazia de cada janela o quadro que

devaneava uma cozinheira que por ele olhava, ou o de uma moça, que, mandava que penteasse

os seus cabelos uma velha cujo rosto, adivinha uma sombra, era o de uma feiticeira. Tal

proximidade fazia como que uma exposição de cem quadros holandeses justapostos, de cada

residência pobre e silenciosa próxima devido à grande estreiteza desses *cal i.* Comprimidos uns

contra os outros, esses *cal i* dividiam em todos os sentidos, com suas ranhuras, a Veneza

recortada entre um canal e a laguna, como se esse pedaço estivesse alisado segundo essas

fórmulas inumeráveis, tênues e minuciosas. De repente da extremidade de uma dessas ruelas,

parece que se produziu uma distensão de matéria cristalizada. Um vasto e suntuoso campo, cuja

importância certamente não poderia adivinhar no meio desse emaranhado de pequenas ruas,

nem localizá-lo, estendia-se à minha frente, cercado de fascinantes palácios, pálido luar. Era um

desses conjuntos arquitetônicos para os quais, em outra cidade as ruas convergem, conduzem-

nos e os designam. Aqui, parecia escondido de propósito num cruzamento de ruelas, como esses

palácios dos contos orientais ao ser conduzido, à noite, alguém que, transportado

de volta para

casa ao amanhecer, deve poder reencontrar a morada mágica, na qual acaba por crer que esteve

em sonhos.

No dia seguinte eu partia em busca da minha bela praça; seguia os canteiros, todos

semelhantes, e que se recusavam a dar a menor informação salvo para melhor me extraviar. Por

vezes, um vago indício que eu julgava crer, fazia-me supor que veria aparecer, em sua clausura,

silêncio e solidão, a praça exilada. Nesse momento, algum gênio mau, que assumira a aparência

de uma nova *cal e*, fazia-me arrepiar no caminho contra a vontade, e eu subitamente me achava

reconduzido ao Grande Canal. E, como não há grandes diferenças entre a lembrança de um

sonho e a de uma realidade, acabava por indagar-me se não fora durante o sono que se

produzira, num bloco sombrio de cristalização aquela estranha flutuação oferecida por uma vasta

praça, rodeada de palácios românticos, à prolongada meditação do luar.

Mas o desejo de não perder para sempre certas mulheres, bem mais do que certas praças,

sustentava em mim, em Veneza, uma agitação que se tornou febril no dia em que minha mãe

decidiu que partiríamos, quando, no fim do dia, ocasião em que nossas malas já

tinham sido

expedidas em gôndola para a gare, li num registro de estrangeiros aguardados no hotel: Baronesa

Putbus e comitiva. Imediatamente, a idéia de todas as horas de prazer carnal, que a nossa partida

me faria perder, fez elevar esse desejo que existia em mim em estado crônico, à altura de um

sentimento, mergulhando-o em incerteza e melancolia; pedi a mamãe que adiássemos a partida

por alguns dias; e o modo como ela nem por um instante sequer levou em consideração, e nem

mesmo a sério, o meu pedido, despertou em meus nervos, excitados pela primavera veneziana,

aquele antigo desejo de resistência a um complô imaginário, tramado contra mim por meus pais

que pensavam seria eu afinal obrigado a obedecê-los essa vontade de lutar que me impelia

outrora a impor brutalmente a minha vontade àqueles a quem mais amava, arriscando-me a me

conformar com a deles, após tentar fazer com que cedessem.

Disse a mamãe que não partiria, mas ela, achando mais hábil não dar impressão de

pensar que eu dizia aquilo a sério, sequer me respondeu. Retruquei que ela veria se eu falava a

sério ou não. O porteiro trouxe três cartas, duas para ela e uma para mim, que coloquei na

carteira, em meio a todas as outras, sem mesmo olhar o envelope. E quando chegou a hora em

que, seguida de toda a minha bagagem, ela partiu para a estação, mandei vir uma bebida ao

terraço, e ali me instalei contemplando o pôr do sol, enquanto, numa barca parada diante do hotel,

um músico entoava o “Sole mio." O sol continuava a baixar.

[*Sole mio*: ,célebre canção napolitana, composta em 1898 por Edoardo di Capua, com letra de

Giovanni CaPurro, (N. do T)]

Agora, minha mãe não devia estar muito longe da estação. Em breve partiria, eu ficaria

sozinho em Veneza, a sós com a tristeza de sabê-la magoada por minha culpa, e sem a presença

para me consolar. Aproximava-se a hora da partida do trem. Minha solidão irrevogável estava tão

próxima que já me parecia principiada e total. Pois eu não me sentia sozinho, as coisas se me

tinham tornado estranhas, já não dispunha de calma suficiente para sair do meu coração

palpitante e introduzir nelas um pouco de estabilidade. A cidade que estava à minha frente deixara

de ser Veneza. Sua personalidade, seu nome, pareciam-me ficções mentirosas que eu já não

tinha coragem de inculcar às pedras. Os palácios surgiam-me reduzidos às suas meras partes e

quantidades de mármore semelhantes a todas as outras, e a água era uma combinação de

hidrogênio e azoto (antigo nome do nitrogênio), eterna, cega, anterior e exterior a Veneza,

ignorante dos *doges e de Tuner*.

E todavia esse lugar era estranho como um lugar ao qual acabássemos de chegar, que

nos conhece, como um lugar de onde partimos e que já nos esquecemos; não podia dizer-lhe

mais nada a meu respeito, não podia deixar mais nada de pousar nele, ele me contraía sobre mim

mesmo, eu não era mais que tambor batendo e uma atenção que se seguia ansiosamente o

desenrolar dos mais que eu desesperadamente prendesse minhas idéias à bela curva cara da

ponte do Rialto, ela me surgia com a mediocridade da evidência, ponto não só inferior mas tão

estranho à idéia que formava dele, como um apesar da peruca loura e da roupa negra, sabemos

perfeitamente que, em essência, não é Hamlet.

Desse modo, os palácios, o Canal, o Rialto se desprovidos da idéia que compunha a sua

individualidade, e dissolvidos em vulgares elementos materiais. Mas, ao mesmo tempo, esse lugar

me parecia longínquo. No lago do Arsenal, também devido a um elemento de latitude, existia a

singularidade das coisas que, mesmo aparentemente às do nosso país, revelam-se estranhas,

exiladas sob outros céus; eu sendo esse horizonte, tão próximo que poderia atingi-lo em uma

hora, era uma Terra completamente diversa da dos mares da França, uma curvatura que se

encontrava, pelo artifício da viagem, atracada perto de mim; de modo que esse lago do Arsenal, a

um tempo insignificante e longínquo, enchia-me mistura de mágoa e de terror que eu havia

experimentado bem criança, da vez em que acompanhei minha mãe aos banhos Deligny.

[Banhos Deligny - piscinas públicas instaladas à margem do rio Sena, em Paris. (N. do T)]

De fato, no local formado por uma água escura que nem o céu nem o sol recobriam, no

entanto, comprimida em cabines, sentíamos comunicar-se com o invisível! Profundezas cobertas

de corpos humanos de calção, eu me perguntava se essas profundezas, ocultas aos mortais pelas

barracas, que nem mesmo permitiam as adivinhássemos da rua, não seriam a entrada dos mares

glaciais que ali copiavam; se os pólos não estariam ali compreendidos; e se aquele estreito não

era precisamente o mar livre do pólo. Essa Veneza sem simpatia por mim; eu ia ficar sozinho, não

me parecia menos isolada, menos irreal, e era a aflição que o canto do *Sole mio*,

elevando-se

como um lamento da Veneza que havia conhecido, parecia tomar como testemunha. Sem dúvida,

seria preciso deixar de ouvi-lo se eu quisesse ainda juntar-me à mamãe e tomar o trem com ela;

preciso decidir, sem perda de tempo, que eu partiria, mas era isso justamente o que eu não podia;

permanecia imóvel, sem ser capaz não só de erguer-me, porém resolver se o faria. Meu

pensamento, sem dúvida para não ter de tomar uma ação, ocupava-se inteiramente em seguir o

fraseado sucessivo dos versos de *Sole mio,* em acompanhar mentalmente a voz do cantor, em

prever o impulso para arrebatá-la, em deixar-me também seguir com ela; para com ela depois

igualmente recair. Sem dúvida, esse canto insignificante, ouvido cem vezes, de modo algum me

interessava.

Eu não podia agradar a ninguém, nem a mim mesmo, ouvindo-o religiosamente até o fim.

Afinal, nenhum dos motivos dessa canção vulgar, que antecipadamente já conhecia, era capaz de

me fornecer a resolução de que eu precisava; mais ainda, cada uma dessas frases melódicas, ao

passar por sua vez, tornava-se um obstáculo a que eu tomasse eficazmente essa resolução, ou

melhor, obrigava-me à resolução contrária de não partir, pois me fazia perder a hora. Por isso,

essa ocupação de ouvir o *Sole mio,* sem prazer em si mesma, carregava-se de uma tristeza

profunda, quase desesperada. Eu bem sentia que, na realidade, era a resolução de ficar ali sem

me mexer; porém, dizer comigo: "Não parto", o que não me era possível sob esta forma direta, já

o era sob esta outra: "Vou ouvir ainda uma frase do *Sole mio*"; mas o significado prático dessa

linguagem figurada não me escapava; e, sempre repetindo para mim mesmo: "Afinal, não faço

outra coisa senão escutar uma frase a mais", sabia que isto queria dizer: "Ficarei sozinho em

Veneza." E talvez fosse essa tristeza, como uma espécie de frio entorpecedor, que formava o

encanto desesperado, porém fascinante, daquela canção. Cada nota soltada pela voz do cantor,

com uma força e uma ostentação quase musculares, vinha ferir-me em cheio o coração. Quando

a frase se consumava em tom grave e o trecho parecia terminado, o cantor não se dava por

satisfeito, e recomeçava em tom agudo, como se necessitasse proclamar, uma vez mais, a minha

solidão e o meu desespero. Minha mãe já devia ter chegado à estação. Em breve partiria. Eu me

sentia oprimido pela angústia que me causava, com a vista do canal tornado

pequenino desde

que a alma de Veneza dele se evolara, e do Rialto banal que já não era o Rialto, esse canto de

desespero em que se tornara o *Sole mio* e que, clamando assim diante de palácios

inconsistentes, acabava por esmigalhá-los, consumando a ruína de Veneza; eu assistia à lenta

realização de minha desgraça artisticamente construída, sem pressa, nota por nota, pelo cantor

que olhava com espanto o sol parado diante de *São Jorge Maior*, de forma que essa luz

crepuscular devia fazer para sempre, em minha memória, com o frêmito de minha emoção e a voz

de bronze do cantor, um amálgama equívoco, imutável e pungente.

Assim, permanecia imóvel, com a vontade dissoluta, sem aparente decisão; sem dúvida,

nesses momentos, a decisão já está tomada; nossos próprios amigos podem muitas vezes prevê-

la. Porém nós de modo algum o podemos e, a não ser isso, tantos sofrimentos nos seriam

poupados.

Mas enfim, de abismos mais obscuros do que esses de onde se lança o cometa que

podemos prever graças à inesperada potência defensiva do hábito inveterado, graças às reservas

ocultas que, num súbito impulso, ele atira à luta à última hora surgia minha ação: desatei a correr

e cheguei com as portinholas já cerradas, mas a tempo de encontrar minha mãe, rubra de

emoção, contendo-se para não chorar, pois achava que eu já não viria. Depois o trem partiu e vi a

seguir, Verona se aproximarem do trem, despedirem-se de nós a estação e, enquanto nos

afastávamos, recuperarem elas que não partiam o mar de sua vida-, uma, seus campos, e a outra,

a sua colina.

As horas passavam. Minha mãe não se apressou a ler as duas cartas, apenas abrira e

procurava também evitar que eu pegasse logo a carteira aquela que o porteiro do hotel me

entregara. Continuava receando que eu me cansasse durante as viagens muito longas e

cansativas, e adiava para o mais tarde possível, me ocupar durante as últimas horas, o momento

em que desembrulhara os cozidos, me passaria os jornais, abriria o pacote de livros que comprara

sem dizer nada.

Primeiro, olhei minha mãe: lia a sua carta com espanto, depois a cabeça, e seus olhos

pareciam pousar, alternadamente, em lembranças incompatíveis, e que ela não conseguia

conciliar. Entretanto, eu havia reconhecido a caligrafia de Gilberte em meu envelope. Abri-o.

Gilberte me anunciava seu casamento com Robert de Saint-Loup. Dizia que me havia telegrafado

para vários lugares em Veneza, e não obtivera resposta. Lembrei-me como me haviam dito que o

telégrafo de lá era ruim. Jamais recebera o seu telegrama. Talvez não acreditasse nisso.

De repente, senti em meu cérebro um fato, que aí instalado sob fiel lembrança, deixava

seu lugar e o cedia a outro. O telegrama que eu ultimamente recebera, e que julgara ser de

Albertine, era de Gilberte. Como a originalidade artificial da escrita de Gilberte consistia

principalmente, quando ela traçava uma linha, fazer figurar, na linha superior, as barras do

telegrama que davam a impressão de sublinhar as palavras ou os pingos dos *i* que pareciam

interromper as linhas de cima e, em compensação, intercalar, na linha de baixo, as caudas e das

palavras que lhe estavam superpostas - fora bem natural que o empregado dos telégrafos tivesse

lido os caracóis dos *ss* ou dos *yy* da linha superior como *rrr* que terminasse o nome de Gilberte. O

pingo sobre o *i* de Gilberte subira para reticências. Quanto ao *G*, tinha o ar de um *A* gótico. Que,

fora isso, duas palavras tivessem sido mal lidas, tomadas umas pelas outras (algumas, ali haviam

parecido incompreensíveis), isso era o bastante para explicar os restos do meu

erro, e nem

mesmo isso era necessário. Quantas letras não lê, em palavra, uma pessoa distraída e sobretudo

predisposta, que parte da idéia de que, carta é de uma certa pessoa? Quantas palavras na frase?

Adivinha-se ao ler, criar tudo parte de um erro inicial. Os erros que se seguem (e não é apenas na

leitura de cartas e de telegramas, ou em toda leitura), por mais extraordinários que possa parecer

àquele que não adota o mesmo ponto de partida, são perfeitamente naturais. Uma boa parte

daquilo em que acreditamos (e o mesmo ocorre até nas expressões extremas), com teimosia e

boa-fé idênticas, decorre de um engano quanto às premissas.

CAPÍTULO QUARTO

Novo Aspecto de Robert de Saint-Loup

- Oh, é incrível - disse mamãe. - Escuta, a gente já não se espanta de nada na minha

idade, mas eu te afirmo que não existe mais inesperado que a notícia que esta carta me anuncia.

- Ouve bem - respondi -, não sei do que se trata, mas por mais espantoso que possa ser

isso, não pode sê-lo tanto quanto a notícia que me dá a minha carta. É um casamento. Trata-se

de Robert de Saint-Loup que se casa com Gilberte Swann.

- Ah! - disse mamãe. - Então é o que me anuncia, sem dúvida, a outra carta, a

que ainda

não abri, pois reconheci a escrita do teu amigo.-

E mamãe me sorriu com essa leve emoção de que desde que perdera a mãe, revestia-se

todo acontecimento, por insignificante que fosse, que interessasse criaturas humanas capazes de

dor, de recordação, e que também tivessem seus mortos. Assim, mamãe me sorriu, e falou com

voz doce, como se receasse, comentando de forma ligeira esse casamento, omitir o que ele

pudesse despertar, de impressões melancólicas, na filha e na viúva de Swann, e na mãe de

Robert, prestes a separar-se de seu filho, e às quais, por bondade, por simpatia diante da

bondade delas para comigo, emprestava sua própria emotividade filial, conjugal e materna.

- Não tinha razão em te dizer que não acharias nada mais espantoso? - disse-lhe eu.

- Pois bem, achei sim! - respondeu ela com voz doce.

- Eu é que tenho a notícia mais extraordinária, não direi "a maior, a menor", pois esta

citação de Sévigné, feita por todas as pessoas que dela só conhecem isso, desgostava a tua avó

tanto quanto "a bela coisa que é perder o viço". Não nos dignemos a recolher este Sévigné de

todo o mundo. Esta carta me anuncia o casamento do jovem Cambremer.

– Ora - disse eu com indiferença e com quem? Mas, em todo caso, a personalidade do

noivo já retira todo o caráter sensacional a esse casamento.

- A menos que a da noiva não lhe assegure esse caráter.

- E quem é a noiva?

- Ah, se te digo imediatamente, não há mérito algum; ora, vamos, pensa um pouco - disse

mamãe, que, vendo que ainda não tínhamos chegado a Turim, desejava deixar-me como que um

pouco de pão para roer e de licor de pêra a fim de matar a sede.

- Mas como queres que eu saiba? Será alguém brilhante? Se Legrandin e a irmã estão

satisfeitos, podemos estar certos de que se trata de um casamento brilhante.

- Quanto a Legrandin, não sei, mas a pessoa que me anuncia o casamento diz que a Sra.

de Cambremer está deslumbrada. Não sei se chamarias a isso um casamento brilhante. A mim,

causa-me o efeito de um casamento dos tempos em que os reis desposavam as moças e no caso

a pastora é ainda menos que isso, apesar de encantadora, deveria ter deixado estupefata a tua

avó e não lhe agradaria nada.

- Mas, afinal, que noiva?

- É a Srta. d'Oloron.

- Isso me parece grandioso e nada pastoril, adivinho quem possa ser. É um título

que

pertence à família dos Guermantes. Justamente, e o Sr. de Charlus o doou à sobrinha de Jupien,

ao adotá-la. É ele se casa com o jovem Cambremer.

- A sobrinha de Jupien! Não é possível recompensa da virtude. É um casamento como no

final de um romance. - disse mamãe.

"É o prêmio do vício, é um casamento como no final romance de Balzac", pensei.

- Afinal de contas - disse eu à minha mãe - bem, é muito natural.

- Aí estão os Cambremer ancorados nesse clã dos Guermantes onde não esperavam

poder jamais assentar acampamento; além do mais, a adotada pelo Sr. de Charlus, terá muito

dinheiro, o que será indispensável que os Cambremer perderam o seu; enfim, é filha adotiva e,

segundo outros provavelmente filha verdadeira - filha natural - de alguém que eles consideravam

como príncipe de sangue. Um bastardo de casa quase real; isto sempre foi honrado como uma

aliança lisonjeira pelos nobres da França e do exterior. Sem ir tão longe; pertinho de nós, há seis

meses apenas entre os Lucinge, um casamento do amigo de Robert com aquela moça cuja única

razão social supunham, certo ou erroneamente, filha natural de um príncipe soberano. Sem deixar

de lado esse sentido de castas de Combray, que faria com que minha avó se escandalizasse com

tal casamento, querendo acima de tudo o julgamento de sua própria mãe – acrescentei.

- Aliás, a menina é perfeitamente querida de tua avó, nem precisaria de sua imensa

bondade, de sua indulgência para não ser severa com a escolha do jovem Cambremer. Lembras-

te o quanto havia achado distinta essa pequena, faz muito tempo, no dia em que entrou na casa

de Jupien para coser a saia? Não passava de uma criança, à época E apesar de bem mais

madura e até solteirona, é outra mulher, mil vezes mais. Mas a tua avó, num relance, discernira

tudo isso. Achara a pequena sobrinha do coleteiro mais "nobre" que o duque de Guermantes.-

Mais ainda que louvara minha avó, era preciso à minha mãe achar "melhor" para ela já não estar

presente a isso. Era a suprema finalidade de sua ternura, e como se lhe poupasse com um último

desgosto. - E todavia - disse mamãe - imagina se o velho Swann (que conheceste, é verdade)

seria capaz de adivinhar que um dia haveria de ter um bisneto ou uma bisneta em que se

misturasse o sangue da tia Moser, que "Pom tia, zenhorres" com o sangue do duque de Guise!

- Mas olhe, mamãe, é mais espantoso do que pensas. Pois os Swann eram

pessoas muito

simpáticas com a situação que tinha o filho, se tivesse feito um bom casamento, sua filha poderia

ter feito um ótimo. Mas tudo deu em nada, visto que ele se casou com uma cocote.

- Oh! Uma cocote, sabes, as pessoas podem ser maldosas. Jamais acreditei muito nisso.

- Sim, uma cocote, outro dia até posso te fazer revelações... de família. -

Perdida em seu devaneio, mamãe dizia:

- A filha de uma mulher que teu pai jamais teria permitido que eu cumprimentasse,

desposando o sobrinho da Sra. de Vil eparisis, que teu pai, a princípio, não permitia que eu

visitasse, porque a julgava pertencer a uma sociedade brilhante demais para nós! - E depois: - O

filho da Sra. de Cambremer, para quem Legrandin tanto receava ter de nos dar uma

recomendação porque nos considerava pouco chiques, desposando a sobrinha de um homem

que nunca teria ousado subir à nossa casa senão pela escada de serviço... Ainda assim, tua

pobre avó tinha razão, tu te lembras, quando dizia que a grande aristocracia fazia coisas que

haveriam de chocar os pequeno-burgueses, e que a rainha Maria Amélia, na sua opinião, se

rebaixara, interessando-se junto à amante do príncipe de Condé, para que ela o

fizesse testar em

favor do duque de d'Aumale. Tu te lembras, tua avó também se sentia chocada pelo fato de que,

durante séculos, as moças da família Gramont, que foram verdadeiras santas, tenham usado o

nome de Corisande em memória da ligação de uma de suas avós com Henrique IV. São coisas

que talvez também se façam na burguesia, porém mais escondido. Achas que isso teria divertido

a tua pobre avó? - dizia mamãe com tristeza, pois as alegrias que lamentávamos não estarem

mais ao alcance de minha avó eram as mais simples da vida, uma notícia, uma peça, menos que

isso, uma "imitação" que a teria divertido. - Achas que ela teria ficado espantada? No entanto,

estou certa de que isso teria chocado a tua avó, esses casamentos, tudo isso lhe teria sido

penoso. Acho que mais vale que não tenha sabido de nada - repetiu minha mãe, pois, diante de

qualquer acontecimento, gostava de imaginar que minha avó tivesse dele uma impressão muito

particular, devido à maravilhosa singularidade de sua natureza, e que tinha uma importância

extraordinária. Em face a qualquer acontecimento triste, que antigamente não teria sido possível

prever, alguma calamidade pública, uma epidemia, uma guerra, uma revolução, minha mãe dizia

consigo que talvez fosse preferível que minha avó não tivesse visto nada daquilo, que aquilo a

deixaria muito aflita e que talvez ela não pudesse suportá-lo. E, quando se tratava de uma coisa

chocante como essa, minha mãe, por um movimento de coração inverso ao dos malvados que se

comprazem em imaginar que seus inimigos sofreram mais do que se pensa, não queria, em sua

ternura por minha avó, admitir que nada que fosse triste, ou que a diminuísse, pudesse atingi-la.

Imagina sempre minha avó como estando acima de qualquer mal que ocorresse, dizia consigo

que a morte de minha avó, afinal, talvez houvesse sido um bem, poupando o espetáculo

demasiadamente feio do tempo atual a essa natureza tão nobre que teria se resignado a tanto.

Pois o otimismo é a filosofia do passado. Como, entre todos os possíveis, os acontecimentos

ocorridos eram os únicos que apreciaríamos, o mal que nos causaram parece-nos inevitável, e o

pequeno bem não puderam deixar de trazer consigo, atribuímo-lo a eles, pensando que não se

teriam produzido. Ela procurava adivinhar melhor o que teria sentido minha avó ao saber dessas

notícias e, ao mesmo tempo, julgava que tal adivinhava ser impossível para os nossos espíritos

menos elevados que o dela. - Imaginando logo - mamãe disse - como tua pobre

avó teria ficado

espantada! - E eu sentia o pensamento de minha mãe por não poder contar-lhe nada, lastimando

que minha vida pudesse conhecer, e achando um tanto injusto que a vida trouxesse fatos em que

minha avó não teria podido acreditar, tornando assim, retrospectivamente, falso e incompleto o

conhecimento que ela levara das pessoas e da sociedade, pois o casamento da sobrinha de

Jupien com o sobrinho de Legrandin, natureza a modificar as noções gerais de minha avó, tanto

quanto a notícia de minha mãe pudesse transmiti-la de que se conseguira resolver o problema;

minha avó julgara insolúvel, da navegação aérea e do telégrafo sem fio. Mesmo que esse desejo

de fazer minha avó partilhar os benefícios de nossas vidas logo pareceu extremamente egoísta a

minha mãe. O que fiquei sabendo pudera assistir a tudo isso de Veneza-é que a Srta. de

Forchevil e tinha sido em seu casamento pelo duque de Châtel erault e pelo príncipe de Silistrie,

ao pai de Saint-Loup tentava casar-se com a Srta. d'Entragues, filha do duque de Luxemburgo.

Eis o que se passara. Tendo a Srta. de Forchevil e uma fortuna de cem milhões; a Sra. de

Marsantes pensara que seria um bom casamento para seu filho. Com o erro de dizer que se

tratava de uma jovem encantadora, que ignorava totalmente se ela era rica ou pobre, e nem

queria sabê-lo; mas que, mesmo sem dote, a sorte para o rapaz mais exigente alcançar uma

mulher assim. Era muita ambição para uma mulher tentada apenas pelos cem milhões, que lhe

fechavam quanto ao resto. Logo se percebeu que ela pensava no dinheiro para a princesa de

Silistrie reclamou em altos brados por toda parte, divulgou as falências de Saint-Loup, e

proclamou que, se Saint-Loup desposasse a filha de um judeu, não haveria mais o faubourg

Saint-Germain. Por muito segura, mesma que estivesse, a Sra. de Marsantes não ousou ir além e

se retirou com os gritos da princesa, a qual imediatamente fez o pedido para o seu próprio. Gritara

apenas para reservar Gilberte para si própria. Entretanto, a Sra. de Marsantes não querendo ser

derrotada, logo se voltou para a Srta. d'Entragues, filha de Luxemburgo. Tendo apenas vinte

milhões, esta convinha-lhe menos; ela, disse a todos que um Saint-Loup não podia casar-se com

uma Swann (já tratava de uma Forchevil e). Algum tempo depois, quando alguém falou,

estritamente, que o duque de Châtel erault pensava em desposar a Srta. D'Entragues. Srta. de

Marsantes, que era suscetível como ninguém, mudou suas batalhas e retornou a

Gilberte,

mandou pedi-la em casamento para Saint-Loup o que celebrou-se imediatamente.

Esse noivado despertou vivos comentários nas mais diferentes rodas. Várias amigas de

minha mãe, que tinham visto Saint-Loup em nossa casa, compareceram no seu "dia" para se

informar se o noivado era justo aquele amigo meu. Certas pessoas chegavam a afirmar, no caso

do outro casamento, que não se tratava dos Cambremer-Legrandin. Sabia-se de boa fonte, pois a

marquesa, Legrandin de nascimento, o desmentira na própria véspera do dia em que o noivado se

publicara.

De minha parte, eu indagava a mim mesmo por que o Sr. de Charlus, por um lado, e Saint-

Loup, por outro, que tinham tido ocasião de me escrever pouco antes, haviam-me falado de

projetos tão amistosos de viagens e cuja realização deveria excluir a possibilidade de tais

cerimônias, sem se referirem a tais casamentos. Concluía eu daí, sem sonhar com o segredo que

se guarda até o fim sobre esse tipo de coisas, que era menos chegado a eles do que imaginava, o

que, no tocante a Saint-Loup, me entristecia. Também, tendo reparado que a amabilidade, o jeito

franco, "de igual para igual", da aristocracia era uma comédia, porque me espantava o ser

excluído? Na casa de mulheres onde cada vez mais se procuravam homens - onde o Sr. de

Charlus surpreendera Morel e onde a "subdiretora", que lia muito o Gaulois, comentava as

notícias mundanas, ela, falando a um cavalheiro gordo, que ali vinha beber continuamente

champanha na companhia de rapazes, porque, já muito obeso, queria se tornar bastante obeso

para estar certo de não ser "pego" em caso de guerra, declarou:

- Parece que o pequeno Saint-Loup também é desse jeito, e o jovem Cambremer

igualmente.

- Pobres esposas! Em todo caso, se o senhor conhece esses noivos, precisa trazê-los

aqui; pois aqui eles encontrarão tudo o que quiserem, e há muito dinheiro a ganhar com eles. -

Ao que o senhor gordo, embora ele próprio fosse desse jeito, protestou, retrucando, um

tanto esnobe, que muitas vezes tinha encontrado Saint-Loup e Cambremer na casa de seus

primos d'Ardonvil ers, e que eles eram grandes apreciadores de mulheres e bem o oposto desse

jeito.

- Ah - concluiu a sub-diretora em tom cético, mas sem possuir nenhuma prova e

convencida de que, no nosso século, a perversidade dos costumes vai de par com

o absurdo

calunioso dos mexericos.

Certas pessoas com quem não estive me escreveram indagando o que é que eu pensava

acerca dos dois casamentos, exatamente como se tivessem iniciado uma enquete sobre o

tamanho dos chapéus das mulheres no teatro ou sobre o romance psicológico. Não tive coragem

de responder a essas cartas. Dos dois casamentos eu não pensava nada, mas sentia uma imensa

tristeza, como ocorre quando duas partes de nossa existência antiga, atracadas junto a nós, e

sobre as quais depositáramos no dia-a-dia. Preguiçosamente talvez, alguma esperança

inconfessa, se afastam em definitivo, num alegre estalar de flâmulas, para destinos estranhos,

como dois navios. Quanto os próprios interessados, tiveram a respeito de seus casamentos uma

opinião natural, pois tratava-se deles e não dos outros. Jamais tinham escarnecido acerca desses

"grandes casamentos" fundados numa tara secreta.

E até os Cambremer, de casa tão antiga e de pretensões tão modestas, teriam primeiro a

esquecer Jupien e a se lembrar apenas das grandezas inauditas de Oloron, caso não ocorresse

uma exceção na pessoa que mais deveria lisonjeada com esse casamento, a

marquesa de

Cambremer-Legrandin, malvada por natureza, punha o prazer de humilhar os seus acima da

glorificação de si mesma. Assim, não amando o filho e tendo logo emburrado com a futura,

declarou que era uma desgraça para um Cambremer casar-se com uma saída não se sabia de

onde e que, afinal de contas, tinha os dentes enfileirados.

Quanto à tendência do jovem Cambremer de freqüentar homem de letras como Bergotte,

por exemplo, e até Bloch, vê-se bem que uma tão boa aliança não teve por efeito fazê-lo mais

esnobe, mas que, sentindo-se agora o senhor dos duques de Oloron, "príncipes soberanos" como

diziam os jornais, bastante persuadido de sua grandeza para poder conviver com qualquer

pessoa; abandonou a pequena nobreza pela burguesia inteligente, nos dias em que dedicava às

altezas. Essas notas dos jornais, sobretudo no que se referia à Loup, deram ao meu amigo, cujos

antepassados reais eram enumerados, grandeza nova; mas que só fez me entristecer, como se

ele se tivesse transformado em outra pessoa, o descendente de Roberto, o Forte, em vez do

amigo que se colocado, algum tempo antes, no assento móvel do carro para que eu ficasse

melhor atrás; o fato de não ter suspeitado antes de seu casamento com Gilberte, cuja verdade me

aparecera de súbito naquela carta, tão diferente de tudo o que podia pensar deles na véspera,

inopinado como um precipitado químico, me fez sofrer, quando eu deveria imaginar que ele tinha

muito que fazer, e que, além dos casamentos, na sociedade, muitas vezes se fazem assim de

golpe, não raro de substituir uma combinação diversa que fracassou. E a tristeza, deprimente uma

mudança de casa, amarga como o ciúme, que me causaram pela brusquidão, pelo seu choque

acidental, esses dois casamentos, foi tão profundo que mais tarde houve quem a lembrasse,

gabando-se absurdamente por isso; tendo sido exatamente o oposto do que foi naquele momento:

um duplo e um triplo e quádruplo pressentimento.

Pessoas da sociedade, que não tinham prestado a mínima atenção em Gilberte, disseram-

me com um ar de grave interesse:

- Ah, é aquela que se casa, com o marquês de Saint-Loup - lançavam-lhe olhares atentos

de pessoas não ávidas por acontecimentos da vida parisiense, mas que também buscam

interessadas em acreditar na acuidade do próprio olhar. Ao contrário, as que só haviam conhecido

Gilberte encararam Saint-Loup com extrema atenção, me pediram (em geral pessoas que mal me

conheciam) para lhe ser apresentadas e, voltando da apresentação ao noivo adornadas com as

alegrias do regozijo, diziam-me:

- É muito parecido. -

Gilberte estava convencida de que o nome de marquês de Saint-Loup era mil vezes maior

que o do duque de Orléans, mas como, antes de mais nada, pertencia à sua geração (ou melhor,

identidade) espiritual, não quis parecer menor de espírito que os outros, e agradava-lhe dizer

mater semita, ao que acrescentava, para se mostrar bem espirituosa:

- Quanto a mim, em compensação, é meu *pater*.

- Parece que foi a princesa de Parma quem fez o casamento do pequeno Cambremer - me

disse mamãe.

E era verdade. A princesa de Parma, devido a suas obras, conhecia, por um lado, o Sr.

Legrandin, a quem considerava um homem distinto, e, por outro, a Sra. de Cambremer, que

mudava os rumos da conversa sempre que a princesa lhe perguntava se ela era mesmo irmã de

Legrandin. Conhecia o desgosto da Sra. de Cambremer por ter ficado à porta da alta aristocracia,

onde ninguém a recebia. Quando a princesa de Parma, que se encarregara de

achar um partido

para a Srta. de Oloron, indagou ao Sr. de Charlus se sabia quem era um homem amável e

instruído que se chamava Legrandin de Méséglise (era assim que Legrandin se fazia chamar

agora), o barão primeiro disse que não; depois, de repente, ocorreu-lhe a lembrança de um

viajante que havia conhecido uma noite num vagão, e que lhe deixara seu cartão de visitas. Tive

um breve sorriso.

"Talvez seja o mesmo", disse consigo.

Quando soube que se tratava do filho da irmã de Legrandin, exclamou:

- Vejam só! Seria de fato extraordinário. Se saiu ao tio, afinal eu não teria de me espantar.

Eu sempre disse que dariam ótimos maridos.

- Eles, quem? - perguntou a princesa.

- Oh, minha senhora, eu bem lhe explicaria se nos víssemos amiúde. Com a senhora as

pessoas podem conversar. Vossa Alteza é tão inteligente - disse Charlus, tomado de uma

necessidade de confidências que todavia não foi muito longe.

O nome de Cambremer lhe agradou, embora não gostasse dos parentes; mas sabia que

era um dos quatro baronatos da Bretanha, e tudo o que podia esperar de melhor para a filha

adotiva era um nome antigo, respeitado, com sólidas alianças na sua província. Um príncipe teria

sido impossível e, aliás, indesejável. O que precisava era daquilo. A seguir, a princesa mandou

que chamassem Legrandin. Este, fisicamente, mudara muito, e para melhor, desde algum tempo.

Como as mulheres que sacrificam resolutamente o rosto à esbeltez do talhe e já não deixam

Marienbad, Legrandin assumira o aspecto desenvolto de um oficial de cavalaria. A medida que o

Sr. de Charlus se tornava pesadão e entorpecido, Legrandin se fizera mais rápido e elegante,

efeito contrário de uma mesma causa. Aliás, essa velocidade possuía motivos psicológicos. Tinha

o hábito de freqüentar certos lugares de má fama, onde não gostava que o vissem entrar nem

sair: abismava-se neles. Quando a princesa de Parma lhe falou dos Guermantes e de Saint-Loup,

ele declarou que sempre os conhecera, fazendo uma espécie de mistura entre o fato de ter

sempre conhecido de nome os castelões de Guermantes e o de ter encontrado na casa da minha

tia, a Swann, pai da futura Sra. de Saint-Loup. Swann, de quem aliás, em Combray, não queria

freqüentar nem a mulher nem a filha disse:

- Cheguei até viajar como irmão do duque de Guermantes. Ele espontaneamente puxou

conversa, o que sempre é um bom sinal, por que não se trata de um idiota nem de um presumido.

Oh, sei de tudo a seu respeito. Mas não acredito nunca nessas coisas. Além do mais, a vida dos

outros não me interessa. Ele me deu a impressão de uma pessoa sensata de um espírito fino. -

Então a princesa de Parma falou da Srta. de Oloron. No Guermantes, todos se enterneceram com

a nobreza de coração do senhor de que, bondoso como sempre fora, fazia a felicidade de uma

jovem pobre e encantadora. E o duque de Guermantes, sofrendo com a fama do irmão, dava a

que, por mais bonito que fosse o gesto, era uma coisa natural.

- Não sei se, entender bem, tudo é natural neste negócio - dizia desastradamente, à

habilidade. Mas o seu objetivo era indicar que a moça era filha de seu irmão e reconhecia. Do

mesmo golpe, isto explicava Jupien. A princesa de Parma continuou essa versão para mostrar a

Legrandin que afinal o jovem Cambremer casaria alguém como a Srta. de Nantes, uma dessas

bastardas de Luís XIV foram desdenhadas nem pelo duque de Orléans nem pelo príncipe.

Esses dois casamentos, de que falávamos, minha mãe e eu, no trem que nos levava de

volta a Paris, tiveram efeitos bastante notáveis sobre certas pessoas que apareceram até aqui

nesta narrativa. Primeiro sobre Legrandin; é inútil ele entrou como um furacão no palacete do Sr.

de Charlus, exatamente como na casa mal-afamada, onde não convém que sejamos vistos, e

também para, ao mesmo tempo, mostrar sua coragem e ocultar a idade, pois os nossos hábitos

seguem o mesmo onde não nos servem para nada - e quase ninguém observa dizendo-lhe bom-

dia, o Sr. de Charlus lhe dirigiu um sorriso difícil de pena mais ainda, de interpretar; tal sorriso era

semelhante, na aparência - e no entanto era exatamente o inverso - daquele que dois homens,

que têm o hábito de darem na melhor sociedade, trocam quando por acaso se encontram num

lugar importante (por exemplo, no Élysées, onde o general de Frobervil e, quando outrora ali

encontrou Swann, tinha, ao avistá-lo, o olhar de irônica e misteriosa cumplicidade do convivas da

princesa des Laumes que se expõem indo à casa do Sr. Grávy). O mais notável foi a verdadeira

melhora da sua natureza. Legrandin cultivava raramente, havia já muito tempo - desde o tempo

em que eu, criança, ia passar as férias em Combray - relações aristocráticas capazes, no máximo,

de receber um convite isolado para um feriado infrutífero. Subitamente, o casamento de seu

sobrinho viera juntar entre si esses fragmentos distantes, e Legrandin adquiriu

situação mundana

à qual, retroativamente, suas antigas relações com pessoas só o haviam freqüentado em caráter

particular, mas intimamente, deram uma espécie de solidez. Senhoras a quem pretendiam

apresentá-lo contavam que fazia anos ele passava quinze dias no campo em casa delas, e que

fora ele quem fizera o belo barômetro antigo da saleta. Surpreenderam-no, por acaso, em

"grupos" onde figuravam duques que agora lhe eram aparentados. Pois bem, desde que obteve

essa situação mundana não deixou de se aproveitar dela. Não foi apenas porque, agora que o

sabiam recebido, já não sentisse prazer em ser convidado. É que, dos dois vícios que por muito

tempo o haviam disputado, o menos natural, o esnobismo, cedia lugar a um outro menos artificial,

pois ao menos assinalava uma espécie de volta à natureza, ainda que deturpada. Sem dúvida,

tais vícios não são incompatíveis, e a exploração de um *faubourg* pode-se praticar deixando-se a

reunião de uma duquesa. Mas o arrefecimento da idade afastava Legrandin da acumulação de

tantos prazeres e das saídas casuais, e também lhe restituía os de natureza bastante platônica,

que consistiam sobretudo em amizades, em conversações que demoraram, e, fazendo-o passar

quase todo o seu tempo no meio do povo, deixavam-lhe pouco para a vida na sociedade. A

própria Sra. de Cambremer tornou-se muito indiferente à amabilidade da duquesa de Guermantes.

Esta, obrigada a freqüentar a marquesa, descobrira, como sucede toda vez que se convive mais

com seres humanos, isto é, com essa mistura de qualidade que acabamos por perceber e de

defeitos aos quais nos habituamos, que a Sra. de Cambremer era mulher dotada de uma

inteligência e de uma cultura que, por mim, eu pouco apreciava, mas que pareceram notáveis à

duquesa. Assim, ia muitas vezes à tardinha visitar a Sra. de Cambremer e se demorava bastante.

Mas o maravilhoso encanto que a Sra. de Cambremer imaginava existir na duquesa de

Guermantes logo se desvaneceu quando se viu procurada por ela; e a recebia mais por polidez

que por prazer.

Uma reviravolta mais impressionante se manifestou em Gilberte, a um tempo simétrica e

diversa da que ocorrera em Swann depois de casado. É claro que, nos primeiros meses, Gilberte

sentira-se feliz por receber em sua casa a sociedade mais escolhida. Sem dúvida, era apenas por

causa da herança que se convidavam as amigas íntimas de que sua mãe fazia tanta questão, mas

somente em certos dias em que apenas elas se achavam presentes, fechadas à parte, longe das

pessoas elegantes, e como se o contato da Sra. Bontemps ou da Sra. Cottard com a princesa de

Guermantes ou a princesa de Parma pudesse, como o de dois pós instáveis, causar catástrofes

irremediáveis. Não obstante, os Bontemps, os Cottard e os demais, embora decepcionados por

jantarem entre si, estavam orgulhosos de poder dizer: "Jantamos em casa da marquesa de Saint-

Loup", tanto mais quanto às vezes se levava a audácia a ponto de convidar com eles a Sra. de

Marsantes, que se mostrava de fato uma grande dama com seu leque de tartaruga e plumas,

sempre de olho na herança. Apenas, de vez em quando, ela tomava o cuidado de fazer o elogio

de pessoas discretas, que só vemos quando lhes fazemos um sinal, advertência mediante a qual

dirigia aos bons entendedores do tipo Cottard, Bontemps etc., a sua saudação mais altiva e

graciosa. Talvez por causa da minha "amiguinha de Balbec", a tia dela a quem eu gostava de ver

naquele meio, eu preferisse fazer parte destas séries. Porém Gilberte, para quem eu era agora

principalmente um amigo e dos Guermantes (e que, talvez desde Combray, onde meus pais não

freqüentavam a mãe dela, havia me dotado, na idade em que não acrescentamos

apenas aquela

qualidade às coisas mas as classificamos por espécies, desse presto não mais perdemos),

considerava essas reuniões como indignas de mim e eu me despedia, comentava:

- Fiquei muito contente em vê-lo, mas venha depois de amanhã, pois verá minha tia

Guermantes e a senhora de eram só amigas de mamãe, para agradar a mamãe. -

Mas isto só durou meses, e bem depressa tudo foi mudado de alto a baixo. Seria porque a

vida de Gilberte deveria apresentar os mesmos contrastes que a de Swann? Caso, Gilberte era só

há tão poucos meses marquesa de Saint-Loup (e logo como se verá, duquesa de Guermantes),

que, tendo alcançado o que mais brilhante e difícil, julgando que o nome de Guermantes agora se

havia pregado a ela como um esmalte vistoso, achava que, fosse quem fosse que a freqüentar,

ficaria sendo para todos a duquesa de Guermantes (o que era pois o valor de um título de

nobreza, como na Bolsa, sobe quando a procura é baixa quando é oferecido. Tudo o que nos

parece imperecível tende à destruir uma situação mundana, como qualquer outra coisa, não é

criada de uma vez por todas, mas exatamente como o poderio de um império, se reconstrói a

cada tempo, por uma espécie de criação perpetuamente contínua, o que explica

as aparentes

anomalias da história mundana ou política no curso de um meio século. Acerto do mundo não teve

lugar no começo; ela ocorre todos os dias. A marquesa Saint-Loup dizia consigo:

"Sou a marquesa de Saint-Loup"; sabia que recebera na véspera três jantares em casa de

duquesas. Mas se, em certa medida, se valorizava o meio tão pouco aristocrático que ela recebia,

por um movimento o meio que recebia a marquesa depreciava o nome que ela trazia. Nada regia

tais movimentos, os maiores nomes acabam por sucumbir. Não conhecera uma princesa da casa

de França cujo salão, onde qualquer um era recebido ao último nível? Um dia em que a princesa

des Laumes fora por obrigação um momento na casa dessa Alteza, onde só encontrara gente

sem expressão, ao chegar depois à casa da Sra. Leroi comentara com Swann e com o marquês

Modena: "Enfim, encontro-me em país amigo. Venho da casa da senhora de X e lá não havia três

pessoas conhecidas." Em uma palavra, compartilhara a opinião daquele personagem de opereta,

que declara: "Meu nome dispensa, creio eu, de dizer mais nada".

Gilberte pôs-se a ostentar desprezo pelo que desejara, a afirmar que todas as pessoas do

faubourg Saint-Germain eram idênticas; impossíveis de freqüentar e, passando

das palavras à

ação, deixou de freqüentá-las. Pessoas que só a conheceram depois dessa época e, dele os

primeiros contatos, ouviram-na, feito uma duquesa de Guermantes, zombar alegremente da

sociedade com que lhe seria tão fácil conviver, e, como não a vissem receber uma só pessoa

dessa sociedade, pois se apenas uma, até mesmo a mais brilhante, aventurava-se a ir à sua casa,

era recebida com um bocejo enrubesciam retrospectivamente de vergonha por terem podido

achar algum fascínio na alta roda, e jamais teriam coragem de confessar esse segredo humilhante

de suas fraquezas passadas a uma mulher a quem julgavam, por uma elevação essencial de sua

natureza, ter sido sempre incapaz de compreendê-las. Ouvem-na troçar com tanto espírito dos

duques, e a vêem, coisa ainda mais significativa, harmonizar sua conduta tão inteiramente com

tais zombarias! Sem dúvida, não pensem em indagar os motivos do acidente que transformou a

Srta. Swann na Srta. de Forchevil e, e esta na marquesa de Saint-Loup e depois na duquesa de

Guermantes. Talvez igualmente não pensem que esse acidente serviria, mais pelas causas que

pelos efeitos, para explicar a atitude posterior de Gilberte, pois o convívio com plebeus não é

concebido da mesma maneira como o faria a Srta. Swann, por uma dama a quem todos chamam

"senhora duquesa", e as duquesas, que a entediam, "minha prima". Desdenha-se de bom grado

um objetivo que não se pôde atingir, ou que se atingiu definitivamente. E esse desdém nos parece

fazer parte de pessoas que ainda não conhecemos. Talvez, se pudéssemos retroceder no curso

dos anos, víssemos tais pessoas dilaceradas, mais freneticamente que quaisquer outras, por

esses mesmos defeitos que elas conseguiram mascarar ou vencer de forma tão completa que as

julgamos incapazes não só de algum dia terem sido atingidas por eles, como até mesmo de

sequer desculpá-los nos outros, por não serem capazes de concebê-los. Aliás, o salão da nova

marquesa de Saint-Loup em breve assumiu o seu aspecto definitivo (ao menos do ponto de vista

mundano, pois veremos as perturbações que deveriam atingi-lo por outros meios). Ora, tal

aspecto era surpreendente por isso: as pessoas recordavam ainda que as recepções mais

pomposas e mais requintadas de Paris, tão brilhantes como as da princesa de Guermantes, eram

as da Sra. de Marsantes, mãe de Saint-Loup. Por outro lado, nos últimos tempos, o salão de

Odette, infinitamente menos bem cotado, não tinha sido menos borbulhante de

luxo e de

elegância. Ora, Saint-Loup, feliz por possuir, graças à grande fortuna da esposa, tudo o que podia

desejar em matéria de conforto, só pensava em ficar tranqüilo depois de um bom jantar, quando

os artistas vinham tocar-lhe boa música. E esse rapaz, que em certa época havia parecido tão

altivo, tão ambicioso, considerava, para partilhar o seu luxo, camaradas que sua mãe não teria

recebido. Por seu turno, Gilberte punha em prática as palavras de Swann: "A qualidade me

transporta pouco, mas eu temo a quantidade." E Saint-Loup, tão de joelhos diante de sua mulher,

e porque a amava, e lhe devia precisamente esse luxo externo, não tinha como contrair esses

gostos tão semelhantes aos seus. De modo que as recepções da Sra. de Marsantes e da Sra. de

Forchevil e, dadas antes de tudo com vistas a uma situação brilhante para seus filhos, não dera

nenhuma recepção do Sr. e da Sra. de Saint-Loup. Eles possuíam os cavalos para montarem

juntos, o mais belo iate para fazer cruzeiros - mas, muito, levavam dois convidados. Em Paris,

tinham todas as noites três amigos para jantar, não mais: de modo que, por uma regressão

imprevista, via natural, cada um dos dois aviários imensos das mães fora substituída num ninho

silencioso.

A pessoa que menos desfrutou dessas duas uniões foi a jovem Oloron, que, já atingida

pela febre tifóide no dia do matrimônio religioso, foi penosamente até a igreja e morreu semanas

depois. A participação pouco após a sua morte, misturava nomes como o de Jupien quase aos

maiores títulos da Europa, como os do visconde e da viscondessa de Mont de S. A. R; a condessa

de Bourbon-Soissons; do príncipe de Modena; viscondessa de Edumea, de Lady Essex, etc. etc.

Sem dúvida, mesmo sabendo que a falecida era sobrinha de Jupien, o número de todas essas

alianças não devia surpreender. Tudo, com efeito, está em selar uma grande união. Então, dando-

se o g *asus foederis*, a morte da pequena plebéia envolve todas as famílias principescas da

Europa.

[*Gasus foederis*: literalmente, "caso de aliança". Expressão latina que indica o fato que exige a ex

-cláusulas de uma aliança ou de um tratado. (N. do T)]

Porém nas novas gerações reais poderiam tomar Marie-Antoinette de Oloron, marquesa de

Cambremer, por uma dama do mais alto nascimento, como ainda poderiam cometer muitos outros

ao lerem essa participação. Assim, por menos que suas excursões pela França

tivessem feito

conhecer um pouco a região de Combray, poderiam não sem nenhum espanto ao verem que os

nomes da Sra. L. de Méséglise e de Méséglise figuravam entre os primeiros na participação, e

bem próximos do duque de Guermantes: o lado de Méséglise e o lado de Guermantes se "Velha

nobreza da região, talvez aliada há várias gerações" poderiam dizer mesmo:

-"Quem sabe? Talvez seja um ramo dos Guermantes que ostente o de condes de

Méséglise."

Ora, o conde de Méséglise não tinha nada a ver com os Guermantes e nem sequer fazia

parte do lado Guermantes, mas do lado Cambremer; pois o conde de Méséglise, que por um

avanço rápido, permanecera somente dois anos como Legrandin de Méséglise, era o nosso velho

amigo Legrandin sem dúvida, falso título por falso título, haveria poucos como este tão

desagradáveis aos Guermantes. Outrora, tinham sido aliados aos verdadeiros condes dos quais

restava apenas uma mulher, filha de gente obscura e degradada. A própria casada com um gordo

caseiro enriquecido da minha tia, chamado Ménager, que lhe comprara Mirougrain, fazendo-se

agora chamar Ménager de Mirougrain, de modo que, ao se dizer que sua mulher nascera De

Méséglise, pensava-se antes que devia ter nascido em Méséglise, como seu marido em

Mirougrain.

Qualquer outro título falso teria dado menos aborrecimentos aos Guermantes. Mas a

aristocracia sabe assumi-los, e muitos outros ainda, no instante em que está em jogo um

casamento considerado útil sob todo ponto de vista. Acobertado pelo duque de Guermantes,

Legrandin foi, para uma parte dessa geração, e o seria para a totalidade da geração seguinte, o

verdadeiro conde de Méséglise. Outro erro ainda, que todo jovem leitor mal informado seria

induzido a cometer: o de crer que o barão e a baronesa de Forchevil e assinavam a participação

na qualidade de parentes e sogros do marquês de Saint-Loup, isto é, do lado Guermantes. Ora,

nesse lado não lhes cabia figurar, pois Robert é que era parente dos Guermantes, e não Gilberte.

Não é verdade que o barão e a baronesa de Forchevil e, apesar dessa falsa aparência, figuravam

do lado da noiva, e não do lado Cambremer, mas isto não por causa dos Guermantes, mas de

Jupien, de quem o nosso leitor mais instruído sabe que Odette era prima.

Desde o casamento de sua filha adotiva, todo o favor do Sr. de Charlus recaíra sobre o

jovem marquês de Cambremer; os gostos deste, que eram semelhantes aos do barão, desde o

momento em que não haviam impedido que ele o escolhesse por marido da Srta. de Oloron,

naturalmente não fizeram senão torná-lo mais apreciado assim que enviuvou.

Não é que o marquês não tivesse outras qualidades que o tornassem um companheiro

encantador para o Sr. de Charlus. Mas, mesmo quando se trata de um homem de grande valor,

uma qualidade não desprezível por aquele que o admite em sua intimidade, e que o faz

especialmente cômodo, é também saber jogar o uíste. A inteligência do jovem marquês era

notável e, como já se dizia em Féterne quando ele era apenas um menino, inteiramente devido ao

"lado de sua avó", tão entusiasta e com a mesma inclinação para a música. Reproduzia-lhe

também certas particularidades, mais por imitação, como toda a família, do que por atavismo.

Assim é que, algum tempo depois da morte da esposa, tendo eu recebido uma carta assinada

“Léonore” prenome que não me lembrava ser o seu, só compreendi quem me escrevia ao ler a

fórmula final: "Creia na minha simpatia verdadeira." Este verdadeira, "posto em seu devido lugar",

ajuntava ao prenome Léonor o sobrenome de Cambremer.

[é antropônimo masculino francês. A forma feminina é "Léonore". (N. do T)]

****

O trem ia entrando na estação de Paris, quando ainda conversava sobre essas duas

notícias que, para que o trajeto não me parecesse longo mamãe quisera reservar para a segunda

parte da viagem, só deixando que aparecesse depois de Milão. Mamãe retornara rapidamente ao

ponto de vista dela, que era na verdade o único, o de minha avó. Primeiro dissera a si mesma que

minha avó teria ficado surpresa e, depois, que ela se entristeceria, o que era apenas uma forma

de dizer que minha avó sentiria prazer ante um acontecimento tão solene que mamãe, não

podendo admitir que minha avó fosse privada, preferia pensar que tudo estava pelo melhor, sendo

essa notícia uma daquelas que só lhe poderiam causar desgosto.

Porém mal tínhamos entrado em casa, mamãe ainda achava por demais egoísta esse

lamento de não poder fazer participar de todas as surpresas que a vida nos traz. Ainda preferiu

supor que as notícias não magoariam minha avó, de quem nada mais faziam que previsões. Quis

ver nessas notícias a confirmação dos conhecimentos divinos de minha avó, a prova de que esta

possuía um espírito ainda mais profundo de clarividente, mais justo do que

havíamos pensado.

Assim minha mãe, para esse ponto de vista de pura admiração, não tardou a acrescentar:

- E, quem sabe se tua pobre avó não teria aprovado? Era tão indulgente. E depois sabes,

para ela a condição social não era nada, o que valia era a distinção; lembras-te, é curioso, ambas

as notícias lhe teriam agradado. Lembras-te daquela primeira visita à Sra. de Vil eparisis, quando

voltou e nos disse ter achado vulgar o Sr. de Guermantes? Em compensação, quantos elogios

para Jupien. Pobre mãe, lembras-te? Dizia do pai: "Se eu tivesse outra filha, eu e sua filha seria

ainda melhor que ele." E a pequena Swann! Ela dizia: "Digo que é encantadora, verá que há de

fazer um belo casamento." Pobre mãe, se pudesse ver isto, como adivinhou corretamente!

Até o fim, mesmo não estando mais a nos dar lições de clarividência, de bondade, de justa

apreciação das coisas, como as alegrias, de que sofríamos ver privada a minha avó, eram todas

as pequeninas e humildes da vida: a entonação de um ator que a divertisse, um de que gostava, o

novo romance de um autor preferido. Mamãe dizia:

- Como teria ficado surpresa, como isso a teria divertido! Com que bela carta teria

respondido. - E mamãe continuava: - Achas que esse pobre Swann, que desejava Gilberte fosse

recebida em casa dos Guermantes, ficaria feliz se pudesse ver: tornar-se uma Guermantes?-Sob

outro nome, diverso do seu, conduzida - como Srta. de Forchevil e, julgas que se sentiria feliz? -

Ah!, é verdade, nem havia pensado nisso. - Por isso é que não posso me regozijar com essa

"velhaca"', pensar que teve coragem de abandonar o nome do pai, que era tão bom para ela. Sim,

tens razão; afinal, talvez seja melhor que ele não tenha sabido de coisa alguma. - Tanto para os

mortos como para os vivos, não é possível saber se uma coisa dará mais alegria ou maior mágoa.

- Parece que os Saint-Loups vivem em Tansonvile. O velho Swann, que tanto desejava mostrar

seu tanque a teu pobre avô, jamais poderia imaginar que o duque de Guermantes o veria com

freqüência, sobretudo se soubesse do casamento infamante do filho. Enfim, a ti, que tanto lhe

falaste dos espinheiros cor-de-rosa, dos lilases e dos íris de Tansonvil e, Saint-Loup

compreenderá melhor. Vai ser dono deles. -

Assim desenrolava-se em nossa sala de jantar, à luz da lâmpada, de que são amigas, uma

dessas conversas em que a sabedoria, não das nações, mas das famílias, apossando-se de

algum acontecimento, morte, noivado, herança, ruína, e fazendo-o passar sob o vidro de aumento

da memória, confere-lhe todo o seu relevo, dissocia, recua, situando em perspectiva, em diversos

pontos do espaço e do tempo, aquilo que, para os que não viveram na mesma época, parece

amalgamado sobre uma mesma superfície: nomes de morto, endereços sucessivos, as origens da

fortuna e suas alterações, e as mudanças de propriedade. Esta sabedoria não é inspirada pela

Musa que convém ignorar durante o maior tempo possível, caso desejemos manter alguma

frescura de impressões e certa capacidade criativa, e a quem, até aqueles que a ignoraram,

encontram no entardecer da vida, na neve da velha igreja da província, numa hora em que

subitamente se sentem menos sensíveis à beleza eterna expressa pelas esculturas do altar do

que à concepção das diferentes sortes a que elas se submeteram, passando a uma ilustre

coleção particular, a uma capela, e daí a um museu, voltando depois à igreja; ou ao sentirem,

pisando ali uma laje quase pensante, que ela se compõe do derradeiro pó de Arnauld ou de

Pascal; ou, simplesmente, ao decifrarem, talvez imaginando o rosto de uma viçosa provinciana,

sobre a placa de cobre do genuflexório de madeira, os nomes das filhas de um

fidalgote da

província ou de um cidadão notável. A Musa que recolheu tudo o que só é contingente mas que

também revela outras leis, chama-se História!

Velhas amigas de minha mãe, mais ou menos relacionadas a Combray, foram visitá-las

para lhe falar do casamento de Gilberte, que de modo nenhum as deslumbrava.

- Sabe o que é a Srta. de Forchevil e? É simplesmente a Srta. Swann. E a testemunha de

casamento, o "barão" de Charlus, como se faz chamar, é aquele velho que já sustentava a mãe

dela antigamente com o conhecimento de Swann, que tinha interesse nisso.

- Mas o que está me dizendo? - protestava mamãe - Em Primeiro lugar, Swann era

riquíssimo!

- É de acreditar que não fosse tanto assim, para ter necessidade do dinheiro alheio. Mas,

afinal, o que tem essa mulher para prender os antigos amantes? Ela achou um jeito de casar com

o primeiro, depois com o terceiro, e de puxar da beira da tumba o segundo para que servisse de

testemunha à filha que teve com o primeiro ou com outro qualquer, pois como reconhecê-los

nessa quantidade? Ela mesma nem sabe mais nada a respeito. Digo o terceiro, talvez fosse o

tricentésimo que se deveria dizer. De resto, a senhora sabe ela é tão Forchevil e

como nós duas,

e isso está de acordo com o marido, que moralmente não é nobre. Pense bem, só um aventureiro

seria capaz de casar com semelhante mulher. Parece que se trata de um tal Dupont ou Durand.

Se não houvesse agora um prefeito radical em Combray, que nem sequer cumprimenta o cura, eu

teria sabido o fim da coisa. Porque, a senhora compreende, quando correram os proclamas, foi

preciso dizer o nome verdadeiro. É muito bonito para os jornais e para o papeleiro que faz

convites, uma pessoa intitular-se marquês de Saint-Loup. Isto não faz mal a ninguém e, se dá

satisfação a essa boa gente, não serei eu quem haveria de censurar. Em que é que isso pode me

aborrecer? Como jamais hei de freqüentar a filha de uma mulher que já deu o que falar, ela pode

muito bem ser marquesa, para seus criados. Porém no registro civil não é a mesma coisa. Ah, se

meu primo Sazerat ainda fosse primeiro-adjunto, eu lhe teria escrito, e a mim ele diria sob qual

nome fez as publicações!

Aliás, por aquela época, eu via muitas vezes Gilberte, a quem me ligara de novo; porque

nossa vida, em seu comprimento, não é calculada pela vida de nossas amizades. Basta que se

escoe um certo período de tempo, e já vemos reaparecer (da mesma forma que, em política,

antigos ministérios e, no teatro, peças olvidadas que novamente se encenam) relações de

amizade renovadas entre as mesmas pessoas de outrora, depois de longos anos de interrupção,

e renovadas com prazer. Ao fim de dez anos, os motivos que um tinha para amar, e o outro para

não suportar um despotismo demasiado exigente, deixam de existir. Só resta a conveniência, e

tudo o que Gilberte teria me recusado antigamente, concedia-o com facilidade agora, pois eu já

não o desejava. O que lhe parecera intolerável, impossível, sem que jamais nos disséssemos a

razão da mudança, ela estava sempre disposta a vir ao meu encontro, e nunca apressada para

me deixar; é que o obstáculo havia desaparecido: meu amor.

Aliás, fui um pouco mais tarde, passar alguns dias em Tansonvil e. Esse deslocamento me

aborrecia bastante, pois eu tinha em Paris certa moça que dormia num apartamento alugado por

mim. Como outros precisam do aroma das florestas ou do murmúrio de um lago, eu tinha

necessidade do seu sono a meu lado e, durante o dia, de tê-la junto a mim no carro. Pois, por

mais que se esqueça um amor, ele pode determinar a forma do amor seguinte. Já no próprio seio

do amor precedente existiam hábitos diários, de cuja origem nem sequer nos lembrávamos; foi a

angústia de um primeiro dia que nos fez desejar apaixonadamente e, depois, adotar uma forma

fixa, como alguns costumes cujo sentido já não recordamos, essas voltas de carro até a própria

residência da amada, ou sua residência em nossa casa, nossa presença, ou a de alguém de

nossa confiança, em todas as saídas, enfim, todos esses hábitos, espécie de grandes caminhos

uniformes por onde passa todos os dias o nosso amor, e que foram fundidos outrora no fogo

vulcânico de uma emoção ardente.

Esses hábitos, no entanto, sobrevivem à mulher, e até à lembrança de uma mulher.

Tornam-se a forma, se não de todos os nossos amores, ao menos de alguns de nossos amores

que se alternam entre eles. E assim a minha casa havia exigido, em lembrança da esquecida

Albertine, a presença de minha amante atual, que eu ocultava aos visitantes e que preenchia a

minha vida, como outrora Albertine. E, para ir a Tansonvil e, tive de alcançar dela que se fizesse

guardar por um de meus amigos que não gostava de mulheres, durante alguns dias. Fui porque

soubera que Gilberte se sentia infeliz, enganada por Robert, mas não da maneira que todo mundo

pensava, e que talvez ela própria ainda pensasse e que, em todo caso, afirmava. Mas o amor-

próprio, o desejo de iludir os outros, de iludir-se, e, aliás, o conhecimento imperfeito das traições,

que é o de todas as criaturas enganadas, tanto mais que Robert, como verdadeiro sobrinho do Sr.

de Charlus, mostrava-se na companhia de mulheres a quem comprometia, que todos julgavam e

que, afinal, Gilberte acreditava serem suas amantes... Na sociedade, achavam mesmo que ele

não se resguardava bastante, não largando nas reuniões determinada mulher, com quem saía em

seguida, deixando a Sra. de Saint-Loup voltar para casa como pudesse. Quem dissesse que a

outra mulher, que ele desse modo comprometia, não era na realidade sua amante, teria passado

por um ingênuo, por um cego, diante da evidência. Mas eu, desgraçadamente, fora encaminhado

para a verdade, para essa verdade que me deu um desgosto profundo, por algumas palavras

escapadas a Jupien. Qual não foi a minha estupefação quando, tendo ido, alguns meses antes da

minha partida para Tansonvil e, saber notícias do Sr. de Charlus, cujos problemas cardíacos

causavam grandes inquietações aos amigos e, falando à Jupien, que encontrei sozinho, sobre

uma correspondência amorosa dirigida à Robert e assinada por Bobette, que a

Sra. de Saint-Loup

havia surpreendido, soube, pelo antigo *factótum* do barão, que a pessoa que se assinava Bobette

era nada menos que o violinista de que falamos e que desempenhara um papel tão grande na

vida do Sr. de Charlus! Jupien falava com indignação:

- Esse rapaz podia agir como bem entendesse, era livre. Mas, se há um lado para onde

devia olhar, é para o lado do sobrinho do barão. Tanto mais que o barão amava seu sobrinho

como se fosse um filho; ele procurou separar o casal, é vergonhoso. E deve ter empregado

artimanhas diabólicas, pois ninguém é mais naturalmente avesso a essas coisas que o marquês

de Saint-Loup. Quantas loucuras ele fez por suas amantes! Não, que esse músico miserável

tenha deixado o barão como deixou, sujamente, pode-se bem dizer assim, é lá com ele. Mas

voltar-se para o sobrinho! Há coisas que não se deve fazer. -

Jupien era sincero em sua indignação; nas pessoas ditas imorais, as indignações morais

são tão fortes como nas outras, e apenas mudam de objeto. Além disso, as pessoas cujo coração

não está diretamente em causa, julgando sempre os maus casamentos e as ligações a evitar,

como se fossemos livres para escolher a quem amamos, não percebem a

miragem deliciosa que

o amor projeta e que envolve tão inteira e unicamente a pessoa de quem estamos enamorados,

que a "tolice" que um homem faz desposando uma cozinheira ou a amante de seu melhor amigo

é, em geral, o único ato poético a ser cumprido no decurso de sua existência.

Compreendi que quase ocorrera uma separação entre Robert e sua esposa (sem que

Gilberte ainda percebesse bem de que se tratava) e que fora a Sra. de Marsantes, mãe

extremosa, ambiciosa e filósofa, que arranjara e impusera a reconciliação. Ela pertencia a esses

meios onde a mistura dos sangues, estiveram se cruzando sem cessar, e o empobrecimento dos

patrimônios, fazem reflorira cada instante, no domínio das paixões como dos interesses, os vícios

e os compromissos hereditários. Empregando a mesma energia com que outrora protegeria Sra.

Swann, ajudara o casamento da filha de Jupien, e fizera o casamento de seu próprio filho com

Gilberte, usando assim, para si própria, com resignação dolorosa, aquela mesma sabedoria

atávica de que fizera aproveitar todo o *faubourg*. E talvez não houvesse, em dado momento,

apressado o casamento de Robert com Gilberte, o que certamente lhe fizera menos mal e custara

menos lágrimas do que fazê-lo romper com Rachel, senão pelo medo de que ele começasse com

outra cocote - ou talvez com a mesma, pois Robert custou a se esquecer de Rachel uma nova

ligação que teria sido, talvez, a sua salvação. Agora eu compreendia o que Robert quisera dizer-

me em casa da princesa de Guermantes:

- É uma pena que a tua amiguinha de Balbec não tenha a fortuna exigida por minha mãe;

acho que nós dois nos entenderíamos muito bem. -

Quisera dizer que ela era de Gomorra, como ele de Sodoma, ou talvez, se não o era ainda,

que já gostava somente de mulheres a quem pudesse amar de certo modo, e com outras

mulheres. Se, portanto, à exceção de raros retrocessos, eu não perdera a curiosidade de saber

algo sobre minha amiga, poderia interrogar a respeito não só Gilberte como o seu marido. Em

suma, era o mesmo fato que dera, a Robert e a mim, o desejo de desposar Albertine (saber que

ela gostava de mulheres). Mas as causas do nosso desejo, bem como seus objetivos, eram

opostos. Eu, era pelo desespero em que me afundara ao sabê-lo; Robert, pela satisfação; eu,

para impedi-la, graças a uma vigilância contínua, de se abandonar ao seu gosto; Robert, para

cultivá-lo e, pela liberdade que lhe daria, para que ela lhe trouxesse amigas. Se Jupien fazia,

desse modo, remontara muito pouco tempo a nova tendência, tão divergente da primitiva, que

haviam tomado os gostos carnais de Robert. Uma conversa que tive com Aimé, e que me deixou

muito infeliz, mostrou-me que o antigo mordomo do hotel de Balbec fazia remontar essa

divergência, essa inversão, muito mais longe. Essa conversa acontecera quando fui passar alguns

dias em Balbec, para onde o próprio Saint-Loup, que desfrutava de uma longa licença, fora em

companhia da mulher, a quem, nessa primeira fase, ele não deixava um só instante. Eu me

admirava de como a influência de Rachel se fazia sentir ainda sobre Robert. Só o recém-casado

que teve uma amante por muito tempo sabe tirar tão bem a capa da esposa, ao entrar no

restaurante, e ter com ela as atenções convenientes. Durante a ligação com Rachel, ele havia

recebido as instruções que deve ter um bom marido.

Não longe dele, numa mesa ao lado da minha, Bloch, no meio de jovens universitários

pretensiosos, assumia ares falsamente à vontade, e gritava com força a um de seus amigos,

passando-lhe ostensivamente o cartão de visitas, num gesto que derrubou duas garrafas de água:

- Não, não, meu caro, encomende você! Nunca na vida eu soube escolher um cardápio.

Nunca soube pedir! - repetiu com um orgulho pouco sincero e, a seguir, misturando a literatura à

gulodice, opinou por uma garrafa de champanha, que lhe agradava, ornasse "de modo

inteiramente simbólico" uma conversação. Saint-Loup, sim, sabia encomendar. Estava sentado ao

lado de Gilberte, já grávida - daí em diante nunca deixaria de lhe fazer filhos -, como deitava a seu

lado no leito de casal do hotel. Só falava com a esposa, e o resto do hotel parecia não existir para

ele; mas, no momento em que um garçom anotava um pedido e chegava bem perto, erguia

rapidamente os olhos claros e lançava-lhe um olhar que não durava mais que dois segundos,

mas, em sua límpida clarividência, parecia testemunhar um gênero de curiosidade e de pesquisas

inteiramente diversas do que poderia animar qualquer freguês que olhasse, mesmo durante muito

tempo, um *groom* ou um caixeiro para fazer a seu respeito, aos amigos, observações humorísticas

ou de outro tipo. Esse rápido olhar, curto, indiferente, mostrando que o garçom lhe interessava por

si mesmo, revelava, aos que o tivessem observado, que este excelente marido, este amante

outrora apaixonado por Rachel, possuía na vida um outro plano que lhe era

infinitamente mais

interessante que aquele no qual se movia por obrigação. Porém, viam-no somente neste. Seus

olhos já se haviam voltado para Gilberte, que nada vira, e ele lhe apresentava um amigo de

passagem, saindo para passear com ela. Ora, foi nesse instante que Aimé me falou de um tempo

bem mais antigo, aquele em que eu travara conhecimento com Saint-Loup por meio da Sra. de

Vil eparisis, naquela mesma Balbec.

- Mas, sim senhor - disse-me ele -, é coisa super conhecida, faz muito tempo que sei disso.

No primeiro ano em que o senhor esteve em Balbec, o senhor marquês se fechou com o meu

ascensorista, a pretexto de revelar as fotografias da senhora sua avó. O rapaz quis se queixar,

tivemos um trabalhão para abafar o caso. E veja, o senhor se lembra, sem dúvida, do dia em que

veio almoçar no restaurante com o senhor marquês de Saint-Loup e a amante dele, que lhe servia

de biombo. O senhor sem dúvida se lembra que o senhor marquês saiu pretextando uma crise de

cólera. É claro que não pretendo dizer que madame estivesse com razão. Ela o fazia passar maus

bocados. Mas, naquele dia, ninguém me tira da cabeça que a cólera do senhor marquês era

fingida, e ele precisava afastar-se do senhor e de madame.-

Quanto àquele dia, pelo menos, sei perfeitamente que, se não mentia de propósito, Aimé

estava redondamente enganado. Lembrava-me bem do estado em que acontecera, o

ascensorista, talvez não estava convencido de que naquela época sua fortuna era pequena,

Forchevil e havia devorado quase tudo; e que, então, o estar enganado, dera-lhe vermelhidão -

preferimos quase sempre ser analista. Aliás, no caso de Balbec a mentira fora de Aimé. Pelo

pensamento não se vê senão um lado das coisas, a graça no fato de que, enquanto para Saint-

Loup fora um meio cômodo ele equivalia a conhecer alguém ao menos em duplas. No ato mais

instigante de uma série de atos inteiramente grande de significado parece ver que o prelúdio

restrito de colorido, tivesse acontecimentos separados; e que no presente dão apenas evolução

para qualquer outro indício de que Saint-Loup me testemunha verdadeiramente capaz ao mesmo

tempo, que aos homens a indiferença, creio que exagerava também.

Entretanto, lembro-me que na casa da Sra. Verdurin que ele tocara-me:

- Curioso, este desfecho que ambos têm e que mesmo assim sendo seus, não parecem

acreditar que voltar tem algumas idênticas formas que ficaram a iniciar; se é que

existira tal carta,

assim como alguém de Lohengrín, não poderia prever os que oferecem apenas uma nobreza de

nossos sentidos. São textos que não mereceriam elas; que elas poderiam ter reparado ao que é,

na vida, uma peça, uma parte não mais que a janela do lado oposto da casa.

Como quando, antes de visitar uma cidade, sonhamos constantemente uma dessas

viagens longínquas que julgamos nunca realizar, mas cuja nostalgia sentimos por um momento.

Porém, se Robert achava algo de Rachel em Charlie, Gilberte, por sua vez, procurava ter alguma

coisa de Rachel; para agradar ao marido, imitava-lhe os laços de seda vermelha, ou rósea, ou

amarela, nos cabelos, e se penteava da mesma forma, pois julgava que o marido a amava ainda,

e ela tinha ciúmes de Rachel. É possível que o amor de Robert se situasse, por alguns instantes,

nos confins que separam o amor de um homem por uma mulher do amor de um homem por outro

homem. Em todo caso, a lembrança de Rachel já não desempenhava, a esse respeito, senão um

papel estético. Nem é provável que pudesse desempenhar outros.

Um dia, Robert lhe pediu que se vestisse de homem, que deixasse cair uma longa mecha

de cabelos, e no entanto se limitou a contemplá-la, insatisfeito. Não lhe

permanecia menos

afeiçoado pagando-lhe escrupulosamente, mas sem prazer, a mesada enorme que lhe prometera,

o que não a impediu, depois, de ter para com ele o mais mesquinho procedimento.

Dessa generosidade para com Rachel, Gilberte não teria sofrido se soubesse suas

preferências eram apenas o cumprimento resignado de uma promessa à qual não correspondia

mais nenhum amor. Mas, pelo contrário, era amor o que ele fingia consagrar à Rachel.

Os homossexuais seriam os melhores maridos do mundo se não representassem a

comédia de amar as mulheres. Aliás, Gilberte não se queixava. A idéia de que Rachel amava

Robert, e o amava há tanto tempo, é que a fizera desejá-lo, e a renunciar por ele a melhores

partidos; parece que ele lhe fez uma espécie de concessão, aceitando desposá-la. E, de fato, nos

primeiros tempos, ele fez comparações entre as duas mulheres. Todavia tão desiguais em

encanto e beleza, que não foram favoráveis à deliciosa Gilberte. Mas, logo a seguir, esta cresceu

na estima do marido, ao passo que Rachel diminuía a olhos vistos. Uma outra pessoa se

contradisse à Sra. Swann. Se, para Gilberte, Robert antes do casamento já estava cingido pela

dupla auréola que lhe criavam, de um lado, sua vida com Rachel, perpetuamente denunciada

pelas lamentações apreciadas pela Sra. de Marsantes, e, por outro lado, aquele prestígio que os

Guermantes sempre tiveram ante seu pai, e que ela havia herdado, em compensação a Sra.

Forchevil e teria preferido um casamento mais deslumbrante, talvez principesco (existem famílias

reais pobres e que teriam aceitado o dinheiro o qual, todavia, revelara-se bem inferior aos oitenta

milhões prometidos - limpo que estava pelo nome de Forchevil e), e um genro menos depreciado

por uma vida passada longe dos salões mundanos. Ela não pudera dobrar a vontade de Gilberte,

e queixara-se amargamente a todo mundo, magoando o genro.

Um belo dia tudo mudara, o genro tornara-se um anjo, só riam dele às escondidas. É que a

idade mantivera na Sra. Swann (transformada em Sra. de Forchevil e) o gosto, que sempre

possuíra, de viver sustentada; mas que a deserção dos admiradores lhe retirara os meios para tal.

Despojava todos os dias um novo colar, um vestido novo recamado de brilhantes, um automóvel

mais luxuoso; se ele fizesse uma viagem e em sua companhia o acompanhasse nisso, logo

recebia um magnífico rubi. Para que a recompensa de Gilberte fosse mais generosa em relação à

ele com tanto maior calor quando era ela quem decidia. Assim, graças a Robert, ela podia

deslumbrar, com um luxo inaugural de um sarau a que comparecia, sem necessidade que, agora,

já não "marcharia" ou seja, não ao que parece para sempre, no período antes do casamento.

Não fora apenas a maldade, do Sr. de Charlus, que fizera-lhe sentir a diferença de Saint-

Loup, a fim de causar maior sofrimento o desinteresse. Pareceu-me que Robert devia ir numa

reunião, antes de partir para Combray ao lado de uma mulher bem vestida, que passeasse com

ela, formando os dois um só corpo, para recompensar, com algo mais de trepidante que envolto

nos adornos da Sra. Molé foi causa *giriófila* que não era a sua, mas ostentá-la desse modo,

porque lhe achasse dona para casa.

Impressionou-me ver como bem menos rico, tornara-se econômico. A diferença do que

possuímos, e de alguém, entesourá-lo agora que dele está bastante escasso, em geral, mas que

no entanto me foi mais particular.

Saint-Loup recusou a passagem de bonde. Sem dúvida, exercício que adquirira ao longo

do tempo de sua ligação com uma mulher não era tão inexperiente como quem se casa com a

primeira mulher; levava a mulher para jantar no restaurante. Ele lhe tirava o casaco, ou

demonstrava outro tipo de atenção com que ajeitava as mangas de Gilberte antes que vestisse de

novo a jaqueta, para compreender que fora durante muitos anos amante de outra mulher, antes

de ser o marido desta. Do mesmo modo, tendo tido necessidade de ocupar-se, nos mínimos

detalhes, da casa de Rachel, de um lado porque ela não entendia do assunto e, de outro, porque,

devido ao seu ciúme, desejava controlar a criadagem. Robert pôde, na administração dos bens da

esposa e na direção da casa, continuar desempenhando esse papel hábil e entendido, que talvez

Gilberte não soubesse sustentar e que lhe entregava de bom grado. Mas, sem dúvida, fazia-o

para beneficiar Charlie com sua verdadeira economia de cotos de vela, mantendo-o ricamente, em

suma, sem que Gilberte percebesse ou sofresse com o caso. Talvez também julgasse o violinista

esbanjador, "como todos os artistas" (Charlie intitulava-se desse modo, sem orgulho ou convicção,

para se escusar de não responder às cartas etc., de uma multidão de defeitos que achava

fazerem parte da psicologia inconteste dos artistas). Por mim, julgava absolutamente indiferente,

do ponto de vista da moral, que alguém encontrasse o seu prazer com um

homem ou uma mulher,

e muito natural e humano que o procurasse onde poderia encontrá-lo. Portanto, se Robert não

fosse casado, sua ligação com Charlie não me causaria mágoa alguma. E, no entanto, percebia

muito bem que a mágoa que estava sentindo seria igualmente tão viva caso Robert

permanecesse solteiro. De qualquer outra pessoa, aquilo me seria indiferente. Porém vinham-me

lágrimas aos olhos ao pensar que tivera outrora, por um Saint-Loup diverso, um tão grande afeto,

a que ele, sentia-o bem por seus modos frios e evasivos, já não correspondia, pois, desde que se

tornaram suscetíveis de lhe inspirar desejo, os homens já não podiam inspirar-lhe amizade. Como

pudera nascer isso num rapaz que tanto gostava de mulheres que eu vira desesperado, e até

receando que se matasse, porque "Rachel-quando-do-Senhor" queria deixá-lo? Teria sido a

semelhança entre Rachel e Charlie invisível para mim - a ponte que permitiu a Robert passar dos

gostos de seu pais para os de seu tio, a fim de cumprir a evolução fisiológica que mesmo neste

último se realizara tão tarde?

Entretanto, às vezes, as palavras de Aimé voltavam a inquietar-me; lembrava-me de

Robert naquele ano em Balbec; falando ao ascensorista, tinha um jeito de não prestar atenção

nele, que recordava muito o do Sr. de Charlus quando dirigia a palavra a certos homens. Mas

Robert podia muito bem ter herdado isso do Sr. de Charlus, de uma certa altivez e atitude física,

próprias dos Guermantes, sem de modo algum devê-lo aos gostos especiais do barão. Assim é

que o duque de Guermantes, que de maneira nenhuma possuía tais gostos, apresentava a

mesma forma nervosa do Sr. de Charlus, de revirar o pulso, como se ajeitasse nele o punho de

rendas, e, na voz, entonações agudas e afetadas, maneiras a que, no Sr. de Charlus, seríamos

tentados a atribuir outro significado, e às quais ele próprio dera outro, já que o indivíduo exprime

suas particularidades com o auxílio de traços impessoais e atávicos, que, aliás, não são mais que

particularidades antigas fixadas no gesto e na voz. Nesta última hipótese, que confina seria o Sr.

de Charlus quem se pudesse chamar de tara e exprimindo-a em parte com ajuda de traços da

duquesa de Guermantes é que estaria sendo, numa família fora de exceção, a quem o mal

hereditário poupou dotes exteriores, que lhe deixou, perderam nele todo sentido do dia em que

vira Saint-Loup em Balbec, tão louro, preciosa, aprimorado, fazendo adejar o

monóculo à

efeminado, que certamente não era efeito do que eu supunha particular aos Guermantes, da

finura dessa porcelana também fora modelada. Lembrei-me também do afeto carinhoso e

sentimental de exprimi-la, e dizia comigo se iria enganar qualquer outro, significava então coisa

que ficara sabendo hoje. Mas quando tinha voltado à Balbec, como é que ele não fora nem me

falar dele? E quanto ao primeiro ano, caiu apaixonadamente enamorado de Rachel com o tempo

eu achara Saint-Loup especial, como o era ele ainda mais especial do que eu acreditara em

intuição direta, aquilo que soubemos apenas de modo algum transmiti-lo à nossa alma, pois

corações com a realidade estão fechados; também Berta, é demasiado tarde. Além disso, e afinal,

para que eu pudesse me regozijar com ela. Certamente o Sr. de Charlus na casa da Sra.

Verdurin, em Paris, Robert fosse mais um de numerosas pessoas de bem, mais inteligentes.

Sabê-lo relativamente a qualquer um, menos Robert. As dúvidas que obscureciam toda a nossa

amizade de Balbec. E se acreditasse na amizade, nem em tê-la sentido ao repensar nessas

histórias do ascensorista com Saint-Loup e Rachel, era obrigado a esfoguear. Aliás, não precisaria

deter-me ao lado de Combray, e que foi, talvez, o motivo que pensei em Combray, se, justamente

por isso a verificação, ao menos provisória, de certas invenções ao lado de Guermantes, e

também de outro de Méséglise.

Recomeçava todas as noites lembrar o que fazíamos em Combray, de tarde, quando

jantava-se em Tansonvil e, ou a uma hora em Combray. E por causa da estação quente, e

também porque, de tarde, Gilberte freqüentava na capela do castelo, saíamos a passeio só duas

horas antes de jantar. Ao prazer de outrora, que era ver, ao regressar, o céu de púrpura

enquadrando o calvário banhando-se no Vivonne, sucedera o de partir, chegada a noite, quando

só se encontrava na aldeia o triângulo azulado, irregular e movente dos carneiros que recolhiam.

Sobre uma metade do campo extinguia-se o crepúsculo; sobre a outra, estava iluminada a lua,

que em breve o banharia inteiramente. Acontecia que Gilberte deixava-me sair sem ela, e eu ia

andando, deixando minha sombra atrás de mim, como uma barca que prossegue a sua

navegação através de extensões encantadas; porém no mais das vezes ela me acompanhava. Os

passeios que assim fazíamos eram muitas vezes os mesmos que eu fazia antigamente, em

criança; ora, como não teria experimentado, bem mais vivamente do que naquele tempo, no

caminho de Guermantes, a sensação de que jamais seria capaz de escrever, à qual acrescentava

a de que minha imaginação e minha sensibilidade se haviam enfraquecido, ao ver que Combray

me despertava tão pouco interesse? Sentia-me desolado ao verificar como recordava pouco dos

anos de outrora. Achava o Vivonne medíocre e feio, à beira do caminho. Não que observasse

inexatidões materiais muito grandes naquilo que recordava. Mas, afastado dos lugares que me

ocorria atravessar por toda uma vida diferente, não havia entre mim e eles essa contigüidade de

onde nasce, antes mesmo de percebemos isso, a imediata, deliciosa e total deflagração da

lembrança. Sem dúvida, não compreendendo bem qual era a sua natureza, entristecia-me pensar

que minha faculdade de sentir e de imaginar devia ter diminuído para que não mais

experimentasse prazer nesses passeios. A própria Gilberte, que me compreendia menos bem do

que eu a mim mesmo, aumentava a minha tristeza ao partilhar do meu espanto.

- Como, você não sente nada ao tomar por esta ladeirinha que subia antigamente? - disse

ela.

E a própria Gilberte mudara tanto que já não a achava bonita, e absolutamente não o era

mais. Enquanto caminhávamos, eu via a região mudar, era preciso trepar morros, descer

encostas. Conversava, muito agradavelmente para mim, com Gilberte. Entretanto, não sem

dificuldade. Em muitas criaturas há diversas camadas que não são semelhantes; nela, era o

caráter do pai e o da mãe; atravessamos uma, depois outra.

Mas, no dia seguinte, a ordem das superposições está invertida. E, finalmente, não se

sabe quem decidirá a questão, em quem podemos confiar para a sentença. Gilberte era como

esses países com os quais não se ousa fazer aliança porque trocam de governo com muita

freqüência. Mas, no fundo, é um erro. A memória da criatura mais sucessiva estabelece nela uma

espécie de identidade e faz com que não deseje faltar às promessas de que se recorda, mesmo

que não as tenha subscrito. Quanto à inteligência, ela era muito viva em Gilberte, excetuando

alguns dos absurdos da mãe. Mas (o que não lhe tira o seu valor pessoal), lembro-me de que, nas

conversas durante os passeios, várias vezes ela me espantou muito. Numa delas, a primeira, ao

me dizer:

- Senão estivesse tão tarde, tomando este caminho à esquerda e dobrando a de um quarto

de hora estaríamos em Guermantes. - É se dobre à esquerda, pegue a seguir pela sua mão

direita, há de atingir as distâncias inalcançáveis, de que na terra o rumo, do que outrora eu

acreditara poder conhecer e, talvez, num certo sentido, não me enganasse - "o espantos foi ver as

"nascentes do Vivonne", que seria sobrenatural quanto a entrada dos Infernos, e que não de

lavadouro quadrado, de onde subiam bolhas.

Da terceira vez me disse:

- Se quiser, poderemos, afinal, sair uma tarde à casa dos Guermantes, tomando por

Méséglise; é o caminho mais bonito.

Lembrando todas as idéias da minha infância, fez-me ver que inconciliáveis como

supunha. Mas o que mais me restava era ver como revivi pouco os anos de outrora, a recordação

de Combray, e como achei medíocre e feio o Vivonne. Onde para mim certas imaginações que eu

tivera acerca de um desses passeios, afinal de contas noturnos, cogitava jantar, mas ela jantava

tão tarde. No momento perfeito e profundo que o luar atapetava, paramos perto de insetos que

vão se afundar no âmago de um cálice por gentileza de dona-de-casa, que

lamenta nossa partida;

poderíamos ter feito melhor as honras dessa região de que preferia algumas dessas palavras. E

sabendo tirar partido do silêncio, da singeleza, dos sentimentos, faz-nos acreditar que ocupamos

em sua vida, algo que poderia preencher. Derramando bruscamente sobre ele, invadido por causa

do ar delicioso e pela brisa que restava, falava, outro dia, da ladeirinha. Como eu gostava de

respondeu:

- Por que não me disse? Eu não teria duvidado até, em duas ocasiões, fiz-me de oferecida.

Quando você passeava com a família, eu estava vestido de um menino tão bonito. Costumava -

acrescentou - brincar com amiguinhos nas ruínas do torreão de Rous eu era bem mal-educada,

pois ali dentro havia meninos que se aproveitavam da escuridão. O menino do *coro dore*, que-

força é confessá-lo - era um amor (que grasnou muito feio) agora é farmacêutico em Méséglise),

das camponesinhas das redondezas. Como não me deixavam escapar, corria para lá. Não posso

lhe dizer como se o fosse; lembro-me bem de que, não tendo mais que um desejo, com o risco de

ser vista por seus pais e pelos meus, indiquei isso a você de um modo tão cru, que ainda hoje

sinto vergonha. Mas você me encarou de forma tão má, que compreendi logo que você não

queria. -

E, de súbito, pensei comigo que a verdadeira Gilberte, a verdadeira Albertine, eram talvez

aquelas que, no primeiro instante, haviam se entregado pelo olhar, uma diante da sebe de

espinheiros cor-de-rosa, a outra na praia. E fora eu que não tendo compreendido isso, ou o tendo

retomado senão mais tarde, na memória, após um intervalo, em que, as minhas conversas, todo

um entremeio de sentimentos as fizera recear terem tão francas quanto no primeiro instante-

estragara tudo com a minha inabilidade. Eu "falhara" em relação à elas, mais completamente

embora, para falar a verdade, o fracasso com elas fosse menos absurdo do que Robert "falhara"

então à Rachel, mas pelos mesmos motivos.

- E a segunda vez - continuou - foi muitos anos depois, quando encontrei você à porta de

sua casa, na época do dia em que nos vimos na casa da tia Oriane; não o reconheci de imediato

ou melhor, reconheci-o sem saber, pois sentia o mesmo desejo.

- No entanto, houve os Champs-Élysées no intervalo.

- Sim, mas aí gostava muito de mim.

Eu sentia uma inquisição rondando tudo o que eu não pensei em perguntar-lhe

quem era

aquele rapaz em cuja companhia ela estava descendo a avenida dos Champs-Élysées, no dia em

que eu saíra para revê-la que eu teria me reconciliado com ela enquanto ainda era tempo, esse

dia talvez tivesse mudado toda a minha vida se não houvesse encontrado as duas senhoras

caminhando lado a lado no crepúsculo. Se lhe tivesse perguntado, ela me dissesse a verdade,

assim como Albertine, se ressuscitasse. E, de fato, as respostas quando já não amamos, e

reencontramos depois de muitos anos, não existe, elas em nós, justamente a morte, bem como se

elas já não fossem deste mundo; o fato de que nosso amor não mais existe transforma em mortos

o que elas eram então, ou aqueles que nós éramos? Talvez ela não se lembrou e mentisse. Em

todo caso, já não me interessava sabê-lo, pois meu coração havia mudado ainda mais que o rosto

de Gilberte. Esse rosto que já não me agradasse, mas, principalmente, eu não era mais infeliz e

não poderia mais conceber, talvez passasse a pensar no assunto, que fora capaz de me sentir tão

desgraçado ao olhar de Gilberte caminhando devagarinho ao lado de um rapaz, e de dizer para

mim mesmo:

"Está acabado. Renuncio a vê-la para sempre."

Do estado de alma desse ano longínquo, não fora senão uma longa tortura, nada restava.

Pois, onde tudo se gasta e tudo perece, há algo que tomba em ruínas, que se ainda mais

completamente, deixando menos vestígios até do que a beleza.

Se todavia não me surpreendo de não lhe ter perguntado com quem ela descia os

Champs-Élysées, pois já vira muitas curiosidades que o Tempo traz, surpreende-me um tanto

que, antes de encontrá-la nesse dia, eu havia vendido tudo para lhe comprar flores. De fato,

durante os tempos tão tristes o consolo único fora pensar que, um dia, eu poderia ser tão terno.

Mais de um ano depois, se via que um carro, desejava não morrer, para poder narrar aquilo a

Gilberte dizia comigo:

"Não nos apressemos, tenho a vida inteira ainda". Assim, desejava não perder a vida.

Agora, acharia pouco ridículo, e até bombástico.

- Além do mais - continuou – assim que o vi de novo à sua porta, você continuava

exatamente como em Combray. Se soubesse como mudou pouco! -

Revi Gilberte desenhar o quadrilátero de luz que o sol formava sob à menina que

segurava, o longo olhar que se fixava em mim; o gesto grosseiro de que fora acompanhado,

julgara tratar tudo, porque o que eu desejava me parecia algo que me faziam na minha a

imaginação, durante as horas teria acreditado que, tão fácil e rapidamente, seria representá-lo.

Assim, pois, a tantos anos de distância, foi-me a imagem que eu recordava tão bem,

operação que se fez um abismo intransponível que então eu acreditara. E certo gênero de

meninas de cabelos dourados estão imaginadas em Pascal, e que achei poético devido à longa

série de arquétipos de dado para terminá-la. Tive um arrepio de desejo e lamento ao

Roussainvil e. Todavia mostrava-me contente, ao dizer à qual aspiravam todas as forças da minha

vida naquele tempo e poderia devolver, existira em algum ponto fora de meu ser, mas perto de

mim, naquela Roussainvil e de que eu falara no gabinete cheirando a íris. E eu não soubera de

nada! E tudo o que eu desejara em meus passeios, a ponto de julgando ver as árvores se

entreabrirem e se animarem; tão febrilmente, bastaria que tivesse sabido compreender a ela,

estivera a ponto de gozá-lo desde a adolescência. Mais completamente e imaginara, que Gilberte

pertencera então, de fato, ao lado de Méséglise.

E mesmo naquele dia em que a reencontrara sob o pórtico, embora ela não fosse a Srta.

de L'Orgevil e, a que Robert havia conhecido nos bordéis (e como era dado que fosse justamente

o futuro marido a pessoa a quem eu pedira esclarecimento!), eu não me enganara de todo quanto

ao sentido do seu olhar, nem à espécie de mulher que ela era e que, agora, me confessava ter

sido.

- Tudo é bem longe - disse ela -

Aquele primeiro ano, Saint-Loup me pareceu especial, como o eram os verdadeiros

Guermantes. E resulta que era mais especial do que eu acreditei. Mas as coisas que não intuímos

diretamente, o que soubemos só por outros, não temos já nenhum meio, passou o momento de

fazer saber a nossa alma; hão-se fechado as comunicações com a realidade; em conseqüência,

não podemos gozar do descobrimento, é muito tarde. E, de todos os modos, aquilo me dava muita

pena para que eu pudesse gozar disso espiritualmente. Certamente, do que me disse o Sr. do

Charlus em casa de madame Verdurin em Paris, já não duvidava de que o caso de Robert fora o

mesmo de muitíssimos homens honrados, e até tomados entre os mais inteligentes, entre os

melhores. Saber de qualquer outro me teria sido indiferente, de qualquer outro que não fora

Robert. A dúvida que me deixavam as palavras de Amie espantava toda nossa amizade de Balbec

e de Doncières, e embora eu não acreditasse na amizade, nem a havia sentido verdadeiramente

por Robert, ao pensar agora naquelas histórias do *lift* e do restaurante onde almocei com o Saint-

Loup e com o Raquel, tinha que fazer um esforço para não chorar.

Nunca mais pensei senão em Robert desde o dia do casamento. E, veja você, nem mesmo

esse capricho de criança é o que mais censuro em mim mesmo...

F I M